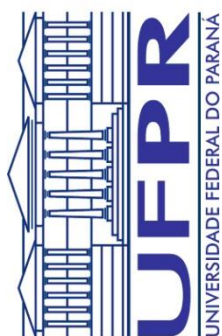
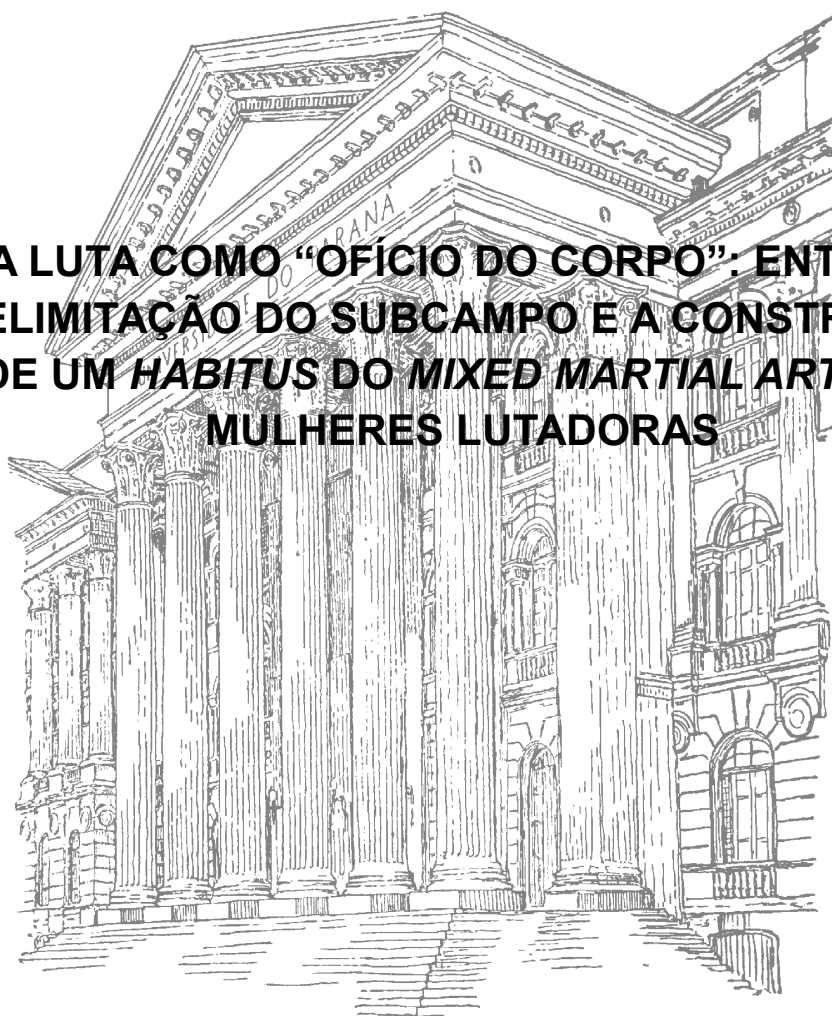


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LEILA SALVINI

**A LUTA COMO “OFÍCIO DO CORPO”: ENTRE A  
DELIMITAÇÃO DO SUBCAMPO E A CONSTRUÇÃO  
DE UM *HABITUS* DO *MIXED MARTIAL ARTS* EM  
MULHERES LUTADORAS**



CURITIBA  
2017

LEILA SALVINI

A LUTA COMO “OFÍCIO DO CORPO”: ENTRE A DELIMITAÇÃO DO SUBCAMPO E  
A CONSTITUIÇÃO DO *HABITUS* DO *MIXED MARTIAL ARTS* EM MULHERES  
LUTADORAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação (Doutorado) no Departamento de  
Educação Física, Setor de Ciências  
Biológicas da Universidade Federal do  
Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior

Universidade Federal do Paraná  
Sistema de Bibliotecas

Salvini, Leila

A luta como "ofício do corpo": entre a delimitação do subcampo e a constituição do habitus do *Mixed Martial Arts* em mulheres lutadoras. / Leila Salvini. – Curitiba, 2017.

284 f.: il. ; 30cm.

Orientador: Wanderley Marchi Júnior

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Mulheres. 2. Luta (Esporte). 3. Artes marciais. I. Título II. Marchi Júnior, Wanderley. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.8



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



# TERMO DE APROVAÇÃO

**LEILA SALVINI**

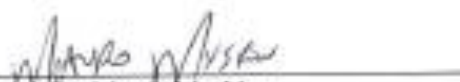
**“A luta como ‘ofício do corpo’: entre a delimitação do subcampo e a construção de um habitus do Mixed Martial Arts em mulheres lutadoras”**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação Física – Área de Concentração: Exercício e Esporte; Linha de Pesquisa: Esporte, Lazer e Sociedade; do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

  
Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior  
Presidente / Orientador - UFPR

  
Prof. Dr. André Mendes Capraro  
Membro Interno

  
Prof.ª Dr.ª Cristina Carta Cardoso de Medeiros  
Membro Externo

  
Professor Dr. Mauro Myskiw  
Membro Externo

  
Prof. Dr. Marco Paulo Stigger  
Membro Externo

Curitiba, 23 de Fevereiro de 2017.

*À minha mãe e meu pai, por compartilharem  
comigo de um amor que educa e faz crescer.*

## AGRADECIMENTOS

Se eu pude aprender algo ao longo desse percurso acadêmico é que nada é construído na solidão das leituras. O saber só toma forma, cor e sabor na prática do dia-a-dia, no ato de compartilhar as informações, as dúvidas, as descobertas, as alegrias, os sonhos, a cuia de chimarrão e o pôr do sol, o qual sinaliza que teremos uma noite de trabalho com a escrita da tese.

Um trabalho acadêmico com esse perfil só foi possível porque tive ao meu lado pessoas que possibilitaram a sua materialização. É por isso que registro aqui a alegria e a gratidão de poder contar com vocês!

Agradeço a Deus em seu infinito amor e bondade pela oportunidade de estar nesse tempo e espaço buscando a cada dia viver o amor em ação. Por proporcionar com sua luz infinita, perfeita e completa, tudo que é necessário para viver com plenitude. Aos amados seres de luz da Grande Fraternidade Branca, ao amado Chico Xavier, aos amados seres de luz de Aruanda, Salve!

Agradeço ao meu pai (*in memoriam*) pela vivência que tivemos e por me ensinar, em sua simplicidade, a grandeza de que “a gente deve ser o que a gente é”. À minha mãe, por tudo que sou hoje. Pelo exemplo de mulher guerreira e que consegue ver sempre à frente, mas principalmente, por me ensinar a fazer tudo com amor, alegria e gratidão. Sem os seus cuidados nada teria o mesmo sabor.

Ao meu irmão Guilherme, pelo companheirismo sem fim. Por ampliar meus horizontes mostrando que nem tudo é como estou acostumada a enxergar. Que um mundo mais igualitário é possível, que a vida pode ser vivida de um modo mais leve. Que um violão e uma cuia de chimarrão sempre são boas pedidas.

Ao meu companheiro Ricky, pela cumplicidade que se fortaleceu durante todo o processo de doutoramento. Por embarcar comigo no universo do MMA, pelas madrugadas vendo lutas, por compreender minhas ausências e por me mostrar que o amor, acima de tudo, é paciente.

À “família orientandos”, que há sete anos me acolheu, mostrando o valor da coletividade, respeito e humildade. Ana Elisa, Ana Letícia, André, Bárbara, Cristian, Fernando Dandoro (*in memoriam*), Fernando Starepravo, Flávia, Gilmar, Juliana, Juliano, Kelvin, Matheus, Nadhyne, Renato, Ricardo, Taiza, Tatiana e Walter,

agradeço por todas as contribuições que vieram a partir das leituras, das reuniões, das conversas e por tudo que me possibilitaram aprender com vocês.

A “família orientandos” só existe nesse formato pelo exemplo de comprometimento, profissionalismo e sensibilidade do Prof. Wanderley. Professor, agradeço imensamente por ter confiado e acreditado em mim, por ter sido um orientador sempre presente, por ter compreendido minhas limitações. Por ter me mostrado que para fazer ciência, tão necessário quanto o rigor teórico e metodológico, é ter “brilho nos olhos” por aquilo que escolhemos estudar.

Aos amigos que a academia me trouxe, agradeço pela amizade e pelos exemplos de profissionais que são. À Ju por todas as acolhidas em Curitiba, pelo apoio na minha chegada à pós-graduação e por me mostrar a possibilidade de atuarmos em diferentes espaços. À Ana Letícia pela companhia nas viagens acadêmicas e pelo apoio durante todo o processo. À Tati pela amizade e por compartilhar comigo das aflições e das alegrias da pós-graduação. Ao Fernando Dandoro (*in memoriam*) pela amizade e pelas reflexões bem-humoradas e acertadas. À Babi por ter “gestado” comigo a ideia de estudar o MMA, pelas leituras sempre rigorosas feitas com amor, pelo ombro amigo e pelas acolhidas em Curitiba. Ao Juliano pela amizade e pelos “pitacos” sempre certos, eles fizeram a diferença na escrita da tese. À Taiza, por dividir comigo as angústias que sempre terminavam em gargalhadas.

À Dani Passos que foi essencial para minha inserção no campo. Agradeço imensamente por ter me acolhido e me mostrado quais os melhores caminhos. Ao Luís por ter permitido que eu acompanhasse os bastidores de um evento e por sempre ser gentil e atencioso ao me explicar o funcionamento dos combates.

Ao grupo de estudos de esportes de combate, lutas e artes marciais, coordenado pelo Prof. André Capraro, por todas as discussões e reflexões que ampliaram minha forma de compreender esse universo. Aos professores e colegas das disciplinas cursadas pelos ensinamentos e pelas trocas de experiências que facilitaram a compreensão teórica.

Aos professores da banca de qualificação e de defesa, André Mendes Capraro, Cristina Carta Cardoso de Medeiros, Kátia Rubio, Marco Paulo Stigger e Mauro Myskiw, por participarem da construção dessa tese, pela disponibilidade de estarem presentes na banca e pelas valiosas contribuições. Em especial ao

professor Mauro por ter sido meu primeiro orientador, ainda na graduação, e ter me apresentado ao universo da pesquisa com maestria.

Ao secretário da Pós-graduação, Rodrigo Waki, pela competência e gentileza com que conduz o seu trabalho. À CAPES e Fundação Araucária pelo apoio financeiro e à UFPR pela possibilidade de cursar gratuitamente e com qualidade o período de pós-graduação.

Àqueles que foram colegas de trabalho da Horus Faculdades, da Unoesc e do SESI-Boqueirão por contribuírem de maneira positiva na minha formação profissional e pessoal. Em especial agradeço à Magda Malage que, por alguns meses, além de minha gerente foi também um pouco minha mãe.

À Mo e à Clara que foram minha família em Curitiba durante dois anos. Por terem me recebido e acolhido sempre com muito carinho, dividindo comigo as dificuldades, as responsabilidades e as vitórias.

Ao treinador e produtor entrevistados pela disponibilidade em conversar comigo e por me receberem em seus espaços de trabalho. Agradeço de maneira especial às lutadoras entrevistadas por aceitarem participar desse estudo, por me permitirem adentrar em nas academias em que treinavam e minimamente poder vivenciar o universo do MMA. Pelo exemplo de profissionalismo e amor por esse esporte.

À Fer pela nossa convivência quase que diária, pelos tereres e pipocas com melado, pela amizade e pelo apoio de sempre. À Ellen, que muitas vezes me mostrou que a vida precisa ser mais lúdica e que sempre há tempo para imprimir um desenho e ajudá-la a colorir. À Divana, Luci e Stela, por serem canais de luz que me ajudaram grandemente nessa caminhada.

Enfim, se eu pude aprender algo ao longo desse percurso acadêmico, é que tão importante quanto o ato de ter escrito uma tese, é ter tido pessoas que me deram condições para que ela fosse construída.

**Pessoas queridas, essa tese é NOSSA!**



*Se você quer ir rápido, vá sozinho.  
Se você quiser ir longe, vá acompanhado.  
(Provérbio Africano)*

## RESUMO

A presença de mulheres nos diversos espaços sociais cuja predominância – e dominância – é de homens, possibilita uma série de análises com foco na compreensão da organização da sociedade. É partindo do entendimento da potencialidade do esporte de reprodução das estruturas sociais em tempo e espaço delimitados que propomos essa tese, a qual tem como objetivo analisar as estratégias de funcionamento do subcampo do *Mixed Martial Arts* (MMA) frente ao campo esportivo a partir da posição que as mulheres lutadoras ocupam nessa estrutura. Embasando-nos em entrevistas com agentes que vivenciam o MMA na cidade de Curitiba e informações de áudio, vídeo, matérias veiculadas em websites especializados, além da inserção a campo, organizamos as informações coletadas em cinco capítulos. Destacamos para esse momento três: a delimitação do subcampo do MMA a partir de informações históricas que mapearam agentes e estruturas que atuaram e atuam no MMA na cidade de Curitiba nos últimos 16 anos, com ênfase na presença das mulheres lutadoras e dos grandes eventos como o UFC que modificaram o formato desse esporte lhe conferindo uma “nova roupagem”. A identificação das relações travadas no interior das academias de lutas, o processo de controle das emoções e das representações alçadas nos momentos que antecedem uma luta. Evidenciamos também as motivações para a entrada das mulheres no MMA e as suas estratégias de manutenção da atuação nesse esporte. O terceiro e último momento, consiste em relacionar o subcampo do MMA e suas disputas com a constituição de um *habitus* próprio dessa modalidade esportiva. Ainda nesse contexto, evidenciamos que o *habitus* do MMA em mulheres manifesta-se de maneira diferenciada do que nos homens, especialmente no que diz respeito à possibilidade de ampliação de sua difusão midiática e angariamento de patrocínios. Essa diferença reside no capital corporal apresentado em conformidade às normativas do gênero feminino. Outro elemento inculcado do *habitus* do MMA tão importante quanto a incorporação das técnicas e das estratégias de jogo, é o controle e a tolerância aos episódios de dor, desencadeados tanto por lesão quanto pelos golpes proferidos em treinos e lutas. A partir da delimitação do subcampo do MMA identificamos que o UFC e seu formato de gestão após a década de 2010, incutiu nos consumidores esportivos uma espécie de aproximação e pertencimento. Com isso, o MMA passou a ser difundido midiaticamente movimentando montantes financeiros significativos. No entanto, mesmo com essa divulgação e até popularização, o MMA é um esporte recém-chegado e por isso assume características de esporte dominado no campo esportivo. Posição análoga é a das mulheres que, por sua vez, são recém-chegadas no subcampo do MMA e buscam por meio de estratégias de manutenção e subversão a legitimidade no interior desse subcampo.

**Palavras-chave:** Subcampo do Mixed Martial Arts. Mulheres. Lutadoras. Habitus. Campo Esportivo. Curitiba. Brasil.

## ABSTRACT

The presence of women in the various social spaces whose predominance - and dominance - is of men, makes possible a series of analyzes focused on the understanding of the organization of society. It is based on the understanding of the potentiality of the sport of reproduction of social structures in time and space delimited that we propose this thesis, which has as objective to analyze the strategies of operation of the subfield of Mixed Martial Arts (MMA) in front of the sports field from the position That female fighters occupy in this structure. Based on interviews with agents who experience MMA in the city of Curitiba and information about audio, video, material on specialized websites, and the insertion in the field, we organized the information collected in five chapters. We highlight for this moment three: the delimitation of the subfield of MMA from historical information that mapped agents and structures that have worked and performed in MMA in the city of Curitiba in the last 16 years, with emphasis on the presence of women fighters and major events such as UFC that changed the format of this sport giving it a "new outfit". The identification of the relationships locked inside the fighting academies, the process of control of the emotions and the representations raised in the moments that precede a fight. We also show motivations for the entry of women into the MMA and their strategies for maintaining their performance in this sport. The third and last moment, is to relate the subfield of the MMA and its disputes with the constitution of a habitus of this sports modality. Still in this context, we show that the MMA habitus in women manifests in a different way than in men, especially regarding the possibility of broadening their media coverage and raising sponsorship. This difference resides in the body capital presented in accordance with the regulations of the feminine gender. Another instilled element of the MMA habitus as important as the incorporation of techniques and game strategies is the control and tolerance of episodes of pain, triggered by both injury and blows in training and fighting. From the delimitation of the subfield of the MMA we identified that the UFC and its management format after the decade of 2010, instilled in the sports consumers a kind of approach and belonging. As a result, MMA began to be mediated by moving significant financial amounts. However, even with this disclosure and even popularization, MMA is a newcomer sport and therefore assumes sports characteristics dominated in the sports field. Analogous position is that of women who, in turn, are newcomers to the subfield of MMA and seek through legitimacy maintenance strategies and subversion within this subfield.

**Keywords:** Mixed Martial Arts Subfield. Women. Fighters. Habitus. Sports field. Curitiba. Brazil.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – RONDA ROUSEY E ARIANNY CELESTE .....	80
FIGURA 2 – ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA GRACIE .....	88
FIGURA 3 – CAPA DA FITA VHS DO UFC 1.....	90
FIGURA 4 – LOGOMARCA DO PRIDE.....	91
FIGURA 5 – TREINADORAS E LUTADORES DO TUF 18.....	97
FIGURA 6 – ACADEMIAS QUE SEUS PROPRIETÁRIOS TIVERAM VÍNCULO COM A ACADEMIA CHUTE BOXE .....	102
FIGURA 7 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO MECA X.....	104
FIGURA 8 – PIONEIRAS DO MMA NO BRASIL .....	108
FIGURA 9 – LUTADORAS BRASILEIRAS DA SEGUNDA GERAÇÃO QUE CONTINUAM EM ATIVIDADE .....	111
FIGURA 10 – CRIS CYBORG É CAPA DA REVISTA PRIMEIRO ROUND .....	113
FIGURA 11 – COMBATES INTERGERACIONAIS .....	116
FIGURA 12 – LUTAS ENTRE LUTADORAS DA SEGUNDA GERAÇÃO .....	117
FIGURA 13 – GINA CARANO E CRIS CYBORG.....	118
FIGURA 14 – LOGOMARCA DO INVICTA FC .....	120
FIGURA 15 – LUTA DO PINK FIGHT .....	121
FIGURA 16 – LUTADORAS DETENTORAS DO CINTURÃO DA CATEGORIA PESO GALO NO UFC.....	123
FIGURA 17 – RONDA ROUSEY EM CAPA DA REVISTA ESPN DE 2012 .....	126
FIGURA 18 – PARTICIPANTES DO THE ULTIMATE FIGHTER 20 .....	127
FIGURA 19 – FREQUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS LUTAS DO UFC.....	129
FIGURA 20 – CAMPANHA PARA INCLUIR A CATEGORIA PESO PENA PARA MULHERES NO UFC.....	130
FIGURA 21 – RHOODES LIMA, KYRA GRACIE E LUCIANO ANDRADE .....	131
FIGURA 24 – KIM WINSLOW EM ATUAÇÃO COMO ÁRBITRA .....	133
FIGURA 25 – LUTADORAS PROFISSIONAIS DA TERCEIRA GERAÇÃO QUE TREINAM EM CURITIBA/PR EM 2016.....	138
FIGURA 26 – TATUAGEM DE CRIS CYBORG EM HOMENAGEM À ACADEMIA CHUTE BOXE .....	150

FIGURA 27 – TATUAGEM DE JÉSSICA EM HOMENAGEM À PRVT .....	151
FIGURA 28 - AMANDA NUNES E NINA ANSAROFF .....	170
FIGURA 29 – ENCARADA ENTRE ROUSEY E HOLM.....	172
FIGURA 30 – RONDA ROUSEY E BETHE CORREIA DURANTE A DIVULGAÇÃO DO UFC 168 .....	213
FIGURA 31 – LIZ CARMUCHE EXIBE PROTETOR BUCAL .....	214
FIGURA 32 – AMANDA NUNES E MIESHA TATE DURANTE COMBATE NO UFC 200.....	223
FIGURA 33- VALERIE LETOURNEAU APÓS LUTA DO UFC 193.....	225
FIGURA 34 – CYBORG EM “FORNO” PARA PERDA DE PESO, PESAGEM E DURANTE A LUTA .....	232

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 – PUBLICAÇÕES SOBRE MMA EM ALGUNS PERIÓDICOS NACIONAIS.....	36
QUADRO 2 – NÚMERO DE SEGUIDORES DE PÁGINAS SOBRE FUTEBOL E MMA EM UMA REDE SOCIAL .....	240
QUADRO 3 – CATEGORIAS DE PESO PARA MULHERES .....	284

## LISTA DE SIGLAS

CND – Conselho Nacional de Desportos

MMA – *Mixed Martial Arts*

TUF – *The Ultimate Fighter*

UFC – *Ultimate Fighting Championship*

WMMA – *Women's Mixed Martial Arts*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	36
<b>2. “O CAMPO NO CORPO”: NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE A TEORIA DOS CAMPOS DE PIERRE BOURDIEU.....</b>	<b>44</b>
2.1 A PRECISÃO QUE SÓ TEM QUEM “JOGA O JOGO”: NOTAS SOBRE A NOÇÃO DE <i>ILLUSIO</i> .....	49
2.2.1 O corpo como subsídio para compreensão do campo esportivo.....	58
2.2.2 Corpos generificados no espaço esportivo: representações “de peso” ..	68
<b>3. O SUBCAMPO DO MMA: JUNTANDO AS PARTES DE UM “QUEBRA-CABEÇAS” .....</b>	<b>82</b>
3.1 DOS COMBATES INTERMODALIDADES ÀS ARTES MARCIAIS MISTAS: UMA REFLEXÃO SÓCIO-HISTÓRICA.....	83
3.2 AS MULHERES NO MMA: PERCURSOS HISTÓRICOS .....	103
<b>4. O CENÁRIO DA ACADEMIA .....</b>	<b>141</b>
4.1 IRMÃOS DE TREINO E A “FAMÍLIA ESPORTIVA”: A ACADEMIA DE LUTAS COMO INSTITUIÇÃO.....	141
4.2 <i>IT’S TIME!</i> : UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO PERCURSO DE LUTADORAS DE MMA DOS BASTIDORES AO CAGE.....	164
4.3 “JÁ PENSOU EM SAIR NA MÃO PRA GANHAR DINHEIRO?”: NOTAS SOBRE A ENTRADA E PERMANÊNCIA DE MULHERES NO SUBCAMPO DO MMA.....	182
<b>5. NO CONTEXTO DA AGENTE .....</b>	<b>199</b>
5.1 DISPOSIÇÕES INICIAIS PARA A AÇÃO NAS ACADEMIAS DE LUTAS: A FORMAÇÃO DE UM <i>HABITUS</i> DO MMA .....	199
5.2 ENTRE A DOR FÍSICA E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: REFLEXÕES SOBRE O SUBCAMPO DO MMA .....	217
5.3 MULHERES LUTADORAS DE MMA: DUPLAMENTE DOMINADAS? .....	236
<b>6. CONCLUSÃO .....</b>	<b>245</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>256</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>278</b>



## APRESENTAÇÃO

Quando partimos da premissa de que cada um de nós ocupa um lugar no espaço social e que ele também ocupa o nosso corpo, orientando nossa forma de agir e nossas escolhas, “muita coisa” passa a fazer “mais sentido”. Foi esse sentido que ao longo da caminhada tanto pessoal quanto acadêmica fui compreendendo, ou pelo menos, conseguindo identificar. Falo mais propriamente das relações entre os gêneros no contexto social e, de maneira mais incisiva, no contexto esportivo – compreendendo o esporte como reprodutor da ordem social.

Antes mesmo de ajustar meu foco de análise e tentar entender as relações de poder e estratégias de subversão, alguns fatos pontuais marcaram minha infância e somente “fizeram sentido” quando eu já era adulta e ensaiei as primeiras leituras sociológicas. Sim, eram relações de poder e de dominação masculina, mas que eu – não conhecendo as regras do jogo – tentei subverter e, não obtive sucesso.

De maneira breve, relato um desses fatos. Que começa “mais ou menos” assim:

*Venha seu mestre chula,  
Ai seu chuliador,  
E dê uma paradinha  
para o tocador!*

*Venha seu mestre chula,  
Ai que chulia bem,  
E dê uma paradinha  
para mim também!*

(Folclore Gaúcho)

Quando nos mudamos do Rio Grande do Sul para Santa Catarina eu estava prestes a completar ano de vida, no entanto, as tradições gaúchas tanto em minha casa quanto em todo o oeste catarinense sempre foram muito presentes. E, como não poderia ser diferente, vivenciei o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) em sua vertente artística durante boa parte da minha infância e adolescência. Lá eu fiz amigos, dancei, declamei, mas eu não dancei chula.

Eu não compreendia o porquê, quando eu ainda era categoria mirim e somente alguns guris eram convidados para ficar após os ensaios para aprender os passos da dança da chula. Por várias vezes eu quis participar, mas o professor não

deixou. Algumas vezes eu ficava assistindo e chegando em casa imediatamente treinava os passos de sapateado, os quais eu acreditava que tivesse aprendido “só de ver”. Era uma dança que recebia atenção especial nos encontros, pois a demonstração era individual, o sapateado demandava destreza, ritmo, movimentos fortes e precisos.

Na minha ingenuidade infantil não enxergava empecilhos e nem justificativa para esse feito, “se eu aprendia os passos até mais rápido do que os meninos”. Mas, com a negativa do professor e com o passar do tempo, fui desistindo de querer aprender, já que “nenhuma menina dançava chula”. Aos poucos fui percebendo que no “mundo real” nem tudo que era “de menino”, também poderia ser “de menina”. Pelo menos não com a mesma facilidade. Esse universo generificado foi ocupando parte dos meus pensamentos, mas sem grandes problematizações ou reflexões teóricas até a chegada dos trabalhos de monografia, a dissertação e a essa tese.

Um dia comentaram: os objetos de estudo dizem muito sobre quem os pesquisa. Concordo plenamente. Pois, mesmo na maioria das vezes sendo a última a ser escolhida nas aulas de educação física para os jogos e esportes. Mesmo sem sequer algum dia eu ter calçado chuteiras ou luvas e pisado em campos de futebol ou em um ringue, as mulheres que adentram espaços que são quase “redutos” masculinos são um pouco de mim. Seus enfrentamentos e as manifestações de resiliência no campo esportivo também acabam sendo um pouco de mim. Elas são um pouco de mim e do entendimento de que temos que ir além, independente das “predeterminações” de gênero.

E eu, quando revisito a história, teço análises e reflexões sobre mulheres e esportes lhes conferindo visibilidade e algum tipo de registro documental de suas incursões nos esportes, também sou um pouco elas. Assim, nessa cumplicidade silenciosa, vamos escrevendo a história cada uma a sua maneira, e então, a cada exercício de reflexão, a cada parágrafo escrito, vou – de certa forma – amenizando os encargos daqueles passos de chula que eu – ainda – não ensaiei.

## 1. INTRODUÇÃO

Discorrer sobre mulheres e a participação que conferem em diversos espaços da sociedade, que outrora lhes era restrito, pode soar como clichê por ser um tema já posto em debate. No entanto, o percurso galgado pelas mulheres esportistas – sejam elas amadoras ou de alto rendimento – com relação à apresentação e manipulação de seus corpos, sob o espectro da *performance* ou das construções generificadas nos parece, na conjuntura atual, um terreno fértil, ainda mais se pensarmos o contexto brasileiro. Archetti (2003) menciona que os países da América Latina carregam em seu histórico resquícios de ações de cunho patriarcal. No Brasil, vestígios dessa história são evidenciados quando se trata do envolvimento esportivo, principalmente em modalidades como as lutas e artes marciais, na quais a presença da mulher foi e é bastante limitada.

Ao proporem características que classificam e diferenciam os termos lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate, Correia e Franchini (2010) enfatizam que o termo lutas assume uma dimensão polissêmica e tem em seu sentido lato o embate físico/corporal. Já a arte marcial, é compreendida como um conjunto de práticas corporais que são configuradas a partir de uma noção de “metáfora de guerra”, revestida de elementos mitológicos e com a inclusão contínua de elementos que ultrapassam as demandas pragmáticas e utilitaristas das formas militares e bélicas de combates.

Compreendidas como manifestações culturais modernas daquilo que os autores descreveram por lutas e artes marciais, as “modalidades esportivas de combate” são orientadas pelas decodificações propostas pelas instituições esportivas a partir de conceitos como: competição, mensuração, aplicação de conceitos científicos, comparação de resultados, regras e normas codificadas e institucionalizadas, maximização do rendimento corporal e espetacularização da expressão corporal (CORREIA; FRANCHINI, 2010).

Ao analisar a produção de conhecimento acerca das terminologias “lutas” e “artes marciais” em revistas da Educação Física, Gonçalves e Silva (2013) identificaram que a utilização de diferentes termos está associada à ênfase que se deseja dar à perspectiva pela qual elas são discutidas. Tendo como base os textos analisados, ao nomear as práticas de artes marciais, os autores enfatizam uma determinada noção geográfica, moral e cultural do que se entende por Oriente.

Quando os autores investigados abordam a terminologia lutas, conferem-lhe rupturas com a noção essencialmente orientalista, ampliando o entendimento dessas práticas. “Nesse sentido, essas práticas passam a assumir outras configurações que ainda mantêm uma relação mimética com as tradições orientais, mas que as permitem serem entendidas e discutidas fora do orientalismo” (GONÇALVES; SILVA, 2013 p. 664). Tomando como base tais reflexões, e compreendendo o nosso objeto de estudo, o *Mixed Martial Arts*<sup>1</sup> (MMA), como uma mescla de ações tanto vindouras dos esportes de combate, quanto das lutas e da ritualística, oriunda das artes marciais orientais que mesmo após modificações comerciais permanece presente, acreditamos que não se enquadra em somente uma classificação, e sim, nas três apresentadas por Correia e Franchini (2010).

Mesmo em outros continentes algumas manifestações corporais e esportivas, em especial as artes marciais, também eram e – mesmo que em menor grau – ainda continuam sendo um reduto masculino. A título de ilustração, mencionamos brevemente a história da japonesa Keiko Fukuda, discípula de Jigoro Kano que iniciou na “arte suave” (Judô) em 1934. Tendo como base o depoimento de Fukuda, Brum (2014) observa que existia diferenciação no âmbito da promoção de graduação entre homens e mulheres. Para os homens, consideravam-se os *handoris*<sup>2</sup> e a evolução técnica, já para as mulheres, eram avaliados os *katas*<sup>3</sup>. Além da diferença existente no desenvolvimento das técnicas, a Kodokan<sup>4</sup>, não graduava nenhuma mulher acima do 5º Dan<sup>5</sup>. Dessa forma, Fukuda permaneceu por 30 anos com a mesma graduação de faixa, e somente em 2011, com 98 anos de idade recebeu a mais alta graduação do Judô, o 10º Dan, conferido pela Federação de Judô dos Estados Unidos (PIRES, 2011).

Frente a esse fato, evidenciamos que o reconhecimento tardio de Fukuda no judô aconteceu em um país que não possui a mesma representatividade, em termos

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma modalidade que engloba técnicas de diversas lutas e artes marciais, como o Jiu-jitsu, Muay Thai, Luta Livre, Boxe, Judô, Capoeira, Taekwondo, dentre outras. Apesar de existir uma conexão entre o “Vale-tudo” e o MMA, essa relação não pode ser caracterizada como de continuidade, tampouco linear (PASSOS et al, 2014).

<sup>2</sup> Treinamento livre, mais comumente interpretado como combate em situação de treino (BRUM, 2016, p. 68).

<sup>3</sup> Conjuntos de técnicas fundamentais executadas em um método de estudo especial para transmitir a técnica, o espírito e a finalidade do judô, em que os golpes são coreografados [...] com objetivos didáticos (BRUM, 2016, p 59).

<sup>4</sup> Significa “Lugar para ensinar o caminho” e batiza a escola de judô criada por Jigoro Kano (BRUM, 2016, p. 15).

<sup>5</sup> Dan significa a divisão de graduação a partir da faixa preta (BRUM, 2016, p.13).

de “tradições”, do que o Japão. Reforçando mesmo que de maneira sutil, a presença de certa resistência na aceitação da legitimidade conquistada por Fukuda ao longo do anos. Esse breve relato de um fato ocorrido em tempo e espaço específico apresenta nuances de ações práticas que reproduzem tais feitos no sentido de conferir às mulheres praticantes de lutas ou artes marciais, acesso restrito dentro do universo dos combates, independentemente do continente. No entanto, é preciso observar que, mesmo de modo tardio e conturbado, algumas mulheres – aqui representadas por meio da história de vida de Fukuda – passaram a ocupar de forma legítima esses espaços.

Esse processo de entrada em um espaço esportivo de dominação masculina e o dispêndio de energia e resiliência para manter-se nele acabam sendo características importantes da história esportiva das mulheres, pois, se considerarmos o papel que o esporte representa na identidade hegemônica dos homens, fica evidenciado que é tradicionalmente uma das mais importantes áreas de reserva masculina (DUNNING, 1992), assim como a política (PINTO, 2010).

Pesquisadoras como Silvana V. Goellner (2003; 2005; 2006) e Ludmila Mourão (1998; 2000), dedicaram alguns de seus estudos às manifestações corporais e esportivas de mulheres no Brasil no início do século XX, nos quais identificaram peculiaridades que nos auxiliam na compreensão atual do desenvolvimento de algumas modalidades esportivas, do “apagamento” de outras e do desenvolvimento tardio, porém, com a possibilidade de atuações bem sucedidas em jogos olímpicos, em outros casos.

Para que possamos minimamente visualizar de maneira reflexiva e sociológica a posição de mulheres em esportes historicamente construídos em conformidade com os preceitos hegemônicos de masculinidade, é importante que retomemos alguns apontamentos históricos acerca das manifestações esportivas da sociedade brasileira, especialmente do século XX.

Na transição do século XIX para o século XX, as manifestações esportivas em espaços públicos eram mobilizadas, principalmente, por participantes homens, cabendo às mulheres a opção de espectadoras e torcedoras. Franzini (2005) relembra que, embora em posição “passiva”, as mulheres frequentavam os espaços esportivos no sentido que esses lhes oportunizavam maior visibilidade pública, além de que suas presenças conferiam um grau de familiaridade ao evento.

Nesse contexto, é possível supor que o autor – assim como um número sem fim de documentos relatam – está tratando de uma sociedade com poder aquisitivo mais elevado, que não necessariamente era a mesma realidade daquelas mulheres de camadas populares, que exerciam movimentações corporais com o cuidado e manutenção da casa. Ou ainda, das mulheres que habitavam as pequenas vilas. Tomando como base essa observação, e a falta de informações sobre esse público específico, os relatos históricos que serão mencionados na sequência, tem a intenção de nos fornecer um apanhado geral da situação da mulher no Brasil do início do século XX, sem que assumamos de modo inconsciente e reprodutor uma postura generalista.

Tendo em vista dar sequência no entendimento de como as mulheres vivenciaram o esporte ainda no século XX, direcionamos nosso olhar para as maiores cidades do país naquela época, tal como o Rio de Janeiro e São Paulo, as quais passavam por modificações estruturais e também visionavam a melhoria e a manutenção da saúde de seus habitantes. A preocupação com o progresso dessas cidades, desenvolvido perante preceitos advindos da Europa, recai principalmente sobre os corpos e suas ações práticas, principalmente no sentido profilático. Nessa conjuntura, os exercícios físicos e práticas corporais assumiam função higiênica, eugênica, moral e disciplinadora para toda a população, e as mulheres em especial, tinham a função de desenvolver a força física e a saúde, como atributos para a formação de uma mãe robusta e reprodutiva que pudesse produzir gerações mais fortes e saudáveis (MOURÃO, 2000; MATHIAS; RUBIO, 2010; LISE, 2014).

Em se tratando da dicotomização das práticas corporais e esportivas, às mulheres eram sugeridas práticas como a dança, a ginástica e a natação, pois visava o reforço de características feminis, como a delicadeza do corpo e dos gestos, a inexistência de contato direto com o oponente e, de acordo com o discurso médico, que não prejudicassem seu desenvolvimento anatômico e fisiológico (GOELLNER, 1998, 1999; 2003). Já a exposição corporal por meio de modalidades esportivas comuns aos homens promoveu a manifestação pública por parte do doutor Leite de Castro, primeiro médico do esporte no Brasil, alertando quanto ao perigo que a prática de esportes não adequados pudessem acarretar ao bem estar das praticantes (FRANZINI, 2005). O autor observa que essa movimentação ocorreu no sentido de acuar as mulheres para que não despertassem o interesse na subversão dos papéis sociais, mais do que na prática em si.

Para Mourão e Souza (2006), a história institucional do esporte no Brasil teve início em 1937, com a criação da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura e, vinculado a este, em 1941, o Conselho Nacional de Desportos (CND). Nesse mesmo ano, no governo do presidente Getúlio Vargas, o CND institui um decreto a fim de limitar legalmente práticas esportivas não condizentes com a natureza da mulher: trata-se do Decreto Lei 3.199/41<sup>6</sup>, que mais tarde, no ano 1965<sup>7</sup> foi complementado, citando as modalidades que deveriam ser evitadas, dentre as quais estão as lutas, o rúgbi e o futebol.

Mesmo com essa deliberação, as mulheres continuaram a prática dos “esportes proibidos” de modo recreativo (RIGO et. al, 2008). Em se tratando dos esportes de lutas, Mourão e Souza (2006) descrevem que não havia impedimento para que os professores de judô transmitissem os ensinamentos às atletas, no entanto, a proibição legal impedia as mulheres de participarem de competições oficiais. Mesmo esse decreto tendo sido realidade e afetando o desenvolvimento de algumas modalidades esportivas no âmbito feminino, Lovisoló, Soares e Bartholo (2006, p. 178) chamam a atenção para o contexto político e ideológico pelo qual nosso país estava passando, o qual permitia “ao Estado intervir na vida privada, decretando aquilo que podemos fazer com os nossos corpos e nossas mentes”. E em decorrência desse tipo de ação comum aos gestores do Estado, os autores defendem a ideia de que o hábito da proibição “vai além da questão feminista”, pois,

foram fechados os cassinos que assim permanecem até hoje. Pensamos que se os homens tivessem decidido fazer GRD ou Nado Sincronizado (balé aquático) possivelmente teriam sido proibidos. A proibição diz respeito a uma peculiar distinção entre o público e o privado, aos ideais de construção social com participação ou sem ela, às liberdades dos indivíduos, sejam homens ou mulheres. Assim, na questão da proibição o aspecto de gênero não parece ser o prioritário, pois não ilumina o modo de funcionamento do poder (LOVISOLÓ; SOARES; BARTHOLO, 2006, p.178-179).

Acrescentamos aos argumentos apresentados pelos autores uma questão que vai além do aspecto do gênero não parecer ser prioritário, mas sim, chamamos a atenção para a dominação pelo corpo, ou nesse caso em específico, a deliberação

<sup>6</sup> Decreto-lei 3.199 que em seu artigo 54 estabelecia: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixaria as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

<sup>7</sup> O Decreto-lei 3.199 do ano de 1941, foi implementado em 1965 pelo Conselho Nacional de Desportos e proibia às mulheres “[...] a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”.

das práticas condizentes ou não com a natureza feminina, no sentido de domesticação dos corpos e construção de gêneros (BOURDIEU, 2007a).

Frente a essa polarização, Ferreti e Knijnik (2007, p. 57) elucidam que “é difícil encontrar algum setor da atividade humana que não tenha sido genereficado, isto é, [...] aquilo que seria mais adequado para que o homem, ou então para que a mulher, realizasse”. E no que diz respeito ao campo esportivo, as primeiras décadas do século XX foram incisivas no sentido de polarização entre os gêneros e as práticas esportivas. Sobre esse aspecto, Mathias e Rubio (2010, p. 283) salientam que tanto aquelas práticas recomendadas, quanto as consideradas inadequadas, foram “fundamentais para a ampliação das possibilidades de práticas corporais entre as mulheres brasileiras e também para o exercício da cidadania entre as mulheres”. As autoras se referem às chamadas “ondas feministas” que tiveram dois expressivos momentos históricos, e que promoveram diversas conquistas em vários âmbitos sociais, sendo o campo esportivo também afetado por essas modificações.

A primeira onda feminista ocorreu nas últimas décadas do século XIX, quando as mulheres (inicialmente na Inglaterra), organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo o direito ao voto uma das principais mudanças. Pinto (2010) relata que este feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só reapareceria novamente, com importância, na década de 1960. Nesta década o movimento feminista volta a surgir com ânimo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Pela primeira vez, as mulheres falam abertamente sobre as relações de poder entre homens e mulheres. Nesse sentido, tal movimento assume proporções libertárias, pois as feministas lutavam por uma nova forma de relacionamento – no trabalho, na vida pública, na educação – entre homens e mulheres, em que a mulher tenha liberdade e autonomia para decidir sobre a sua vida e o seu corpo (PINTO, 2010).

No Brasil, a década de 1960 foi conturbada, assumindo uma dinâmica diversa com relação ao restante do mundo, como descreve Pinto (2010, p. 16):

O país, nos primeiros anos da década, teve grande efervescência: a música revolucionava-se com a Bossa Nova, Jânio Quadros, após uma vitória avassaladora, renunciava, Jango chegava ao poder, aceitando o parlamentarismo, a fim de evitar um golpe de estado. O ano de 1963 foi de radicalizações: de um lado, a esquerda partidária, os estudantes e o próprio governo; de outro, os militares, o governo norte-americano e uma classe média assustada. Em 1964, veio o golpe militar, relativamente moderado no seu início, mas que se tornaria, no mitológico ano de



1968, uma ditadura militar das mais rigorosas, por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5), que transformava o Presidente da República em um ditador.

A autora segue relatando que foi em meio ao contexto do regime militar, e muito limitado pelas condições que o país vivia na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil, somente na década de 1970. Ela relembra ainda que uma das mais significativas vitórias do feminismo brasileiro foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), em 1984, como também, a inclusão dos direitos da mulher na constituição de 1988.

Mourão e Souza (2006) descrevem que as transformações de cunho social, cultural e também de cunho político eram evidentes no contexto brasileiro no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. As autoras salientam que, com o término do período ditatorial e a consolidação da emancipação feminina, também houve algumas mudanças no esporte nacional, dentre as quais citamos as participações de equipes femininas de judô em campeonatos regionais e internacionais (MOURÃO; SOUZA, 2006), e também, a revogação do Decreto 3.199/41 que ocorreu no ano de 1979.

Ao retomarmos o histórico de proibições que afetou as práticas esportivas no sentido de limitar as competições e mesmo o aprimoramento técnico das mulheres no Brasil, observamos que a participação feminina em modalidades de lutas ou artes marciais nos Jogos Olímpicos ocorreu tardiamente, tendo como registros as atletas do judô no ano 1988, do taekwondo em 2000, da luta olímpica estilo livre em 2004 e do boxe em 2012 (RIO 2016, 2014).

Paralelamente aos esportes olímpicos de artes marciais ou de lutas, com regras específicas e mundialmente conhecidas e compartilhadas, outras modalidades são desenvolvidas e praticadas no cenário brasileiro: os combates intermodalidades<sup>8</sup>, mais popularmente conhecidos até os anos 1990 como “luta livre”<sup>9</sup> ou “vale tudo”, e nos dias atuais – após diversas remodelações– chamados de *Mixed Martial Arts* (MMA) ou Artes Marciais Mistas.

É interessante estabelecermos um pensamento reflexivo acerca das proibições datadas e legitimadas pela lei, mas também é imperioso focarmos

---

<sup>8</sup> Lise (2014), em sua dissertação de mestrado, identificou a existência de combates intermodalidades (Boxe, Jiu-jitsu e Capoeira) no Brasil na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.

<sup>9</sup> A luta livre também ficou conhecida e popularizada no Brasil por volta dos anos 1960 e 1970 como “*Telecath*”. O “*Telecath*” tinha como principal elemento um combate previamente combinado e com claras intenções de atrair a atenção dos expectadores por meio da teatralização de seus lutadores.

nossa atenção àquelas interdições que são, em um primeiro momento, “invisíveis”, mas impostas pela organização e estruturação do espaço esportivo. No presente caso, as lutas ou artes marciais, historicamente alicerçadas em preceitos que visam a manutenção e reforço dos significados de força e virilidade, adjetivos comuns ao universo masculino, limitam – ou impedem – a participação das mulheres<sup>10</sup> enquanto agentes ortodoxas.

Seguindo nessa esteira de análise, rememoramos os combates intermodalidades e a cidade de Curitiba/PR como um “celeiro” na produção de atletas e também de eventos, principalmente entre os anos 1990 e 2000. A limitada ou excludente participação de mulheres nesse tipo de evento é uma forma de ilustrarmos os apontamentos tecidos anteriormente, pois somente no ano de 2003, na décima edição de um evento nacional de Vale-tudo, o “Meca World Vale-tudo” é que a primeira luta entre mulheres ocorreu. A luta histórica foi protagonizada pela carioca Ana Carolina Pinho contra a belenense Carmem Casca-grossa, transmitida ao vivo para o Brasil e Portugal pelo canal *Premiere Esportes* (O ESTADO DO PARANÁ, 2003).

De acordo com as informações coletadas de maneira informal por meio de conversa com lutadores e expectadores de combates de Vale-tudo, como também, dos registros de Nunes (2004), essa foi a primeira luta entre mulheres em um evento televisionado e com melhor nível técnico dos participantes. Ressaltamos que embora o evento tenha ocorrido em Curitiba/PR, as atletas eram de outros estados, fato que remonta que essas práticas junto ao público de mulheres nessa cidade ainda eram incipientes, ou ainda, que refletem a ocupação “tardia” e limitada das mulheres na estrutura do Vale-tudo curitibano no começo dos anos 2000.

Para entendermos como ocorreu e ocorre a participação das mulheres no subcampo do MMA, utilizaremos como pressuposto teórico e metodológico a reflexividade da teoria dos campos, elaborada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Tendo em vista ampliar e complementar as reflexões e análises oriundas da teoria dos campos, em momentos pontuais do texto serão incorporados preceitos da teoria das representações de Erving Goffman e da

---

<sup>10</sup> Essa limitação na participação de mulheres nas lutas ou artes marciais não está relacionada à prática recreativa ou somente como uma forma de exercício físico, mas sim, de mulheres com graduações máximas em diferentes modalidades, ou mesmo mulheres “Mestres”. Ou seja, mulheres legítimas no espaço das lutas e ocupando posições ortodoxas na estrutura do espaço das lutas.

noção de corpo e manipulação corporal, proposta por David Le Breton.

Ressaltamos com base em Bourdieu (1983) que uma das principais características que envolvem a noção de campo são as disputas imbricadas entre os agentes que possuem mais legitimidade – ou dominantes em determinado espaço – para com os agentes novos, os agentes dominados. No entanto, as relações travadas entre os agentes que ocupam lugares sociais distintos muitas vezes ocorrem de maneira inconsciente, mas produzem e reproduzem estratégias e ações práticas que podem tanto exercer a manutenção (ortodoxia) das posições quanto à tentativa de subversão (heterodoxia).

E, em se tratando das disputas desencadeadas no campo esportivo, Bourdieu (1983, p.142) relata que:

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.; e este campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo [...].

Considerando que o campo esportivo tem como uma das principais moedas de troca, tanto para a entrada como para a permanência, o capital físico (BOURDIEU, 1983), temos no MMA um cenário bastante instigante, ainda mais ao direcionarmos nosso foco aos esportes com raízes históricas de reforço de características hegemônicas de masculinidade, que atualmente são praticados por mulheres, como por exemplo, as lutas ou artes marciais.

Nessa conjuntura, é preciso ressaltar que cada estrutura específica dentro do campo esportivo apresenta suas peculiaridades históricas de funcionamento, de disputas, de aceitações tácitas, de manipulação e de legitimação corporal dos agentes, questões que envolvem o gênero dos praticantes, e sobretudo, a relação com o corpo que cada esporte infere, salientando que, quanto menor o contato corporal entre os praticantes, maior o senso de distinção conferido (BOURDIEU, 2009a).

Tomando como base tais apontamentos, observamos que, mesmo com aumento da inserção de mulheres em espaços públicos, o “alargamento das

fronteiras de gênero”, ou mesmo, as “fronteiras de gênero borradas<sup>11</sup>”, tais conceitos difundidos no meio acadêmico, parecem não se aplicarem com veemência à prática esportiva, pois, questões relativas ao reforço da dicotomia entre os gêneros – masculino e feminino –, no sentido de dominação e legitimidade, são representadas no campo esportivo, e conseqüentemente, no campo midiático, no qual circulam informações acerca das práticas esportivas.

Como exemplos da dicotomia de gênero que acaba sendo reforçada – muitas vezes – de maneira silenciosa, ou nos termos de Bourdieu (1997) por meio de violência simbólica, citamos: a exaltação de atributos de feminilidade tais como a preocupação por parte das próprias atletas, com a aparência feminilizada dos corpos especialmente nos eventos esportivos (FILHO, 2011; SALVINI, SOUZA e MARCHI JÚNIOR, 2012); a escassez de notícias acerca do esporte feminino quando comparado à mesma modalidade masculina (ROMERO, 2004; SOUZA e KNIJNIK, 2007); o incentivo por parte dos pais, para que o nível de exigência durante o treinamento com cavalos seja mais suave para a amazona e mais intenso para o cavaleiro (ADELMAN, 2003); a restrita participação feminina em cargos de decisão política-esportiva (DERÓS; GOELLNER, 2009), entre outros.

Outra maneira de trazermos à tona a diferenciação entre os gêneros no espaço esportivo incide sobre a espetacularização dos corpos<sup>12</sup> no sentido de exacerbar a sexualidade, ou a sensualidade do corpo feminino. Nesse sentido Goellner (2008, p. 4) alega que:

[...] essa espetacularização direciona – para o estranhamento a estes corpos femininos performantes, fundamentalmente, porque às mulheres, cuja aparência corporal é excessivamente transformada pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo, são atribuídas características viris que não apenas questionam sua feminilidade, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o homem – seu corpo e seu comportamento – é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos.

<sup>11</sup> Compreendemos que com o passar dos anos o processo de desconstrução dos papéis fixos de gênero vem se disseminando e tomando corpo para além das reflexões adjacentes à academia. No sentido de delimitar os “papéis” pré-estabelecidos histórica e socialmente do que seriam funções de homens e funções de mulheres é que se utilizam termos como “fronteiras de gênero”. As fronteiras de gênero tanto podem estar “alargadas” ou “borradas”, quando ocorre a pluralidade e a igualdade ao exercer os mais diferentes papéis e funções. Fontes, Borelli e Casotti (2012) explicam que as fronteiras entre os gêneros tornam-se borradas quando a classificação binária entre os gêneros, pautada em regras rígidas que orientam os comportamentos, perde o sentido.

<sup>12</sup> Tanto atletas homens quanto atletas mulheres têm seus corpos veiculados de modo espetacularizado, fato que se justifica por compreendermos a importância do capital corporal no espaço esportivo, no entanto o que estamos ressaltando nesse momento é a espetacularização sexualizada ou sensualizada dos corpos em detrimento ao seu desempenho esportivo.

Silveira (2013) segue nessa mesma linha quando destaca que o corpo exigido pelo alto rendimento assume uma construção voltada à *performance*. A autora afirma que a menção à mulher viril no espaço dos esportes aparece quando ela apresenta algum sinal físico que é atribuído sexual e culturalmente aos homens, como por exemplo: músculos grandes, ombros muito largos, mamas pequenas.

Num mundo no qual as normas corporais são massivamente midiaticizadas, as aparências e atividades das mulheres são possíveis e desejáveis quando elas mantêm a definição dominante de feminilidade. Mesmo assim, algumas atletas “criam” essa desordem na categorização do sexo porque quebram com essas regras sociais, assumindo suas musculaturas e força, impondo novas formas de possibilidades de feminilidades. Por isso o esporte pode ser visto, hoje, tanto como um espaço de manutenção da ordem de gênero, particularmente legível nos corpos, como também um espaço de resistência e/ou subversão dessa ordem (SILVEIRA, 2013 p.24).

Seguindo nessa linha de análise, Goellner (2013, p.173) sintetiza as relações de gênero e construção corporal no esporte dizendo que “o esporte, como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador. Ou seja, seu acontecer está perpassado pela produção e reprodução de relações de poder, conferindo, em grande medida, maior visibilidade aos homens”. Para Scott (1995) o conceito de gênero em sua vertente primária consiste em uma construção social e cultural, não universalizante sobre o que é ser feminino e masculino, e está focado num sistema de relação entre homens e mulheres.

As relações generificadas de poder em modalidades como as lutas ou artes marciais – em decorrência de sua história – inclinam de maneira desigual aos participantes homens. Por considerarmos que as mulheres esportistas de alto rendimento – por um emaranhado de questões – adentraram esses espaços, criam e recriam estratégias para permanecerem ali, perspicazmente desenvolvem formas de apresentação dos corpos que oscilam entre a excelência na *performance* esportiva e a manutenção da ordem dominante de gênero.

Um exemplo significativo dessa descrição é da estadunidense, Ronda Rousey, lutadora de MMA contratada pelo *Ultimate Fighting Championship*<sup>13</sup> (UFC) e

---

<sup>13</sup> O UFC tem se consolidado nos últimos anos como o maior evento de MMA do mundo. Por esse motivo, estar vinculado à organização é símbolo de êxito profissional, como também, ter sua imagem – e sua forma de luta – difundida em diversos países. Tal afirmação foi recorrente nos estudos realizados por Almeida (2016), Camilo (2016) e Mariante Neto (2016) que, embora tenham investigado lutadores e suas rotinas em cidades distintas, encontraram realidades muito semelhantes,

que, além de ser conhecida pelo seu desempenho técnico dentro do octógono,<sup>14</sup> desperta “olhares” sobre sua aparência física que atende às prerrogativas generificadas e que vai de encontro com a aparência de desleixo ou com a construção corporal diferente da normativa que o senso comum espera de lutadoras de MMA. Essa junção entre beleza física e desempenho técnico é uma forma de as mulheres conquistarem mais espaço em um universo que ainda é pautado sobre preceitos de dominação masculina (BOURDIEU, 2007a), e não deixa de ser uma estratégia para a entrada e permanência nessa estrutura.

Como a aparição de Ronda em um evento com as proporções do UFC, pessoas até então leigas sobre a existência de mulheres lutando MMA, passaram a conhecer e consumir também esse tipo de combate. Nesse contexto, vale ressaltar que a marca UFC movimentou durante o ano de 2015 um montante aproximado de 600 milhões de dólares. Esse fato sugere que os eventos dessa organização são extremamente espetacularizados e consumidos, pois além da audiência *in loco*, a venda de *pay per view* – que somente no Brasil apresentou aumento de 85% nas assinaturas do canal Combate<sup>15</sup> do ano de 2012 ao comparado com 2011 – se consolidou como principal fonte de receita da marca, seguida pelo *Fight Pass*<sup>16</sup> e dos direitos de mídia (COMBATE, 2015a).

Outros segmentos vinculados às lutas também crescem significativamente. Olhares mais atentos identificam a multiplicação do número de academias que oferecem aulas de lutas ou artes marciais (FERREIRA, 2013a), ou ainda, e mais direcionado ao público feminino, as aulas de MMA *fitness* (GLOBO ESPORTES, 2012), nas quais inexistente o contato físico entre as oponentes, utilizado e divulgado por artistas e modelos para “manter a forma”

Embora o MMA ou o UFC possam ser considerados uma “febre no país do futebol” ou ainda “algo passageiro”, existe aspectos que envolvem as noções de

---

principalmente no que tange ao UFC e sua proximidade com o que os lutadores compreendem como ascensão em suas carreiras.

<sup>14</sup> É o espaço em que ocorre a luta, que como o próprio nome anuncia, tem oito lados iguais, é cercado por paredes e superfícies almofadadas. Seu tamanho pode variar de acordo com cada evento, no entanto, o octógono utilizado pelo UFC mede 750 metros quadrados, 32 metros de diâmetro e 6 metros de altura (DISCOVER UFC, S/d). A terminologia octógono está vinculada aos eventos promovidos pelo UFC, em outros eventos e também de modo informal – entre os praticantes e consumidores – esse espaço é chamado de “ringue”, “gaiola”, “jaula”.

<sup>15</sup> O combate é um canal de televisão brasileiro que pertence aos canais Globosat e é distribuído via *pay-per-view*. Sua programação é inteiramente voltada ao universo das lutas, veicula entrevistas, bastidores das lutas e eventos de MMA.

<sup>16</sup> O *Fight Pass* é um serviço por assinatura no qual estão disponíveis eventos exclusivos e ao vivo do UFC, além do catálogo de lutadores vinculados à marca.

oferta e demanda descritas por Bourdieu (1983) que interferem diretamente na prática e no consumo de esportes. Para o autor, o princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na relação entre as transformações da oferta e as transformações da demanda, e explica que as transformações da oferta se engendram nas lutas de concorrência pela imposição da prática esportiva legítima e pela conquista da clientela dos praticantes comuns – consumidores – de cada esporte, são lutas entre diferentes categorias de agentes envolvidos nessa concorrência. Já as transformações da demanda, correspondem às transformações dos estilos de vida, e obedecem às leis gerais desta transformação.

O processo de alinhamento entre oferta e demanda carece de fatores que vão além do elemento financeiro ou de distinção (BOURDIEU, 2009a), e acabam perpassando por questões até certo ponto “morais”, como podemos observar a passagem retirada do jornal Folha de São Paulo<sup>17</sup> do dia 30 de dezembro de 2013, proferido pelo deputado federal José Mentor (PT-SP), que é autor de um projeto de lei que visa a proibição da exibição de lutas de MMA na TV aberta ou fechada, “[...] arte marcial tem filosofia. MMA é agressão” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2014).

Esse excerto nos dá indícios para localizarmos o MMA como uma modalidade em processo de entrada no campo esportivo, e que embora esteja passando por um momento de sucesso, de repercussão midiática e de consumo, ainda assume características dominadas frente a outros esportes já consolidados, considerando que esse tipo de questionamento não seria aplicado às modalidades já estabelecidas no campo esportivo. Nesse cenário, e de acordo com a teoria dos campos de Pierre Bourdieu, localizamos nosso objeto de estudo – o MMA praticado por mulheres – como elemento constituinte do subcampo do MMA, que pertence ao campo esportivo.

Dessa forma e, de modo preliminar, a estrutura do MMA praticado por mulheres nos apresenta nuances que misturam diferentes elementos. Dentre os quais, elucidamos o aprendizado da técnica, a espetacularização da modalidade, a agressividade, a dor física como uma constante, a convivência no ambiente da

---

<sup>17</sup> A matéria na íntegra está disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/145778-nao-e-esporte-diz-deputado-que-quer-proibir-mma-na-televisao.shtml>>. Acesso em: 4 de junho de 2014.



academia de lutas<sup>18</sup> e, principalmente, a “luta” pela legitimação nesse espaço. Digressões como essas nos incitam a conhecer de modo acadêmico e sociologicamente reflexivo esse espaço que vem sendo ocupado pelas mulheres em âmbito regional, nacional e internacional. É com base na delimitação do subcampo do MMA em Curitiba/PR e a partir de informações locais que ampliamos nosso olhar para a participação das mulheres lutadoras de MMA em um contexto nacional e internacional.

Fazendo um percurso que considera o campo esportivo como elemento principal e as disputas ali travadas, acrescido de um olhar que tem como enfoque compreender o funcionamento do subcampo do MMA a partir de seus agentes, estruturas e histórias incorporadas e exteriorizadas por meio de modos de ser e agir – *habitus*<sup>19</sup> – e dos capitais ali articulados, convertidos e resignificados, propomos como problema de pesquisa para essa tese o seguinte questionamento: **Quais as estratégias de funcionamento do subcampo do MMA frente ao campo esportivo tendo em vista a posição que as mulheres lutadoras ocupam nessa estrutura?**

Em termos de hipótese, estamos pensando tanto na formação de uma estrutura enquanto modalidade, como também, na formação de um *habitus* de mulheres no MMA. O qual, tanto é oriundo dessa estrutura quanto a constitui. Em se tratando da modalidade MMA praticada por mulheres, acreditamos que, assim como diversos outros esportes, também cresceu às sombras daquele praticado pelos homens<sup>20</sup>, o que confere a elas inicialmente um papel de recém chegadas a esse subcampo, e dessa forma, incutidas de ações condizentes com a posição que ocupam em um período inicial nesse contexto, o da reprodução de significados, de gestos, de trejeitos e de ações no sentido de se firmar enquanto atleta e enquanto agente detentora de um – mesmo que limitado – potencial futuro de legitimidade ou de reposicionamento dentro desse subcampo.

---

<sup>18</sup> Embora utilizemos o termo “academia de lutas” ao longo desse trabalho, evidenciamos em detrimento à nossa vivência no período de construção do mesmo, que estamos tratando somente das academias de MMA visitadas e, portanto, assumindo as peculiaridades desses espaços sem a intenção de universalizarmos essas práticas frente as mais diferentes manifestações, tanto esportivas quanto marciais.

<sup>19</sup> O *habitus* de acordo com Bourdieu (1983, p.65) é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas”. A noção de *habitus* será mais bem desenvolvida nos capítulos 2, 3 e 4.

<sup>20</sup> Como identificou Moreira (2009) ao estudar o voleibol no Brasil.



Se pensarmos em um contexto maior, como o do campo esportivo e dos esportes já legitimados e popularizados, tais como os esportes olímpicos, o MMA embora esteja movimentando um montante financeiro significativo ainda não é um esporte com regras comuns, pois, em uma mesma cidade podem acontecer campeonatos cujas regras são diferentes, principalmente no que se refere aos golpes desferidos na cabeça do oponente. Mesmo com todo o revestimento de espetáculo conferido por alguns famosos campeonatos, tais como o UFC, o MMA no Brasil – mesmo com a denominação de atletas profissionais em MMA – apresenta indícios de esporte amador, principalmente quando se trata de atletas que não tem seu sustento advindo totalmente do esporte.

Nesse sentido, temos como hipótese que as mulheres se localizam – tendo em vista o dinamismo do campo, em alguns momentos de suas carreiras – como duplamente dominadas (BOURDIEU, 2007a), uma dominação mesmo que muitas vezes mascarada e tácita exercida pelo gênero, e outra, pela posição dominada do MMA no espaço dos esportes.

Se direcionarmos o nosso foco para as agentes e sua formação esportiva, estamos partindo do pressuposto de que são mulheres com afinidades e habilidades esportivas advindas de outras modalidades, e que são dotadas de um *habitus* esportivo – que consiste em disposições iniciais como a disciplina, a competitividade e uma “essência guerreira”. Em se tratando da arte marcial “mãe” das lutadoras que hoje estão no MMA, temos a priori que são oriundas do Muay Thai, modalidade pela qual a capital paranaense é reconhecida internacionalmente, principalmente pela figura de Anderson “Spider” Silva e Cris Cyborg.

Outro fato marcante para a modalidade em si, foi a veiculação de eventos como o UFC e o *The Ultimate Fighter Brasil*<sup>21</sup> (TUF) em canais abertos de televisão com o alcance de público da Rede Globo de Comunicação, concatenada à participação de atletas (homens) brasileiros em boa fase de suas carreiras. Mais propriamente para o MMA feminino, um fato marcante no sentido de popularizar a prática entre as mulheres e desmistificar a lutadora como uma mulher com um corpo muito diferente ao corpo normativo de gênero, culminou na estreia de Ronda Rousey no UFC.

---

<sup>21</sup> O TUF é um programa no formato de *reality show* que seleciona lutadores de MMA que almejam um contrato com o UFC por meio da participação no programa que exhibe além dos combates, situações do dia-a-dia de um lutador em período de competição, os treinamentos específicos e o convívio com os demais participantes em situação de confinamento (GLOBOTV, 2012a).

O número de campeonatos tem aumentado a perder de vista, sendo praticamente impossível realizar um mapeamento de todos os campeonatos de MMA amadores e profissionais que estão em andamento no Brasil. Essa crescente refletiu no aumento também de lutas femininas em cada *card*<sup>22</sup>, ou ainda, em evento somente com lutas femininas. Esse fato nos remonta duas possibilidades de análise que não são excludentes, mas sim relacionais, que é a conquista das mulheres em praticarem lutas de “igual para igual” com suas oponentes, resquícios dos movimentos feministas libertários; e outra possibilidade, é a utilização dessas lutas para atrair mais consumidores, sob um olhar mercadológico podemos pensar que com uma nova oferta, uma nova demanda de consumidores vai se criar.

Sem entrarmos no caminho perigoso que é o da consciência ou inconsciência dos atos, e de modo a resumir nossa hipótese, acreditamos que as ações de ortodoxia e heterodoxia por parte das agentes investigadas são oscilantes, pois, ao mesmo tempo em que têm uma boa colocação frente às outras lutadoras no cenário nacional, somente adquirem o respeito dos alunos e de colegas de treino quando seu cartel de vitórias for maior do que o deles. Para finalizar, acreditamos que mesmo com o crescimento da modalidade, da popularização e do consumo, as mulheres precisam de um investimento maior (no que diz respeito à técnica, a resistência, o desempenho esportivo) para que sejam consideradas legítimas num espaço que mantém resquícios – embora muitas vezes ocultos – de dominação masculina.

Nosso objetivo geral para essa tese é analisar as estratégias de funcionamento do subcampo do MMA frente ao campo esportivo tendo em vista a posição que as mulheres lutadoras ocupam nessa estrutura. Como objetivos específicos, elencamos: a) Delimitar o subcampo do MMA a partir da história da modalidade, seus agentes e estruturas dando ênfase para as ações realizadas na cidade de Curitiba/PR; b) Identificar estruturas e instituições que atuam na formação de um *habitus* em mulheres lutadoras de MMA; c) Apresentar uma leitura das relações entre os agentes e as estruturas; d) descrever a construção do *habitus* do MMA em mulheres lutadoras.

---

<sup>22</sup> O termo *card* é empregado para determinar e organizar ordem das lutas em cada evento. É dividido em *card* preliminar e *card* principal, como o próprio nome sugere, as lutas mais esperadas da noite acontecem no *card* principal.

Em termos de justificativa para o desenvolvimento desse estudo, consideramos três frentes: a primeira diz respeito à justificativa pessoal, em seguida nos detivemos em justificar a importância desse estudo em âmbito social, e por fim, apresentamos a justificativa no âmbito acadêmico e científico.

Desde meu primeiro contato com o universo da pesquisa tive curiosidade sobre a participação das mulheres no esporte e o processo de construção corporal delas no e para o esporte. Nessa esteira, foram desenvolvidas algumas pesquisas, dentre as quais cito os trabalhos de conclusão de curso intitulados: “Representação da imagem corporal feminina veiculada pela Revista Claudia” e “O corpo nas aulas de Educação Física: estudo das manipulações da imagem realizadas pelas alunas para fazer valer suas representações”, e também a dissertação de mestrado, intitulada: “O Novo Mundo Futebol Clube e o ‘velho mundo’ do futebol: considerações sociológicas sobre o *habitus* de jogadoras de futebol”.

Ao adentrar no “mundo” do futebol feminino com o foco de identificar indícios de fundamentos ocultos de dominação masculina que aconteciam nesse espaço, outros questionamentos vieram à tona, tais como as motivações que levam mulheres a praticarem esportes construídos historicamente como masculinos. Nesse contexto, justifico a escolha da temática – mulheres, esporte, construção corporal, estratégias de legitimação – pela afinidade e pela constante curiosidade que move futuras investigações. Justifico a escolha da modalidade, o MMA, por ser uma prática que está em evidência midiática e de consumo tanto em termos da prática quanto de produtos, e principalmente, por entendermos que é um *locus* fértil para observarmos e identificarmos relações de manutenção e subversão das relações de poder no contexto esportivo, tendo o corpo como ferramenta mestre desse desfecho.

Curitiba/PR é conhecida como um “celeiro” de bons lutadores, dentre os que conquistaram sucesso e projeção internacional citamos apenas três, Anderson Silva, Cris Cyborg e Wanderley Silva. Levando em conta essa menção somada ao advento do MMA e do UFC no Brasil, que tem multiplicado o número de pessoas consumidoras e que desenvolvem afinidade com a modalidade, justificamos a importância desse estudo por entender que ele oferecerá subsídios para posterior entendimento da modalidade e suas relações de mercado e gênero, seja em âmbito regional ou mesmo nacional.

Ainda em se tratando da justificativa social, entendemos que o exercício de reflexão oportunizado e embasado pela teoria sociológica nos possibilita trazer à luz

algumas relações que passam despercebidas. Sob a qual reforçamos a importância social de estudar o MMA por ser uma modalidade que movimenta montante financeiro considerável apesar de não ter uma confederação ou federação por detrás, e sim, agentes, academias e organizações, tais como o UFC.

Em termos acadêmicos, destacamos que desde o início da escrita dessa tese em 2013, houve aumento na produção científica sobre a temática MMA, tanto de artigos, quanto dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Um dos estudos pioneiros sobre as “artes marciais combinadas” foi o desenvolvido por Nunes (2004) em sua dissertação de mestrado, intitulada: “Corpos na arena: um olhar etnográfico sobre a prática das artes marciais combinadas”. Ao consultar o banco de teses e dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), utilizando o termo: *Mixed Martial Arts* e Artes Marciais Mistas, somente foram encontrados registros de estudos realizados a partir de 2013.

Dos quinze trabalhos identificados, destacamos pela proximidade com a nossa proposta de estudo, a dissertação de Grespan (2015) intitulada: “Mulheres no octógono: performatividades de corpos e de sexualidades”. Que foi o primeiro – e até o presente momento o único – trabalho a direcionar o olhar para as mulheres lutadoras de MMA. Dentre as teses de doutorado publicadas, citamos três que mais aproximam-se com a proposta de análise que adotamos: a de Almeida (2016), intitulada: “*Mixed Martial Arts* (MMA) no Brasil: masculinidades em disputa”, a de Camilo (2016) “Trabalhador, ídolo, sobrevivente, ‘casca-grossa’: um estudo sobre versão de atleta de *Mixed Martial Arts*”, e a de Mariante Neto (2016): “*Jabs*, diretos, *low kicks* e *duble lags* no processo civilizador: Uma leitura elisiana das *Artes Marciais Mistas*”. Em tempo, ressaltamos a temporalidade recente das publicações, fato que remonta que o MMA como esporte, passa por um período de disseminação e popularização, a ponto de suscitar delineamentos teóricos para compreensão das diferentes dimensões que possibilitam a sua análise.

Além dos estudos supracitados, ao realizamos uma busca por palavra-chave *Mixed Martial Arts* e Artes Marciais Mistas em periódicos científicos brasileiros com estratos B2, B1 e A2 na área da Educação Física como: Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Pensar a Prática, Revista de Educação Física e Esportes, Revista de Educação Física da UEM, Motrivivência e Motriz. Foram

identificadas seis publicações que versavam diretamente sobre o tema, as quais estão ilustradas no quadro a seguir<sup>23</sup>:

QUADRO 1 – PUBLICAÇÕES SOBRE MMA EM ALGUNS PERIÓDICOS NACIONAIS

Revista	Autores	Título	Publicado em
<b>Motrivivência</b>	Igor Sampaio Pinho Dos Santos, Vamberto Ferreira Miranda Filho	Considerações sobre mídia e “heróis esportivos” do <i>mixed martial arts</i>	2015
<b>Movimento</b>	Bruno Linck, Jorge Moreira, Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro	Resenha do livro "Filho teu não foge a luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial"	2013
	Carla Lisboa Grespan, Silvana Vilodre Goellner	Fallon Fox: um corpo queer no octógono	2014
	Leila Salvini, Wanderley Marchi Júnior	Mais do que uma “questão de peso”: análise do conteúdo dos discursos de rivalidade entre as lutadoras de MMA	2016
<b>Pensar a Prática</b>	Vera Fernandes, Ludmila Mourão, Silvana Vilodre Goellner, Carla Lisboa Grespan	Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de Boxe e MMA	2015
<b>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</b>	Álvaro Rego Millen Neto; Roberto Alves Garcia; Sebastião Josué Votre	Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta	2016

FONTE: Elaborado pela autora (2016)

Com relação às publicações acima mencionadas, chamamos a atenção que a metade delas tem como enfoque o MMA praticado por mulheres, no entanto, no que diz respeito às teses de doutoramento que abordem a prática do MMA por mulheres, não foram encontrados registros. Nesse sentido, visamos – com a elaboração desse trabalho – contribuir com o cenário acadêmico apresentando uma proposta de análise do MMA alicerçada na sociologia do esporte propondo reflexões sobre o universo do MMA a partir das vivências de mulheres lutadoras.

## 1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

<sup>23</sup> As revistas que foram mencionadas e que não constam no quadro, não continham publicações sobre essa temática a partir dos termos utilizados para a busca.

Ao elaborarmos um problema de pesquisa, de maneira quase que imediata, impõem-se a nossa frente os aspectos metodológicos, que *grosso modo* podemos chamar de “como fazer”. Assim como a definição do objeto de pesquisa perpassa a nossa história de vida, os nossos gostos e afinidades com problemáticas, o modo de tecer as ideias, de buscar os dados e de experimentar o universo acadêmico pelas vias da pesquisa, também é reflexo daquilo que somos e gostamos.

Sob esse viés e para que seja possível delimitar um aparato de ferramentas metodológicas, inicialmente temos que romper com o senso comum para que então seja possível construir nosso objeto científico. Bourdieu (2010) menciona que o sociólogo visa conhecer o mundo social do qual ele mesmo é parte, e que ao comunicar os produtos da pesquisa sociológica, situa-se entre dois papéis: “de um lado, o de desmancha prazeres e do outro, o de cúmplice da utopia” (BOURDIEU, 1983 p.75). Mesmo não sendo sociólogos de formação, mas nos utilizando de ferramentas de análises oriundas da sociologia para promover análises sobre o esporte, nos colocamos na mesma situação.

A nossa relação com o objeto determinou os passos metodológicos que serão seguidos na busca pelas informações, de antemão salientamos o nosso limitado contato com o campo a ser investigado até o momento inicial da pesquisa. Por esse motivo, contamos com uma agente que foi peça fundamental para estabelecer uma ponte entre o campo acadêmico/científico – espaço que compartilhamos – e o subcampo do MMA, em especial na cidade de Curitiba/PR. Fernandes (2011) chama o agente nascido<sup>24</sup> no jogo a ser investigado e que auxilia na entrada do campo, de informante-chave, e descreve que é aquele que pode “abrir portas”, no sentido de facilitar ao pesquisador informações e/ou condições especiais para o desenvolvimento das suas observações. Bem como, potencializa o trabalho de pesquisa ao auxiliar no processo de “quebra do gelo” da chegada a campo, a inserção em determinados espaços/lugares e a obtenção de informações referentes a temas com os quais o pesquisador se propôs lidar.

Acrescentamos a essa ideia, o fato de que um informante-chave deve ser reconhecido como legítimo no campo, de modo que essa legitimidade é transferida para o pesquisador, e dessa forma, os informantes terão confiança no trabalho que

---

<sup>24</sup> De acordo com Bourdieu, um agente que nasceu em um campo tem as estruturas desse campo incorporadas, dessa forma, pode nos auxiliar no caminho até as instituições e agentes a serem investigados.

se propõem a participar. No entanto, para que essa estratégia de entrada no campo efetivamente funcione é preciso que o poder simbólico da linguagem, definido por uma relação que produz a crença na legitimidade nas palavras e nas pessoas que as emitem, opere no sentido de reconhecimento àqueles a quem o exerce. Pois, para Bourdieu e Wacquant (2005) uma parte muito importante das comunicações verbais, além do conteúdo das mensagens, é a totalidade da estrutura de relações de poder presentes, ainda que muitas vezes de modo invisível.

Um fator necessário para a entrada no campo, além do conhecimento mínimo acerca do que se procura investigar e do espaço que se está adentrando, é a adequação das disposições para a ação em um espaço em que o *habitus* dos pesquisadores em questão não foi concebido, dando especial atenção à linguagem. Tendo em vista que a linguagem, assim como o esporte, é uma técnica do corpo e a competência linguística é uma dimensão da *hexis* corporal em que se expressa a si mesma toda a relação com o mundo social (BOURDIEU, 1983; BOURDIEU; WACQUANT, 2005), antes de efetivamente irmos a campo, passamos por um período de experimentações e vivências que tiveram início no ano de 2013, com a apreciação de algumas lutas de MMA na televisão ou em vídeos disponíveis na internet, acompanhamento de blogs e *websites* especializados. No ano de 2014 a aproximação com a temática se deu, também, por meio da participação em eventos que aconteceram na cidade de Curitiba/PR, tanto nas academias quando eventos maiores e televisionados, em conversas com conhecedores e consumidores da modalidade.

Desde então – por ser recém chegada a esse campo – passei a assistir assiduamente lutas de MMA na televisão, seguir lutadores e lutadoras nas redes sociais e acompanhar *websites* especializados, além de assistir programas de televisão e vídeos sobre essa temática e assistir *in loco* a um evento do UFC realizado em Curitiba/PR. Todas essas práticas foram incorporadas a minha rotina, a fim de minimizar a distância entre a prática diária e o universo de pesquisa ao qual eu estava querendo me inserir.

Esse esforço de incorporação além de nos auxiliar na compreensão e análise do objeto de estudo, nos deu subsídios para a entrada no campo – especialmente durante as entrevistas e observações – e foi decisivo para a seleção dos agentes que nos forneceram material empírico para as análises, como também, oportunizou conhecer agentes que vivem o universo das lutas durante “todas as horas do seu



dia”, os quais possuem os elementos do subcampo do MMA impressos em sua pele em forma de *habitus*.

Seguindo a ordem organizacional da tese, e tendo em vista a escassez de materiais já publicados sobre as mulheres nessa modalidade, para que possamos conhecer os elementos históricos, além da utilização de trabalhos acadêmicos (teses, dissertações, monografias e artigos científicos), realizamos buscas em websites e revistas especializados, vídeos e redes sociais. Destacamos a utilização da revista “Primeiro Round” por ser uma revista/website produzida em Curitiba desde 2006 e considerada um dos principais veículos de divulgação tanto de lutadores e lutadoras quanto de eventos locais.

Entrevistas com agentes que vivenciaram a evolução da modalidade na cidade de Curitiba foram encontradas disponíveis online, e de maneira a complementar os materiais já disponibilizados e visando ampliar o repertório de informações acerca da história do MMA em Curitiba, realizamos duas entrevistas semi-estruturadas (FLICK, 2009). Uma com o produtor de uma revista especializada e outra com o professor que foi um dos pioneiros no treinamento de mulheres para o MMA.

Como subsídio para os demais capítulos da tese, selecionamos três<sup>25</sup> lutadoras profissionais de MMA que têm se destacado no cenário nacional e estão participando de campeonatos de referência nacional e internacional. Após o contato com essas lutadoras, identificamos outras três que também foram entrevistadas. Justificamos a escolha dessas agentes por ocuparem posições diferenciadas no subcampo do MMA, principalmente em detrimento do seu tempo de inserção nesse espaço, vale destacar que o tempo que lutam como profissionais no MMA variam entre seis meses até 10 anos.

Foi prerrogativa que as atletas desenvolvessem seus treinamentos e que residissem em Curitiba/PR. Como estratégia de pesquisa e de aproximação, tendo em vista experiências anteriores e como bem alerta a antropóloga Miriam Goldenberg (2002 p. 90) “a arte de uma entrevista bem-sucedida depende fortemente da criação de uma atmosfera amistosa e de confiança”. Foi baseado

---

<sup>25</sup> Gaskell (2000 p.81) apresenta dois argumentos importantes a serem considerados na escolha da amostra. O primeiro diz respeito ao tamanho do corpus a ser analisado, e o segundo, diz respeito à repetição de informações depois de certo número de entrevistas realizadas, quando “temas comuns começam a aparecer, e progressivamente sente-se uma confiança crescente na compreensão emergente do fenômeno. [...] o pesquisador se dá conta que não aparecerão novas surpresas ou percepções”, é por que não há mais necessidade de continuar a investigação.



nessas prerrogativas que desenvolvemos um contato anterior com as lutadoras de MMA antes de agendarmos um horário para a realização das entrevistas.

As entrevistas semi-estruturadas (Apêndice 1) aconteceram com cada atleta individualmente nas academias nas quais treinam. Antes da realização das entrevistas, conversamos com os entrevistados e as entrevistadas sobre o nosso objetivo com esse estudo, ressaltando a seriedade com que trataremos das informações, como também, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 4) aprovado e validado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná<sup>26</sup>, que foi assinado como forma de acordo. Salientamos que o áudio das entrevistas seria gravado e a identidade das atletas e dos demais informantes, preservada. Além das seis lutadoras entrevistadas, a fim de conferir um olhar mais amplo do cenário do MMA, nos apropriamos de entrevistas de outras lutadoras que estão disponibilizadas online.

Ainda sobre a metodologia da entrevista semi-estruturada vale destacar que dentre as vantagens apresentadas por Flick (2009), está a flexibilização do tempo de entrevista acrescida da possibilidade de ter um ambiente informal muito próximo a de uma conversa e por esse motivo, o entrevistado tende a dar respostas mais espontâneas, principalmente quando se tratam de informações que assumem significado pessoal importante. Como é o caso dos nossos entrevistados e entrevistadas e suas vivências no subcampo do MMA. Além das ferramentas de pesquisa já mencionadas, também utilizamos de imagens disponíveis online com vistas a elucidar algumas passagens ao longo do trabalho. Nesse sentido, ressaltamos que as imagens somente foram utilizadas a partir de um caráter ilustrativo e não analítico.

Para finalizar os aspectos metodológicos, e em termos de definição, podemos classificar o presente estudo como sendo qualitativo descritivo, considerando que nesse tipo de estudo o pesquisador observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los, a fim de descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos. O ambiente natural como fonte direta das informações é instrumento fundamental de uma pesquisa qualitativa descritiva, sendo o investigador preocupado em descrever o significado que as pessoas dão às coisas e

---

<sup>26</sup> Essa pesquisa está registrada junto ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná sob o número: 1.283.908.

à sua vida (BARROS; LEHFELD, 1986; GODOY, 1995). Dando sequência aos encaminhamentos metodológicos e organizacionais, apresentamos um plano de redação com breves descrições sobre como estão organizados e formatados os capítulos dessa tese.

Os capítulos da tese foram organizados com base nos preceitos teóricos de Pierre Bourdieu, de modo que primeiramente apresentaremos os conceitos teóricos da teoria dos campos, o campo esportivo e o subcampo do MMA. Na sequência, com base nas informações coletadas por meio de entrevistas e das fontes disponíveis na internet, desenvolveremos reflexões teóricas orientadas pela teoria dos campos e em momentos específicos, e como já mencionado, com incursões pontuais de outros autores, dentre os quais, destacamos as contribuições oriundas do teórico Erving Goffman e de David Le Breton.

No Capítulo 1, “Introdução” está o delineamento histórico sobre a participação das mulheres em esportes predominantemente organizados e ocupados por homens, seguido dos objetivos e dos “percursos metodológicos” escolhidos para o desenvolvimento desse trabalho. No Capítulo 2, “O campo no corpo: a teoria dos campos de Pierre Bourdieu”, que como o próprio título sugere, versa sobre a teoria desenvolvida por Pierre Bourdieu que, para fins didáticos está subdividido em dois subcapítulos. O subcapítulo 2.1 “A precisão que só tem quem joga o jogo: notas sobre a noção de *illusio*” aborda elementos constituidores da teoria dos campos, com enfoque nas disputas travadas no interior dos campos e na relação mútua entre agente e campo, ou entre campo e *habitus*.

No subcapítulo 2.2 “O campo esportivo e suas moedas de troca: o capital corporal vale o quanto pesa?” Direcionamos nosso olhar para os capitais, principalmente o capital corporal e suas formas de apresentação no contexto esportivo, o “peso” conferido aos diferentes corpos, com diferentes disposições para a ação são objeto de reflexão nesse momento da tese, que abarca além dos conceitos teóricos de Pierre Bourdieu, a possibilidade de aproximações com outros teóricos que embora não tenham necessariamente o esporte como objeto central em suas análises, desenvolvem interessantes reflexões acerca do corpo, tais como o sociólogo David Le Breton e a filósofa Judith Butler, entre outros autores.

No capítulo 3, “O subcampo do MMA: juntando as partes de um ‘quebra-cabeças’”, daremos enfoque aos elementos que constituíram a história da modalidade, também fragmentado em outros dois subcapítulos. No subcapítulo 3.1

“Dos combates intermodalidades às artes marciais mistas: uma reflexão sócio-histórica”, intentamos trazer informações sobre o Vale-tudo, o início do MMA e os principais eventos e agentes no cenário brasileiro com enfoque nos agentes e eventos que aconteceram em Curitiba/PR. No subcapítulo 3.2 “As mulheres no MMA: percursos históricos, direcionamos nosso foco em identificar a presença das mulheres no MMA, também dando ênfase para as lutadoras de Curitiba/PR”. No subcapítulo.

O Capítulo 4: “O Cenário da Academia”, tem como objetivo apresentar a academia de lutas a partir de três formas de análise diferentes, mas que se apresentam de maneira complementar àquelas que já foram delineadas. No subcapítulo “4.1 Irmãos de treino e a ‘família esportiva’: a academia de lutas como instituição”, com base na vivência de campo e da teoria de Pierre Bourdieu desenvolvemos uma proposta de análise tendo a academia como espaço para a inculcação de um *habitus* específico da academia de MMA. No subcapítulo 4.2 “*It’s time!* Uma análise do percurso de lutadoras de MMA entre os bastidores e o *cage*” São tecidas análises e discussões sobre os rituais de preparação que antecedem o contato com o público e a efetivação da luta a partir de preceitos da teoria das representações desenvolvida por Erving Goffman. No subcapítulo 4.3 “‘Já pensou em sair na mão pra ganhar dinheiro’? Entrada e permanência de mulheres no subcampo do MMA”, o foco está direcionado para a dimensão de oferta e demanda, quando discute a criação de uma “nova” modalidade para o consumo e da inclusão de categorias de peso para mulheres no UFC.

No Capítulo 5: “No contexto da agente”, buscamos elucidar e compreender as modificações duráveis impressas nos corpos dessas mulheres em detrimento ao pertencimento que tem no mundo das lutas, e conseqüentemente, que o mundo das lutas tem nas lutadoras. Para tanto, está dividido em dois subcapítulos. No primeiro. 5.1 “Disposições iniciais para a ação nas academias de lutas: a formação de um *habitus* do MMA”, como o próprio título sugere, propõe-se identificar as disposições para a ação iniciais que favorecem o ato de permanecer e incorporar ações típicas do universo do MMA a partir do advento do UFC, utilizando a noção de *habitus*, de Pierre Bourdieu para o desenvolvimento das análises teóricas.

No subcapítulo 5.2 “Entre a ‘dor’ física e simbólica: reflexões sobre a violência do ponto de vista das mulheres” utilizaremos os escritos de David Le Breton sobre a antropologia da dor e a noção de violência simbólica de Pierre Bourdieu para

desenvolver algumas reflexões acerca dessa temática. Finalizando esse capítulo, o subcapítulo 5.3 “Mulheres lutadoras de MMA: duplamente dominadas?”, apresenta menções sobre a dominação masculina no campo esportivo, mais especificamente no MMA, bem como, propõe uma breve análise sobre o entendimento do MMA como esporte.

Na “Conclusão”, as discussões serão retomadas de modo resumido e reflexivo para a finalização dessa tese, tendo em vista responder ao problema de pesquisa, cumprir com o objetivo de estudo e então, comprovar ou refutar a hipótese pré-estabelecida.

## 2. “O CAMPO NO CORPO”: NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE A TEORIA DOS CAMPOS DE PIERRE BOURDIEU

Como o próprio título dessa sessão sugere, nas linhas que seguem abordaremos o movimento relacional entre as ações práticas materializadas pelos agentes – e seus corpos – junto ao funcionamento do campo. Tais ações serão vislumbradas sob o espectro das estratégias ou interesses que fomentam disputas, que por sua vez, são a mola mestra que organiza e reorganiza o campo<sup>27</sup>. Nesse sentido, Bourdieu e Wacquant (2005) anunciam que o que é certo para os conceitos, também o é para as relações, pois, ambos somente adquirem significado dentro de um sistema de relações.

O pensar relacional que os autores mencionam está diretamente ligado ao conceito de campo, quando explicam que pensar em termos de campo requer uma conversão total da visão habitual do mundo social que somente se atém às coisas visíveis (BOURDIEU; WACQUANT, 2005). Essa afirmação vai ao encontro do aparato teórico-metodológico desenvolvido e proposto pelo autor, o qual visa dar luz às ações práticas obscurecidas pelas relações de poder e dominação.

É prerrogativa que saibamos que os campos se apresentam como espaços estruturados de posições que podem ser analisadas independente das características de seus ocupantes. Dessa forma, Bourdieu (1983) propõe que existem “leis gerais dos campos”, ou seja, leis de funcionamento invariantes que tornam a Teoria dos Campos uma teoria geral, tendo em vista que algumas características que se aprende sobre um campo pode ser aplicado em outro. Nessa engrenagem, cada vez que um campo novo é estudado, novas propriedades de um campo particular são conhecidas, criando variáveis de análise secundárias e avançando o conhecimento dos mecanismos universais dos campos.

As transferências metódicas de modelos baseados na hipótese de que existem homologias estruturais e funcionais entre todos os campos têm uma eficácia reconhecida pela tradição epistemológica. Para Bourdieu (2010), as aplicações práticas desse método o qualificam ao nível de generalidade e de formalização – com relação aos princípios teóricos envolvidos nos estudos empíricos – da existência de propriedades comuns aos mais diferentes campos.

---

<sup>27</sup> É importante destacar que embora vamos abordar as noções de *habitus* e de capitais nesse capítulo, elas serão desenvolvidas em capítulos subsequentes.

A teoria geral dos campos, ao contrário do que possa parecer, nada deve à transferência do modo de pensamento econômico que é incitada por Bourdieu ter reinterpretado numa perspectiva relacional a análise de Weber, que aplicava à religião certo número de conceitos retirados da economia (como concorrência, monopólio, oferta, procura, etc.). Bourdieu (2010) comenta que nessa conjuntura se deparou com propriedades gerais que pudessem ser válidas nos diferentes campos, tal qual, que a teoria econômica tinha se utilizado desses conceitos sem o adequado fundamento teórico.

Dessa forma, a teoria geral da economia dos campos nos permite identificar a forma específica que cada mecanismo e conceito (capital, investimento, ganho) atuam ou revestem a cada campo, evitando assim, o reducionismo e a padronização. Para Bourdieu (2010, p. 69)

[...] compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir.

De modo complementar a tais apontamentos, compreendemos que um campo se define, entre outras coisas, através da definição dos objetos de disputa, e para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo. A ideia de jogo proporciona uma primeira compreensão de campo, embora o autor ressalve que o campo não seja o produto de uma criação deliberada e suas regras nem sempre são explícitas ou codificadas, remonta, que o que está em jogo é o produto da competência entre os jogadores, que por sua vez são admitidos no jogo, se opõem uns aos outros, algumas vezes com ferocidade, e só na medida em que coincidem na sua crença no jogo e no que se joga, atribuem um reconhecimento fora de todo questionamento, acordando por mero feito de jogar e não por meio de um contrato (BOURDIEU; WACQUANT, 2005; BOURDIEU, 2011).

Seguindo nessa analogia, os autores descrevem a existência de “cartas de triunfo”, isto é, “cartas mestras cuja força cairia segundo o jogo, assim como o valor relativo das cartas muda para cada jogo, a hierarquia das diferentes espécies de capital (econômico, social, cultural, simbólico) varia nos diferentes campos” (BOURDIEU; WACQUANT, 2005, p.151). Nesse sentido, o valor de uma espécie de

capital depende da existência de um jogo, de um campo, em que tal competência possa ser utilizada.

A estrutura do campo é definida pelo estado das relações de força entre os jogadores, e para compreendermos melhor essa relação, novamente o autor lança mão de uma analogia. Ele sugere que imaginemos que cada jogador tem um pilha de fichas de diferentes cores, que cada uma dessas cores corresponde a um capital específico, e que os movimentos que o jogador fizer, sua força e posição no jogo, estão diretamente relacionadas ao número total de fichas e suas cores (BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

A distribuição dos agentes e/ou dos grupos no espaço social se estabelece especialmente em decorrência de sua posição nas distribuições de capital econômico e cultural, e desse modo, apresentam semelhanças quanto mais próximos estejam nessas duas dimensões e, logicamente, menos terão em comum quanto mais distantes estejam nelas (BOURDIEU, 2011).

Ao abordarmos a noção de capital econômico imediatamente nos remetemos a elementos vinculados a bens materiais ou dinheiro, no entanto, quando se trata de capital cultural, a descrição é mais elaborada, pois foi com base nesse capital que Bourdieu (2004b) e Bourdieu e Passeron (2012), compreenderam a desigualdade no desempenho escolar de crianças provenientes de famílias de diferentes classes sociais.

Nesse espectro, o autor salienta que o capital cultural pode existir basicamente sob três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado. Quando se trata do estado incorporado, Bourdieu (2004b, p. 74) menciona que “a maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato que, em seu estado fundamental, está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação”. Nesse sentido, a acumulação desse tipo de capital demanda tempo e investimento pessoal do investidor, tal qual o bronzeamento. Tendo em vista que o capital cultural é um “ter que se tornou ser”, é uma propriedade integrante da pessoa, um *habitus*.

Quando abordamos o capital cultural objetivado, estamos versando sobre os bens culturais, tais como quadros, livros, instrumentos, escritos, monumentos, máquinas. Ressaltamos que esses bens são transmissíveis em termos materiais, de modo muito semelhante aos bens vinculados ao capital econômico, no entanto, “o que é transmissível é a propriedade jurídica e não [...] a posse dos instrumentos

que permitem desfrutar de um quadro ou utilizar uma máquina” (BOURDIEU, 2004b p.77).

O capital cultural institucionalizado é – *grosso modo* – a junção dos dois estados do capital cultural mencionados anteriormente, pois “a objetivação do capital cultural sob a forma do diploma é um dos modos de neutralizar certas propriedades devidas ao fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos do seu suporte” (BOURDIEU, 2004b, p. 79). O autor cita como exemplo o diploma escolar, que confere ao seu portador a competência cultural e com valor judicial. Esse tipo de reconhecimento institucional permite estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, de forma similar, o “caminho inverso” (conversão de capital econômico em capital cultural por meio da obtenção de diplomas acadêmicos) apresenta-se como uma estratégia de reconversão, comandadas pelas transformações das estruturas de oportunidades de lucro, asseguradas por diferentes espécies de capital (BOURDIEU, 2004b).

Seguindo nessa esteira de análise e reflexão acerca dos capitais, Bourdieu (2010, p. 134) descreve que “as espécies de capital à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado”. Nesse cenário, a posição que um agente ocupa no espaço social, é o resultado da soma da posse entre os capitais econômico, cultural e social e simbólico que geralmente é chamado de “prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital” (BOURDIEU, 2010, p. 134-135).

Em se tratando do capital social, Bourdieu (2004c) o caracteriza como sendo um conjunto de recursos vinculados a uma rede de relações mais ou menos institucionalizadas de interreconhecimento. Tais relações são fundamentadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas, nas quais, o volume de capital social de determinado agente vai depender da extensão de suas redes de relações e do volume de capital (econômico, cultural e simbólico) que esse agente pode efetivamente mobilizar. Tendo em vista o contexto de descrição e caracterização dos capitais, é importante compreendermos que todo o tipo de capital tende, mesmo que em graus diferentes, a funcionar como capital simbólico, de maneira que podemos falar dos efeitos simbólicos do capital, quando o reconhecimento do mesmo é explícito ou prático. Em outros termos, para Bourdieu (2007b, p. 293) o capital simbólico “não constitui uma espécie particular de capital, mas justamente aquilo em



que se transforma qualquer espécie de capital quando é desconhecida enquanto capital, ou seja, enquanto força, poder ou capacidade de exploração (atual ou potencial), portanto reconhecida como legítima”.

Nesse sentido, a posição ocupada por um agente no espaço social ou na estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital, vem a comandar as representações dos espaços, e conseqüentemente as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo (BOURDIEU, 2011). De modo que, os jogadores poderão jogar para aumentar ou conservar seu capital e o número de fichas, sempre em conformidade com as regras tácitas e os pré-requisitos da reprodução do jogo, no entanto, também poderão ingressar nele para transformar, total ou parcialmente, as regras imanentes do jogo.

Bourdieu e Wacquant exemplificam como essas relações de poder acontecem:

Podem, por exemplo, trabalhar para modificar o valor relativo das fichas de diferentes cores, a taxa de troca entre diversas espécies de capital, através de estratégias que apontem a desacreditar a forma de capital em que repousa a força de seus oponentes (o capital econômico, por exemplo). Uma boa quantidade de lutas dentro do campo do poder são desse tipo, especialmente aquelas que apontam a conquistar o poder do estado, isto é, os recursos econômicos e políticos que permitem ao Estado esgrimir poder sobre todos os jogos e todas as regras que os regulam (BOURDIEU; WACQUANT, 2005, p. 153).

As estratégias as quais Bourdieu e Wacquant (2005) se referem, são instrumentos de ruptura com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente suposta pelo estruturalismo, é o produto do senso prático como sentido do jogo que é adquirido desde as brincadeiras da infância, como identificado no caso de Cabília, e muito provavelmente também em outros lugares do mundo (BOURDIEU, 2004c). Tais estratégias também podem ser explicitadas por meio da relação entre um *habitus* e um campo, pois, são ações “objetivamente orientadas com relação a fins que podem não ser os fins subjetivamente almejados” (BOURDIEU, 1983 p. 93), sobretudo tendo em vista que a teoria do *habitus* se funda numa ciência das práticas que escape à alternativa do finalismo ou mecanicismo. Nesse aspecto, Bourdieu aprofunda a análise descrevendo que:

o *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de

estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim. [...] quando basta deixar o *habitus* funcionar para obedecer à necessidade imanente do campo, e satisfazer às exigências inscritas, tem-se o lucro suplementar de se verem e serem vistos como perfeitamente desinteressados (BOURDIEU, 1983, p.93).

Considerando que as disposições incorporadas no campo e postas em prática nesse mesmo campo, conferem ao agente produtor da ação o “lucro” de saber como articular as estratégias para o jogo, o que torna seus atos “desinteressados”, como destacou Bourdieu (1983). O mesmo autor salienta que “não existem” atos desinteressados, tendo em vista que sempre há uma razão para os agentes fazerem o que fazem. Frente a esse tipo de situação, a sociologia postula que os agentes sociais não realizam atos gratuitos (BOURDIEU, 2011).

Bourdieu (2011) também assume que existem tantas formas de interesse quanto existem diferentes campos, e que cada campo produz uma forma de interesse que ao olhar de um “outro campo”, pode parecer desinteresse. Da mesma forma, levanta a dificuldade em descrever um ato desinteressado, para que não se caia em uma visão reducionista do “interesse pelo desinteresse”.

Em se tratando dos interesses em jogo no campo, Bourdieu (2004c) é incisivo ao afirmar que não existe somente um interesse, mas sim, interesses que variam de acordo com o tempo e o lugar. Tendo em vista os espaços de jogo historicamente constituídos, o interesse é a condição de funcionamento de um campo na medida em que estimula os agentes a concorrer, rivalizar e lutar, ações que são o produto e a mola propulsora do funcionamento de um campo. Nesse âmbito, mais do que uma escolha consciente, os agentes *caem* na sua própria prática e, quando isso ocorre, é porque o *habitus* torna-se eficiente e operante, pois encontra condições de sua eficácia, ou seja, “condições idênticas ou análogas de que ele é produto” (BOURDIEU, 2004c, p. 130).

## 2.1 A PRECISÃO QUE SÓ TEM QUEM “JOGA O JOGO”: NOTAS SOBRE A NOÇÃO DE *ILLUSIO*

Ao analisar de maneira mais minuciosa os “atos desinteressados”, Bourdieu (2004c; 2011) propõe que ao invés do uso do termo “interesse”, sejam utilizados noções mais rigorosas, como *illusio*, investimento ou libido. Ao caracterizar a noção

de *illusio*, o autor menciona que é “estar preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena, ou para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar” (BOURDIEU, 2011, p. 139). E também levanta a seguinte questão:

[...] se você não nasceu em uma sociedade de corte, se não tem o *habitus* de um cortezão, se não tem na cabeça as estruturas que estão presentes no jogo, essa querela lhe parecerá fútil, ridícula. Se, ao contrário, você tiver um espírito estruturado de acordo com as estruturas do mundo no qual você está jogando, tudo lhe parecerá evidente e a própria questão de saber se o jogo vale a pena não é nem colocada (BOURDIEU, 2011, p.139).

Nesse contexto de ação Bourdieu (2011, p.141) anuncia que *illusio* “é estar envolvido, é investir nos alvos que existem em certo jogo [...] e apenas existem para as pessoas que, presas ao jogo [...] estão prontas a morrer pelos alvos”, atos que não fazem sentido ou diferença àquele que está fora ou não compreende o jogo. Dessa forma, cada campo impõe um preço de entrada: a *illusio*, que “é tanto condição quanto produto de funcionamento do campo” (Bourdieu, 2011, p.141), e o que é vivido com evidência na *illusio* parece ilusório para quem não participa dessa evidência.

A partir desses apontamentos, é possível identificar que para intentar inverter as relações de força dentro do campo, inicialmente é preciso levar em conta que os alvos não são indiferentes, bem como, para fazer qualquer tipo de revolução em um campo, é preciso concordar com o que é tacitamente exigido por esse campo. O autor observa ainda que pessoas que ocupam posições opostas no campo, selam um acordo oculto e tácito a respeito do fato de que vale a pena lutar pelo que está em jogo (BOURDIEU, 2011).

A relação entre a *illusio* e o jogo caracteriza-se como uma relação de cumplicidade ontológica (assim como entre os agentes e o mundo social, ou como o *habitus* e o campo), e que uma conduta humana nem sempre tem uma finalidade pré-estabelecida ou concebida especificamente para um determinado fim. Diferentemente dessas afirmações, os agentes são dotados de sentido do jogo, aí então incorporam uma cadeia de esquemas práticos de percepção e de apreciação, que funcionam tanto para a construção da realidade quanto para a visão do espaço no qual estão inseridos. Sobretudo, há de se considerar que as antecipações pré-perceptivas – embasadas pelas experiências anteriores – são criadas pelo *habitus* do sentido do jogo (BOURDIEU, 2011).

Nesse contexto, Bourdieu (2011, p.139) compreende que os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer como jogos, e que a *illusio* é “essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social”. Dessa forma, temos interesses pelos jogos que se assinalam como importantes para nós, pois, eles foram impostos e postos em nossas mentes e em nossos corpos. Esse processo de incorporação é o que o autor chama de “sentido do jogo”.

Em se tratando de cumplicidade de antagonistas, uma propriedade menos visível de um campo é o número de interesses comuns que as pessoas compartilham, daí vem o entendimento de “cumplicidade objetiva subjacente a todos os antagonismos” (BOURDIEU, 1983, p. 90). O autor ressalta que a luta pressupõe um acordo – muitas vezes tácito – entre os antagonistas sobre o que merece ser disputado. Fatos assim costumam ficar escondidos por detrás de uma aparência óbvia deixada em estado de *doxa*, pois, tudo aquilo que constitui o campo – o jogo, os objetos de disputas – são pressupostos aceitos sem que se saiba, pelo simples fato de jogar, de entrar no jogo (BOURDIEU, 1983).

Seguindo nesse exercício de reflexividade, Bourdieu (1983, p.90) relata que os que participam da luta contribuem para a reprodução do jogo, pois,

[...] para produzir a crença no valor do que está sendo disputado. Os recém chegados devem pagar um direito de entrada que consiste no reconhecimento do valor do jogo [...] e os princípios de funcionamento do jogo. Eles são levados às estratégias de subversão que, no entanto, sob pena de exclusão, permanecem dentro de certos limites. E de fato, as revoluções parciais que ocorrem continuamente nos campos não colocam em questão os próprios fundamentos do jogo, sua axiomática fundamental, o pedestal das crenças últimas sobre as quais repousa o jogo inteiro.

Tendo em vista que a dinâmica de um campo se dá – dentre outras coisas – pelas diversas forças que se confrontam entre si, são essas forças que estão ativas em um campo que definem o capital específico. Para Bourdieu (1983 p. 90) “Falar de capital específico é falar que o capital vale em relação a um certo campo, portanto dentro dos limites deste campo, e que ele só é convertível em outra espécie de capital sob certas condições”. Nesse sentido, “um capital não existe e nem funciona, salvo em relação com um campo” (BOURDIEU; WACQUANT, 2005, p. 155), da mesma forma, determinado capital só tem valia com relação a determinado campo, ou seja, dentro dos limites deste campo (BOURDIEU, 2004c; 1983). Não

podemos deixar de mencionar que como um espaço de forças potenciais e ativas, o campo também pode ser analisado como um “campo de lutas”, que visa conservar ou transformar essas forças em questão.

Seguindo nessa ideia, Bourdieu (2004b) compreende os agentes como “indivíduos ativos” na estrutura do campo, podendo lutar contra as forças desse campo em razão de suas disposições. Frente a isso, o autor evidencia que em cada campo haverá uma luta, em que o novo tenta o direito de entrada, enquanto o dominante tenta defender o monopólio e excluir a concorrência. As relações objetivas entre diferentes posições de força orienta as estratégias utilizadas pelos agentes em decorrência de sua posição na estrutura desse campo, isto é, da distribuição de capital específico que possuem e a percepção que têm do campo sob o seu ponto de vista (BOURDIEU, 1983; BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

Seguindo na reflexão acerca das lutas incutidas nos campos, Bourdieu e Wacquant (2005) mencionam que tanto agentes quanto instituições estão constantemente em disputa pela apropriação de produtos específicos dentro do jogo. Nesse jogo, os dominantes agem por conveniência de manutenção das posições, no entanto, quase sempre enfrentam resistência por parte dos agentes dominados. É interessante pensarmos que são essas relações de força e de lutas que mobilizam e transformam as estruturas dentro do campo.

Sendo o campo um espaço social estruturado, é um campo de forças, no qual existem agentes e instituições que se classificam como dominantes e outros ao seu oposto, como dominados. Cada parte, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997).

No propósito da estrutura dos campos, aqueles que num estado determinado de relação de força, monopolizam o capital específico, tendem a estratégias de conservação (ortodoxia), ao passo que, os que possuem menos capital, normalmente os recém chegados, tendem a estratégias de subversão (heresia). Nessa esteira de análise do campo, Bourdieu (1983) aborda que

[...] os que possuem menos capital (que frequentemente são também os recém chegados e portanto, na maioria das vezes, os mais jovens) tendem à estratégias de subversão – as da heresia. É a heresia, a heterodoxia, enquanto ruptura crítica, frequentemente ligada à crise, juntamente com a doxa, que faz com que os dominantes saiam de seu silêncio, impondo-lhes a produção do discurso defensivo da ortodoxia, pensamento “direito” e de

direita, visando a restaurar o equivalente da adesão silenciosa da doxa (BOURDIEU, 1983, p. 90).

Tendo em vista o contexto dinâmico do campo, Bourdieu (2004b) salienta que, aqueles que nasceram num campo são dotados do privilégio do inatismo, pois dominam as leis não escritas de funcionamento, leis essas que acabam por se inscreverem nos agentes, gerando o que o autor denomina de “sentido do jogo”. Pois, quanto mais os agentes compreendem o jogo, mais se ajustam a ele e mais são possuídos por ele. Nesse sistema, os nascidos no jogo podem economizar em cinismo, já que têm o jogo encarnado (BOURDIEU, 2011).

Com relação a “ter o sentido do jogo”, Bourdieu descreve que:

[...] é ter o jogo na pele; é perceber o sentido prático e futuro do jogo; é ter o senso histórico do jogo. Enquanto o mau jogador está sempre fora do tempo, sempre muito adiantado ou muito atrasado, o bom jogador é aquele que antecipa, que está adiante do jogo. Como pode ele antecipar o decorrer do jogo? Ele tem as tendências imanentes do jogo no corpo, incorporadas: ele se incorpora ao jogo” (BOURDIEU, 2011, p.144).

Do mesmo modo, podemos pensar que o jogo se incorpora a ele, tendo em vista que a antecipação do jogador é imediata, mesmo que “algo” em questão não seja imediatamente percebido, mas é como se já estivesse ali. Isso ocorre quando um corpo socializado, aquele que incorporou as estruturas do mundo social, ou mais precisamente, do campo, acaba por estruturar também a percepção e a ação nesse mundo, essa “troca” entre o agente e o campo e o campo e o agente, pode ser compreendido por *habitus*. Para Bourdieu (2011), é por meio da experiência dóxica que atribuímos ao mundo uma crença mais profunda das que outras crenças no sentido comum do termo, já que essa crença a que estamos tratando não é pensada objetivamente como tal.

Nessa conjuntura Bourdieu (2004c) assegura que o bom jogador é aquele que faz o que deve ser feito, o que o jogo demanda e exige, e isso supõe um investimento de invenções permanentes para adequar-se às situações nunca idênticas. Embora embasado pelo rol de vivências constituidoras do *habitus* e do sentido do jogo, ele não é infalível e se distribui de maneira desigual, tanto numa sociedade quanto numa equipe.

Aproximando a noção de *habitus* com a noção de campo no sentido análogo ao de jogo, Bourdieu (2004c, p. 82) compreende o *habitus* como sendo o sentido do jogo,

“é o jogo social incorporado, transformado em natureza. Nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador. Ele fica naturalmente no lugar em que a bola vai cair, como se a bola o comandasse, mas, desse modo, ele comanda a bola”.

Essa antecipação a qual o autor se refere só é possível se o agente tiver o *habitus* como o mundo social inscrito no corpo, dessa forma, o agente (enquanto *habitus*) produz uma infinidade de atos de jogo que estão inscritos em estado de possibilidades e de exigências objetivas das coações e das exigências do jogo, mesmo que não estejam reunidas num código de regras, se impõe àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las.

Bourdieu (2004c) também chama a atenção àqueles agentes “desprovidos” de sentido do jogo do campo ao qual se inscrevem. Para ele,

[...] aqueles agentes que adquirem, longe do campo em que se inscrevem, as disposições que não aquelas que esse campo exige, arriscam-se, por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada, com todas as consequências que se possa imaginar (BOURDIEU, 2004c p. 29).

Mesmo que muitas vezes as duas noções mencionem situações similares, a principal diferença entre o campo e o jogo é que “o campo é um jogo no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo” (BOURDIEU, 2004a, p. 29). Seguindo na ideia do jogo e com a finalidade de melhor exemplificar, Bourdieu descreve que jogo é quando um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, e que mesmo sem ter a necessidade de obediência à regra, obedece certas regularidades. “O jogo social é regrado, ele é lugar de regularidade. Nele as coisas se passam de modo *regular*” (BOURDIEU, 2004a, p. 83).

Para construir um modelo de jogo que integre tanto as regras quanto as regularidades, é necessário refletir acerca dos “modos de existência diferentes” dos princípios de regulação e regularidade das práticas. Nesse contexto, o autor menciona o *habitus* – princípio da maior parte das práticas – como um conjunto de disposições regradas que gera condutas regulares e regradas. Ao retomar os princípios que tangem a produção de práticas regradas, Bourdieu (2004c, p. 85)



aciona que “é preciso levar em conta, ao lado do *habitus*, as regras explícitas, expressas, formuladas, que podem ser conservadas e transmitidas oralmente [...] ou pela escrita”.

Ainda em termos de definições, o *habitus* pode ser compreendido como um sistema de disposições para a prática, que mantém a regularidade dessas práticas, ou condutas, sendo que os agentes dotados de um mesmo *habitus* agem de determinada maneira frente a determinadas circunstâncias. Para Bourdieu, o *habitus* está intimamente ligado com a espontaneidade geradora que se afirma no confronto improvisado com as situações constantemente renovadas, pois estabelece com o mundo cotidiano uma lógica prática. Nessa esteira de análise nos faz um alerta: “é preciso tomar cuidado para não procurar nas produções do *habitus* mais lógica do que existe nelas: a lógica da prática é ser lógico até o ponto em que ser lógico deixaria de ser prático” (BOURDIEU, 2004c, p. 100).

Ao analisar um encontro de pessoas que constituem dois grupos com *habitus* formadores diferentes, chamado pelo autor de “encontro de duas séries causais independentes”, Bourdieu (2004c) observa que entre pessoas de um mesmo grupo – espontaneamente orquestradas – tudo é evidente, mesmo os conflitos, já com *habitus* diferente surge a possibilidade de colisão, de conflito. Nesse contexto, a codificação é compreendida pelo autor como um capital, tendo em vista que assegura uma comunicação mínima. Desse modo, nas interações estabelecidas nas sociedades pouco codificadas o encanto se perde, pois as ações ficam ao encargo do sentido do jogo, e para que os dominantes consigam exercer o seu papel sob os dominados, é preciso que sejam dotados do dom das relações sociais, ou como alerta o próprio autor, “[...] é preciso ser muito mais astucioso do que nas nossas sociedades” (BOURDIEU, 2004c, p. 101).

Tomando como base os argumentos até aqui descritos, salientamos, de acordo com Bourdieu e Wacquant (2005) que um campo não tem partes, mas sim, subcampos com lógica própria, regras e regularidades. Nesse sentido, todo o campo constitui um espaço de jogo potencialmente aberto, no qual as fronteiras são dinâmicas e também objeto de disputas. Para que seja possível realizar a análise de um campo é preciso observar três aspectos: o primeiro é a posição que o campo em questão ocupa frente ao campo do poder<sup>28</sup>; o segundo, diz respeito à identificação

---

<sup>28</sup> O campo do poder (que não deve ser confundido com o campo político) não é um campo como os outros: ele é o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital ou, mais precisamente,



da estrutura objetiva das relações entre as posições ocupadas pelos agentes ou instituições que competem pela forma legítima de autoridade específica do campo; e, o terceiro aspecto tem como foco a análise do *habitus* dos agentes (BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

Os autores dão sequência a essa ideia afirmando que os campos se apresentam com relação aos outros campos, como espaços estruturados de posições cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, que podem ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes, mas que, em parte, são determinadas por eles. A noção de campo nos faz lembrar que o verdadeiro objeto da ciência social não é o indivíduo em si, mas sim o campo. Tal afirmação não quer dizer que os indivíduos não existam, para Bourdieu e Wacquant (2005) eles existem, mas como *agentes* e não como indivíduos biológicos, atores ou sujeitos.

Em detrimento a essa denominação, compreendemos que os *agentes* são ativos e atuantes no campo em que estão inseridos, e por esse motivo, organizamos o primeiro capítulo da tese de forma a descrevermos inicialmente de modo teórico o campo esportivo, a partir de um olhar analítico voltado à construção dos corpos, do capital físico e corporal e de questões relacionadas aos corpos de mulheres no esporte. No entanto, antes de darmos prosseguimento aos escritos, entendemos como necessária uma breve explanação do que temos compreendido por capital físico e por capital corporal.

Ainda que Bourdieu utilize de ambas as terminologias para se referir ao corpo, quando o aborda a partir do espectro do capital físico (BOURDIEU, 1983), diz respeito às capacidades relacionadas à *performance* esportiva. Esse capital é essencial para a manutenção dos agentes no campo esportivo. No entanto, quando se trata de capital corporal, Bourdieu (2009a) o compreende como o “entrelaçamento” de outros capitais impressos e materializados no corpo dos agentes, como também, as habilidades físicas relacionadas às práticas esportivas que esse agente possui.

Muito embora o capital corporal seja a representação dos diferentes capitais “agregados” apresentados corporalmente, assume um significado singular quando

---

entre os agentes suficientemente providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo correspondente e cujas lutas se intensificam sempre que o valor relativo dos diferentes tipos de capital é posto em questão (BOURDIEU, 2011, p. 52).

analisado no contexto do campo esportivo. Tal significado é assumido no campo esportivo quando além do capital físico, necessário para a prática e *performance* esportiva, também está em jogo nesse campo, o capital corporal em seus aspectos que reforcem ou que evidenciem atributos normativos para os gêneros. Daremos sequencia nas análises sobre o capital corporal de mulheres no campo esportivo no subcapítulo a seguir.

## **2.2 O CAMPO ESPORTIVO E SUAS MOEDAS DE TROCA: O CAPITAL CORPORAL VALE O QUANTO PESA?**

Subsidiados pelas leituras anteriores sobre a teoria dos campos, e dessa forma, pela importância que o corpo físico tem na manifestação dos capitais, dos gostos e, principalmente, na materialização do *habitus*, propomos nesse subcapítulo discorrer sobre o campo esportivo e o capital corporal. Nosso interesse recai principalmente no entendimento de como o corpo incorpora e reproduz ações práticas, se posiciona e reposiciona dentro da estrutura do campo esportivo. Nesse cenário, apresentamos possibilidades de diferentes “pesos<sup>29</sup>” conferidos aos capitais corporais esportivos.

Para somar com a teoria bourdieusiana traremos para a reflexão análises realizadas por Lôic Wacquant em seu livro “Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe”, no qual o autor relata sua experiência como “participante observante” em uma academia de boxe no gueto da cidade de Chicago, nos Estados Unidos da América, e a partir dessa vivência, constrói a noção de capital pugilístico. Seguindo nessa esteira e com o intuito de agregar a nossa discussão elementos teóricos que tratam da desconstrução de corpos generificados, tomamos como base os escritos de Judith Butler sobre a desconstrução de gênero.

Tendo como pano de fundo nosso objeto de estudo – MMA praticado por mulheres – optamos por esse entrelaçamento de informações oriundas de diferentes fontes teóricas, com vistas a nos auxiliar no entendimento de um fenômeno esportivo atual, que tem o corpo como ferramenta e como vitrine das incorporações de disposições para a ação de um determinado espaço no qual foram produzidas e

---

<sup>29</sup> Quando abordamos a terminologia “peso”, estamos nos referindo à importância ou a legitimidade conferida.

o elemento gênero, que atribui ao capital corporal das lutadoras um “peso” muito específico.

### **2.2.1 O corpo como subsídio para compreensão do campo esportivo**

Como ficou evidenciado ao longo desse trabalho, estamos adotando como norteador teórico e metodológico a teoria dos campos desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Por esse motivo, antes de nos atentarmos ao capital corporal e seu peso relativo no espaço dos esportes, discorreremos de maneira sucinta sobre o campo esportivo, sua organização e suas disputas “mais legítimas”.

Muito embora Bourdieu (1983) tenha se autointitulado “amador” ao falar sobre as práticas esportivas, pedindo aos leitores que lhe fossem “esportivos”, evidenciou questões importantes acerca do campo esportivo, como também, nos forneceu ferramentas de análise e de leitura do esporte em sua conotação moderna ou atual. Considerando o esporte como um campo, Bourdieu (1983 p. 137) deixa clara a relativa autonomia característica desse espaço, alegando que a história do esporte é uma história relativamente autônoma e que, “mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica”.

Ele inicia o texto intitulado: “Como se pode ser esportivo?” relatando que o conjunto de práticas e de consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais diz respeito a uma oferta destinada a encontrar uma demanda. Ainda nessa esteira, o autor apresenta dois grandes questionamentos. O primeiro, diz respeito à existência de um espaço de produção dotado de uma lógica própria e de uma história própria na qual se engendram os produtos esportivos. E o outro, está direcionado às condições sociais de apropriação desses produtos esportivos, nesse sentido, o autor indaga: “como se produz a demanda dos ‘produtos esportivos’, como as pessoas passam a ter o ‘gosto’ pelo esporte e justamente por um determinado esporte [...] como prática ou como espetáculo?” (BOURDIEU, 1983, p.136).

Seguindo nessa linha de reflexão, Bourdieu nos fornece subsídios para compreendermos que as principais diferenciações que ocorrem no campo esportivo são entre o consumo e a prática, e entre o amadorismo e o profissionalismo. Nesse certame polarizado de ações práticas, algumas lutas são comuns ao espaço

esportivo, tais como o esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo e esporte popular, e, tendo em vista que o campo esportivo tem o corpo como sua principal ferramenta, as lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo também são travadas nesse *locus*.

Ao tratarmos de corpos legítimos, estamos nos referindo aos corpos dotados de capitais específicos suficientes para adentrarem o espaço esportivo e manterem-se nele. Além dos capitais anteriormente mencionados (econômico, social e simbólico), o campo esportivo possui um capital que adquire um sentido próprio nesse campo, que é o capital físico (BOURDIEU, 1983) e consequentemente, também o capital corporal (BOURDIEU, 2009a). Nessa conjuntura, Wacquant (2002) aborda a noção de capital pugilístico, que é uma espécie de soma entre o capital social, simbólico e, principalmente, corporal. O capital pugilístico é formado pela educação do corpo para a prática do boxe acrescido das estratégias de relacionamentos sociais e reconhecimentos simbólicos no espaço da academia de lutas, e também, no contexto do boxe norte americano, ou mesmo, internacional.

Bourdieu (1983) acredita que um dos efeitos políticos mais decisivos advindos dos esportes foi a separação entre os profissionais e os leigos – consumidores esportivos –, observadas por meio da passagem do esporte como prática de elite, reservada aos amadores, ao esporte como espetáculo produzido por profissionais e destinado – de modo geral – ao consumo das massas. Essa separação é mencionada em suas reflexões sobre o campo esportivo no livro “Questões de Sociologia”, quando evidencia sua posição de amador ao iniciar a escrita sobre o esporte. Nesse cenário de dualismos, Bourdieu (1983) observa que a carreira esportiva apresenta-se como uma das poucas vias de ascensão social às camadas populares, ao passo que é praticamente excluída do campo das trajetórias admissíveis para uma criança da burguesia, a menos que seja um esporte considerado distinto, tal como o tênis e o golf.

A expectativa ou a efetivação de mobilidade social por meio do esporte foi investigada no Brasil principalmente no cenário do futebol (DAMO, 2005; RIAL, 2008; SOARES et al, 2011). Em um contexto no qual os pais apresentam baixa escolaridade e também baixo poder aquisitivo, a carreira esportiva do filho passa a ser um projeto de ascensão social da família (SOARES et al, 2011). Tendo como base o campo esportivo e sua organização estrutural, dois elementos importantes são identificados nessas informações: o futebol como modalidade dominante e a

invisibilidade das mulheres esportistas. Se direcionarmos nosso olhar para o objeto de estudo dessa tese – o MMA praticado por mulheres – podemos, mesmo que de modo preliminar, posicionar a modalidade como periférica no espaço dos esportes e as mulheres nessa mesma posição frente ao subcampo do MMA, ou em termos bourdieusianos, duplamente dominada<sup>30</sup>.

Além da separação entre profissionais e amadores, Bourdieu (2004c) identifica que no mesmo sentido ocorre a separação entre esporte comum e o esporte espetáculo. Processo identificado também em outros campos, como o campo da dança, no qual “a constituição progressiva de um campo relativamente autônomo reservado a profissionais é acompanhada de uma despossessão dos leigos” (BOURDIEU, 2004c, p. 217). A nova lógica organizacional dos profissionais no campo esportivo relegam os não-profissionais à categoria de público. Esse público consumidor pode ser dotado ou desprovido de competências esportivas práticas, no entanto, ressaltamos que com a popularização dos meios de comunicação e a facilidade de acesso à notícia por meio da internet, cada vez mais os consumidores esportivos são desprovidos de competências práticas, e por esse motivo, se atentam aos aspectos extrínsecos a ela, como o resultado e a vitória (BOURDIEU, 2004c).

Atualmente, com a instantaneidade e a interatividade proporcionada pela internet, as matérias postadas em *websites* recebem o *feedback* dos leitores quase que imediatamente. Em se tratando do esporte, de maneira mais exacerbada ainda, pois, muitos consumidores esportivos têm incorporado o que escritor e ensaísta italiano Umberto Eco (1984) denomina de “falação esportiva”. Marques (2002) comenta que a falação é a possibilidade que o falante tem de compreender tudo, sem qualquer apropriação prática do esporte.

A influência mútua entre o campo esportivo e o campo midiático promovem ações práticas com esse formato – de falação – que podem ser visualizadas em *websites* esportivos ou em redes sociais diariamente, no qual muitas vezes os e as atletas sofrem críticas que vão além do seu desempenho esportivo. A troca instantânea de informações virtuais entre os escritores de determinada matéria e seus leitores/consumidores, promovem diversos debates polêmicos, como evidenciaram Grespan e Goellner (2014) ao analisarem cerca de 510 comentários

---

<sup>30</sup> Uma reflexão sobre a possibilidade do MMA praticado por mulheres assumir posição duplamente dominada no campo esportivo será desenvolvida no capítulo 4, no subcapítulo 4.3.

postados em três blogs especializados em lutas, tendo como foco a inserção da atleta transgênero Foloon Fox como lutadora profissional de MMA. Mesmo que em âmbito virtual, a recepção por parte dos consumidores esportivos das lutas, ou mais especificamente do MMA, promoveu – dentro de um limiar restrito – a reflexão sobre o engessamento da estrutura esportiva que é alicerçada no dualismo biológico e de gênero, no qual, não há espaço para corpos biologicamente modificados.

O corpo é a “peça-chave” para o entendimento das relações travadas dentro do campo esportivo, pois, é nele que estão impressas mais do que as modificações na estrutura fisiológica pelo desenho das formas ou pela hipertrofia dos músculos. É no corpo que estão impressas as ordens sociais e hierárquicas de cada modalidade, e também, de cada gênero. É pelo corpo que aprendemos aqueles ensinamentos que somente “ouvindo” não nos fazem sentido, ainda mais quando se trata de esportes e do processo de ensino e aprendizagem de uma modalidade.

Bourdieu (2004c) elucida que esse processo acontece por meio de uma comunicação silenciosa, pois a prática ocorre com o corpo. O autor compreende que a pedagogia esportiva é um terreno fértil para colocar um problema que normalmente é exposto no campo da política, “o problema da tomada de consciência” (p. 219). Pois, existe uma infinidade de coisas que compreendemos somente com o nosso corpo, algo que vai além da consciência ou das palavras, descrições que se aproximam da noção de crença.

Nessa esteira, Bourdieu (2007b) afirma que o conhecimento pelo corpo garante ao agente uma compreensão prática do mundo, no qual, o corpo é sujeito de um processo de socialização que tem como produto uma individualidade singular que só existe forjada nas e pelas relações sociais. Nessa relação com o mundo que ocorre no sentido de pertencer ao mundo e de ser possuído por ele, o autor elucida que o grau de pertencimento ou investimento de um agente em sua relação com o mundo pode ser mensurado pelas modificações corporais, que não são estanques, mas sim, dinâmicas.

O *habitus*, produto da incorporação de uma ordem social ou de um campo

[...] se enraíza numa maneira de manter e conduzir o corpo (uma *hexis*), uma maneira de ser durável do corpo duravelmente modificável modificado que se engendra e se perpetua, transformando-se continuamente (em certos limites), numa relação dupla, estruturada e estruturante, com o ambiente. O *habitus* constrói o mundo por uma certa maneira de se orientar nele, de lhe dirigir uma atenção que, como aquela do saltador que se concentra, é tensão

corporal ativa e construtiva para o futuro iminente [...] (BOURDIEU, 2007b p.175).

Sendo o corpo elemento central para a compreensão da teoria bourdieusiana<sup>31</sup> (MONTAGNER, 2006; MEDEIROS, 2011) e fundamental na prática esportiva, diversas analogias com os esportes são tecidas por Bourdieu a fim de ilustrar ações do mundo social, como aquelas mencionadas anteriormente em referência ao "sentido do jogo". Quando se trata do aprendizado pelo corpo, Bourdieu (2007b, p. 176) cita que

Ao contrário dos mundos escolásticos, certos universos como o do esporte, da música ou da dança, requerem um envolvimento prático do corpo, logo uma mobilização da "inteligência" corporal, capaz de determinar uma transformação, e até uma inversão das hierarquias ordinárias.

A escolha de uma prática esportiva está intimamente ligada à relação que o agente estabelece com o próprio corpo, e conseqüentemente, com as modalidades esportivas que vem a praticar ou a consumir. Além de qualquer busca de distinção é na relação com o próprio corpo, enquanto dimensão privilegiada do *habitus*, que as classes privilegiadas se distinguem das classes populares (BOURDIEU, 1983).

Essa diferenciação na percepção e também na apresentação dos corpos de acordo com a classe social recai fortemente sob os significados e suas variações que determinada "padronagem" corporal representa. Bourdieu (1983) traz como exemplo de efeito dos exercícios físicos no "corpo externo", a força aparente de uma musculatura visível, que é preferida por uns, ou a elegância, a destreza e a beleza, escolhida por outros. Em estudos realizados na cidade do Rio de Janeiro, a antropóloga Mírian Goldenberg identificou que nessa cidade, o capital corporal está atrelado a ter uma aparência jovial. A autora comenta que "o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis [...] e sem excessos [...] é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido" (GOLDENBERG, 2006, p. 118).

Goldenberg (2006), que estuda os arranjos e rearranjos conjugais na sociedade carioca desde 1988, identificou uma nova e recorrente categoria nos discursos de seus entrevistados (homens e mulheres), o corpo. Muito embora

---

<sup>31</sup> Uma trajetória histórica de escritos de Bourdieu sobre o corpo pode ser consultada em artigo escrito por Medeiros (2011).



atualmente no Brasil ter a musculatura desenvolvida de maneira “comedida”<sup>32</sup>, é sinônimo de cuidado com a saúde e a aparência, existem disposições específicas que diferem um “corpo malhado”, mas dotado de capital econômico e cultural, de outro corpo igualmente malhado, porém, com capital econômico e cultural limitados. O corpo como objeto de desejo apresentado pela antropóloga é mais do que o corpo físico ou o “corpo exteriorizado”, mas sim, diferentes formas de capitais agregados ao corpo físico que lhe conferem visibilidade, legitimidade e externam a posição social ocupada por determinado agente, “detentor” daquele corpo.

O corpo para a apreciação de outrem, ou como Bourdieu (2009a) denomina: “o corpo para o outro”, é resultado de investimentos em sua construção e manutenção, que ocorre por meio de práticas corporais e esportivas tendo como fim o culto higienista e de saúde, investimentos em cosméticos e em dietética adequada, no sentido de retardar ou camuflar evidências do envelhecimento. Tomando como base o investimento em capital corporal específico do campo esportivo, o autor estabelece como lei geral que “um esporte tem maiores possibilidades de ser adotado pelos membros de determinada classe social na medida em que não contradiz a relação com o corpo no que este tem de mais profundo [...], o esquema corporal” (BOURDIEU, 2009a, p. 205).

Os lucros proporcionados pelas práticas esportivas têm recepções desiguais conforme a classe social (BOURDIEU, 2009a), nesse sentido, o autor alerta que não é por acaso que os levantadores de peso foram por muito tempo um espetáculo tipicamente popular, ou ainda, que a demora no reconhecimento do halterofilismo pelas autoridades olímpicas, muito possivelmente se deveu ao vínculo desse tipo de esporte à “força pura, brutalidade e a indiligência intelectual, ou seja, as classes populares” (BOURDIEU, 1983, p. 149). Se concatenarmos essas características ao histórico das práticas esportivas das mulheres, fica evidenciado o porquê do boxe feminino ter sido incluído como esporte olímpico somente em 2012, em Londres.

Por ser uma espécie de *mimesis* da vida social, ou da posição que o agente ocupa no espaço social, as práticas esportivas reproduzem valores e ações comuns àquelas já desenvolvidas em outros espaços, tais como a submissão e docilidade, ou mesmo, a agressividade ou a liderança. A preocupação com a distinção, com a

---

<sup>32</sup> Quando falamos de comedimento na desenvoltura muscular, estamos tratando de musculaturas que demonstrem cuidado com o corpo no sentido da prática regular de exercícios físicos e alimentação saudável, mas com volume muscular de acordo com um limiar que mantenha a desenvoltura corporal (*habitus*) de agentes detentores de capital econômico e cultural elevados.



falta de gosto e a relação com o próprio corpo afastam agentes das classes dominantes de práticas esportivas como o boxe ou a luta livre, ou ainda, qualquer outra modalidade que exponha seus corpos desnudos, que exija força e intenso contato físico com o oponente (BOURDIEU, 1983; 2009a).

Bourdieu (1983, p. 151) justifica tal afirmação alegando que os valores em jogo, tais como a exaltação da competição e das virtudes exigidas, força, resistência, disposição à violência, espírito de sacrifício de docilidade e de submissão à disciplina coletiva, “é uma antítese perfeita da distância em relação ao papel que os papéis burgueses implicam”. No entanto, tais características não impedem que não praticantes mercantilizem e espetacularizem determinada modalidade esportiva, conferindo-lhe uma nova roupagem, ao ponto que agentes detentores de capital econômico e simbólico sejam o “novo” público de consumidores, e consequentemente, instiguem outras parcelas com menor capital econômico a consumirem. Esse excerto pode ser remetido ao MMA enquanto modalidade, que após investimento dos irmãos Fertitta somado à figura midiaticizada de Dana White, transformaram o UFC no maior evento da modalidade, além da aquisição de outros eventos nesse formato<sup>33</sup>.

As variações de práticas esportivas, segundo as classes, referem-se às diferenças nas formas de percepção e apreciação das vantagens quanto as variações dos custos econômicos, culturais e corporais. No entanto, precisamos nos atentar que os agentes conferem propriedades a diferentes objetos de acordo com seus esquemas de apreciação, ou seus *habitus*, e dessa forma, não podemos supor que os praticantes de um mesmo esporte lhe confirmem o mesmo sentido e esperam da prática os mesmos ganhos (BOURDIEU, 2009a). Se focarmos nos praticantes de uma modalidade de luta, arte marcial ou esporte de combate, muito provavelmente, encontraremos uma maioria de praticantes amadores, que buscam essa modalidade por pré-disposições de seus *habitus*, mas que não almejam fazer dela sua profissão. A diferença na forma de encarar a prática (amadora ou profissional) é que organiza e orienta a relação do agente com seu corpo.

Além da relação com o corpo que determinada modalidade esportiva confere, Bourdieu (2009a) cita outras características que devem ser consideradas ao analisarmos as práticas esportivas, como o tempo de prática (se pratica desde tenra

---

<sup>33</sup> No capítulo 3 desenvolveremos mais a parte histórica do UFC.

idade ou iniciou a prática na vida adulta); o espaço físico em que é praticado; a utilização de instrumentos; e a frequência com que essa modalidade esportiva é praticada (se ocasionalmente, semanalmente ou em períodos de férias). Ainda nessa linha de raciocínio, o autor argumenta que a probabilidade de praticar diferentes esportes depende inicialmente do capital econômico do agente, e em seguida, do capital cultural e do tempo livre. O capital físico não aparece como determinante na escolha dessas práticas, no entanto, se apresenta quando se tratam de esportes “populares”, mais praticados durante a juventude, e que ao longo dos anos são abandonados pelos seus praticantes. Ao contrário, estão os esportes “burgueses”, que são praticados para a manutenção física e também social, sua prática se estende para além da juventude, principalmente se forem dotadas de prestígio e exclusividade, tal qual o golfe (BOURDIEU, 1983; 2004c; 2009a).

Como já mencionamos, é o estilo de vida que fundamenta a relação de um agente com seu próprio corpo, e essa relação, por sua vez, orienta as escolhas de práticas sociais e esportivas. Em se tratando de estilo de vida, Bourdieu (1983; 2009a) evidencia o modo instrumental que as classes mais populares estabelecem com o corpo e exprimem em todas as práticas que têm o corpo com objeto ou questão de disputas, tais como o “regime alimentar ou cuidados de beleza, relação com doença ou cuidados com a saúde, também se manifesta na escolha de esportes que demandam um grande investimento de esforços, às vezes de dor e sofrimento (como o boxe)” (BOURDIEU 1983, p.151).

De maneira oposta, as classes mais privilegiadas à “estilização da vida” tendem a se relacionar com o próprio corpo com vistas a atender as prerrogativas higienistas de cuidado e aparência dos corpos, somado ao rigor das dietas e o treinamento pelo treinamento, tendo a estética corporal como fim. Para essa classe, a prática esportiva é vislumbrada como um meio promotor de encontros e sociabilidade, pois reforça a manutenção ou mesmo a ampliação do capital social (BOURDIEU, 2009a). Acerca dessas informações, Bourdieu (1983, p.152) alega que:

[...] é sem dúvida entre as profissões liberais e a burguesia de negócios da velha estirpe que as funções higiênicas e estéticas são acrescidas mais claramente de funções sociais, os esportes se inscrevendo, da mesma forma que os jogos ou as trocas mundanas (recepções, jantares, etc.) às numerosas atividades “gratuitas” e “desinteressadas” que permitem acumular capital social.

Em se tratando de atividades gratuitas ou desinteressadas, em seu texto intitulado “É possível um ato desinteressado?”, Bourdieu (2011) explica que essa “gratuidade” ou desinteresse diz respeito a um ato louco, absurdo, ou no sentido que é mais comum, um ato gratuito é um ato que é realizado por nada, que não é pago. Um ato desinteressado é contra o utilitarismo de uma determinada prática e demanda investimento, pois, as ações aparentemente desinteressadas esconderão intenções de maximizar alguma forma de lucro, lucro simbólico, que se materializa no que o autor caracteriza como capital simbólico.

Tomando como pressuposto a prática esportiva como um ato desinteressado para determinados extratos sociais, podemos “ver além” da prática por si só, mas também, enfocarmos no “utilitarismo desinteressado” promovido pelas ações práticas no campo esportivo, que por sua vez, refletem no angariamento de capitais tão importantes, ou mais, do que aqueles adquiridos em outros campos.

Em contrapartida, os agentes que demonstram interesse de intervenção no campo experimentam um estado de disputas que especificamente no campo esportivo recai sob a luta pela transformação na oferta e na demanda de práticas esportivas, sejam elas antigas, remodeladas ou inventadas. Essas novas práticas fomentam também novas disputas, a começar pela legitimidade da prática e pela clientela; lutas entre diferentes esportes para o remanejamento na posição que ocupam no campo esportivo e no interior de cada esporte; lutas entre as diferentes escolas ou tradições; e, entre diferentes categorias e agentes dominantes de cada setor. Essas características ressaltam as disputas vinculadas às tentativas de transformação na oferta, quando voltamos nosso olhar para as transformações na demanda de consumidores, as transformações que devem ocorrer na dimensão dos estilos de vida (BOURDIEU, 1983).

Nesse contexto, a oferta está vinculada a um programa de práticas esportivas caracterizadas por suas propriedades técnicas e por suas relações estruturais. Bourdieu (2004c) assinala que a oferta, quando vinculada ao capital social, favorece o aparecimento de praticantes modais. No entanto, quando o autor trata de elementos relacionados à procura, aborda questões sobre as disposições iniciais que aproximam um determinado agente da prática, o *habitus*.

Em se tratando de modalidades esportivas, grupos específicos assumem disposições muito semelhantes em um contexto esportivo, como por exemplo,

podemos falar da formação de um *habitus* do futebol feminino na cidade de Curitiba – Brasil (SALVINI, 2012) ou ainda, de um *habitus* pugilístico forjado em um gueto na cidade de Chicago – Estado Unidos (WACQUANT, 2002). As especificidades de um *habitus* esportivo dizem respeito ao contexto histórico e a posição que determinada modalidade ocupa no espaço esportivo do país. Quando Wacquant (2002) identifica a constituição de disposições específicas para a ação no espaço do *gym*, identifica também a existência de um *habitus* compartilhado pelos frequentadores daquele espaço.

O *habitus* incorporado e materializado no corpo do lutador de boxe profissional e suas caracterizações, a forma de se portar, agir, comer e respeitar aquele espaço de treinamento do corpo – da mente e da alma – foram descritas e categorizadas por Wacquant (2002). Após inúmeras conversas do pesquisador com pugilistas, três imagens retratam o corpo do lutador: uma máquina, uma arma e uma ferramenta. “E, em todos os casos, esse corpo merece dedicação e atenção, e requer um incessante ‘trabalho de manutenção’ que é quase um autêntico culto profano” (WACQUANT, 1998, p. 75).

Wacquant (1998; 2002) alega que a metáfora mais utilizada tanto pelos lutadores como pelos técnicos, para falar de seus corpos é a de uma máquina ou um motor que precisa ser regulado, alimentado com o combustível certo, cuidado de maneira adequada, ter seus filtros limpos e peças verificadas constantemente. Nesse sentido, o automóvel é o análogo preferido. Uma segunda etapa de metáforas se aproxima de imagens militares, como armas e armaria. O autor justifica que o corpo do pugilista “é ao mesmo tempo sua arma de ataque e sua única proteção contra os golpes desferidos por seu oponente” (WACQUANT, 1998, p.77), por esse motivo, os lutadores gostam de se retratarem como os guerreiros dos dias de hoje.

A terceira imagem corporal identificada por Wacquant (1998, p. 78) diz respeito à ideia de ferramenta, que retrata “um instrumento de trabalho que deve ser continuamente readaptado à finalidade indicada”. Com base em relatos dos lutadores, o autor ressalta que assim como uma máquina ou uma arma, o corpo ferramenta também deve ser usado e mantido de maneira adequada, para que não se torne ineficaz, perdendo seu valor. Chamamos a atenção para a relação instrumental que se estabelece ente o lutador e o seu corpo, que muitas vezes é utilizado como uma possibilidade de angariamento de fins monetários, mas nem por isso a preocupação de ordem estética é excluída. Wacquant (1998 p. 79) relata que

“os lutadores querem parecer elegantes, bem arrumados e ‘durões’”. Constatação muito parecida foi diagnosticada ao adentrarmos o subcampo do MMA em Curitiba e ouvirmos os relatos das lutadoras. As quais tem seu foco principal no treinamento e na *performance*, mas alegam que também estão atentas aos cuidados com a aparência. Especialmente com as lutadoras entrevistadas, o interesse em apresentar-se em consonância com os estereótipos de gênero foi evidenciado.

A representação de alguns elementos que reforcem a normatividade do ser homem é evidenciada no contexto do *gym*, que estava localizado num gueto da cidade de Chicago e que foi investigado por Wacquant nos anos 1990. No decorrer da história dos esportes, muitas modalidades reforçaram atributos ou características da normatividade feminina ou masculina, apesar disso, atualmente, as mulheres adentraram espaços esportivos muito semelhantes ao do *gym*, elas profissionalizaram-se em esportes de luta, mas ainda galgam legitimidade, ou seja, estão no espaço esportivo que antes lhes era restrito, mas ocupando posições às margens.

Goellner (2013) compreende que as construções de gestualidades que representam saúde, beleza e desempenho são históricas, tendo suas raízes em diferentes tempos e culturas que associaram determinadas posturas e escolhas aos homens ou às mulheres. No entanto, a autora descreve que por meio dos estudos de gênero foi possível identificar que os processos generificadores que constituem os esportes produzem e reproduzem diferentes modos de masculinidades e feminilidades, os quais por serem construções históricas, são mutantes e provisórios.

Tendo como base a noção de capital corporal, capital físico e campo esportivo, somado às modificações corporais promovidas pelo esporte, a seguir desenvolveremos uma reflexão sobre os corpos das mulheres esportistas e as estratégias para manutenção ou mobilidade no campo esportivo por meio das apresentações e representações de seus corpos.

### **2.2.2 Corpos generificados no espaço esportivo: representações “de peso”**

Nosso enfoque nesse momento é na apresentação e representação de corpos de mulheres no campo esportivo. Falar sobre corpos de mulheres e não adentrarmos na questão do gênero é uma tarefa praticamente impossível, no

entanto, engessarmos esse conceito como papéis fixos no contexto esportivo, também nos parece impossível. Por esses motivos, a intenção nesse momento é apresentar algumas possibilidades de reflexões articulando as informações teóricas apresentadas até o presente momento, com alguns elementos e teorias que versam sobre a construção corporal e a desconstrução de um tipo fixo para os gêneros.

Antes de darmos continuidade às nossas digressões, julgamos ser importante apresentar de maneira sucinta o conceito de gênero, para que possamos ao longo desse escrito, reflexionar seus usos de modo concomitante com outras formas de leitura tendo como espectro o corpo da mulher atleta, mais do que isso, o corpo modificado para e pelo esporte sem perder de vista as noções de mercado.

Nesse sentido, relembramos que os primeiros estudos que consideraram um público específico de mulheres foram chamados de estudos de mulheres. Essa categoria tinha interesse em apresentar ao público de leitores uma realidade que as linhas da história pouco ou nada relatavam: a realidade e a participação das mulheres nos mais diferentes aspectos da sociedade. No decorrer de lutas, reflexões teóricas e políticas, aos poucos os estudos sobre mulheres passaram a envolver aspectos relacionais da relação entre homens e mulheres, e dessa maneira, foram sendo construídos os então chamados estudos de gênero.

Tendo como pano de fundo um momento específico da história das teorias sociais sobre a diferença sexual, o conceito de gênero foi desenvolvido no seio do pensamento feminista. Piscitelli (2002) comenta que entre as décadas de 1920 e 1930 mulheres que viviam no continente europeu, na América do Norte e em outros países, conseguiram romper com algumas formas de desigualdade em termos legais, como o direito à educação e ao voto.

Piscitelli (2002) argumenta que as funções reprodutivas femininas são o centro da produção da desigualdade sexual, que tem no corpo físico a materialização da opressão sexual e a desigualdade. A autora segue alertando que categorias e conceitos como: mulher, opressão e patriarcado são centrais no pensamento feminista pós 1960, e dessa forma, tornam-se imprescindíveis para compreender o contexto no qual se desenvolveu o conceito de gênero.

A hipótese de Adelman (2004, p. 28) sobre os movimentos sociais, culturais e políticos que ocorreram na década de 1960, é que essa “foi uma época que inaugurou novas trocas e novos diálogos culturais e sociais”, com participação de novos atores e novas formas de ver e pensar, que permitiram que as relações de

poder fossem mais facilmente captadas e posteriormente, formuladas em teorias, do que em outros contextos históricos.

Essa década, marcada pelo clima de contestação da ordem normativa, em que grupos marginalizados e estigmatizados saem dos guetos em busca de seus direitos e de poder assumir abertamente uma identidade gay ou lésbica. Nesse contexto, nasce uma nova vertente do movimento de libertação das mulheres e da visão feminista, fato que representa uma ruptura em relação a uma fase anterior do radicalismo dos anos 60 (ADELMAN, 2004).

Para Piscitelli (2002) esse conceito caracterizado como instigante e desafiador vem se disseminando rapidamente a partir da década de 1980. Também foi nessa década que os estudos de gênero começaram a aparecer nas publicações da Educação Física (DEVIDE *et al*, 2011) e de maneira mais específica, na Revista Brasileira de Ciência do Esporte, a temática passa a ter discussões de maior densidade teórica na década de 1990 (SOARES, 2007).

Outra vertente de estudos sobre minorias sexuais e gênero, a teoria Queer, emergiu nos Estados Unidos no final da década de 1980 e teve suas primeiras publicações no Brasil no início dos anos 2000<sup>34</sup>, (MISKOLCI, 2009). Para Louro (2001) a política Queer – articulada por um grupo de intelectuais – tem como principal crítica e oposição à centralidade da heteronormatividade compulsória, como também, à normatização proposta pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Dessa forma, “Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO, 2001, p. 546). A autora menciona que o termo *Queer* pode ser traduzido por estranho, ridículo, excêntrico, raro, extraordinário e destaca que essa expressão, quando direcionada aos homens, assume tom pejorativo. Nesse sentido, Miskolci (2014) compreende que fazer uso desse termo para denominar uma linha de pesquisa foi, sobretudo, um ato político de ressignificação da injúria.

Um dos livros mais representativos sobre a teoria Queer tem como título: “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade”, escrito pela filósofa norte-americana e pós-estruturalista Judith Butler, que além de apresentar uma genealogia do conceito de gênero no cenário da teoria feminista, aborda pela

---

<sup>34</sup> Para melhor compreender a genealogia da Teoria Queer no Brasil, sugerimos consultar o trabalho de revisão bibliográfica desenvolvido por Benetti (2013).



primeira vez o que viria a ser um dos conceitos centrais da teoria Queer, a performatividade de gênero (BENETTI, 2013). Nessa linha de análise, Rodrigues (2012) relata que a proposta de Butler é pensar o corpo como uma superfície politicamente regulada, e não como um dado natural. Por esse motivo, Butler (2003) acredita que a performance de gênero pode se dar em qualquer corpo, desconectando-se da ideia que cada corpo corresponde somente a um gênero.

Muito embora nossa proposta na presente pesquisa não seja a de tratar das performances de sexo e gênero, um dos questionamentos sobre materialidade dos corpos, ou os pesos conferidos aos corpos heteronormativos, apresentados por Butler na introdução de seu livro *"Bodies that Matter: On the Discursive Limits of 'sex'"*, nos chamou a atenção.

Mesmo que os corpos os quais estamos nos propondo a estudar não são corpos que extrapolam a linearidade heteronormativa entre sexo e gênero, a noção de "corpos que pesam", nos parece apropriada para fazermos uma leitura dos corpos de mulheres no esporte, principalmente quanto à noção de capital corporal, sua incorporação e representação. Para Butler (2000, p.166) a materialidade do sexo é alicerçada no discurso, e então,

[...] esta demarcação produzirá um domínio do "sexo" excluído e deslegitimado. Portanto, será igualmente importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos são construídos, assim como será importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos não são construídos, e, além disso, perguntar, depois, como os corpos que fracassam em se materializar fornecem o "exterior" – quando não o apoio – necessário, para os corpos que, ao materializar a norma, qualificam-se como corpos que pesam.

Compreendemos que a materialização da norma nos corpos é um processo de incorporação orientado pelas relações sociais e pelas ações práticas, nesse sentido, a socióloga Berenice Bento (2006) apresenta a possibilidade de aproximação entre elementos da teoria da prática de Pierre Bourdieu e da teoria *performance* de Judith Butler, por compreender que ambos autores têm “a prática como modalidade explicativa das relações sociais”. Tomando como base a noção de *habitus*, Bento (2006, p. 95) propõe a existência de um *habitus* de gênero, que em sua concepção é

[...] construído pela reiteração, que, na socialização primária, encontrará nas instituições familiares, escolares e religiosas os



responsáveis por este processo de reprodução das verdades que, pouco a pouco, vão se naturalizando e sendo incorporadas.

Se tomarmos como ponto de partida a existência de um *habitus* de gênero, estamos pressupondo que tanto o *habitus* quanto a noção de gênero são dinâmicos. Se enfocarmos em um *habitus* do MMA praticado por mulheres na cidade de Curitiba, teremos um resultado bastante específico, embora, quando se trata de capital físico voltado ao esporte, algumas disposições são semelhantes, mesmo em modalidades – ou subcampos – diferentes, especialmente no que se refere à apresentação corporal. Vale ressaltar que o capital físico para o esporte em diferentes modalidades está alicerçado na *performance* esportiva, no entanto, questões generificadas relativas ao capital corporal das mulheres esportistas (o qual abarca o capital físico no campo esportivo) são evidenciadas para além do desempenho esportivo

Trabalhando com a possibilidade de pluralidade nas formas de ser mulher esportista, e nos utilizando da possibilidade de flexibilidade do *habitus* de gênero<sup>35</sup>, trazemos à tona alguns estudos (JAEGER, 2009; JAEGER; GOELLNER, 2011; SILVEIRA, 2013; Cardoso et al. 2012; 2015) a fim de ilustrar tal cabedal. Ao direcionar seu olhar para as mulheres fisiculturistas, Jaegger (2009) e Jaegger e Goellner (2011) identificaram e analisaram corpos marcados pelo investimento concomitante em volume e definição muscular e também, na utilização de artefatos que reforçam a exacerbação de uma feminilidade normalizada inscrita numa representação singular de gênero. Para as autoras,

Ao analisarmos a construção das diferentes feminilidades que o fisiculturismo produz, destacamos que está em curso uma tentativa de atenuar a potencialização muscular feminina, produzindo corpos ajustados aos discursos e às representações que assumem que o músculo não estraga o corpo de mulher, desde que ele seja comedido, e mais, que o seu invólucro chame mais atenção do que ele. Isso significa dizer que a preparação dos cabelos, a maquiagem, os cuidados com as unhas, o tom da pele, os trajes em cores e os bordados destacados, os brincos, os anéis, as pulseiras, os saltos altos e os gestos precisam sobressair-se ao músculo; no mínimo, precisam deixar esses corpos marcados pelo uso excessivo de artifícios que afirmam e reafirmam sua hiperfeminilidade normalizada (JAEGER; GOELLNER, 2011 p. 972).

<sup>35</sup> Embora a maioria dos estudos de gênero enfoquem a presença das mulheres em espaços de reprodução de preceitos de masculinidade, existem estudos que mostram o caminho inverso, homens/meninos, buscando adentrar um espaço que historicamente foi ocupado pelas mulheres, tal como a ginástica rítmica, temática discutida na tese de doutoramento de Johanna Coelho Von Mühlen, intitulada: “Inserção dos meninos no universo cultural da Ginástica Rítmica gaúcha: Pesquisa-ação na Federação Riograndense de Ginástica”.

A noção de hiperfeminilidade normalizada, mencionada pelas autoras, visa ilustrar a utilização de artimanhas ou apetrechos para legitimar ou tornar crível determinada representação, especialmente nos momentos de fachada (GOFFMAN, 2013), durante as exposições nos eventos e nas competições. Dessa forma, mesmo que algumas atletas do fisiculturismo neguem-se a incorporar esse tipo de investimento cosmético, apresentando corpos sem “filiação” de gênero, ou desgenerificados, outra grande parte dessas mulheres reproduzem em seus corpos musculosos o discurso da necessidade de aproximação – mesmo que por meio de cosméticos – a uma noção de feminilidade normativa.

Ao associar novas possibilidades de construções corporais para e no esporte ao uso de *doping*, ou das novas tecnologias, Silveira (2013) analisa as políticas de verificação de gênero no esporte e a repercussão midiática de dois casos específicos: da corredora sul-africana Caster Semenya e da nadadora brasileira Rebeca Gusmão. Ambos os casos atraíram a atenção das concorrentes e dos meios de comunicação, pelo desempenho acima da média e também pelo volume muscular das atletas incomum ao padrão biológico feminino. O teste antidoping realizado em Rebeca Gusmão antes dos Jogos Pan-Americanos de 2007<sup>36</sup> apontou para presença do hormônio testosterona acima do permitido, sendo essa atleta suspensa por dois anos pela Federação Internacional de Natação (FINA).

Ainda em 2007, após ser banida de competições de natação, Rebeca Gusmão reaparece na mídia com a construção corporal que pouco lembra suas performances nas piscinas e alegando que seria atacante de uma equipe de futebol em Brasília/DF (ALMEIDA, 2008). É evidente que quando se trata de esporte de alto rendimento cada modalidade apresenta uma série de aptidões físicas e corporais para a execução ótima de sua prática, nesse sentido, o fato de ter tido algumas experiências antes de se profissionalizar na natação e estar com a construção corporal excedendo os limites de peso de uma nadadora, não legitimam sua entrada em outro subcampo esportivo, mas sim, reforça a ideia de que o futebol é um espaço com permissibilidades alargadas no que tange às construções corporais, ou seja, reforça o formato amador que a prática ainda assume no Brasil.

---

<sup>36</sup> Nessa ocasião, Rebeca Gusmão recebeu quatro medalhas, duas de ouro (50m e 100m livre), uma de prata no revezamento 4x100m e uma de bronze no revezamento medley 4x100m (O GLOBO ONLINE, 2008).

Construções corporais híbridas, seja pela utilização de substâncias “dopantes” ou por terem naturalmente nascido com os dois sexos, são recorrentes no universo esportivo, no entanto, só vem à tona quando as atletas apresentam desempenho acima do esperado para o sexo feminino e também, por apresentarem características corporais que se afastam da centralidade normativa do gênero feminino. Ao conquistar a medalha de ouro nos 800 metros rasos no Campeonato Mundial de Atletismo realizado em 2009 na cidade de Berlim, o gênero da sul-africana, Caster Semenya, foi questionado. A corredora teve sua intimidade violada, quando sua androginia foi veiculada por meios de comunicação em nível global. Semenya alegou que “pouco lhe importava as acusações, uma vez que seria, antes de tudo, uma atleta” (SILVEIRA, 2013, p.124). Tal relato nos remete às análises tecidas por Bourdieu (2007a) quando se refere aos corpos das mulheres atletas e não atletas. Para o autor, a percepção corporal de mulheres atletas se diferencia das não atletas por compreenderem o corpo como parte da *performance* esportiva, sendo, acima de todos os estereótipos e classificações, esportista.

Em nosso país, dois casos de androginia no esporte ganharam visibilidade midiática, o da judoca Edinanci Silva e o da jogadora de vôlei Érika Coimbra. Lessa e Votre (2013, p.269) explicam que essas atletas “nasceram mulheres, mas tiveram a sexualidade contestada porque apresentavam características de ambos os sexos, excesso de hormônio masculino e precisaram passar por cirurgias reparadoras para competirem como mulheres”. Depois de ter sido submetida a um “teste de feminilidade”, Edinanci passou por uma cirurgia de redesignação do sexo – com vistas a “ajustar” sexo e gênero – para poder participar dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. Em setembro do ano seguinte a jogadora da seleção brasileira juvenil de vôlei, Érika, submeteu-se a um procedimento cirúrgico e realizou tratamento hormonal, após ter sido banida do Mundial de Vôlei sob pena da equipe ser desclassificada do torneio (LESSA; VOTRE, 2013).

Lessa e Votre (2013) mencionam que em maio de 2004 novas regras para participação de atletas transexuais e os interssex (andróginos) foram apresentadas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). As mesmas foram atualizadas para os Jogos Olímpicos de 2016 realizados no Rio de Janeiro. Dentre as quais o COI estabelece que na mudança do sexo biológico masculino para o feminino é preciso que a atleta tenha declarada a identidade de gênero feminina e que o nível de testosterona seja mantido um ano antes e durante todo o período de competição

num limiar abaixo de 10 nmol/L. Quando a mudança de sexo for de feminino para masculino, o documento não ilustra restrições (ZEIGLER, 2016).

Nessa esteira, pensar as modificações corporais promovidas tanto pelo uso de substâncias farmacológicas para melhoria da *performance*, ou mesmo o que estamos chamando de “doping natural”, são nada menos que o reflexo do esporte de alto rendimento. Silveira (2013) apresenta um contraponto entre as necessidades de “adequação” das mulheres atletas que vivem no limiar entre superação da *performance* – que exige cada vez corpos mais fortes, musculosos e velozes – e que também precisam estar em conformidade com os padrões sociais heteronormativos.

Os relatos tecidos até aqui ilustram a maleabilidade do corpo como fenômeno manipulável. Para o sociólogo francês David Le Breton (2003, p.28), “a anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao *design* do momento”. O autor entende o corpo como peça principal da afirmação pessoal, e como algo inacabado, que por sua vez carece de constantes emparelhamentos e investimentos em sua exterioridade, pois “é preciso se colocar fora de si para se tornar si mesmo” (LE BRETON, 2003 p.29).

Em consonância com as abordagens que trouxemos até o momento, a categoria de análise elaborada por Le Breton (2003 p.40) *body building* pode nos auxiliar na compreensão da construção de um corpo voltado para a *performance*, ou em suas próprias palavras, corpo máquina. A identidade modelada por músculos é o resultado de ações práticas disciplinadas e conjugadas de séries de exercícios físicos e cuidados com a dietética. “O *body building* é um hino aos músculos, um virar o corpo do avesso sem esfoladura, pois as estruturas musculares são tão visíveis sob a pele viva dos praticantes quanto nas pranchas de Vesálio<sup>37</sup>” (LE BRETON, 2003, p.42).

Da mesma forma que outras modalidades esportivas, o *body building* ou o fisiculturismo assumem peculiaridades (JAEGGER, 2009), no entanto, as características apresentadas por Le Breton (2003) podem ser aplicadas às outras arquiteturas corporais construídas no e pelo esporte, que apresentam similitudes em sua essência, como a disciplina física e alimentar. Tais peculiaridades tomam forma

---

<sup>37</sup> Andreas Vesalius (1514-1564) foi um médico de origem belga que contribuiu de maneira significativa com os estudos da anatomia ao apresentar suas pranchas com desenhos humanos evidenciando, dentre outros sistemas e órgãos, o sistema muscular (KICKHÖFEL, 2003).

quando interligadas às ações práticas de seus praticantes e todo o arsenal de vida que está impregnado em seus corpos, falamos do *habitus*.

Os estilos de vida determinam as escolhas esportivas, as modalidades esportivas podem, em alguns casos, servir como facilitadoras na relocação de posições no cenário social. Ao desenvolver um estudo com duas equipes de futebol de mulheres na periferia de São Paulo, Pisani (2014) constatou que o futebol nesse contexto de vulnerabilidade é uma ferramenta de empoderamento e oportunidade para essas mulheres, mesmo com toda a limitação de visibilidade e investimento em equipes de mulheres.

Por historicamente estarem localizadas às margens dos acontecimentos sociais e esportivos, algumas mulheres desenvolveram estratégias de subversão em suas técnicas corporais que visavam reorganizar sua ordem social familiar. Em artigo intitulado “O camponês e seu corpo”, Bourdieu (2006, p.88) identifica essas nuances quando observa a diferença nas ações práticas de homens e mulheres que viviam no campo em relação à *hexis* corporal.

Se as mulheres são muito mais aptas e mais dispostas que os homens para adotar os modelos culturais urbanos, tanto corporais como indumentários, isso se deve a diversas razões convergentes. Em primeiro lugar, elas são bem mais motivadas para adotar os modelos culturais urbanos que os homens, uma vez que a cidade representa para elas a esperança da emancipação.

Nesse sentido observamos a facilidade das mulheres em perceber e integrar novos modelos aos seus comportamentos, o mesmo acontece no campo esportivo, espaço no qual as mulheres vêm galgando e ganhando espaço ano após ano. Entendemos a adaptação das mulheres nos subcampos esportivos como extremamente articulado às estratégias, nem sempre conscientes, de entrada e manutenção nesses espaços. A fim de ilustrar tais afirmações, direcionamos nosso olhar ao futebol praticado por mulheres no Brasil, que em linhas gerais passou por três fases distintas ao longo dos últimos 30 anos. As atuais jogadoras explicitam seu entendimento que para manterem-se na modalidade e conseguirem incentivos, além de aptidões técnicas, atributos de feminilidade devem ser exaltados (SALVINI, 2012). Muito embora não seja uma estratégia mais adequada do ponto de vista da diversidade de ser e de se apresentar, foi uma maneira que essas mulheres encontraram para permanecerem nesse esporte.

Nesses melindres, com pesar, muitas vezes as leis do mercado se sobrepõem ao desempenho esportivo. E então caímos em uma “ciranda”, em um círculo vicioso do esporte de alto rendimento, no qual os corpos para a *performance* nem sempre atendem “às leis de mercado”, devendo investir em outras formas de se parecer “feminina no singular” representando esse papel nos momentos de fachada (GOFFMAN, 2013), ou ainda em campanhas publicitárias, quando ocorre um ritual de encenação” (GOFFMAN, 1999) que reforça atributos de feminilidade normativa, como evidenciaram Salvini, Souza e Marchi Júnior (2015) ao analisarem jogadoras de futebol em momentos “extra-campo” posando para fotos que compunham um calendário.

A maioria dos esportes é alicerçada em preceitos de dominação masculina (BOURDIEU, 2007a) que orientam e organizam as práticas sob a égide heteronormativa, tendo em vista que nem sempre as atletas apresentam características normativas de gênero que possam ser exploradas pelo mercado, caindo assim na invisibilidade da modalidade. Um exemplo bem sucedido de uma atleta que vincula habilidades técnicas às “leis generificadas de mercado” é a lutadora de MMA, Ronda Rousey, que além do sucesso no campo esportivo, já participou de produções audiovisuais hollywoodianas e de campanhas publicitárias dos mais diversos produtos. Essa exposição fora do universo do MMA angaria consumidores para a modalidade, para as lutas femininas, ou de maneira mais especial, consumidores para as lutas protagonizadas por Ronda Rousey.

Nesse contexto, o “casamento” entre construção corporal em consonância com os estereótipos de gênero, beleza física e *performance* esportiva impecável, promovem visibilidade tanto para o evento UFC, quanto para a modalidade MMA. Mais ainda, desmistifica a noção senso-comum de que mulheres lutadoras não realizam investimento em sua representação de feminilidade normativa, acrescidas de todo o potencial combativo que esse esporte exige.

Frente ao contexto até aqui apresentado, nos questionamos: afinal, o capital corporal vale o quanto pesa? Antes de tentar esboçar uma resposta, apresentamos outros questionamentos que localizam o debate no campo esportivo: de que capital corporal estamos falando? Daquele que está incorporado em um homem ou em uma mulher esportista?

Acreditamos que o capital corporal que é diretamente influenciado no sentido da arquitetura corporal pelo capital físico, para homens e para mulheres tem pesos

diferentes, não só o peso do volume muscular que é fisiologicamente explicado e faz os ponteiros da balança penderem para o lado dos homens. Mas, de um capital corporal de gênero, que mesmo sendo apresentado de forma plural, ainda mantém raízes na em uma dicotomia, que de certa forma se apresenta atualmente como antiquada ou ultrapassada.

Nesse sentido, o capital corporal construído pelo esporte só vale e pesa para o mercado “extracampo” quando está associado a outros tipos de capital. Pois, se analisarmos o capital corporal forjado pelo capital físico que é vinculado à performance esportiva, em alguns casos com o acréscimo de *doping*, teremos um corpo que pelo volume de seus músculos, por si só não evidencia padronagens de gênero. Dessa forma, se pensarmos um corpo somente para o esporte de alto rendimento, as características de gênero seriam secundárias e trataríamos somente do capital físico. Esse tipo de capital tem um peso específico e importante, mas somente dentro do campo esportivo, pois, está concatenado às representações de mulheres que investiram na construção muscular que arquitetou seu corpo para o esporte, braços e ombros fortes e mamas menos proeminentes podem ser um exemplo.

O capital físico no esporte proporciona aos competidores que sejam apreciados e valorizados somente por seus feitos esportivos, mas não garante legitimidade e nem ampliação na visibilidade da modalidade junto aos meios de comunicação. Pelas breves caracterizações, é possível supor que esse tipo de capital orienta as práticas de mulheres que reconstroem seus corpos, e não as práticas dos homens, que são agentes legítimos, pois “nasceram no jogo” (BOURDIEU, 2004c). Os nascidos no jogo tem “por natureza” corpos com volumes musculares avantajados e caso essa construção corporal seja ampliada, não causaram espantos, pelo contrário, pode ser entendido como um reforço de sua masculinidade.

Ou seja, se considerarmos unicamente o desempenho esportivo é o capital físico de cada atleta que deve ser evidenciado e reverberado. No entanto, para que haja maior visibilidade para as atletas ou mesmo, para a modalidade a qual praticam, é o capital corporal em consonância com o gênero heteronormativo que lhe confere “peso”. Nesse sentido, a agente dotada de capital corporal que vale e pesa dentro e fora do campo esportivo, é aquela que investe na construção corporal, tendo o corpo como um rascunho, passível de modificações em sua arquitetura (LE



BRETON, 2003) para a tender as demandas da modalidade que pratica, que na região de fachada ritualiza a feminilidade heteronormativa (GOFFMAN, 1999; 2013), e dessa forma, sendo performática nos termos de Butler (2000) para além da *performance* esportiva. Todo esse emaranhado de situações somente acontece de maneira naturalizada quando passou pelo processo de incorporação, o qual, é chamado por Bourdieu, de *habitus*.

Até o presente momento propomos algumas discussões e reflexões acerca do capital corporal de mulheres atletas no campo esportivo. Muito embora não seja nossa intenção a partir de agora de sustentar uma nova discussão sobre mulheres não esportistas – mas que também estão presentes em eventos esportivos – somente evocamos um fato a fim de ilustrar outras disputas que também ocorrem no interior do subcampo do MMA. O fato ao qual fizemos menção foi uma “troca de farpas” entre duas contratadas do evento UFC, a lutadora Ronda Rousey e a *ring-girl* Arianny Celeste.

Frente ao instaurado, chamamos a atenção para posições distintas que as mulheres ocupam no MMA: a de lutadora e a de *ring-girl*. Ao trocarem impressões sobre a posição uma da outra<sup>38</sup>, Ronda menciona que as *ring-girls* deveriam “agradecer” aos lutadores e lutadoras, pois se não fossem eles não teriam “emprego”. Além de argumentar que:

Você acha que andar em círculos em volta de dois caras ou de duas garotas que estão lá lutando por suas vidas é algo que mereça mais? Ela acha que ela trabalha mais duro do que eles? Eu não disse que ela precisa receber menos, eu disse que, ou as *ring-girls* estão recebendo muito ou os lutadores não estão recebendo o suficiente (RODRIGUES, 2015, s/p).

O “valor” financeiro das duas atuações está posto em discussão entre as agentes desse campo, no entanto, para esse momento, chamamos a atenção para o “valor” no sentido de “peso” do capital corporal, tal qual viemos desenvolvendo as análises até o momento. O valor conferido às mulheres que embelezam os eventos de MMA, de maneira geral, reforça aspectos de dominação masculina no que diz respeito ao corpo de mulheres como vitrine de atributos femininos normativos como a sensualidade e a beleza. Em contrapartida, está o “corpo função” de Ronda

<sup>38</sup> Em forma de “resposta” Arianny Celeste menciona “as pessoas não sabem como é difícil ser uma *ring-girl* [...]”. Você não está ali só andando com uma placa numerada na mão usando uma roupa minúscula sendo criticada por muita gente por isso (COMBATE, 2015b, s/p).



Rousey que tem em vista atender as prerrogativas da modalidade e, em menor proporção, aspectos que o vinculam à sensualidade e a beleza.

FIGURA 1 – RONDA ROUSEY E ARIANNY CELESTE



FONTE: COMBATE (2015).

Vale ressaltar que a emissora do discurso é uma agente já estabelecida no subcampo do MMA em decorrência de sua *performance* esportiva e também pelos seus atributos de beleza física. Nesse sentido, a posição que Ronda ocupa nesse subcampo a confere legitimidade para expor o seu argumento. Temos como hipótese que se caso a emissora desse discurso fosse uma lutadora menos estabelecida ou com aparência física muito distante daquela apresentada pela *ring-girl*, outros elementos poderiam ter sido ressaltados pelos meios de comunicação ao veicularem tal matéria.

Nessa conjuntura, é interessante nos atentarmos que, ao mesmo tempo em que as mulheres lutadoras estão reescrevendo suas histórias nos esportes que até pouco tempo eram restritos aos homens, “outro tipo de história” é mantido e reproduzido: a objetificação de corpos de mulheres (SWAIN, 2001) tendo como exemplo a manutenção da figura hiper sexualizada das *ring girls*. Ao tecermos uma analogia entre o espaço social e o espaço físico compartilhado por lutadoras e *ring-girls*, é possível evidenciar que existe um distanciamento marcado pelas cordas do ringue ou ainda pelas grades do octógono. Na região de entornos ou de periferia estão as *ring-girls*, exaltando atributos de sensualidade e beleza construídos e inculcados em um corpo para ser apreciado e exibido. Ao passo que no centro, apresentam-se as lutadoras, com corpos que, nesse momento, têm a função de

atender aos preceitos do esporte, de maneira a “lutar visceralmente” pela legitimidade no cenário esportivo.

É dando enfoque as mulheres lutadoras que prosseguimos com a escrita do capítulo 3, no qual, apresentamos uma proposta de descrição e reconstrução histórica do MMA sob o viés da atuação das mulheres. Tendo em vista a atual difusão mercadológica da modalidade e a também recente, inserção das mulheres nesse contexto. Para tanto, resgatamos elementos que retratam o subcampo do MMA com enfoque nos e nas agentes e em eventos realizados, no sentido de ilustrar algumas estruturas que organizam e gerenciam esse subcampo.

### 3. O SUBCAMPO DO MMA: JUNTANDO AS PARTES DE UM “QUEBRA-CABEÇAS”

Tendo em vista a temporalidade recente da prática nomeada MMA, os registros são escassos, dessa maneira, propomos para esse capítulo apresentarmos alguns apontamentos históricos que visam atender aos aspectos cronológicos da modalidade e suas variações anteriores. Como esse trabalho está organizado com base na reflexividade teórica e metodológica de Pierre Bourdieu, nosso intuito é apresentar uma história social do MMA na cidade de Curitiba/PR.

A título de organização, inicialmente abordaremos elementos mais gerais da prática, revisitando alguns estudos acadêmicos que trataram dessa temática e *websites* com conteúdos que versam sobre artes marciais, esportes de combate e lutas. Na sequência, direcionaremos nosso foco para a prática do MMA realizada na cidade de Curitiba/PR, com maior descrição no que tange o envolvimento de mulheres nesse subespaço.

Quando desenvolvemos uma reflexão sobre os esportes utilizando como ferramentas teórico-metodológicas autores e preceitos oriundos da sociologia, colocamos em prática o que estamos chamando de sociologia do esporte. Mas para que de fato façamos a sociologia do esporte de acordo com Bourdieu (2004c), inicialmente é necessário pensar o espaço das práticas corporais e esportivas como um sistema, no qual cada elemento constituidor tem seu valor distintivo.

Nessa esteira, para estabelecermos reflexões pautadas nos elementos históricos da modalidade em questão, embasamo-nos em Bourdieu (1983) quando menciona que toda a oferta de produtos e práticas esportivas está destinada a encontrar certa demanda social de agentes consumidores. Nesse âmbito, existe um conjunto de práticas e consumos esportivos disponíveis e socialmente aceitos dentro de um recorte temporal, que são moldadas e organizadas de acordo com as condições históricas e sociais de determinados esportes.

Para identificar a posição que determinado esporte ocupa no campo esportivo, devemos conhecer alguns indicadores fundamentais, que Bourdieu (2004c, p. 208) os separou – didaticamente – em dois conjuntos distintos. Um deles, diz respeito a “distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, a distribuição das diferentes federações, segundo o número adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes”. Em um segundo conjunto de características

estão aquelas vinculadas diretamente à relação estabelecida entre a prática esportiva e o corpo, se implica num contato direto “corpo-a-corpo”, como as lutas, por exemplo, ou se exclua qualquer contato com o adversário, como o golfe, ou ainda, se o contato é feito por meio de algum instrumento, como a bola ou esgrimas.

A distância social é traduzida na lógica dos esportes, e podemos ilustrar tal afirmação, utilizando como exemplo a prática do golfe, que instaura distância por toda a parte, excluindo qualquer forma de contato com os não-praticantes. Nesse sentido, as práticas mais distintas são aquelas que asseguram maior distanciamento entre os adversários, nas quais a violência está mais velada e, principalmente, a forma e as formalidades se sobressaem à força e a função. Sobremaneira, o autor descreve que os sistemas de preferência por uma modalidade ou outra recaem na relação e no envolvimento do corpo, que por sua vez, está associada a uma experiência originária do mundo físico e social e atrelada a uma posição social.

Dando prosseguimento a essa linha de análise, nos subcapítulos a seguir apresentaremos um breve recorte histórico a fim de ilustrar um processo de desenvolvimento da modalidade, abordando desde os primeiros registros sobre os combates intermodalidades até a prática do MMA que se difundiu junto ao público leigo no Brasil há aproximadamente 10 anos. Para tanto, organizamos esse capítulo de modo a apresentar inicialmente elementos históricos da modalidade, direcionando o enfoque – sempre que possível – para fatos e eventos que aconteceram na cidade de Curitiba/PR. Na sequência, descreveremos as agentes e eventos que compuseram e inferiram na formação das “gerações” de lutadoras de MMA no Brasil.

### 3.1 DOS COMBATES INTERMODALIDADES ÀS ARTES MARCIAIS MISTAS: UMA REFLEXÃO SÓCIO-HISTÓRICA

Bourdieu (1983) chama a atenção para como algumas práticas corporais e esportivas pré-existentes passam a receber significado e funções novas com o passar dos tempos, e em detrimento aos interesses distintos de agentes legítimos dentro do campo esportivo. Essas passagens nos fazem refletir sobre os combates intermodalidades realizados no Brasil – mais especificamente no Rio de Janeiro – ainda no século XIX (LISE, 2014) e repensar a prática popularmente conhecida como “Vale-tudo”, que teve sua ascensão midiática na década de 1990 (TEIXEIRA,

2007; PASSOS et al, 2014), difundindo-se entre os praticantes e consumidores específicos desse tipo de manifestação corporal que une alguns preceitos dos esportes de combate, das lutas e das artes marciais.

Entendemos que as artes marciais mistas (MMA) não são uma derivação exata dos moldes das lutas de “Vale-tudo”, no entanto, é inegável a nova roupagem dada a esses combates em termos de ajuste de regras e *fair play*<sup>39</sup>, somado ao preparo físico, técnico, tático e também psicológico dos lutadores atuais. A “civildade” – em termos elisianos – que uma luta de MMA apresenta em comparação com um evento de “Vale-tudo”, trouxe para perto dos ringues, potenciais consumidores e praticantes de uma modalidade até pouco tempo estava localizada às margens do campo esportivo.

Ainda no que diz respeito às “novas roupagens” de práticas já pré-existent, rememoramos a organização UFC e seus eventos que são considerados espetáculos, produzidos para consumo *in loco* de uma parcela restrita e composta de agentes dotados principalmente de capital econômico e em seguida, de capital social, como artistas de televisão e ex-atletas. Esses espetáculos esportivos são veiculados e consumidos pela televisão e pela internet por incontáveis agentes com menor poder aquisitivo, mas, que de acordo com as suas possibilidades, também estão consumindo a modalidade ou o evento.

Dando sequência a sua explicação de como devemos analisar um determinado tipo de esporte, Bourdieu (2004c, p. 208) menciona que “é preciso relacionar o espaço dos esportes com o espaço social que se manifesta nele”, mas alerta, é preciso ter cuidado para não estabelecermos uma relação direta entre a posição social e determinado tipo de esporte. É na relação entre o espaço das práticas esportivas e o espaço social que se definem as propriedades pertinentes de cada prática esportiva, nesse sentido, a história de uma prática esportiva é uma história estrutural, pois leva em consideração a criação ou a reinvenção de alguns esportes (tal qual os esportes californianos como o skate ou as variações das artes marciais e lutas, tais como o MMA) e a difusão de outros já existentes. O esporte está inserido num contexto maior de práticas e consumos, tais como a alimentação e o de lazer, por esse motivo, não podemos estudar o consumo esportivo independente das outras formas de consumo, ou mesmo, dos gostos. Dessa

---

<sup>39</sup> “O *fair play* é a maneira de jogar o jogo dos que não se deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que é um jogo” (BOURDIEU, 1983 p.139).

maneira, “a distribuição diferencial as práticas esportivas resulta do estabelecimento de uma relação entre dois espaços homólogos, um espaço das práticas possíveis, a oferta, e um espaço das disposições a serem praticadas, a procura” (BOURDIEU, 2004c, p. 214).

Seguindo nesse viés de ofertas e demandas esportivas, organizamos a descrição de uma história do MMA que se constitui como uma espécie mercantilizada de “descontrole controlado”, e está organizada para fins de apresentação em dois subtítulos que visam, minimamente, explanar um percurso que os combates intermodalidades (LISE, 2014) tomaram até chegar ao que hoje é conhecido e comercializado como MMA. Para uma possibilidade de reconstrução histórica, nos utilizamos de trabalhos acadêmicos, informações veiculadas em sites especializados e também, da transcrição de áudios de entrevistas que estão disponibilizadas online que realizadas com agentes representativos no cenário do MMA em Curitiba.

Quando se trata de uma intenção de reconstrução histórica, traçar uma linearidade exata de determinado fenômeno é praticamente impossível, pois estamos trabalhando com memórias, sejam elas documentadas ou orais. Pollak (1992) evidencia a seletividade da memória, na qual, nem tudo fica registrado. Nesse sentido, a memória é um fenômeno construído, e quando se trata da construção da memória individual “[...] os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992 p. 4-5). Com base nos preceitos bourdieusianos entendemos que a organização da memória é orientada pelas experiências sociais vivenciadas em determinado *locus*, pela mudança de posição na hierarquia em que se está inserido e pelas disposições dinâmicas tornadas *habitus*. Nesse sentido, tais fatores ampliam a possibilidade de reflexões acerca das memórias construídas.

Nessa esteira, procuramos evidenciar alguns acontecimentos marcantes, registrados sob a ótica de diferentes agentes, para intentar desenhar um possível caminho entre os combates intermodalidades e a atual efervescência das artes marciais mistas. Em sua dissertação de mestrado, Lise (2014) realizou uma busca em periódicos que circulavam no Rio de Janeiro entre os anos de 1909 e 1929, enfatizando questões relacionadas com a violência e a formação de uma identidade nacional, com vistas a compreender como as modalidades de esporte de combate,

as artes marciais e os confrontos intermodalidades foram retratados nesses periódicos.

A seleção das modalidades a serem estudadas justifica-se pela frequência com que figuravam nos periódicos e pela participação em confrontos intermodalidades. Tendo em vista tais critérios, Lise (2014) selecionou para a análise o Boxe, a Capoeira, o Jiu-jitsu e Luta Romana.<sup>40</sup> Com base em suas fontes pode constatar que embora as produções sobre o resgate histórico dos princípios desse tipo de combate indiquem a família Gracie como precursora, o primeiro registro encontrado em suas fontes data ano de 1909, com “a disputa entre Sada Miyako e Cyríaco, o primeiro representando o Jiu-jitsu e o segundo a Capoeira. Os integrantes da família Gracie começam a participar deste tipo de confronto somente por volta de 1925” (LISE, 2014, p. 126).

Nos registros que delinearam o cenário inicial desse tipo de combate no Brasil, a eficiência do Jiu-jitsu frente a outras manifestações ficou evidente. O autor acredita que muito se deve à inexistência de regras instituídas para esse tipo de combate, e no intuito de amenizar o problema das lutas de caráter fraudulento, os desafios feitos por Misuyio Esai Maeda (o Conde Koma) dispunham de um conjunto de regras “predeterminado e previamente publicado nos jornais. Logicamente, esta regulamentação tendia a beneficiar os lutadores de Jiu-jitsu que na maioria das vezes saíam vencedores” (LISE, 2014, p. 127).

Ao investigar a origem do Jiu-jitsu em nosso país, Lise (2014) percebeu que algumas referências a confundem com a origem do “Vale-tudo”, sendo tratadas como uma mesma modalidade. No entanto, ressalta que todas as modalidades tiveram singular importância para o desenvolvimento desse tipo de combate, discordando da predominância histórica que apresenta o Jiu-jitsu como protagonista.

Tendo em vista que a história que se perpetua é a “história dos vencedores” e são as vitórias que na maioria dos casos ficam registradas nas “memórias oficiais” e nas memórias coletivas (POLLAK, 1989), principalmente pela violência simbólica, que de acordo com Bourdieu (1997, p.22) é “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la”. Tal violência é exercida por agentes dominantes – detentores de capitais

---

<sup>40</sup> Para maiores informações sobre as origens dessas modalidades no Brasil, sugerimos consultar Lise (2014).

específicos – em seus espaços de ação, atualmente é impraticável descrever a história dos combates intermodalidades – ou do “Vale-tudo” – e da popularização de uma suposta primazia do Jiu-jitsu no Brasil segregando-a da família Gracie.

A disseminação dessa informação por diferentes tipologias de fontes sejam *websites*, livros ou redes sociais, promove além da aceitação, a reprodução dessa memória. Por esse motivo e pela inexistência de fontes que remontem outro enredo, a seguir reproduziremos alguns nuances históricos sobre a disseminação do Vale-tudo, ressaltando que entendemos que os membros da família Gracie, por sua legitimidade frente aos outros oponentes e em função dos capitais que lhes asseguravam posição dominante no cenário desse tipo de combate, foram fomentadores do que estamos chamando de “Vale-tudo”, mas como bem evidenciou Lise (2014), podem não ter sido os precursores.

Os anos que se sucederam aos primeiros combates intermodalidades visibilizaram lutadores como Carlos Gracie e seu irmão Hélio Gracie<sup>41</sup>, que incorporaram ao Jiu-jitsu tradicional, características próprias, denominando de *Brazilian* Jiu-jitsu ou Jiu-jitsu brasileiro. Nesse processo, os nomes dos golpes foram “abrasileirados” e a forma de execução foi implementada. Mariante Neto (2016) menciona que Hélio Gracie era comumente escolhido para representar a família nas demonstrações e lutas de Jiu-jitsu por possuir características que que pudessem reforçar o “*marketing* do jiu-jitsu” (baseado em estratégias em que o “mais fraco pudesse vencer o mais forte”), tendo em vista que Hélio era menor fisicamente além de ser disciplinado, tanto com os treinamentos quanto com a alimentação. Foi com o nome de Hélio Gracie que o *Brazilian* Jiu-jitsu se difundiu.

Outro elemento singular atrelado à família Gracie é a dieta desenvolvida por Carlos Gracie, que objetivava classificar e agrupar alimentos de acordo com o nível de Ph, limitando a ingestão de alimentos ácidos durante as refeições. Esse controle alimentar ficou conhecido como “dieta Gracie”, a qual permanece sendo utilizado pelos atletas membros da família até os dias de hoje (TEIXEIRA, 2007; MARIANTE NETO, 2016). Os fundamentos desse controle alimentar proposto por Carlos Gracie foi organizado por Rorion Gracie e comercializado no livro intitulado: “A dieta Gracie - o segredo dos campeões”.

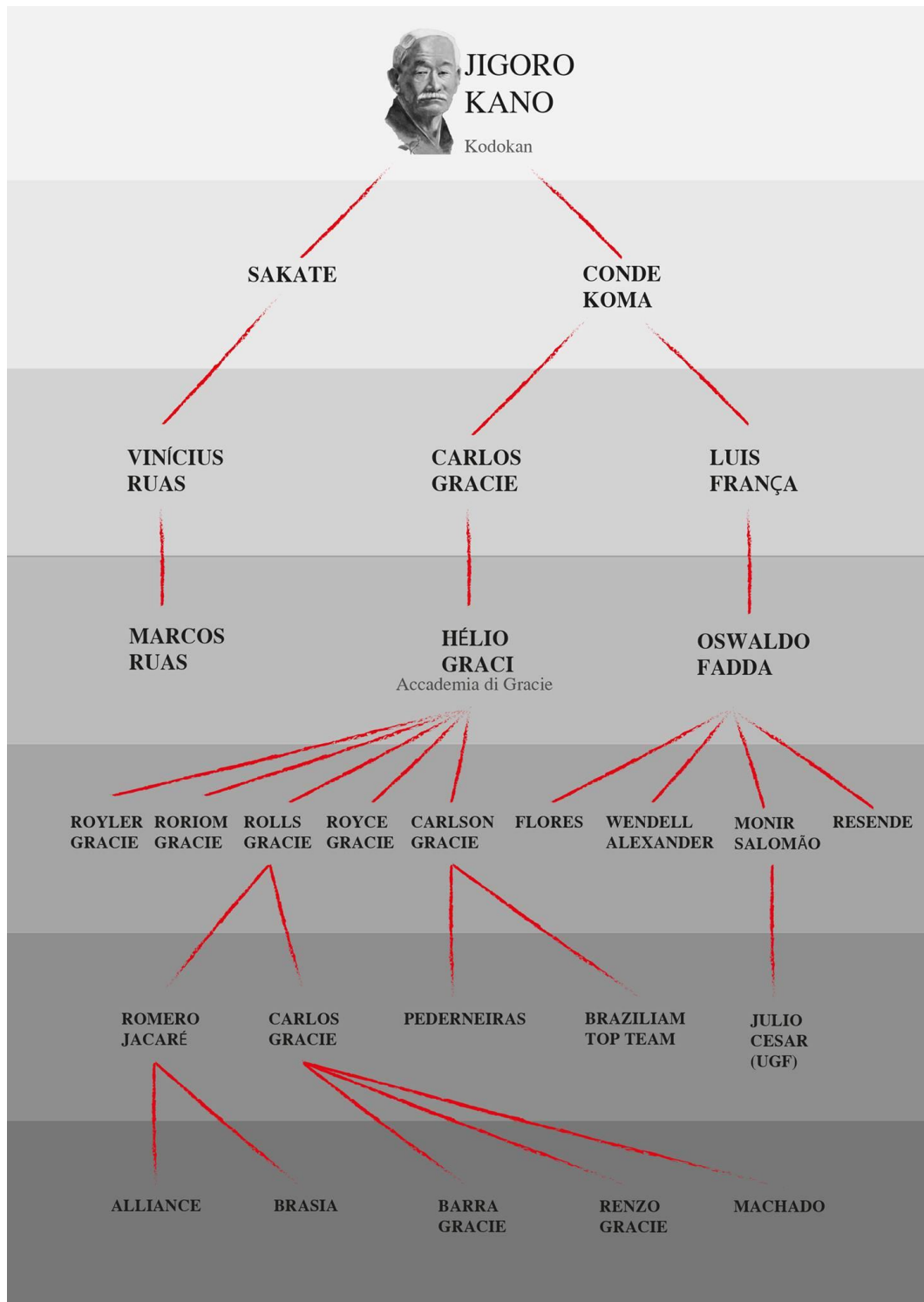
---

<sup>41</sup> Outra forma de apresentação das gerações da família Gracie no Jiu-jitsu pode ser visualizada em: <http://www.gracieacademy.com/pt/generations.asp>. Acesso em 30 de agosto de 2015.



Com a finalidade de ilustrar a participação da família Gracie na produção e reprodução do Jiu-jitsu brasileiro, como também para compreendermos as relações de parentesco entre os membros dessa família, a seguir apresentamos uma “árvore genealógica” elaborada por Alonzo (2008 *apud* LISE 2014).

FIGURA 2 – ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA GRACIE



FONTE: Adaptado pela autora de ALONZO (2008, p. 258 *apud* LISE, 2014 p.148).

No início dos anos 1990 especialmente no Rio de Janeiro, houve uma “onda” de brigas de rua e atos de vandalismo envolvendo praticantes de Jiu-jitsu de classe média alta, que foram chamados de “*pitboys*” pela mídia local, e consequentemente, nacional, tendo em vista a concentração de produção de informações e veiculação das mesmas em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro (TEIXEIRA, 2007). Um movimento semelhante acontecia nas vias públicas e casas noturnas da capital paranaense. Passos et al. (2014) mencionam que os confrontos físicos entre praticantes de Muay Thai<sup>42</sup> e de Capoeira ocorriam no sentido de demonstrarem a superioridade técnica da sua modalidade, além de, como mencionam Connell e Messerschmidt (2013), atestarem sua virilidade, característica atrelada à masculinidade.

Com vistas em “amenizar” esses embates, os representantes das duas modalidades – e também de diferentes academias – consentiram em promover um evento, que aproveitando a rivalidade entre seus praticantes viesse a promover suas respectivas modalidades. Passos et al. (2014, p. 1155) prosseguem descrevendo que “esse confronto institucionalizado entre capoeiristas e praticantes de Muay Thai ocorreu no dia 29 de agosto de 1993, e ficou conhecido como o marco inicial do “Vale-tudo” na capital paranaense”.

Nesse mesmo ano, no dia 12 de novembro, e ainda nos moldes do “Vale-tudo” – com um conjunto limitado de regras – aconteceu o UFC 1. Almeida (2016) menciona que na realização do primeiro UFC, o termo MMA ainda não possuía tradução, e então foi chamado pela imprensa de: *extreme, no rules, anything goes* ou *superfighting*. Teixeira (2007) salienta que esse combate não foi “totalmente” sem regras, pois alguns golpes eram proibidos, tais como morder o adversário, colocar os dedos nos olhos e aplicar golpes na região genital. Ele comenta que os demais golpes e regiões do corpo não constavam nas restrições, inclusive eram permitidos golpes na nuca, algo que foi banido de eventos posteriores.

---

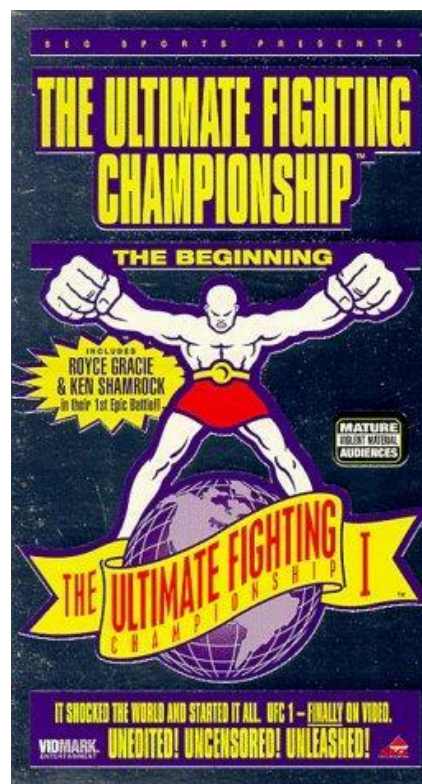
<sup>42</sup> Durante o final da década de 1970 a cidade de Curitiba foi palco do surgimento de uma nova modalidade de arte marcial que rapidamente se popularizou e revelou atletas de renome nacional e internacional: o Muay Thai também conhecido como Boxe Tailandês. A modalidade, ainda então desconhecida, desembarcou no país através da experiência curitibana e só depois se difundiu para outros estados como, o Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo a narrativa dos entrevistados, o indivíduo responsável pela introdução da referida modalidade foi o então faixa-preta de Taekwondo Nélio Borges de Souza, conhecido como Nélio “Naja” (PASSOS et al., 2014 p. 1157). Um relato da vida atual de Nélio “Naja” pode ser visualizada em matéria veiculada pelo programa Globo Esporte, pela afiliada RCP de Curitiba que está disponível em: <http://globoesporte.globo.com/pr/videos/v/globo-esporte-inicia-serie-de-reportagens-sobre-o-mma-paranaense/4715550/>.

O autor relata que no UFC 1 participaram lutadoras de diferentes artes marciais, os quais

[...] se enfrentaram numa mesma noite, em combates disputados dentro de uma jaula de formato octagonal, sem regras, luvas, *rounds* ou limite de tempo. Cabeçadas, joelhadas, chutes no rosto do adversário deitado no chão, pisões na costela, dentes quebrados voando, supercílios abertos com apenas um soco, cotovelos estalando em chaves de braço, estrangulamentos – enfim, era o mais próximo que se conseguia chegar de uma briga de rua, só que dentro de um ringue, com transmissão pela TV e *replay* dos lances mais dramáticos (TEIXEIRA, 2007, p. 44).

Além da transmissão televisiva, as lutas que aconteceram nesse dia foram comercializadas em fitas VHS sob a égide de terem suas imagens reais preservadas, “sem edição, sem censura e sem controle”, como ilustrado na figura a seguir.

FIGURA 3 – CAPA DA FITA VHS DO UFC 1



FONTE: MMAJunkie (2015)

Rorion Gracie e seus alunos Art Davie e John Milius buscaram parcerias para a realização do campeonato, que começou com oito lutadores. Depois de três lutas, o lutador com menor peso do evento sagrou-se campeão: era Royce Gracie, que com as técnicas do Jiu-jitsu finalizou os oponentes e “reforçou a eficácia da arte

marcial suave” (COMBATE, 2013 s/p). Com aproximadamente 86 mil pagantes, o sucesso do evento surpreendeu até mesmo os organizadores, que realizaram novas edições nos anos seguintes, tendo Royce Gracie<sup>43</sup> como vencedor do UFC 2, UFC 3 e UFC 4 (GRANT, 2012).

É interessante observar que no Rio de Janeiro a predominância era o Jiu-jitsu, enquanto em Curitiba, a prática do Muay Thai se sobressaia. Teixeira (2007) descreve que com vistas a aumentar o retorno financeiro por luta, os lutadores brasileiros (tanto os “cariocas” com o Jiu-jitsu, quanto os curitibanos com o Muay Thai) passaram a se interessar em competir fora do Brasil, em eventos de Vale-tudo, dentre os quais destaca o evento japonês, *Pride Fighting Championship*. Visando melhor desempenho nesse evento, os lutadores abandonaram as competições e treinos tradicionais e direcionaram seus treinamentos para técnicas diversificadas.

O encontro dessas duas escolas defensoras de suas técnicas específicas durante o *Pride* proporcionou ao evento e à história do “Vale-tudo”, uma das maiores rivalidades (NUNES, 2004). De acordo com programa exibido pelo canal Combate, a rivalidade entre a equipe curitibana Chute Boxe (com raízes no Muay Thai) e a carioca *Brazilian Top Team*<sup>44</sup> (tendo como base o Jiu-jitsu da escola Carlson Gracie) perdurou durante os dez anos da chamada “era *Pride*” (CANAL COMBATE, 2014), sendo considerada um dos pilares de sustentação do sucesso da companhia japonesa (COMBATE, 2013).

FIGURA 4 – LOGOMARCA DO PRIDE



FONTE: ENT Imports (2016)

<sup>43</sup> O cartel de lutas de Royce Gracie está disponível em: <http://www.superlutas.com.br/lutador/?link=Royce-Gracie-19>. Acesso em: 30 de agosto de 2015.

<sup>44</sup> As academias Chute boxe e *Brazilian Top Team* são mencionadas em trabalho de Garcia e Malcon (2010), fato que de certa forma reforça a notoriedade internacional dessas equipes.

É comum ouvirmos discursos saudosistas por parte dos fãs com relação aos combates nos formatos da “era *Pride*”, Leite (2013 s/p) acredita que o sucesso desse evento se deve “[...] a agressividade aliada com a simplicidade”. Criado no Japão em 1997, o *Pride Fighting Championship* foi considerado o maior evento de MMA do mundo durante os dez anos que manteve suas atividades. Os “shows” aconteciam em média uma vez a cada dois meses e algumas vezes, os combatentes conheciam seus adversários somente poucos dias antes da luta (RODRIGUES, et al., 2013). O Jiu-jitsu brasileiro e a família Gracie eram agentes de destaque no UFC e no *Pride*, nos quais realizaram lutas vitoriosas na estreia de ambos os eventos.

A academia Chute Boxe também construiu sua história no Vale-tudo internacional nesse evento, ressaltando que o curitibano Wanderlei Silva realizou vinte e uma lutas e permaneceu invicto por quase cinco anos mantendo durante esse tempo o cinturão dos pesos-médios (até 93kg) (TEIXEIRA, 2007; COMBATE, 2013). Wanderlei Silva, que teve visibilidade profissional por meio evento, ficou conhecido como o “rei do *Pride*” por suas sucessivas e agressivas vitórias<sup>45</sup>, ele relembra: “[...] a gente ia dar entrevista e ouvia brincadeira sem graça, não tinha tanto espaço na mídia e as pessoas não respeitavam o esporte porque ninguém conhecia direito”. Em se tratando do sucesso do evento japonês, ele é auspicioso em apresentar uma hipótese pelo sucesso que a modalidade faria alguns anos depois, “[...] o MMA não era um esporte mundial, ele era febre no Japão e talvez fosse um evento muito à frente do tempo para o resto do mundo, porque o público precisou de um período de adaptação para passar a gostar disso” (RODRIGUES et al, 2013, s/p).

O período de adaptação mencionado por Wanderlei Silva, está atrelado a diferentes aspectos, principalmente no que tange ao viés mercadológico que com o passar dos anos foi sendo incorporado aos diferentes eventos. Embora acontecessem simultaneamente, o *Pride* e o UFC tinham algumas regras diferenciadas, por exemplo, no evento realizado no Japão, não se permitia o uso de

---

<sup>45</sup> Em ranking elaborado pelo Sherdog (em atividade desde 1997 e com publicações na língua inglesa, é considerado um dos maiores websites do mundo que tratam de assuntos relacionados ao MMA) Wanderlei Silva protagonizou uma das melhores – leia-se: mais agressivas – lutas do *Pride*. A luta está disponível em: <http://www.sherdog.com/news/articles/11/Sherdogs-Top-10-Pride-Fights-91577>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

vaselina<sup>46</sup> ou de qualquer outro produto lubrificante ou apaziguador de dores no rosto, também não eram permitidas cotoveladas na cabeça se o oponente estivesse no chão. Matos (2009) argumenta que, de acordo com explicação japonesa, por ser um artifício cortante, a cotovelada provoca sangramento excessivo, figurando uma imagem forte aos expectadores. No entanto, “tiros de meta”<sup>47</sup>, joelhadas e pisadas na cabeça enquanto o oponente estivesse no chão, estavam “liberados”. Para as regras do UFC, que foram implementadas a partir dos anos 2000 dando um novo rumo ao evento, não são permitidos golpes na cabeça como os anteriormente mencionados, mas são permitidas as cotoveladas.

Compreendemos que o período de adaptação do público para o consumo do Vale-tudo foi, na verdade, o período de reformulação da própria modalidade, que ao ser praticada nos Estados Unidos, em decorrência de proibições governamentais e características específicas do público consumidor, assumiu uma nova roupagem a partir dos anos 2000. O evento foi vendido por 2 milhões aos irmãos Frank e Lorenzo Fertitta e à Dana White, que o gerenciam por meio da empresa Zuffa. Além da implementação de novas regras<sup>48</sup> para que as lutas pudessem atender às prerrogativas da comissão atlética, também foram aumentadas as divisões por peso<sup>49</sup> (COMBATE, 2013). Em janeiro do ano seguinte a Zuffa “reestruturou totalmente o MMA, tornando-o um esporte de combate altamente organizado e controlado” (UFC, 2014, s/p).

Junto ao processo de readequação para que o UFC pudesse alcançar um número maior de público consumidor, também veio a inclusão da sigla MMA, que soa menos agressivo aos ouvidos de possíveis novos consumidores ao estabelecer vínculo com as artes marciais orientais, que conforme descreve Marta (2010), está vinculada à ritualização e espiritualidade. Ressaltamos novamente que não estamos afirmando aqui que o Vale-tudo se “transformou” em MMA, ou que em determinado momento houve uma ruptura entre as duas formas de apresentação

---

<sup>46</sup> A vaselina deixa o rosto mais escorregadio, dificultando o impacto de um soco, chute ou cotovelada, o que ajuda muito a minimizar os danos na trocação e principalmente àqueles que lutam na guarda a ser alvo de golpes menos contundentes no *ground and pound* (MATOS, 2009 s/p).

<sup>47</sup> Movimento semelhante àquele realizado em uma partida de futebol. Consiste em desferir um chute na cabeça do adversário.

<sup>48</sup> As regras e o regulamento atual no UFC podem ser consultados em: <http://br.ufc.com/discover/sport/rules-and-regulations> Acesso em 5 de setembro de 2015.

<sup>49</sup> Atualmente o UFC tem duas categorias de peso para as mulheres, a peso palha (até 52kg) e a peso galo (até 61 Kg). Para os homens, são oito categorias: peso mosca (até 56 Kg), peso galo (até 61 Kg), peso pena (65 Kg), peso leve (70 Kg), peso meio médio (77 Kg), peso médio (84 Kg), peso meio pesado (93 Kg) e peso pesado (entre 92,9 Kg e 120 Kg) (UFC, 2015).



“intermodalidades” ou “estilo contra estilo”. Entretanto, entendemos que o MMA teve origem no Vale-tudo e assumiu uma dimensão mercantilizada e midiaticizada a fim de atender o limiar de tolerância à agressividade dos novos consumidores.

Reforçando o argumento acima mencionado, destacamos que além da modificação nas regras, o investimento na estrutura física e na veiculação midiática que a modalidade vivenciou a partir da “mudança” de nome, também está a necessidade dos lutadores de treinarem outras modalidades e não mais de “somente” defender a “soberania” de um estilo, modalidade ou academia, frente à outra. Considerando o MMA como uma nova modalidade, na qual os lutadores se destacavam pela eficiência nas diferentes técnicas, Mariante Neto (2016, p. 22) relata que desde então, “[...] o *cross-training* ou o treino de várias modalidades simultâneas passou a ser a dinâmica preponderante na rotina desses atletas”.

No processo de consolidação do MMA como uma modalidade que pudesse ser veiculada na televisão e também tivesse público consumidor, o UFC apresentou lucros expressivos somente agosto de 2005, ao promover na televisão americana um *reality show* (TUF). A intenção desse programa era mostrar o dia-a-dia de lutadores em início de carreira que treinam e lutam entre si disputando um contrato com o UFC. A edição do programa visava “humanizar aqueles homens estigmatizados como brutamontes que só queriam saber de briga”, fato que além de aproximar os fãs dos lutadores, estimulou a empatia de outras pessoas pela modalidade (COMBATE, 2013 s/p).

A versão brasileira do programa foi a primeira a ser filmada fora dos Estados Unidos, indo ao ar em 2012 e seguindo os moldes do programa já consolidado em território norte americano desde sua primeira edição. O programa, de modo geral, propõe selecionar lutadores de MMA que almejam um contrato com o UFC por meio da participação em um programa num formato de *reality show*. Da mesma forma que a modalidade passou por um processo de adaptação tanto no que tange às questões mercadológicas, quanto de desenvolvimento dos lutadores e lutadoras, as quatro edições do TUF Brasil também passaram por modificações.

Enquanto a primeira edição apresentou preocupação maior com esclarecimentos de técnicas e treinamentos específicos da modalidade MMA, tendo como treinadores Vitor Belfort e Wanderlei Silva (GLOBOTV, 2012a; 2012b; 2012c), a edição seguinte deu enfoque às constantes brincadeiras e “pegadinhas” entre os participantes dando enfoque ao caráter descontraído da convivência entre os

participantes e também ao “gerar polêmicas” entre os participantes, artimanha comercial bastante utilizada no mundo das lutas em geral. A edição de 2013 teve como treinadores Rodrigo Minotauro e Fabricio Werdum (GLOBOTV, 2013a; 2013b; 2013c).

Em entrevista concedida ao Portal do Vale-tudo, Rafael Cordeiro<sup>50</sup> fala sobre a experiência vivenciada após o término da primeira edição do TUF e enfatiza a proximidade entre os telespectadores, os lutadores e toda a equipe técnica.

[...] Hoje o Brasil se transformou nesse canal de unir o passado ao futuro, e acho que a gente participou disso aí diretamente através do TUF, e foi uma emoção ímpar, as pessoas na rua chamando o teu nome [...] oportunidade de ver o quanto o esporte cresceu e como tá sendo bom, de repente, na televisão as pessoas estarem vendo os exemplos que podem se tomar para a vida. Acho que o TUF foi um exemplo disso, as pessoas viram duas realidades, a realidade do Vitor e a realidade do Wanderlei e cada um dentro da sua história e se identificaram com a história dos dois ali dentro. Acho que isso foi uma coisa muito boa pra desmistificar o que é arte marcial e o que nós pensamos da arte marcial hoje como um todo (CORDEIRO, 2012).

Ressaltamos os trechos mencionados por Cordeiro (2012) nos quais ele profere que por meio de um canal de televisão aberta os consumidores foram possibilitados de conhecer a realidade da vida dos lutadores, desmistificando a ideia de que as artes marciais mistas pouco reproduzem os significados das artes marciais em sua essência. Embora a edição seguinte, que foi ao ar a partir do dia 9 de março de 2014, tenha preservado o fundamento da proposta do TUF que é a de aproximar lutadores e consumidores, apresentou algumas modificações significativas, como: a tecnologia dos equipamentos utilizados para filmagem, a linguagem de documentário mesclada com a de reality show (CORRÊA, 2015), a inclusão de *octagon girls* e das técnicas convidadas (as ex-atletas olímpicas do basquete e do vôlei, Hortência e Isabel, as quais compuseram as equipes de Chael Sonnen e Wanderlei Silva, respectivamente).

A quarta edição foi ao ar em 2015 tendo como treinadores Anderson Silva e Maurício Shogun, os quais no discurso de abertura do *reality show* reforçaram a

---

<sup>50</sup> Rafael Cordeiro é um agente representativo no cenário do Vale-tudo e do MMA, tanto em Curitiba quanto fora do país. Em Curitiba, vivenciou o início das competições como lutador e professor da academia Chute Boxe até 1999, na sequência, mudou-se para os Estados Unidos onde montou sua academia (Kings MMA) e foi eleito em 2012 como o melhor técnico do mundo (ALBUQUERQUE; RUSSIO, 2013). Mais informações sobre a sua história estão disponíveis em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/06/melhor-tecnico-do-mundo-rafael-cordeiro-quer-academia-no-brasil.html>. Acesso em 5 de setembro de 2015.



proposta do TUF de desmistificar a imagem estigmatizada do lutador de MMA, Mariante Neto (2016, p. 157, grifos nossos) tece observações interessantes sobre o teor desses discursos:

Shogum destaca o comportamento dos atletas e o respeito pelo “colega de treino e futuro oponente”, mas ressalta que “oponente não é inimigo”. Além disso, profere uma frase que, a meu ver, é muito significativa: **“estamos aqui para mostrar para o público que o lutador não é um marginal**, que o lutador de MMA tem uma profissão como outra qualquer, como um médico ou um advogado”. O discurso de Anderson Silva vai ao encontro do primeiro. Ressalta também o profissionalismo que os atletas devem ter durante o programa, a dedicação com os treinamentos e que devem “evitar confusões dentro da casa”, pois “o nosso esporte ainda sofre muito preconceito e **vocês devem ser exemplos**”. Duas questões estão sempre em pauta no programa: o atleta como “exemplo” e o respeito à equipe ou à “família”.

Observamos que as informações relatadas por meio da fala dos dois treinadores dessa edição são muito semelhantes àquelas proferidas por Cordeiro (2012). Logo nos primeiros episódios, o caso de doping de Anderson Silva veio à tona, o qual foi substituído por Rodrigo Minotauro que passou a treinar a equipe azul enquanto Maurício Shogun treinou a equipe vermelha (COMBATE, 2015c).

Seguindo nessa mesma esteira de reflexão sobre o TUF, e direcionando o foco para os Estados Unidos, em 2013 pela primeira vez o *reality show* (TUF 18) contava com duas lutadoras como treinadoras: Ronda Rousey e Misha Tate. A partir desse fato entra em questão tanto a visibilidade conferida às lutadoras, como a possibilidade de atrair mais público para o programa oferecendo uma nova proposta, tendo em vista que o mesmo já estava em sua 18ª edição e carecia de novidades. Destacamos também que foi durante o programa que a rivalidade entre as duas lutadoras foi exacerbada.

FIGURA 5 – TREINADORAS E LUTADORES DO TUF 18



FONTE: Dama de Ferro MMA (2014)

Com o sucesso do TUF e aproveitando de situações adversas que assolavam o *Pride*, a organização Zuffa comprou o evento, que encerrou suas atividades em 2007. Com isso, alguns lutadores migraram para o UFC, dentre os quais, citamos Rodrigo Minotauro e Wanderlei Silva. Ao comentar as diferenças entre o *Pride* e o UFC, Rafael Cordeiro menciona que no Japão a ênfase era para a equipe e para o histórico do lutador na sua arte marcial. No UFC, o foco é no produto “O lutador é um produto, e tem que mostrar o que ele tem. Tem um pessoal por trás dele, mas ele é o cara” (ALBUQUERQUE; RUSSIO, 2013 s/p). Especulava-se que uma nova versão do *Pride* poderia acontecer ainda em 2015 no Japão. Informação que embora não tenha sido efetivada, animou o imaginário dos fãs, que permanece acreditando, ou reproduzindo, a máxima: “o *Pride* nunca morre” (GRACIEMAG, 2015 s/p).

Além do *Pride*, a Zuffa comprou eventos como o *Extreme Cagefighting*, que deu origem a novas categorias no UFC, o peso pena e o peso galo. Dentre os brasileiros que se beneficiaram da inclusão dessas novas categorias destacamos José Aldo e Renan Barão. Em 2011, a Zuffa anunciou a compra do *Strikeforce* (evento fundado na Califórnia no ano de 1985 como uma organização de *Kickboxing*, somente em março de 2006 realizou seu primeiro evento de MMA). Alegando que seria uma espécie de “segunda divisão” do MMA e que os lutadores dos dois eventos não se enfrentariam.

Dois anos depois o evento em questão foi extinto, e os lutadores detentores de cinturões e que apresentavam certo destaque, migraram para o UFC. A extinção do *Strikeforce* agregada ao fator mercadológico, que propõe a ampliação na demanda de consumidores a partir da criação de novas ofertas, e ao bom

desempenho das lutadoras, possibilitou a criação de uma categoria de peso para as mulheres no UFC, o peso galo (61,2 Kg). Mesmo antes das mulheres lutarem no UFC, além do *Strickeforce*, participavam de um evento exclusivo, o *Invicta Fighting Championships*, em atividade desde 2012 e que estabeleceu parceria com o UFC em 2014<sup>51</sup>.

Existem poucos eventos de grande porte internacional que não estejam vinculados ao UFC, um desses eventos é o Bellator, também fundado nos Estados Unidos e que atualmente aposta em lutas diferenciadas para atrair o público (CORRÊA, 2015). Mesmo com propostas que fogem um pouco às convencionais batalhas, o Bellator ainda está muito distante das cifras acumuladas pelo UFC. O modo de gerenciamento da Zuffa, fez com que em um período médio de tempo o UFC fosse promovido a ponto de encerrar o ano de 2015 com a edição 194. Contabilizando os eventos desse ano chegamos a um total de 40, sendo duas finais do TUF, 25 Fight Night e 13 defesas de cinturão (COMBATE, 2015d). Salientando que um dos principais produtos do UFC são as vendas do *pay-per-view*.

Tendo em vista a dificuldade em mapear todos os eventos de MMA que já foram realizados ou que ainda estão em atividade em nosso país, selecionamos alguns eventos devido à sua representatividade no subcampo do MMA no Brasil. Dentre os quais evidenciamos o maior evento de MMA da América Latina, o *Jungle Fight*, que teve sua primeira edição em Manaus em 2003. Ao longo desses anos, diversos lutadores brasileiros que hoje atuam no UFC, como Lioto Machida e Fabrício Werdum, foram revelados nesse evento. Atualmente, a transmissão das lutas do *Jungle Fight* é feita na televisão aberta por meio da Rede Bandeirantes de Televisão (BAND) e no canal Combate, pelo sistema de televisão a cabo (CORREIA, 2012).

De maneira geral, as informações apresentadas até aqui nos levam a crer que o patamar mais alto da carreira de um lutador ou lutadora, atualmente, é estar no rol de contratados do UFC. Curitiba aparece nesse contexto como possibilidade de “rota de acesso ao lucrativo octógono do UFC” (BRUM, 2010 s/p). O depoimento de alguns dos entrevistados de Passos et al. (2014) sobre a trajetória vitoriosa que

---

<sup>51</sup> Abordaremos a prática do MMA pelas mulheres no subcapítulo 3.2.

lutadores de Vale-tudo de Curitiba conquistaram tanto no cenário nacional como internacional, evidencia o pioneirismo da prática do Muay Thai<sup>52</sup>.

Curitiba ainda hoje apresenta características que facilitam a propagação do MMA, as raízes no Muay Thai são evidentes e atraem lutadores de outros estados. O número expressivo de eventos internacionais, nacionais e locais que tem a cidade como sede também a posicionam como um espaço no qual as lutas recebem certa representatividade e consumo. Em um intervalo de dois meses, até o final de 2015 foram realizados onze eventos, sendo seis com lutas de MMA, desses seis, três são realizados em uma academia da capital chamada *Striker's House*. (PRIMEIRO ROUND, 2015a).

A Copa *Striker's House* foi criada por Rafael Waslov em 2010<sup>53</sup> e chega ao final de 2015 com sua 57ª edição. Ele relata que a intenção inicial era promover lutas de Muay Thai amador, mas “[...] após a primeira edição, pude perceber que poderia tornar o evento uma referência na revelação de talentos e assim aconteceu [sic] as edições seguintes já com lutas profissionais e de MMA também” (SOUZA, 2015 s/p). Mesmo com tantas edições e sendo uma oportunidade de estreia para lutadores de Curitiba e região, a falta de patrocinadores e investidores fez com que se cogitasse o encerramento da Copa *Striker's House*. No entanto, após ser premiada pela revista especializada “Primeiro Round” como principal evento regional, que de acordo com Souza (2015 s/p) “colocou a Copa *Striker's House* de volta na área”.

Ter um evento local com um número representativo de edições reforça a hipótese inicial levantada por Passos et al. (2014) de que Curitiba continua sendo um celeiro de bons lutadores. Acrescemos a noção de “celeiro”, não somente no sentido de produção e formação dos lutadores, mas sim, em termos de oportunidades e visibilidade que vêm sendo ampliadas desde meados dos anos 2000. O lutador Cristiano Marcello<sup>54</sup> comenta as “batalhas épicas” realizadas no “templo” Círculo Militar:

Agora com toda essa globalização do esporte, a gente vê tudo isso como aquele lance, o esporte, o *show*. Antigamente não, meu irmão. Parecia que

<sup>52</sup> Mais informações podem ser visualizadas no documentário intitulado “Os Donos da Rua- a origem do MMA em Curitiba” disponível em: <<https://youtu.be/JrdislCD34Q>>. Acesso em 04/02/2016.

<sup>53</sup> Informações mais detalhadas sobre a Copa Strikers fornecidas por Rafael Waslov em entrevista à revista Combat Sports estão disponíveis em: <http://www.combatport.com.br/IMAGES/xicao%20pag%2012-13-14.pdf>. Acesso em 28/07/2016.

<sup>54</sup> Cristiano Marcello foi graduado faixa preta no Jiu-jitsu pela família Gracie e passou a integrar a equipe Chute Boxe como lutador e posteriormente como professor no início dos anos 2000.

a morte tava [sic] arrastando a corrente e indo te buscar, aquele frio de julho, aquela névoa. Tudo ficava mais bizarro. Sem muitas regras, então com certeza foi marcante (MARCELLO, 2013).

Mesmo alguns anos depois, os eventos realizados nas academias tinham caráter amador em termos de organização. Em entrevista concedida à autora, o produtor de uma revista especializada em MMA relembra que “Antigamente o cara falava assim: você vai ser árbitro. Pegava lá outro atleta que não tá lutando, você vai ser árbitro. Pegava lá um treinador, a tua luta é a última, então você vai ser árbitro das primeiras”. Também menciona que não recebiam para arbitrar, diferente da realidade que temos atualmente, a qual existe uma federação e os eventos têm um corpo de árbitros capacitados.

O processo de expansão do MMA em Curitiba vem sendo acompanhado e divulgado por meio dos produtos oferecidos pela Primeiro *Round* (revista digital, site, página nas redes sociais e fotos especializadas) desde 2006 e é a única revista especializada do Paraná<sup>55</sup>. Um dos fundadores revela que são publicadas de três a quatro revistas por ano, sempre com matérias especiais<sup>56</sup>. Existe por parte dele a preocupação e o incentivo à profissionalização, não somente dos atletas, mas também, da organização dos eventos, do comprometimento das *ring girls* – de encarar como uma profissão, cuidando de sua aparência –, e principalmente da qualidade do material fotográfico produzido. O *website* da revista atualmente é responsável pela comunicação e cobertura fotográfica dos principais eventos locais e também faz coberturas de eventos internacionais realizados no país, como as edições do UFC.

Outro agente que assume papel importante no cenário do MMA e está presente na grande maioria dos eventos profissionais realizados em Curitiba é o médico clínico geral Osmar Achá, conhecido nesse meio como Dr. Osmar. Ao falar sobre o seu trabalho durante as lutas, ele alega que “é altamente gratificante estar ajudando a desmistificar o mito de que são selvagens se agredindo” (PRIMEIRO ROUND, 2011 p. 68). Nesse sentido, ressaltamos que a presença de equipe médica e ambulâncias no local, ilustra a preocupação do evento com a integridade dos atletas, fato que confere certa segurança e legitimidade ao evento e aos

<sup>55</sup> O público consumidor da página no Facebook tem idades entre 18-35 anos e 75% são do sexo masculino. Dados que reforçam que embora as mulheres tenham adentrado o universo das lutas, ainda são minoria ao consumirem informações dessa natureza nesse veículo.

<sup>56</sup> Entre os anos de 2006 e 2008 foram publicadas seis revistas impressas, que devido ao alto custo foram substituídas pelas versões digitais.

organizadores frente ao público de consumidores, mas principalmente, frente aos atletas e seus treinadores.

Tanto o MMA quanto as demais modalidades de lutas, artes marciais e esportes de combate estão presentes também nas academias de ginástica, como uma opção *fitness* ou lúdica, sem pretensões de competição ou mesmo profissionalização. Além dessas opções, as academias especializadas oferecem a possibilidade de avanços e graduações em determinadas modalidades, ou ainda, formam lutadores e lutadoras amadores e profissionais. Realizar um mapeamento completo de todas as academias que oferecem esse tipo de serviço torna-se inviável pela dinamicidade com que abrem novas turmas – e também estabelecimentos.

Como mencionamos anteriormente, ao propor contar uma história do Vale-tudo em Curitiba – e também no Brasil – é impossível não abordarmos a academia Chute Boxe (AWI, 2012). Em entrevista concedida à Floresto Scarpelli do blog MMA Debate, o fundador dessa academia, Rudimar Fedrigo relembra a fase de ascensão tanto da academia quanto do Vale-tudo dizendo que “tinha um material humano muito bom e fácil de trabalhar também, uma equipe jovem, que principalmente acreditava naquilo que eu tava [sic] propondo”.

De acordo com Fedrigo (2015), a década de 1990 foi marcante para a academia Chute Boxe em principalmente dois aspectos, o primeiro, que foi a inclusão dos treinos de Jiu-jitsu entre o ano de 1991 para 1992, “partir do momento que o mestre Nico apresentou o Jiu-jitsu pra nós que a gente viu que realmente casava muito bem com o Muay Thai, foi uma fusão perfeita” para ele, o sucesso da sua academia no Vale-tudo foi devido ao “casamento entre Muay Thai e Jiu-jitsu”.

Fedrigo (2015) relembra que outros dois marcos posicionaram Curitiba no cenário do Vale-tudo nacional, uma luta realizada entre José “Pelé” Landi-Jons e Macaco<sup>57</sup>, no ginásio do Ibirapuera, e depois desse dia, a luta entre Artur Mariano e Wanderlei<sup>58</sup>. “Mesmo o Wanderlei sendo derrotado ele demonstrou aí que em qualquer lugar que ele lutasse valeria o *show*, valeria o ingresso” e complementa dizendo “foi uma luta que alavancou a carreira do Wanderlei e mostrou o espírito da academia. Um espírito combativo de ir pra frente de não desistir de procurar a vitória

---

57 Mais informações sobre esse combate e as investidas para um possível reencontro podem ser consultadas em: <http://agfight.band.uol.com.br/pele-landi-propoe-macaco-desafio-com-portas-fechadas-na-chute-boxe/>. Acesso em 30 de setembro de 2015.

58 O depoimento de Artur Mariano e Wanderlei Silva sobre a luta que ficou conhecida como “maior clássico do Vale-tudo mundial” pode ser visualizado em: [https://www.youtube.com/watch?v=K\\_330FPD2zk](https://www.youtube.com/watch?v=K_330FPD2zk). Acesso em 30 de agosto de 2015.

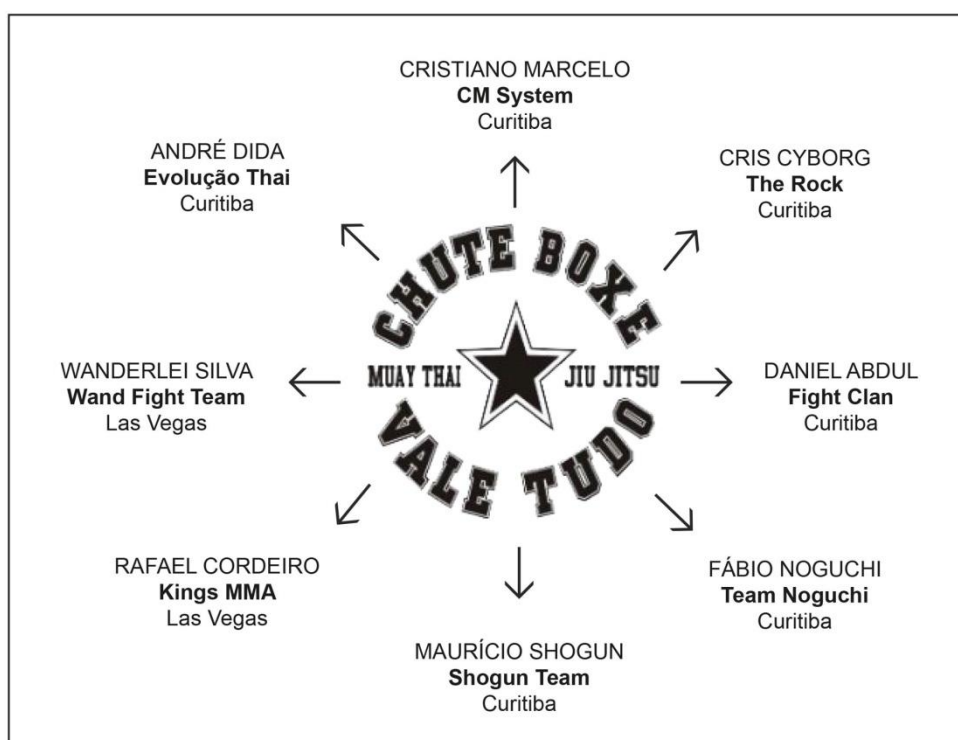


até o fim”. De maneira resumida ele descreve a situação que vivenciou com a modalidade no início de sua prática:

[...] sem material, sem muita condição, sem patrocínio. Mas acreditando, acreditando que a gente poderia chegar num resultado final. Essa filosofia foi implantando que a gente era vencedor, que a técnica era boa, que ninguém ia conseguir derrotar, acreditava muito naquilo que tava fazendo, e consegui passar isso pros lutadores e hoje eu vejo vários técnicos que saíram da academia que utilizam a mesma filosofia e tão sendo campeões aí na sua profissão, na sua vida (FEDRIGO, 2015).

Como foi uma das academias pioneiras em Vale-tudo na cidade de Curitiba, alguns ex-lutadores e professores que passaram pela academia Chute Boxe, mas que não necessariamente tenham sido formados lá, ao saírem dessa academia, estruturaram seus próprios espaços de treino, originando suas “famílias”. Identificamos algumas das academias que foram criadas e gerenciadas por esses agentes, as quais são ilustradas na imagem a seguir juntamente ao local onde está instalada.

FIGURA 6 – ACADEMIAS QUE SEUS PROPRIETÁRIOS TIVERAM VÍNCULO COM A ACADEMIA CHUTE BOXE



FONTE: elaborado pela autora (2015).

A localização geográfica desses espaços de lutas é bastante diversificada, de modo que poucas são as regiões da cidade que não dispõem desse tipo de aula.

Com relação à ocupação do espaço da cidade com as academias especializadas, ressaltamos em uma primeira análise, que quanto mais estabelecida no cenário, maior e mais bem organizado é o espaço físico, como também, mais nobre é o bairro no qual se localiza. Nesse sentido rememoramos uma passagem de Bourdieu (2009b, p. 164) que afirma “o espaço social tende a se retraduzir no espaço físico”.

Damos prosseguimento aos resgates de fatos históricos e de agentes significativos nesses processos apresentando três gerações de lutadoras que fizeram e fazem parte do universo do Vale-tudo e do MMA em Curitiba.

### 3.2 AS MULHERES NO MMA: PERCURSOS HISTÓRICOS

Ao nos debruçarmos sobre as histórias das mulheres no universo do MMA, percebemos que a atuação e o espaço para combates entre mulheres são bastante recentes. Tendo em vista que as histórias se misturam ao longo dos anos, optamos por organizar as informações em três unidades, enfocando inicialmente nos relatos das precursoras no Vale-tudo, que fizeram a primeira luta em 2003. Na sequência, apresentaremos as pioneiras no MMA que iniciaram suas atuações por volta de 2005 e permaneceram em atividade até os dias atuais, dando enfoque especial para a curitibana Cris Cyborg, por sua representatividade para o MMA nessa cidade e também em termos internacionais. Em seguida, mantendo nosso foco na cidade de Curitiba/PR, nossas descrições são direcionadas para a geração atual de lutadoras, que iniciou suas atividades a partir de 2010 e as características atuais da modalidade.

Nessa esteira, temos como objetivo para esse subcapítulo resgatar uma história das mulheres no MMA em Curitiba a partir do ano de 2003, para tanto, apresentamos as informações em três grupos os quais, denominamos – somente para fins de organização das informações – de gerações<sup>59</sup>. Nesse contexto, destacamos que a idade cronológica das lutadoras não é um fator determinante para os agrupamentos geracionais, mas sim, o compartilhamento das vivências de determinado momento histórico do MMA.

---

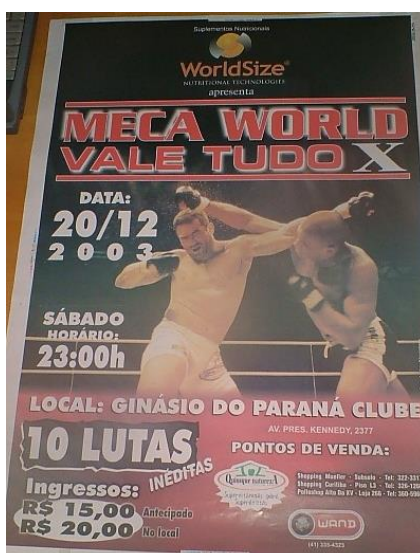
<sup>59</sup> Embora tenhamos nos inspirado na tese de doutoramento de Vlastuin (2013) e consequentemente na noção de geração de Karl Mannheim, para esse momento não vamos adentrar em uma descrição teórica, pois estamos limitando a utilização do termo como forma didática para organização das informações.



Outro fator relevante é que lutadoras da segunda e da terceira geração convivem e se enfrentam nos ringues atualmente, elucidando a flexibilidade na transição e na aproximação entre as participantes do subcampo do MMA. Em termos bourdieusianos, podemos pensar no reposicionamento das agentes dentro desse subcampo, e também, na manutenção das posições em detrimento à sua história e desempenho.

A falta de fontes torna invisível parte de uma história que começa a ser contada nesse trabalho somente a partir do primeiro registro de uma luta feminina de Vale-tudo no Brasil<sup>60</sup>. Foi durante a décima edição do *Meca World Fighting Championship* realizada em Curitiba no dia 20 de dezembro de 2003 e organizada por membros da academia Chute Boxe. Esse evento contou com dez lutas, dentre elas, aquela que ficou conhecida como “primeira luta de Vale-tudo da história”, entre Carmem “Casca-grossa” e Ana Carolina (PARANÁ ONLINE, 2003b). Para essa luta teve a inclusão de regras específicas para as mulheres, dentre as quais não eram permitidos socos, chutes, joelhadas ou cotoveladas enquanto a adversária estivesse no chão (DUARTE, 2003). Em decorrência das regras e do “histórico da luta de chão” das duas lutadoras, o embate terminou no primeiro *round* com Ana Carolina Pinho finalizando Carmem Casca-grossa.

FIGURA 7 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO MECA X



FONTE: Portal do Vale-tudo (2014)

<sup>60</sup> Hissa (2013) fez uma lista com oito lutadoras pioneiras do MMA no mundo, dentre as quais, ela menciona duas brasileiras: Jacqueline Andrade e Michelle Tavares. A matéria na íntegra está disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/02/conheca-pioneiras-que-abriram-portas-do-mma-para-mulheres.html>. Acesso em: 1 de setembro de 2015.

Em entrevista concedida à Bianca Alves e publicada em 29 de outubro de 2013, Ana Carolina Pinho conta que praticava Jiu-jitsu desde sua adolescência e que foi durante um campeonato mundial da modalidade que ela recebeu o convite para fazer uma luta de Vale-tudo. “Na época todo mundo falou que eu era doida, porque não existiam mulheres no MMA, mas eu sempre gostei de lutas e achei que era mais um desafio. E aí topei, gostei muito na época”. Grespan e Goellner (2014) relembram que embora essa tenha sido a primeira luta de Vale-tudo realizada no país, desde 1995 as mulheres já participavam de torneios como o *Ultimate L-1 Challenge* realizado no Japão. Sobre esse torneio, a lutadora explica: “Depois desse evento (X Meca) eu fui convidada pra lutar um evento no Japão que era como se fosse um circuito mundial, tinham mulheres do mundo inteiro, era o melhor evento do mundo na época [...] infelizmente eu não ganhei nos pontos” (PINHO, 2013).

Por ser uma pioneira das artes marciais mistas no Brasil, Pinho chama a atenção para as representações de gênero e os estigmas<sup>61</sup> que rondam as mulheres que praticavam lutas, Ana Carolina é incisiva ao argumentar que “[...] para praticar este esporte, não é preciso ser masculinizada. Fazer arte marcial não significa ser ‘mulher-macho’” (DUARTE, 2003 s/p).

Ao retornar do evento realizado no Japão, a lutadora acreditava que teria uma carreira promissora no MMA, no entanto, a pouca estrutura que a modalidade oferecia, limitava muito a participação das mulheres, iniciando pela dificuldade em encontrar adversárias. “[...] no Brasil não existia praticamente luta feminina, [...] pra eu lutar tinha que ir pra fora, uma luta por ano, mais ou menos. Acabou que eu fui botando na balança e pra mim não tava compensado, eu tava pagando pra lutar” (PINHO, 2013). Uma somatória de fatores fez com que desistisse da carreira de lutadora de MMA, “[...] eu tava namorando na época e ele começou na carreira do MMA e a gente achou melhor investir na carreira dele [...] naquela época não existia patrocínio, apoio, suporte, o atleta que tinha que se bancar” (PINHO, 2013). Atualmente segue atuando nos tatames como árbitra de MMA e professora de boxe e Jiu-jitsu.

Na época, a paraense Maria do Carmo Paixão Teixeira, conhecida no universo das lutas por Carmem “Casca-grossa”, era faixa preta de Jiu-jitsu e

---

<sup>61</sup> Para Goffman (2004) o termo estigma faz referência a um atributo depreciativo.

praticante de Muay Thai. Sua oponente, faixa marrom de Jiu-jitsu e lutadora de boxe (PARANÁ ONLINE, 2003b). Casca-grossa relembra a dificuldade de encontrar adversárias para a possibilidade de incluir lutas femininas nos eventos: “Poucas mulheres queriam lutar vale tudo, mas eu insistia e conseguia boas lutas” (BARROS, 2015 s/p). Além de sua atuação no X Meca, não encontramos outro registro de sua participação em eventos de Vale-tudo ou de MMA. No entanto, ela seguiu praticando Jiu-jitsu, sagrando-se como tricampeã mundial, doze vezes campeã brasileira, uma vez campeã do Pan-Americano da Confederação Brasileira de Jiu-jitsu Esportivo (CBJJ), além de outros títulos conquistados em torneios da categoria máster.

Atualmente mantém um projeto social que visa o desenvolvimento sócio esportivo de meninos em situação de risco, a “Associação Carmem Casca-grossa” (TV CULTURA, 2013). Sobre seu trabalho voluntário, descreve “[...] Dou aula de graça, não cobro nada. Tiro esses jovens das ruas, das drogas, e levo para o projeto para fazer deles grandes campeões. Vamos fazer nove anos agora em dezembro” (RAUPP, 2012 s/p). Sobre seu codinome “Casca-grossa”, ela esclarece “[...] as pessoas pensam que sou grossa ou ignorante pelo apelido. [...] Meu coração é imenso, sempre estou ajudando qualquer um que venha me pedir ajuda. Meu apelido é “Casca-grossa”, mas de grossa não tenho nada. Sou uma pessoa muito feliz” (RAUPP, 2012, s/p).

Ser mulher em universo concomitantemente ocupado por homens, no início dos anos 2000 imputava nelas um atributo de “casca-grossa”, em contraponto à ideia de “sexo frágil”. Teixeira (2007) ao analisar o universo do Jiu-jitsu identificou que ser chamado de casca-grossa é um dos melhores elogios que um lutador pode receber. O termo designa a posse de três características: força, técnica e raça. Ao focar o aspecto “físico” do termo, o autor menciona que: “[...] o elogio se faz à pele, ao invólucro do corpo, não ao conteúdo. Afinal, é a pele que, endurecida pelo treinamento, se faz casca. Casca que, por espessa, perde em sensibilidade, mas ganha em proteção à dor e aos ataques dos adversários [...]” (TEIXEIRA, 2007, p. 64).

Nesse sentido, estar no “mundo das lutas” era mais do que enfrentar uma adversária ou outra nos eventos competitivos, era, a todo o momento, reafirmar sua posição de mulher e lutadora. Quando Carmem comenta seu codinome, traz à tona a noção *goffmaniana* de estigma. Pois, para o autor, os ambientes sociais estabelecem categorias organizadas em razão dos atributos comuns dos membros e

com base nessas “pré-concepções” as transformamos em expectativas normativas. “Caracteristicamente, ignoramos que fizemos tais exigências ou o que elas significam até que surge uma questão efetiva. Essas exigências são preenchidas?” (GOFFMAN, 2004, p. 5).

Quando a lutadora se manifesta tendo o intuito de alertar que além de casca-grossa é “muito feliz” e não quer ter sua imagem associada à agressividade ou ao atributo “grossa”, evidencia que o mesmo atributo que lhe propiciou a entrada no subcampo das lutas, pode soar de maneira desconfortável em outros espaços sociais, como por exemplo, no campo político. Fizemos essa aproximação devido à candidatura de Carmen Casca-grossa ao legislativo no ano de 2012 no município de Ananindeua/PA<sup>62</sup>.

Ainda sobre esse fato e embasados pelo entendimento de Bourdieu (1983) sobre as leis gerais dos campos, compreendemos que o campo esportivo – *locus* em que Carmem Casca-grossa incorporou parte de seu *habitus* – e o campo político – espaço no qual almejava adentrar – funcionam de maneiras distintas. Ou seja, cada espaço valoriza determinado conjunto de capitais, que em um esforço podem ser “transferidos”, mas nem sempre mantém a mesma função, como por exemplo, o capital social da lutadora.

Além das duas lutadoras que mencionamos anteriormente, Jacqueline Andrade e Ana Michelle Tavares também foram pioneiras no MMA, realizando suas lutas de estreia entre os anos de 2002 e 2003. Hissa (2013) comenta que “muito antes de Ronda Rousey, Liz Carmouche e Gina Carano, americanas e brasileiras lutavam pelo mundo sem reconhecimento do UFC e da mídia”. Ana Michelle, uma das primeiras brasileiras a lutar MMA no exterior, fez sua estreia no dia 13 de julho de 2003 no evento *Deep – 11th Impact*, realizado no Japão. É faixa preta de Jiu-jitsu pela academia Kimura Nova União. Atualmente ministra aulas de Jiu-jitsu na mesma academia em que se graduou (HISSA, 2013; SHERDOG, 2016a).

Ao apresentar a lutadora Jacqueline Andrade, Hissa (2013) faz alusão às finalizações por chaves de braço, movimento que popularizou as finalizações de Ronda Rousey, “quando Ronda Rousey ainda devia dar seus primeiros passos no tatame, uma brasileira já colecionava braços no MMA”. Jacqueline é faixa preta de

---

<sup>62</sup> Mais informações podem ser consultadas em: <http://www.eleicoesbrasil.org/vereador/carmem-casca-grossa/ananindeua-pa/140000008185>. Acesso em: 23/03/2016.

Jiu-jitsu pela escola de André Pederneiras e realizou duas lutas – as quais venceu por finalização – entre os anos de 2002 e 2003.

A seguir elaboramos um quadro que ilustra as lutadoras pioneiras do MMA no Brasil. Além das lutadoras abaixo identificadas (Ana Carolina Pinho Ana Michelle Tavares e Carmem Casca-grossa), mencionamos também, Jacqueline Andrade<sup>63</sup>, como uma das precursoras na modalidade:

FIGURA 8 – PIONEIRAS DO MMA NO BRASIL

	<p> Ana Carolina Pinho</p> <p> 3 Lutas</p> <p> Estreia: 20 · DEZ · 2003</p>
	<p> Ana Michelle Tavares</p> <p> 9 Lutas</p> <p> Estreia: 13 · JUL · 2003</p>
	<p> Carmem Casca-grossa</p> <p> 1 Luta</p> <p> Estreia: 20 · DEZ · 2003</p>

FONTE: elaborado pela autora a partir de imagens disponíveis na internet (2016)

Além da fotografia e da data de estreia, a quantidade de lutas de Vale-tudo ou MMA que realizaram foi escolhida para compor o quadro acima tendo em vista elucidar a pouca longevidade na carreira das lutadoras pioneiras. Como é possível visualizar, tanto Ana Carolina quanto Carmem Casca-grossa não deram prosseguimento à carreira de lutadoras de MMA, no entanto, foram protagonistas daquela que ficou conhecida e registrada na história da modalidade, como a primeira luta de Vale-tudo entre mulheres. Destacamos que embora Ana Michelle tenha estreado alguns meses antes, o fez no Japão, tendo lutado no Brasil somente em 1º de abril de 2004. Até 25 de setembro de 2008 ela lutou profissionalmente nove vezes, tendo sete vitórias por finalização (HISSA, 2013; SHERDOG, 2016a).

<sup>63</sup> Justificamos a ausência de Jacqueline Andrade no quadro 2 em decorrência da não disponibilidade de um registro de imagem da lutadora para acesso *online*.

Mesmo antes de existirem ou de participarem de competições exclusivas de Vale-tudo ou MMA, as lutadoras participavam de eventos de suas modalidades específicas, como por exemplo, campeonatos de Jiu-jitsu ou de Muay Thai, e dessa forma foram vivenciando os combates. Ao entrevistarmos um produtor de uma revista especializada, ele nos contou como eram os campeonatos de MMA quando ele iniciou o seu trabalho, no ano de 2006:

Naquela época tinham bem menos evento do que agora. Até eu tava vendo, tava comparando a carreira da Cris Cyborg com a carreira das lutadoras mais novas. A Cris começou já no profissional, eu acho que se entrevistar ela e perguntar quantas lutas amadoras ela fez, se fez, foi uma ou duas no máximo. Porque não tinha, era um evento a cada quatro ou cinco meses e profissional, não tinha muita luta amadora. [...] Agora tem luta todo o final de semana, [...] na academia X e na outra semana tem outra academia, e o pessoal vai lutando bastante. Naquela época não tinha muita coisa (PRODUTOR, 2015).

Pelos relatos acima, é possível notar mudanças significativas em termos de popularização da modalidade junto ao público de mulheres em menos de 10 anos. Além de Carmem Casca-grossa e Ana Carolina Pinho, outra brasileira foi uma das pioneiras da modalidade na cidade de Curitiba, trata-se de Cristiane Justino, mais conhecida como Cris Cyborg (a lutadora incorporou o sobrenome do então marido e também lutador, Evangelista Cyborg). Em entrevista concedida à Floresto Scarpelli e disponibilizada em 17 de abril de 2015, ela relata seu histórico nos esportes:

Eu pratico esporte desde os meus 12, acredito que todos os esportes que eu pratiquei, não só o handebol, o atletismo o futebol, eu acho que me ajudou a minha estrutura mesmo, estrutura corporal. Quando eu comecei a lutar já era forte, tinha preparação física, já tinha um corpo de atleta. Acredito que isso me favoreceu, eu já era atleta antes de começar a lutar, precisava só aprender a técnica. Acredito me favoreceu bastante e me ajuda até hoje (CYBORG, 2015).

A lutadora acredita que as habilidades esportivas já incorporadas, ou em termos bourdieusianos o *habitus* esportivo, e a preparação física de atleta profissional de handebol, favoreceram a aprendizagem técnica das lutas. Ela menciona que “quando eu comecei a treinar eu não tinha muita técnica eu só tinha coração”. A iniciativa de procurar a academia de lutas veio de um convite que recebeu durante um jogo de handebol quando recebeu o cartão da academia Chute Boxe. Em 2004 e aos 19 anos de idade, Cris participou de uma aula de Muay Thai com o professor Rafael Cordeiro. No ano seguinte, com aproximadamente seis meses de treino de MMA, fez sua primeira luta profissional contra Erica Paes, da



qual relembra que: “foi depois dessa luta que eu parei de jogar handebol e fazer atletismo e fiquei só fazendo MMA” (CYBORG, 2012).

Em entrevista concedida a José Pelé Landi-Jons<sup>64</sup> no programa “A bela e a fera” no dia 22 de dezembro de 2012, Cris comenta que antes de começar a treinar, não conhecia o universo das lutas e nem os nomes dos já famosos no Vale-tudo, como Wanderlei Silva e Maurício Shogun, e relembra como foi sua primeira luta:

Eu tinha seis meses de treino e eu queria fazer uma luta de Muay Thai, mas a agente fecho [uma luta] de MMA, foi minha primeira luta [...] nessa luta, foi uma luta boa. A menina já tinha mais tempo de luta, fui lutar, mas não tinha noção do que ia ser [...] agora eu sei que é uma responsabilidade maior você leva o nome da escola, teu nome. A primeira vez foi pra ver qual que era, e infelizmente eu perdi, na verdade desloquei meu cotovelo, a menina era do Jiu-jitsu tava tentando me finalizar na mesma hora, mas essa luta foi a luta que eu falei, nossa, eu nasci pra isso! (CYBORG, 2012)

Com a escolha de permanecer nas lutas, Cyborg conta que sua mãe lhe falou “[...] não, lutar não, aquela imagem que antigamente se tinha” de que as mulheres não teriam espaço nesse universo. Além dos escassos campeonatos, um grande empecilho que as mulheres enfrentavam nessa época eram as poucas adversárias. Em consulta ao *website Sherdog*, em que estão registradas todas as lutas profissionais realizadas pelos lutadores de MMA, foi possível identificar que existia um número razoável de lutadoras na primeira década dos anos 2000, no entanto, muitas delas faziam somente uma ou duas lutas e encerravam suas carreiras.


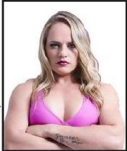





Nesse cenário, selecionamos alguns nomes<sup>65</sup> que iniciaram na modalidade entre os anos de 2004 e 2009, permanecendo em atividade até o ano de 2016. Com base nessas informações elaboramos um quadro que ilustra as principais lutadoras brasileiras dessa geração, a data de nascimento, de estreia como lutadora profissional e também o último registro de participação em uma luta apresentadas seguindo a ordem alfabética. Justificamos a escolha desses itens para construção

<sup>64</sup> José Pelé Landi-Jons faz parte dos lutadores que vivenciaram o início dos combates intermodalidades em Curitiba, ainda nos anos 1990. Após esse período realizou 45 lutas como lutador profissional de MMA. Esteve vinculado à academia Chute Boxe de Curitiba. Mais informações sobre as “lendas” dos combates intermodalidades podem ser consultadas em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/05/especial-chute-boxe-equipe-que-fez-curitiba-se-tornar-tailandia-brasileira.html>. Acesso em 28/10/2016 e o cartel do lutador está disponível em: <http://www.sherdog.com/fighter/Jose-LandiJons-1400>. Acesso em: 01/11/2016.

<sup>65</sup> Compreendendo a impossibilidade de identificarmos todas as agentes que pertencem a essa categoria, utilizamos como critérios para elaboração do quadro que as lutadoras tenham feito a primeira luta como profissional até o ano de 2009, tenham realizado pelo menos uma luta por ano até 2016 e que permanecessem ativas até o presente ano. Além desses critérios, também selecionamos somente as lutadoras com registro de data de nascimento em seus carteis disponíveis no website Sherdog.

do quadro a seguir, como forma de ilustrar a duração da carreira das lutadoras que iniciaram nesse período de tempo, bem como, destacar a posição que ocupam no cenário do MMA tanto nacional quanto internacional atualmente.

FIGURA 9 – LUTADORAS BRASILEIRAS DA SEGUNDA GERAÇÃO QUE CONTINUAM EM ATIVIDADE

	<p>👤 Amanda “Lioness” Nunes (30 · MAI · 1988)</p> <p>📅 Estreia: 08 · MAR · 2008</p> <p>🥊 Último registro: 09 · JUL · 2016</p>
	<p>👤 Carina “Barbie” Damm (16 · FEV · 1979)</p> <p>📅 Estreia: 16 · OUT · 2004</p> <p>🥊 Último registro: 09 · SET · 2016</p>
	<p>👤 Cláudia Gadelha (07 · DEZ · 1988)</p> <p>📅 Estreia: 05 · JUL · 2008</p> <p>🥊 Último registro: 19 · NOV · 2016</p>
	<p>👤 Cristiane Justino “Cris Cyborg” (09 · JUL · 1985)</p> <p>📅 Estreia: 17 · MAI · 2005</p> <p>🥊 Último registro: 24 · SET · 2016</p>
	<p>👤 Deise “Lee” Rocha (30 · JAN · 1985)</p> <p>📅 Estreia: 01 · DEZ · 2006</p> <p>🥊 Último registro: 10 · DEZ · 2016</p>
	<p>👤 Juliana “Julie” Werner (06 · OUT · 1981)</p> <p>📅 Estreia: 06 · MAI · 2005</p> <p>🥊 Último registro: 21 · MAI · 2016</p>
	<p>👤 Jennifer Maia (06 · OUT · 1988)</p> <p>📅 Estreia: 05 · DEZ · 2009</p> <p>🥊 Último registro: 26 · SET · 2016</p>

FONTE: elaborado pela autora (2016) a partir de imagens disponíveis na internet e dados disponíveis no website Sherdog.



Dentre as lutadoras que constam no quadro, cinco estão atuando vinculadas à eventos internacionais, sendo Amanda Nunes – atual detentora do cinturão dos pesos galo – contratada do UFC. Cláudia Gadelha, segunda no *ranking* do peso palha e contratada do UFC. Cris Cyborg que tem contrato com o UFC e com o Invicta FC, Jennifer Maia – detentora do cinturão dos peso mosca – e Vanessa Porto, contratadas pelo Invicta FC. Dessas lutadoras, Amanda Nunes, Cris Cyborg e mais recentemente, Cláudia Gadelha, residem e treinam nos Estados Unidos e Vanessa Porto e Jennifer Maia, residem e treinam no Brasil – em São Paulo e em Curitiba, respectivamente. Ao estabelecer um vínculo das lutadoras mencionadas no quadro com a cidade de Curitiba, identificamos que Cris Cyborg e Jennifer Maia iniciaram seus treinamentos e foram formadas pela academia Chute Boxe e que Deise Lee reside e treina na cidade de Curitiba sendo formada por duas academias, a Noguchi Team e a Galeto Brazilian Jiu-jitsu.

Tendo como base os eventos mistos que essas lutadoras participaram, foi possível identificar alguns que contavam com no máximo três lutas de mulheres por noite, mas a maioria trazia somente uma. Objetivando apresentar um panorama geral do MMA praticado por mulheres em Curitiba na primeira metade dos anos 2000, optamos por descrever as participações das atletas acima listadas no evento chamado *Storm Samurai*. Justificamos a escolha desse evento pelo número de edições realizadas na capital paranaense e também por ser um evento pioneiro em termos de oportunidade para as lutadoras.

O *Storm Samurai* teve quinze edições entre os anos de 2003 e 2007, sendo doze delas realizadas em Curitiba/PR, e as outras três edições foram realizadas em São Paulo/SP, Brasília/DF e Guarapuava/PR. A primeira edição desse evento a apresentar uma luta feminina foi o *Storm Samurai* – 8, realizado em Brasília/DF no dia 2 de julho de 2005, com a luta entre Vanessa Porto e Julie Werner (SHERDOG, 2016b). Em entrevista para o website da revista Tatame<sup>66</sup> as lutadoras falam sobre suas preparações e estratégias para luta, Julie Werner comenta: “Estou treinando muito chão com o Gustavo da Gracie Barra e Wrestling com o Alexandre He-man.

<sup>66</sup> A revista Tatame é produzida pela TW Editora e de acordo com Cecchetto et. al (2012), suas publicações enfocam diversas modalidades de lutas e artes marciais, mas com maior ênfase para o Jiu-jitsu, Judô, Boxe, Muay Thai e MMA, com conteúdos que abordam o cotidiano dos lutadores, entrevistas com os campeões, nutrição, dietas especializadas para perda de peso, dicas de treinos, entre outros. Os autores alertam que essa é uma publicação com foco em um público predominantemente masculino e com idades entre 15 e 35 anos.

Estou preparada”. Vanessa Porto “rebate” o comentário da adversária dizendo que “O Jiu-Jitsu dela não me dará trabalho. Vou partir para a trocação<sup>67</sup>!” (TATAME, 2005).

As próximas 4 edições (SS – Storm Samurai 9 até SS – Storm Samurai 12) foram realizadas em Curitiba/PR todas com a presença da lutadora curitibana Cris Cyborg. Na 9ª edição, realizada no dia 20 de novembro de 2005, Cris Cyborg e Vanessa Porto fizeram a luta principal do evento. Esse mesmo espaço do card foi ocupado por Cris Cyborg e Marise Vitoria no dia 21 de maio de 2006, na edição de número 12. O SS – Storm Samurai 10 e 11, realizados respectivamente nos dias 28 de janeiro e 21 de maio de 2006, tiveram as lutas entre Cris Cyborg e Chris Schroeder<sup>68</sup> e Cris Cyborg e Elaine Santiago de Lima (SHERDOG, 2016c).

Sobre o evento e as lutadoras envolvidas para sua realização, destacamos o início promissor – devido às vitórias – da carreira de Cris Cyborg. Seu desempenho nessa fase inicial da carreira, foi registrado em 2006 pela revista *Primeiro Round*, ainda em versão impressa. Cris Cyborg foi a primeira mulher a estampar a capa dessa revista, como ilustra a imagem a seguir:

FIGURA 10 – CRIS CYBORG É CAPA DA REVISTA PRIMEIRO ROUND



FONTE: Acervo pessoal (2014)

<sup>67</sup> Trocação é o momento em que os adversários proferem golpes mutuamente.

<sup>68</sup> Chris Schroeder fez somente uma luta como lutadora profissional de MMA.

Outros nomes também receberam destaque nacional frente ao desempenho nos eventos supracitados e continuam em atividade até o ano de 2016, dentre os quais estão Vanessa Porto e Juliana Werner. Também chamamos a atenção para a breve carreira de Chris Schroeder e Marise Vitória – as quais realizaram apenas uma luta como profissionais – e a sucessão de derrotas sofridas por Elaine Santiago de Lima<sup>69</sup>, que chegou a ocupar lugar de destaque no cenário do MMA brasileiro ao observarmos suas adversárias (as quais mantiveram suas carreiras até pelo menos o ano de 2015) e por realizar a luta principal do CFC - *CLA Fighting Championships* 2, no dia 15 de setembro de 2007 em Taboão da Serra/SP (SHERDOG, 2016d; 2016e; 2016f; 2016g; 2016h).

Dentre os eventos realizados no Brasil também incluíam mulheres em seus *cards* citamos o *Body Fight*, realizado por três edições na cidade de Maringá/PR, o *Champions Night*, realizado em Marília/SC, o *Golden Fighters Championship*, realizado no Rio de Janeiro/RJ, dentre outros. Destacamos nesse momento a criação de um evento exclusivamente feminino, o *Fatal Femmes Fighting*<sup>70</sup> (FFF), realizado durante fevereiro de 2007 e abril de 2008, tendo suas quatro edições realizadas no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Duas lutadoras brasileiras participaram desse evento, Vanessa Porto, que fez a luta principal da terceira e da quarta edição e Carina Damm, que participou da quarta edição (SHERDOG, 2016i; 2016j).

Esse breve panorama da primeira metade dos anos 2000 nos oferece subsídio para minimamente visualizar o subcampo do MMA e as agentes envolvidas. Tendo em vista que nesse momento da história da modalidade e da formação das atletas, foram se delineando as agentes que seriam as dominantes do MMA no Brasil, tanto em meados dos anos 2000 quanto em 2016, essas agentes ocupam lugar de destaque também no cenário internacional, como no caso de Cris Cyborg, 2ª posição no ranking mundial, incluindo lutadoras de todos os pesos (SHERDOG, 2016k). Além do reconhecimento midiático, o reconhecimento dos pares legitima a posição de Cyborg enquanto lutadora, como também, uma vitória sobre ela reposiciona a adversária no subcampo do MMA, como relata Ediane Índia em

<sup>69</sup> Elaine Santiago de Lima tem em seu cartel quatro lutas profissionais de MMA, sendo duas contra Ediane Gomes, uma contra Cris Cyborg e outra contra Vanessa Porto entre os anos de 2004 e 2007.

<sup>70</sup> Cada uma das edições acrescia ao nome do evento um título, sendo por ordem cronológica: FFF 1 – Asian Invasion; FFF 2 – Girls Night Out; FFF 3 – War of the Roses; e, FFF 4 – Call of the Wild.

entrevista “Cyborg é a melhor do mundo e estou feliz por enfrentá-la. Não há nenhuma mulher no MMA para bater nela, então vou tentar. Vai ser uma guerra. Sempre quis enfrentá-la e sei que uma vitória me deixaria em outro patamar” (TATAME, 2014, s/p).

Ao angariarem capital físico, social e simbólico, devido às suas apresentações muitas vezes taxadas como agressivas, as lutadoras foram se estabelecendo no subcampo do MMA mesmo com todos os fatores limitadores pelos quais a modalidade passava, tais como o preconceito tanto da modalidade quanto da inserção das mulheres nesse meio, a falta de incentivo financeiro, os escassos eventos e a pouca visibilidade do MMA como uma possibilidade de prática esportiva reconhecida e popularizada.

Silva e Rubio (2003) explanam uma discussão sobre a necessidade da superação para a manutenção no cenário do esporte de alto rendimento. Ao abordar as noções de vencedores e perdedores no universo esportivo, nos suscitam a reflexão da importância mútua que as lutadoras mencionadas nesse trabalho – e aquelas que ficam invisibilizadas – tiveram e ainda tem sob a participação e a efetivação da atuação das mulheres nos esportes. Embora nesse momento a história do MMA em Curitiba/PR está sendo contada pelo sucesso das batalhas realizadas sob o tatame, fato que nos permite acesso aos registros, precisamos entender e destacar a ousadia e a resiliência de mulheres que adentraram, e também, daquelas que permaneceram nesse espaço esportivo que ainda lhes é restrito.

Sobre a entrada e permanência das lutadoras da segunda geração, é comum identificarmos em seus discursos a presença de uma figura masculina como incentivadora da prática do MMA ou ainda, que familiares e/ou cônjuges também são lutadores de MMA ou seus treinadores. Como forma de ilustrar essa afirmação, e também a posição ortodoxa dos homens nesse subcampo, evidenciamos o caso de Cris Cyborg, que como já mencionamos, incorporou ao seu nome o “codinome” de seu ex-marido. Ela relata que no início de sua carreira era conhecida como “Cris Chuteboxe” e após assumir o relacionamento com o também lutador de MMA Evangelista Cyborg, ao realizar sua próxima luta, foi chamada por Rafael Cordeiro, treinador do casal, de “Cris Cyborg, e assim ficou” (JOLY, 2008, p. 25).

De maneira resumida, salientamos que as lutadoras que constam no quadro apresentado anteriormente, além de adentrarem no subcampo do MMA,

permaneceram nele. As quais fizeram lutas tanto com lutadoras da primeira quanto da terceira geração, como foi o caso de uma luta realizada entre Ana Michelle (primeira geração) e Carina Damm (segunda geração) e entre Jennifer Maia (segunda geração) e Jéssica Andrade (terceira geração) em 15 de dezembro de 2012. Em combate mais recente as “duas gerações” se enfrentaram representadas por Julie Werner (segunda geração) e Ariane Lipski (terceira geração) em 21 de maio de 2016. As lutadoras e as datas das lutas realizadas estão ilustradas na imagem abaixo:


FIGURA 11 – COMBATES INTERGERACIONAIS



FONTE: elaborado pela autora (2016) a partir de imagens disponíveis na internet e dados disponíveis no website Sherdog.

Além dos combates “intergeracionais” comentados, houve diversas lutas entre as atletas da segunda geração como ilustra a imagem a seguir:

FIGURA 12 – LUTAS ENTRE LUTADORAS DA SEGUNDA GERAÇÃO

	VS	
Vanessa Porto		Carina Damm
19 · FEV · 2004		
	VS	
Vanessa Porto		Julie Werner
06 · MAI · 2005 02 · JUL · 2005 07 · OUT · 2006		
	VS	
Vanessa Porto		Cris Cyborg
20 · NOV · 2005		
	VS	
Vanessa Porto		Amanda Nunes
12 · DEZ · 2009		
	VS	
Vanessa Porto		Kalindra Faria
31 · MAR · 2011		
	VS	
Vanessa Porto		Jennifer Maia
28 · OUT · 2011 11 · MAR · 2016		
	VS	
Deise Lee		Julie Werner
01 · DEZ · 2006 24 · AGO · 2013		
	VS	
Carina Damm		Kalindra Faria
20 · SET · 2009 13 · JUL · 2013 09 · SET · 2016		
	VS	
Cláudia Gadelha		Kalindra Faria
25 · SET · 2010		
	VS	
Jennifer Maia		Kalindra Faria
20 · NOV · 2010		

FONTE: elaborado pela autora (2016) a partir de imagens disponíveis na internet e dados disponíveis no website Sherdog.



Ao enfocarmos o período de tempo que compreende os anos 2000 até 2016 é nítido o aumento na oferta de eventos e na quantidade de lutadoras, por esse motivo estamos entendendo que a terceira geração de lutadoras iniciou na prática quando ela passava por um processo de “difusão”, no sentido de que as lutas de MMA passaram a veicular com mais frequência na televisão e também informações referentes ao universo do MMA estavam disponíveis em maior quantidade via internet.

Podemos afirmar que os últimos três anos (marcado pela estreia de Ronda Rousey no UFC) o MMA assume um novo ciclo em termos de organização e difusão da modalidade. No entanto, mesmo antes da estreia no UFC as mulheres já estavam participando de eventos internacionais de grande porte, como o *Strikeforce*, estreando em 2006 e o Bellator, estreando em 2009<sup>71</sup>.

Em 15 de agosto de 2009, Gina Carrano e Cris Cyborg protagonizaram a luta da noite do *Strikeforce* em San José, na Califórnia/USA<sup>72</sup>. Ambas as lutadoras estavam há sete lutas sem perder, sendo que Carano, que iniciou sua carreira como lutadora profissional de MMA em 2006 e estava invicta até a luta com Cyborg (SHERDOG, 2016I). Após ser derrotada ela se “aposentou” do esporte seguindo carreira como modelo e atriz, sendo a primeira lutadora de MMA a estampar a capa da revista da ESPN “The Body Issue”.

FIGURA 13 - GINA CARANO E CRIS CYBORG



<sup>71</sup> Dentre as lutadoras que se destacaram no cenário do WMMA internacional e que realizaram lutas nesses dois eventos, citamos: Aisling Daly, Alexis Davis, Amanda Nunes, Carla Esparza, Cris Cyborg, Elaina Maxwell, Felice Herrig, Gina Carrano, Hitomi Akano, Jessica Aguilar, Jessica Penne, Julia Budd, Lacey Schuckman, Leslie Smith, Liz Carmouche, Marloes Coenen, Megumi Fugii, Michelle Waterson, Misha Tate, Ronda Rousey, Rosi Sexton, Roxanne Modafferi, Sarah Kaufman, entre outras (SHERDOG, 2016m; 2016n).

<sup>72</sup> Mais informações sobre a luta podem ser visualizadas em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/cris-cyborg-nocauteia-gina-carano-e-vence-maior-luta-feminina-da-historia-br4lnjb3t2zhqj28q7gf0evke>>. Acesso em: 15/12/16.

FONTE: SHERDOG (2016)

Fato que começa a reposicionar as mulheres no cenário do MMA, dando indícios da possibilidade de criação de uma nova demanda de consumidores. Três anos depois, no dia 3 de março, Ronda Rousey e Misha Tate também realizaram a luta da noite. O mesmo espaço na organização do evento foi ocupado por Ronda Rousey e Sarah Kaufman em 18 de agosto de 2012, vale salientar que das nove lutas que compunham o cartel dessa noite, três eram femininas (SHERDOG, 2016m).

As categorias de peso para as lutas femininas no *Strikeforce* eram peso pena (até 65,8Kg) e peso galo (61,2Kg), tendo como detentoras dos cinturões das respectivas categorias, Cris Cyborg e Ronda Rousey. Como as duas lutadoras estavam invictas, rumores e especulações passaram a fomentar a possibilidade de um confronto entre as duas, e consequentemente rivalidades foram sendo alimentadas, especialmente por meio de canais midiáticos, como ilustram Salvini e Marchi Júnior (2016).

Concomitantemente à extinção do *Strikeforce* que aconteceu no dia 12 de janeiro de 2013, algumas lutadoras foram contratadas pelo Invicta FC e outras pelo UFC. De acordo com as informações disponíveis no *website* do Invicta FC, esse é considerado o maior evento de *Women's Mixed Martial Arts*<sup>73</sup> (WMMA) do mundo e o primeiro a apresentar combates exclusivamente de mulheres. A organização foi fundada no ano de 2012 sob a presidência de Shannon Knapp (ex-executiva do *Strikeforce*) em Kansas City/USA. Ela argumenta que além de um nicho de mercado – que se instaurou depois da extinção do *Strikeforce* e a falta de interesse do UFC por lutas de mulheres – o Invicta FC aparece como uma possibilidade para as mulheres lutarem em uma plataforma organizada e com categorias de peso que lhes fossem adequadas (INVICTA FC, 2016).

Em um ano de existência foram realizados três eventos transmitidos online de maneira gratuita e a partir da sexta edição era possível assistir às lutas por *pay-per-view* nos Estados Unidos e no Canadá (INVICTA FC, 2016). Sobre a difusão do WMMA e do Invicta FC como uma possível vitrine para tal feito, Nishi (2013) relata a contratação de 11 lutadoras do peso palha do Invicta FC pelo UFC. As lutadoras contratadas farão parte da 20ª edição do TUF que definirá a campeã do peso palha

<sup>73</sup> Abordaremos mais sobre a posição periférica das mulheres em diferentes modalidades esportivas a partir da necessidade da inclusão do *women* ou “feminino” após o nome das modalidades no subcapítulo 5.3.



do UFC. Sobre o UFC, Shannon relata que a criação de uma nova categoria de peso<sup>74</sup> no UFC é uma prova de que o WMMA começa a se perpetuar no maior campeonato de lutas do mundo e reconhece que atualmente “o UFC pode oferecer mais do que ela para suas lutadoras” (NISHI, 2013 s/p).

FIGURA 14 – LOGOMARCA DO INVICTA FC



FONTE: Invictafc (2015)

Em entrevista ao website *mmafighting* publicada no dia 9 de junho de 2014, a presidente da organização comenta a existência de uma parceria com o UFC e salienta que não se sente como uma “fornecedora de lutadoras”, pois,

[...] a parceria serve como mais um momento divisor de águas para a história de sucesso surpreendente que o Invicta FC chegou a encarnar, e parece duplamente benéfico, pois o negócio não só irá trazer um novo nicho, tendo como base os consumidores leais do UFC Fight Pass, mas mais importante ainda, irá ampliar significativamente o alcance do Invicta FC, que foi previamente confinado a um espaço de *pay-per-view* online (KNAPP, 2014 s/p tradução nossa).

Em termos de contexto brasileiro, Grespan (2014) destaca que a partir dos anos 2010 o número de mulheres lutando MMA em eventos mistos aumentou, sobretudo, tendo em vista que elas já participavam de diversos eventos de lutas de modalidades como: boxe, Jiu-jitsu e Muay Thai. Com inspiração em eventos

<sup>74</sup> Até o ano de 2016 o Invicta FC apresenta cinco categorias de peso, sendo: peso pena (até 65,8 Kg), peso galo (61,2 Kg), peso mosca (até 56,7 Kg), peso palha (até 52 Kg) e peso átomo (até 48 Kg). O UFC conta com duas categorias de peso, o peso galo e o peso palha (APENDICE E). O primeiro combate de “peso casado” (até 63,5kg) foi realizado no dia 14 de maio de 2016, na cidade de Curitiba/PR na qual foi a estreia de Cris Cyborg no UFC.

internacionais com combates exclusivamente de mulheres, como FFF ou o Invicta FC, também foram promovidos no Brasil eventos nesses moldes, Silva (2015) cita o Golden Girls, que estreou em 2010 com lutas de Muay Thai amador e o *Pink Fight*, com lutas de MMA em 2012.

A primeira edição do *Pink Fight* aconteceu em Porto Seguro/BA no dia 29 de janeiro de 2012 apresentando oito lutas. Esse evento também é conhecido como uma possível “versão feminina” do *Jungle Fight*, principalmente pela figura de Wallid Ismail, presidente de ambos os eventos (CRUZ, 2012). Embora o evento tenha iniciado com a promessa de se tornar “[...] o maior evento feminino do mundo [...]” (ISMAIL, 2012), foram realizadas somente mais duas edições, ambas em Campos dos Goytacazes/RJ, nos dias 10 de março de 2012 e 18 de janeiro de 2014<sup>75</sup> (SHERDOG, 2016o). Vale ressaltar que o evento teve o apoio do senador Magno Malta<sup>76</sup> que em seu discurso exalta a participação das mulheres nos esportes, na política e enfatizou seu trabalho de “combate às drogas e à pedofilia” (NOBLAT, 2012). Tal *slogan* foi estampado no ringue do evento, como é possível observar na imagem a seguir:

FIGURA 15 – LUTA DO PINK FIGHT



FONTE: SporTv (2015)










Mesmo que com pouca duração – exceto o *Invicta FC* que permanece em atividade – esses eventos exclusivos de mulheres auxiliaram na visibilidade das

<sup>75</sup> Na terceira edição do Pink Fight, foram incluídos dois combates masculinos, transferidos do Jungle Fight 64 (PRIMEIRO ROUND, 2014).

<sup>76</sup> Magno Malta que também é pastor evangélico foi eleito senador pelo estado do Espírito Santo. Mais informações sobre a figura política e suas propostas que envolvem o MMA podem ser consultadas em: <http://www.magnomalta.com/portal2/index.php/component/search/?searchword=MMA&searchphrase=all&Itemid=233>. Acesso em 15/07/2014.

atletas, pois em suas edições participaram lutadoras que atualmente fazem parte do *ranking* das melhores do mundo, dentre as quais citamos: Jennifer Maia, Vanessa Porto e Hérica Tibúrcio. Seguindo nessa esteira, mensalmente o *website* norte-americano *MMA Rising*, publica o *ranking* mundial das lutadoras de MMA. Esse *ranking* apresenta as dez lutadoras melhor posicionadas em cada uma das cinco categorias (APÊNDICE E) e apontam outros cinco nomes com potencial de constar nas futuras listagens. Com base no *ranking* de lutadoras do mês de dezembro de 2016, selecionamos os nomes das lutadoras brasileiras, as quais constam no quadro a seguir:

QUADRO 2 – POSIÇÃO DAS LUTADORAS BRASILEIRAS NO RANKING MUNDIAL DO MÊS DE DEZEMBRO DE 2016

Posição	Categoria	Nome	Evento
	Peso pena	Cristiane "Cyborg" Justino	
	Peso galo	Amanda "Lioness" Nunes	<b>UFC</b>
11º	Peso galo	Bethé "Pitbull" Correia	<b>UFC</b>
	Peso mosca	Jennifer Maia	
2º	Peso mosca	Vanessa Porto	
6º	Peso mosca	Ariane Lipski	*
8º	Peso mosca	Marília "Chocolate" Santos	
10º	Peso mosca	Juliete "Ju Pitbull" de Souza Silva	*
13º	Peso mosca	Juliana "Julie" Werner	*
2º	Peso palha	Claudia "Claudinha" Gadelha	<b>UFC</b>
4º	Peso palha	Jéssica "Bate-estaca" Andrade	<b>UFC</b>
13º	Peso palha	Livia Renata "Livinha" Souza	
14º	Peso palha	Juliana Lima	<b>UFC</b>
15º	Peso palha	Viviane "Sucuri" Pereira	<b>UFC</b>
4º	Peso átomo	Hérica Tibúrcio	
10º	Peso átomo	Tatiane Damiana Bergamaschi,	*
15º	Peso átomo	Silvania Monteiro	*

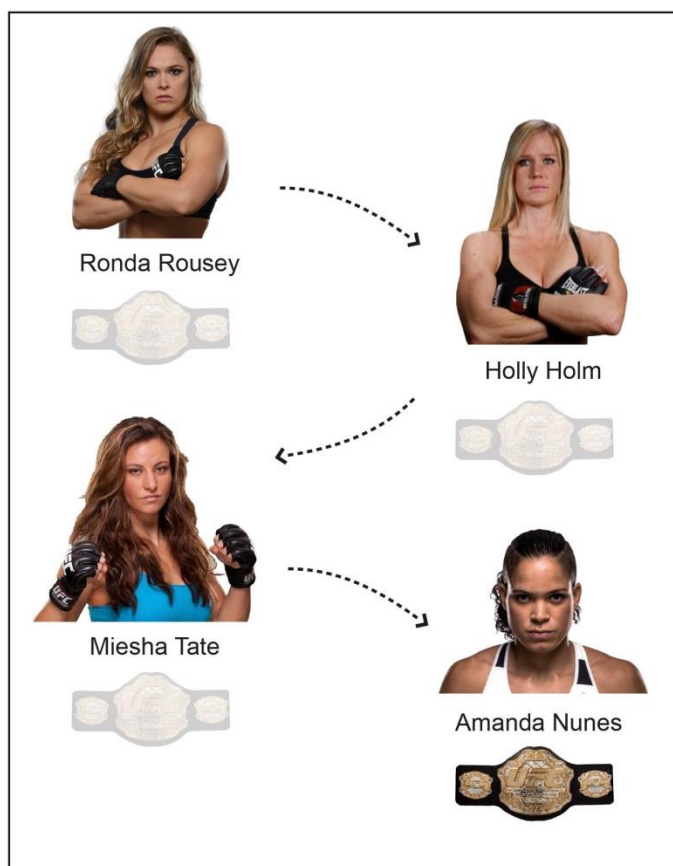
FONTE: Elaborado pela autora a partir de informações disponíveis no website *mmarising* (2016).

\*Informações sobre assinatura de contrato não estão disponíveis online.

Como é possível visualizar no quadro acima ilustrado, temos a presença de três lutadoras brasileiras como primeiras nas seguintes categorias: peso pena, peso galo e peso mosca. Além de outras posições interessantes no cenário mundial do MMA. Tendo em vista a representatividade do UFC no subcampo do MMA e conseqüentemente, a visibilidade que participar dessa organização confere aos lutadores e lutadoras, para esse momento, abordaremos com maior ênfase as duas categorias femininas do UFC, o peso galo e o peso palha.

Nesse sentido, chamamos a atenção para Amanda Nunes como detentora do cinturão de sua categoria, a qual ganhou visibilidade a partir da figura de Ronda Rousey, que permaneceu no topo da lista da categoria por quase três anos, fez sete lutas de defesa de cinturão. Vale ressaltar que depois de Rousey, o cinturão passou por três diferentes lutadoras, sempre na primeira luta que visava a defesa do mesmo. A fim de exemplificar o que estamos chamando de “dança do cinturão”, elaboramos a imagem a seguir:

FIGURA 16 – LUTADORAS DETENTORAS DO CINTURÃO DA CATEGORIA PESO GALO NO UFC



FONTE: a autora (2016)

Muito se especula quanto à qualidade técnica das lutadoras e a necessidade de ser uma “lutadora completa” para permanecer com o cinturão por mais de uma luta de defesa, como foi o caso de Ronda Rousey e também de Joanna Jedrzejczyk. Ainda em termos de posicionar o Brasil no cenário do MMA internacional, antes de Nunes ser a detentora do cinturão dos pesos galo, Bethe Correia tentou, mas não obteve êxito ao lutar contra Rousey no Rio de Janeiro no UFC 190. Além das lutas do peso galo, mencionamos duas lutas pelo cinturão do peso palha realizadas entre a brasileira Cláudia Gadelha a polonesa Joanna Jedrzejczyk, sendo a primeira no dia 13 de dezembro de 2014 e a última no dia 08 de julho de 2016. Em ambas as lutas a polonesa permaneceu como a primeira da categoria.

Reforçando a posição privilegiada de Ronda Rousey no subcampo do MMA e principalmente na estrutura do UFC, bem como da categoria pela qual ela atua, a luta da noite do último evento do UFC de 2016 foi entre Amanda Nunes e Ronda Rousey. Tal anúncio provocou diversas reações frente aos consumidores e também às lutadoras, tendo em vista que Ronda Rousey foi derrotada por Holly Holm, e que por isso, esperava-se uma luta em forma de revanche antes da disputa pelo cinturão. No entanto, no que tange o reposicionamento do Brasil no cenário do MMA internacional, tal evento foi extremamente significativo pois, ao mesmo tempo em que Nunes teve a possibilidade de mostrar sua qualidade técnica, pôde fazer isso sob a mulher e lutadora que é considerada o “símbolo” das mulheres no UFC, construindo um novo capítulo na história das mulheres lutadoras do Brasil, como também, frente à organização UFC<sup>77</sup>.

Essa luta além de ser significativa pela representatividade de Ronda e pelo seu retorno, trás à tona duas construções corporais de mulheres lutadoras. Embora ambas sejam dotadas de capital físico que lhes garante a manutenção na modalidade, o capital corporal e a forma de exposição fora do octógono entre Nunes e Rousey se desenvolve de maneira diferente. Por esse motivo, entendemos que são duas figuras que mercadologicamente apresentam possibilidades diferenciadas de exploração pela organização.

A história das mulheres no MMA, muitas vezes é limitada ou confundida por consumidores recentes – ou desavisados – com o período de aparição e o

---

<sup>77</sup> Ao realizar a sua primeira defesa de cinturão Amanda Nunes venceu Ronda Rousey aos 48 segundos do primeiro round.

desempenho de Ronda Rousey no UFC. Tal fato é compreensível, tendo em vista que o WMMA alcançou a visibilidade atual, por um conjunto de fatores, dentre os quais, a figura de Ronda Rousey foi fundamental. Mesmo com esse cenário, é preciso ressaltar uma frase icônica proferida por Dana White no ano de 2011, quando questionado pelo repórter da TMZ<sup>78</sup> sobre a inclusão de lutas de mulheres no UFC. Elucidamos a seguir um relato de Dana sobre essa afirmação: “[...] eu estava em Los Angeles e o TMZ me perguntou quando as mulheres lutariam no *Ultimate Fighting Championship* (UFC). Eu olhei para a câmera e disse: nunca” (WHITE, 2015 p. XI). A repercussão para tal frase pode ser compreendida de diversas maneiras, no entanto, preferimos manter a ideia do próprio emissor, quando alega que sua posição se justificava pela falta de qualidade técnica das mulheres que ele já havia visto lutar.

Além dos elementos relativos à *performance* de lutadora “completa”, Ronda Rousey popularizou a modalidade por vincular seu bom desempenho nos tatames à figura de uma lutadora bonita e com atributos normativos de feminilidade. Outro fator relevante é sua história no Judô, no qual, conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008.

Além de ultrapassar as fronteiras do campo esportivo, por meio de suas atuações em filmes ou ainda, ao atrelar sua imagem a diferentes produtos comerciais, ela ultrapassou as fronteiras do *cage* ao posar com o corpo a mostra evidenciando atributos de sensualidade, que não são evidenciados nos momentos de luta. Dentre outras aparições evidenciando sua sensualidade, destacamos a imagem a seguir, na qual Ronda ilustrou a capa da edição de 2012 da revista ESPN *the body issue*, que em tradução livre quer dizer: questão de corpo. Nessa mesma revista atletas de diferentes modalidades evidenciam seu capital corporal por meio de fotos nuas a partir de uma proposta artística<sup>79</sup>:

---

<sup>78</sup> Site norte-americano que publica notícias sobre celebridades.

<sup>79</sup> As imagens podem ser visualizadas em:

[http://www.espn.com/espn/photos/gallery/\\_id/8136693/2012-body-issue-bodies-want-espn-magazine](http://www.espn.com/espn/photos/gallery/_id/8136693/2012-body-issue-bodies-want-espn-magazine)>. Acesso em 05/11/2016.



FIGURA 17 - RONDA ROUSEY EM CAPA DA REVISTA ESPN DE 2012



FONTE: ESPN (2016)

Essa mescla entre mulher sensual e lutadora completa exibindo grandes atuações no octógono, aparentemente pareceu ter sido uma fórmula que por três anos foi muito rentável, tanto para a atleta quanto para a organização, principalmente na quebra de estigma quanto às lutadoras de MMA junto ao público de consumidores. Tal enlace é mercadologicamente “perfeito” pois ao mesmo tempo que reforça a imagem da mulher bonita e sedutora, também a mostra desempenhando com eficiência sua profissão enquanto lutadora.

Ao passo que Ronda Rousey foi/é figura representativa no que tange a popularização do MMA frente a um público recente de consumidores, as nossas entrevistadas mencionam outras lutadoras que as inspiraram para a prática da modalidade, como a Gina Carrano e também a Cris Cyborg. Nesse contexto, destacamos que para o público de consumidores esportivos a figura de Ronda aparece como mais representativa, ao passo que para o público de consumidores-praticantes-profissionais, são outros nomes que aparecem com maior ênfase e significância, sem negar a importância de Ronda para a visibilidade das mulheres. Em se tratando de visibilidade para mulheres lutadoras de MMA, ao analisar os discursos proferidos por Cris Cyborg sobre Ronda que foram veiculados no *website* da revista Tatame, Salvini e Marchi Júnior (2016) puderam constatar que dentre as 77 unidades de registro nos discursos de ambas, em 3 deles Cyborg mencionou que Rousey foi importante nesse quesito.

Outra categoria de peso para mulheres no UFC é a peso palha ou *strawweight* (52Kg), tendo três brasileiras compondo a categoria: Cláudia Gadelha,

Jéssica Andrade e Juliana Lima, respectivamente ocupando a segunda, sexta e a décima sexta posição no *ranking* da categoria, como ilustrado no quadro previamente mencionado. A estreia dessa categoria foi no dia 16 julho de 2014, com a luta entre Cláudia Gadelha e Tina Lahdemaki. No entanto, o cinturão da categoria somente entrou em disputa no final do TUF 20, o qual foi realizado somente com mulheres dessa categoria (COMBATE, 2014a).

FIGURA 18 - PARTICIPANTES DO *THE ULTIMATE FIGHTER 20*



FONTE: Gonnageek (2016)

Em disputa com Rose Namajunas, Carla Esparza saiu vitoriosa e foi a primeira detentora de cinturão da categoria (COMBATE, 2014b). Sparza fez a primeira defesa de cinturão no dia 14 de março de 2014, na qual, Joana Jedrzejczyk saiu vitoriosa. Jedrzejczyk já fez três defesas de cinturão e permanece sendo a campeã da categoria, além de ocupar a primeira posição no *ranking* das melhores lutadoras, independente de vínculo com eventos e de categoria. No *ranking* “peso por peso” do UFC de janeiro de 2017, Jedrzejczyk ocupa a sétima posição, sendo a mulher melhor posicionada nessa lista, seguida por Nunes, a qual ocupa a décima primeira posição.

Embora Jedrzejczyk esteja passando por um momento de êxito em sua carreira, ocupando um lugar de destaque tanto entre as mulheres lutadoras quanto no cenário geral da modalidade, ela faz menções de que somente após a disputa de cinturão contra Cláudia Gadelha acabou recebendo mais atenção da mídia. Outro fato que a reposiciona no evento UFC e também no subcampo do MMA é a participação do primeiro UFC a ser realizado em Nova Iorque. O qual teve como luta



da noite Connor McGregor, lutador conhecido pelo grande número de vendas de *pay-per-view* em suas lutas (COMBATE, 2016a; 2016b).

Em entrevista de divulgação do UFC 205 a lutadora traz à tona elementos que reforçam a preferência dos organizadores do evento e também dos consumidores, por lutadoras que sejam estadunidenses e que apresentem capital corporal sensual. Ela profere que:

Sei que não sou a mais bonita e que não tenho os maiores seios ou que não sou americana, mas quero que as pessoas se lembrem de mim como a melhor lutadora, invicta no MMA e campeã do UFC. Quero ser uma lenda. Quero que as pessoas falem de mim em cinco, 10, 20 anos, que fui a melhor lutadora de MMA, que fui uma das melhores campeãs do UFC. Isso que eu quero. Só quero me aposentar como uma campeã invicta. Esse é o meu objetivo e quero tornar este sonho real (COMBATE, 2016a, s/p).

Tal discurso reforça a existência de elementos de dominação masculina como evidenciou Bourdieu (2007a) pois, além do capital físico que a torne merecedora do *status* de melhor lutadora da categoria, ao fazer menções aos atributos de feminilidade nos dá a entender que são eles que auxiliam na difusão da imagem da mulher lutadora. Ou seja, é o capital físico que as posiciona no *ranking*, mas é o capital corporal em consonância com atributos entendidos como de “feminilidade” que as torna figuras públicas para além do subcampo do MMA e do campo esportivo, como foi o caso de Rousey.

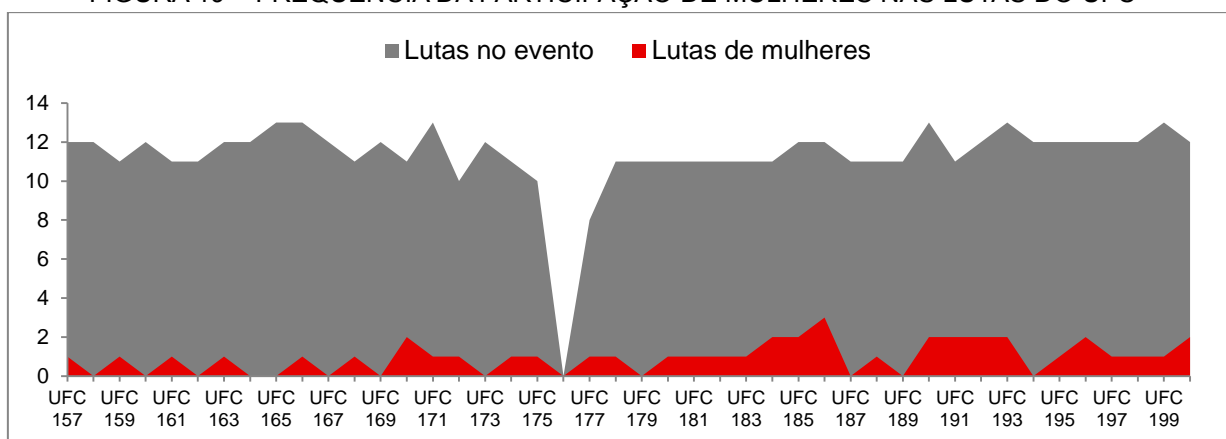
Visando identificar a presença das mulheres em lutas do UFC, fizemos uma consulta nos eventos numerados<sup>80</sup> já realizados pela organização. Constatamos que desde a estreia das mulheres no UFC 157 no dia 23 de fevereiro de 2013 até o UFC 200 realizado no dia 09 de julho de 2016, outros 43 eventos numerados foram realizados, nos quais, as mulheres protagonizaram a luta da noite por seis vezes, sendo cinco delas com a presença de Ronda Rousey. Nos eventos organizados pelo UFC acontecem em média 11 lutas por noite, totalizando 497 lutas, das quais, o percentual aproximado de mulheres nesse montante é de 8,5%.

Para melhor descrever essas informações apresentamos o gráfico a seguir que mostra a quantidade de lutas realizadas no evento e o número de lutas realizadas por mulheres.

---

<sup>80</sup> Entendemos por eventos numerados aqueles em que há disputa de cinturão, excluindo dessa análise as lutas realizadas no TUF e no UFC Fight Night.

FIGURA 19 – FREQUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS LUTAS DO UFC



FONTE: elaborado pela autora a partir de dados disponíveis no website Sherdog (2016p).

Tal qual ilustra o gráfico acima, entre o UFC 157 até o UFC 200, doze<sup>81</sup> eventos numerados não tiveram lutas femininas. Vinte e um contaram com somente uma luta entre mulheres. Nove eventos tiveram duas lutas femininas e um único evento, o UFC 186, contou com a presença de três lutas femininas, sendo duas lutas pelo peso galo e uma pelo peso palha. Até o UFC 169, intercalavam-se os eventos que traziam uma e na sequência, nenhuma luta feminina. A partir do UFC 170 houve um aumento na frequência e na quantidade de lutas por noite. Muito embora essa constatação não se manteve de maneira crescente e linear, tendo eventos nos quais o *card* era composto somente por “lutas masculinas<sup>82</sup>”, é possível identificar que um processo de entrada e manutenção por parte das mulheres nesse subcampo, vem acontecendo, mesmo que de maneira limitada.

A organização UFC apresenta certa resistência em ampliar o número de categorias para as mulheres<sup>83</sup>. Cyborg tem aproveitado a atenção que vem recebendo da mídia após ter estreado no UFC para dar início ao que ela chama de “campanha” para que a categoria peso pena (65,8kg) seja uma realidade também para mulheres. A campanha foi lançada nas redes sociais com a imagem a seguir e com a frase: *bring on the featherweights* (em tradução livre: traga os pesos pena):

<sup>81</sup> O UFC 176 não foi realizado, sendo que as lutas foram realocadas nos demais eventos numerados. Mais informações estão disponíveis em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2014/07/sem-opcoes-para-substituir-jose-aldo-x-chad-mendes-ufc-176-e-adiado.html>. Acesso 26/10/2016.

<sup>82</sup> No subcapítulo 5.3 propomos uma discussão que abarca a noção de violência simbólica a partir da utilização do termo “lutas femininas” para mulheres e somente do termo “lutas” para os homens, o qual é entendido universalmente como “lutas de homens”.

<sup>83</sup> No dia 07/12/2016, Dana White anunciou a inclusão da categoria peso pena para mulheres, sendo anunciada a primeira luta para o dia 11 de fevereiro de 2017, entre Holly Holm e Germaine de Randamie, as quais disputarão o cinturão dessa nova categoria.

FIGURA 20 – CAMPANHA PARA INCLUIR A CATEGORIA PESO PENA PARA MULHERES NO UFC



FONTE: UltiMMAtO (2016).

Ela escreve que entende que tem responsabilidade com a história da modalidade e por esse motivo, faz o apelo que visa divulgar a realidade a qual ela enfrenta na organização, bem como, tem em vista empoderar as lutadoras de categorias que não estão sendo ofertadas pelo UFC a associarem-se por essa reivindicação:

Eu sou muito grata aos meus fãs e às artes marciais mistas femininas. Estou recebendo milhares de mensagens de garotas do mundo todo me agradecendo por tê-las representado. Eu não vou abandonar a minha divisão de peso. Nem todas nós pesamos 52 kg ou 61,2 kg. Algumas de nós são maiores e outras são até menores...mas todas nós merecemos um palco para mostrar o nosso talento. Nós merecemos as mesmas oportunidades que os homens! Eles têm oito divisões de peso no UFC, enquanto nós temos apenas duas categorias para as mulheres competirem. Eu vou lutar por todas nós e vamos fazê-los dar às mulheres as mesmas oportunidades que deram aos homens. [...] Eu vou lutar no peso-pena (65,8 kg) para que as outras mulheres dessa divisão tenham a mesma oportunidade. [...] Realizei um sonho ao lutar na minha cidade de Curitiba, e será um sonho finalmente chamar o meu título de "campeã peso-pena feminino do UFC (ULTIMMATO, 2016, s/p).

Considerando que Cyborg também é contatada pelo Invicta FC e que é considerada uma das melhores lutadoras no cenário internacional, seu esforço para que o UFC amplie as categorias de peso das mulheres, reforça a posição representativa que o UFC assume no subcampo do MMA. De certa maneira, tal campanha nos fornece subsídios para analisar que Cyborg somente estará ocupando lugar estabelecido, de destaque, quando conquistar a sua categoria de peso na organização e for campeã por ela. Tal feito poderá ser compreendido como uma possível quebra de paradigma ou ainda, de desconstrução de estigmas ao

apresentar ao público consumidor lutadora dotada de capital físico ímpar, mas que não atende às prerrogativas do capital corporal alicerçado nos atributos exaltados por Rousey.

Além das lutadoras, outras mulheres ocupam os espaços que envolvem o desenvolvimento da modalidade, sejam elas árbitras ou comentaristas de programas esportivos, compartilham a vivência anterior em modalidades de lutas, esportes de combate ou artes marciais. Dentre as comentaristas que atualmente ocupa posição privilegiada pelo seu histórico como lutadora de Jiu-jitsu e também pelo sobrenome que carrega, está Kyra Gracie, cinco vezes campeã mundial e atualmente trabalha como comentarista do canal combate.

FIGURA 21 – RHOODES LIMA, KYRA GRACIE E LUCIANO ANDRADE



FONTE: SporTv (2016)

Embora ela tenha nascido em uma família de lutadores, relata que:

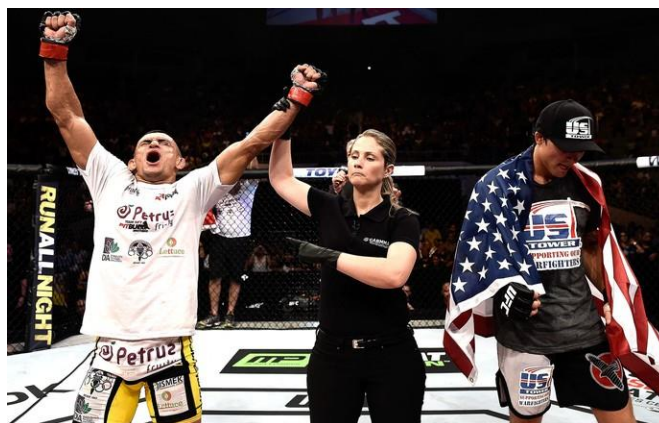
Na minha casa a gente sempre teve um tatame dentro de casa e eu assistia meus tios e meus primões, sempre homens, e eu olhava aquilo e queria tanto sentir o que ele sentem, como deve ser entrar num tatame, enfrentar uma pessoa, e vencer e perder. Eu queria sentir aquilo. Era muito distante pra uma mulher Gracie lutar e viver da luta, eles tinham muito ciúmes e eles achavam que não era coisa pra mulher (GRACIE, 2015).

As mulheres da família Gracie, “[...] aprendiam um pouquinho de defesa pessoal, mas bem o básico, mas nenhuma seguiu em frente porque a família falava ‘deixa pra lá’” (GRACIE, 2015). Kyra relembra que se acreditava que “[...] uma mulher não poderia representar o nome da família”, e que “as expoentes do Jiu-jitsu, antes, eram mulheres masculinas, eram aquelas mulheres grandonas, cabelo

raspado, orelha estourada [...] a mulher não perde a vaidade porque faz Jiu-jitsu” (GRACIE, 2015), e relembra que foi precursora ao usar um quimono cor-de-rosa, que com o passar do tempo, tornou-se um elemento vinculado à sua figura enquanto mulher e lutadora.

Barone (2015) menciona que a primeira mulher a arbitrar um evento do UFC no Brasil foi Camila Albuquerque, praticante de Kung-Fu por 6 anos e até o início de 2015 era a única mulher a compor o quadro de arbitragem da Comissão Atlética Brasileira (CABMMA).

FIGURA 22 – CAMILA ALBUQUERQUE EM ATUAÇÃO COMO ÁRBITRA



FONTE: SporTV (2015)

Sobre o preconceito sofrido em suas primeiras arbitragens, no ano de 2012, ela comenta:

No começo, havia bastante. Eu ficava com muita raiva. Subia no octógono e soltavam piadinhas, era novidade, o público nunca tinha visto, não havia muita confiança dos atletas. À medida que foram vendo que era sério, que eu tinha responsabilidade, passava segurança a eles, ficou mais tranquilo. Diminuiu bastante essa forma de preconceito (BARONE, 2015 s/p.)

Antes das brasileiras adentrarem o espaço da arbitragem em grandes eventos como o UFC, Kim Winslow já compunha a equipe de arbitragem de eventos como *Strikeforce* e o próprio UFC, desde 2009. Ela também menciona a existência de preconceito com árbitras mulheres “[...] sei que sofro mais críticas que meus companheiros homens, tudo que acontece comigo é mais debatido e com mais intensidade”. No entanto, ela ressalta que mesmo com o machismo latente desses

espaços esportivos, trabalha para que isso não afete seu desempenho profissional (DEHÒ, 2012, s/p.).

FIGURA 22 – KIM WINSLOW EM ATUAÇÃO COMO ÁRBITRA



FONTE: The sports post (2015).

Embora não tenha sido atleta, Winslow teve vivência em diferentes modalidades, como o Boxe, Capoeira, Jiu-jitsu, Muay Thai e Taekwondo. Para ela, o fato de ter treinado e ter vivenciado as sensações das possíveis formas de finalização é essencial para saber em que momento pode parar a luta e manter os lutadores em segurança, “[...] **É fundamental saber ler a luta**, para que você não fique no caminho”. (DEHÒ, 2012, s/p. *grifos nossos*). A passagem grifada nos remete ao entendimento do campo proferido por Bourdieu (2013), quando o jogador nasceu no campo, tem as regras incorporadas, por esse motivo, ele tem a habilidade natural de antecipar as jogadas. O processo inverso também é verdadeiro, pois, se partirmos do pressuposto que se “aprende pelo corpo” pela vivência, um árbitro que não sentiu em seu próprio corpo – em algum momento de sua vida – as pressões e os golpes, também terá dificuldade de identificar os limites de segurança durante um combate.

Direcionando o nosso foco para o cenário curitibano, Primeiro Round (2015b) comenta que a primeira árbitra paranaense a compor o corpo de jurados da Associação Paranaense de Lutas, foi Charyana Correia, que foi judoca por 13 anos e atualmente é lutadora de Jiu-jitsu. Ela ressalta que embora a arbitragem no MMA se enquadre no rol dos caminhos de “difícil acesso para mulher”, “[...] nossa história está sendo desconstruída, construída e reconstruída. E eu faço parte da história das mulheres. Essa também é a minha história” (PRIMEIRO ROUND, 2015b, s/p.).



Em se tratando da história das mulheres no MMA, compreendemos que as lutadora que iniciaram suas carreiras em meados de 2010 no Brasil encontraram um contexto relativamente favorável para vivenciar a modalidade, especialmente pelo aumento de eventos amadores e pelas oportunidades de lutar em eventos considerados grandes, dentro e fora do país. Mas sem perder de vista que o caminho até o “topo” na modalidade – leia-se ser campeã do UFC – ainda é bastante longo, especialmente no que tange aos investimentos e retornos financeiros.

Em entrevista concedida à Silva (2015, p. 43), três lutadoras MMA profissionais e uma amadora que vivem e treinam em Curitiba/PR mencionaram as dificuldades financeiras para a manutenção no esporte<sup>84</sup>. Ao relatar sua primeira luta como profissional e a expectativa de ganhos financeiros, uma lutadora comenta:

[...] falaram "vão ser 800 reais pela luta ganhando ou perdendo", eu nunca ganhei um real lutando pelo amador, nada, sempre tirei do meu bolso, daí eu fui, estava treinando super bem para isso, chegou no dia da pesagem [...] eles falaram que não ia dar para pagar a bolsa e que o que eu vendesse de ingressos ia ser minha bolsa, e eu tive que correr atrás de ingressos um dia antes da luta, então ainda não dão muito valor sabe?

Ela prossegue alegando, “o que ganhamos na luta não paga o nosso investimento com suplementação, com lesão, com tratamento, com massagem, não paga nem um pouco, mas já é um retorno né?” (SILVA, 2015 p. 43). Por esse motivo, muitas lutadoras buscam apoios e patrocínios, principalmente de suplementos alimentares. Sobre a busca de patrocínios, um treinador entrevistado comenta que é mais fácil conseguir patrocínio se a lutadora, além de apresentar boa *performance* nos ringues, for dotada de características que a aproximem de um padrão heteronormativo de feminilidade. Para ele, se apresentar para a luta com o cabelo arrumado e unha feita, “faz toda a diferença na hora de conseguir patrocínio”. Vale destacar que em sua opinião, a popularização da modalidade por meio das vitórias

---

<sup>84</sup> Salientamos que esse trabalho tem como foco as mulheres no MMA, no entanto, temos noção de que limitações e dificuldades financeiras também assolam os homens que sonham em se profissionalizar, como é possível visualizar no vídeo que aborda as dificuldades enfrentadas por lutadores profissionais de MMA em Curitiba/PR disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pr/videos/v/mma-e-destaque-no-globo-esporte/3528919/>>. Acesso em: 24 de agosto de 2016. Como também, lutadores de outras regiões do país, como constataram Mariante Neto (2016) e Camilo (2016).



internacionais da lutadora brasileira Cris Cyborg e da estadunidense Ronda Rousey tem contribuído com a busca de patrocínios.

Ao ser questionado sobre as vantagens ou desvantagens das mulheres no cenário do MMA, ele relata:

A vantagem é o seguinte: não tem muita concorrência, então as meninas que são boas mesmo se destacam. E a desvantagem é porque ainda existe um preconceito, é um esporte de homens, entre aspas, as meninas estão provando que é de mulher também. Um esporte feito por homens, então até elas chegarem num nível, elas tem muito preconceito, depois que tá num evento grande muda [o olhar] (TREINADOR, 2015).

Para esse treinador, o preconceito acontece por parte das pessoas “de fora da academia”, pois dentro da academia as mulheres lutadoras são respeitadas, principalmente pelos seus colegas de treino, ele expõe que “os colegas de treino respeitam porque sabem que as meninas são “cascas-grossas”, disciplinadas, assim como eles, levam a sério, como profissão mesmo, querem isso da vida, então é mais o olhar do leigo”.

A relação entre a oferta de aulas, campeonatos e a possibilidade de viver desse esporte tem despertado um novo olhar sob o MMA feminino. Como já mencionamos, a capital paranaense é conhecida como um “celeiro” de lutadores de MMA, e mantém essa característica especialmente quando se trata da formação de atletas tanto homens quanto mulheres. O treinador entrevistado revela que o maior desafio é formar um lutador ou uma lutadora desde a base os tornando campeões. Para ele “o mais difícil é você fazer um atleta [...] principalmente meninas”, quando essas não têm uma vivência anterior no esporte. E frisa a alegria e o “orgulho” que sente ao ver suas alunas se destacando nos octógonos.

De acordo com matéria da revista *Primeiro Round* a Paraná Vale-tudo (PRVT) “liderada por Gilliard Paraná, está apostando alto no MMA feminino com a criação do ‘Girls Camp’, um projeto dedicado as mulheres que querem ingressar nessa modalidade” (VALLE, 2015, p.36). Além de Jessica “Bate Estaca” Andrade (primeira brasileira a ser contratada do UFC), outras lutadoras oriundas de outros estados estão treinando na PRVT em São José dos Pinhais/PR, região metropolitana de Curitiba/PR. Para Gilliard:

A exemplo da campeã Ronda Rousey, que tem as “cavaleiras”<sup>85</sup> dela lá nos Estados Unidos, em Curitiba a Jéssica também vai ter um time feminino a disposição. Estamos com várias atletas aqui [...] temos 10 meninas, três que vão estreiar no MMA amador e sete no profissional ainda esse ano (VALLE, 2015, p. 36).

São incontáveis os eventos que estão sendo realizados nos últimos anos em Curitiba/PR, no entanto, destacamos, além da Copa *Strikers* já mencionada anteriormente, o *Gladiator Combat Fight*, atualmente com 18 edições e todas realizadas em Curitiba/PR. A proposta desse evento é descobrir talentos, e por esse motivo “mais da metade do card é composto por amadores a partir de 15 anos – que lutam com capacete e caneleira. A premiação não passa de um troféu e do registro do combate no Sherdog [...]” (RUDINICK, 2016a, s/p.).

Ao estabelecer comparações entre o *Gladiator CF* e o UFC, Rudinick (2016a, s/p.) tenta mostrar o “lado B” dos eventos de MMA. Ele menciona que em média “um lutador iniciante recebe R\$ 500 para entrar no ringue. Nomes com *cartel* mais encorpado, já conhecidos, levam até R\$ 3 mil para competir”. Outra discrepância são os exames exigidos, “os americanos exigem até nove tipos de exames, além de manter controle antidoping independente e idêntico ao das Olimpíadas [sic]. A grande maioria dos torneios pequeno porte, contudo, cobra somente atestados básicos, como exame de sangue para hepatite e HIV”.

A ausência de grande estrutura de telões ou luzes que produziram a espetacularização do combate é de certa forma “amenizada” pela presença de *ring-girls* já conhecidas do grande público consumidor desses eventos. E o mais interessante é que, nesse cenário todos os envolvidos vislumbram o UFC como o ponto mais alto da carreira. Seja o promotor do evento que se inspira no formato dos *shows*, os lutadores que anseiam um contrato “de três dígitos” ou ainda, as *ring-girls* que têm no UFC o “sonho” da ascensão financeira e profissional, como relata uma *ring-girl* de eventos de MMA realizados em Curitiba e região metropolitana: “O sonho de toda a *ring-girl* é chegar no UFC (RUDINICK, 2016b, s/p).

Em um formato mais espetacularizado (com telões, luzes e transmissão televisiva pelo canal de TV Esporte Interativo) também foram realizados eventos em

---

<sup>85</sup> O termo “cavaleiras” diz respeito às outras três lutadoras que treinam com Ronda e que formam *The Four Horsewomen* (em tradução livre: as quatro “cavaleiras”). Nishi (2014) menciona que o nome foi inspirado nos *Four Horsemen* (quatro cavaleiros), lutadores de wrestling em sua “época de glória”, no final dos anos 1980, nos Estados Unidos.

Curitiba<sup>86</sup> e em São José dos Pinhais<sup>87</sup>. Das três edições do Circuito *Talent*, as duas últimas tiveram Jennifer Maia fazendo a luta da noite. Mais recentemente, em junho de 2015, outro evento de MMA é criado na região de Curitiba, trata-se do *Imortal Fight Championship*, que realizou seis edições, sendo quatro delas em São José dos Pinhais e uma em Curitiba, realizada no dia 10 de dezembro de 2016 no Círculo Militar.

O evento foi idealizado pelos empresários Stefano Sartori e Bernardo Meyer e tem como foco promover combates entre lutadores brasileiros e de fora do país. De acordo com Sartori “[...] o público brasileiro merece mais uma grande organização no cenário nacional, especialmente o do Paraná, que é um celeiro histórico de grandes lutadores” (ESPORTE INTERATIVO, 2015). Nas seis edições realizadas até então, o Imortal FC apresentou lutas femininas em cinco delas. Dentre as lutadoras destacamos a presença daquelas que treinam em Curitiba, como Jennifer Maia, nos dois primeiros eventos, de Istela Nunes de Souza que lutou na segunda edição do evento, de Ariane Lipski que lutou na quarta edição, de Deise Lee, Vanessa Guimarães e Liana Pirocin que protagonizaram o combate entre lutadoras de Curitiba na sexta edição do Imortal FC.





























Em se tratando das principais lutadoras que treinam em Curitiba/PR e região metropolitana e que estão em atividade no corrente ano, organizamos a imagem a seguir. Ressaltamos que as informações apresentadas respeitam a ordem alfabética dos nomes de cada uma delas. Destacamos também a limitação desse estudo em mapear todas as lutadoras de MMA de Curitiba que estão em atividade e que pertenceriam ao que estamos nomeando de “terceira geração”. Por esse motivo, na imagem estão somente algumas representantes dessa geração, as quais foram identificadas a partir de buscas no website Sherdog e como critério para inclusão foi utilizado o registro de pelo menos quatro lutas profissionais em seu cartel e ter competido no ano de 2016.

---

<sup>86</sup> A sexta edição do Circuito Talent, no dia 22/02/2014.

<sup>87</sup> As edições nove e onze do Circuito *Talent*, nos dias 10/05 e 20/09 de 2014 e o Imortal *Fight Championship*, nos dias 13/06 e 13/12 de 2015; 12/03, 21/05 e 23/07 de 2016.

FIGURA 23 – LUTADORAS PROFISSIONAIS DA TERCEIRA GERAÇÃO QUE TREINAM EM CURITIBA/PR EM 2016

	<p> Ariane Lipski (26 · JAN · 1994)</p> <p> Estreia: 03 · NOV · 2013</p> <p> Academia: Rasthai Temple</p>
	<p> Istela Nunes de Souza (23 · JUL · 1992)</p> <p> Estreia: 18 · OUT · 2015</p> <p> Academia: PRVT</p>
	<p> Jady Larissa Meneses (13 · FEV · 1992)</p> <p> Estreia: 06 · DEZ · 2014</p> <p> Academia: PRVT</p>
	<p> Jessica "Bate Estaca" (25 · SET · 1991)</p> <p> Estreia: 06 · SET · 2011</p> <p> Academia: PRVT</p>
	<p> Kinberly Novaes (30 · ABR · 1991)</p> <p> Estreia: 03 · SET · 2011</p> <p> Academia: CM System</p>
	<p> Liana "Li" Ferreira Pirocin (27 · MAR · 1993)</p> <p> Estreia: 14 · DEZ · 2013</p> <p> Academia: Rasthai Temple</p>
	<p> Vanessa "Vanessinha" Guimarães (30 · JAN · 1990)</p> <p> Estreia: 22 · SET · 2012</p> <p> Academia: CM System</p>

FONTE: elaborado pela autora (2016) a partir de imagens disponíveis na internet e dados disponíveis no website Sherdog.

Todas as lutadoras que constam no quadro têm em comum, além de estrearem profissionalmente entre os anos de 2011 e 2015, o fato de terem nascido na década de 1990, quando as limitações de práticas esportivas “para mulheres e para homens” já passavam por um processo de desconstrução. Consequentemente, no início dos anos 2000 o MMA assumia um invólucro menos agressivo e mais mercadológico, fato que fez com que a modalidade pudesse vir a conquistar novos adeptos seja como profissionais ou como consumidores esportivos. Esse novo cenário que as meninas da terceira geração encontraram ao buscar uma carreira profissional como lutadoras de MMA podem ser evidenciados ao visualizarmos as academias as quais elas fazem parte. A partir dessa informação, nos é possível constatar que academias que antes eram estabelecidas como formadoras de lutadores, hoje, “perderam espaço” para novas academias. Observamos também que pelo menos duas lutadoras que constam no quadro pertencem a mesma academia, fato que remonta o investimento por parte dos treinadores e dos donos das academias nas equipes de mulheres.

Outro fato marcante para a modalidade foi a realização do UFC 198 na Arena da Baixada, estádio de futebol do Atlético Paranaense em Curitiba/PR com um *card* composto por “lendas curitibanas<sup>88</sup>”, e especialmente para o WMMA, a estreia de Cris Cyborg no evento. Muito embora essa estreia tenha sido em peso casado, e que ainda inexista sua categoria de peso no UFC, é visível que outros rumos serão tomados, tanto no que diz respeito à lutadora, quanto às estratégias de marketing da organização.

FIGURA 13 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA LUTA DE CYBORG E SMITH



FONTE: UFC (2016)

<sup>88</sup> Os curitibanos a competirem no UFC 198 no card principal são: peso-casado (até 63,5kg): Cris Cyborg e peso-meio-pesado: Mauricio Shogun. O peso-médio Anderson Silva foi retirado do evento em decorrência de um problema de saúde.

Mesmo em um período de nítido aumento na profissionalização das lutadoras de MMA, Cris Cyborg ainda relata dificuldade em encontrar adversárias em sua categoria (CYBORG, 2016). Na posição de treinador, nosso entrevistado relata que são poucas as diferenças entre treinar homens e mulheres, e que são as “mudanças de humor” devido ao ciclo menstrual que exige maior “jogo de cintura” de sua parte, sobretudo, ele relembra que embora o tratamento seja um pouco diferenciado se comparado com o dos homens, “não pode ser muito delicado, porque não é um esporte muito delicado”.

Ele também relata que as suas lutadoras diferem de seus lutadores por chorarem durante alguns treinamentos, “elas podem sair na porrada, sair com dor, sangue”, mas “se cobram muito, elas querem sair com a técnica perfeita já no primeiro dia”, e são nesses momentos que elas sucumbem aos prantos. Mesmo frente a essas situações o treinador é incisivo ao alegar que “[...] as meninas são tão duras quanto eu, às vezes, até mais”.

O modo como são construídas as lutadoras, ou forjados seus *habitus* está muito presente nas academias de lutas, nas quais as entrevistadas passam maior parte dos seus dias. Dando prosseguimento às propostas de análise, a seguir apresentaremos a academia de lutas sua organização a partir de modos e ações que promovem o reposicionamento na estrutura da academia.

#### 4. O CENÁRIO DA ACADEMIA

O presente capítulo está organizado em outros três subcapítulos, os quais estamos chamando de “tríade” para a compreensão da estrutura da academia de lutas. No primeiro subcapítulo propomos analisar as relações estabelecidas e travadas no interior da academia sob o viés das relações parentais ou da “família esportiva”. Como subsídio teórico para essa parte utilizamos a noção de senso prático, elaborada por Pierre Bourdieu a fim de compreendermos nuances da incorporação de um *habitus* específico da academia de lutas a partir dessas relações “familiares”.

No subcapítulo seguinte, direcionamos nosso olhar para os momentos que envolvem a preparação pré-luta, desde os bastidores, passando pela caminhada do vestiário até o *cage*, embasando-nos na teoria das representações de Erving Goffman para desenvolvermos nossas análises. Fechando esse capítulo, elucidamos a partir do discurso das lutadoras entrevistadas como foi o processo de modificação dos treinos que passaram de uma modalidade específica para os treinos de MMA e de algumas estratégias que utilizam para se manterem na modalidade. Como proposta de análise, utilizamos das noções de oferta e demanda propostas por Pierre Bourdieu.

##### 4.1 IRMÃOS DE TREINO E A “FAMÍLIA ESPORTIVA”: A ACADEMIA DE LUTAS<sup>89</sup> COMO INSTITUIÇÃO

No cenário das lutas (esportes de combate e artes marciais), assim como em outros esportes nos quais exista a dominância de praticantes homens, as mulheres dividem os tatames e ringues com parceiros de treino. Diversos também são os argumentos para os treinos mistos, que vão desde a vertente fisiológica do treinamento – sendo que os homens por serem mais fortes impõem ritmo e intensidade de treino maior para as mulheres que buscam se profissionalizar ou que já são profissionais em alguma modalidade – até a escassez de companheiras de

---

<sup>89</sup> Reforçamos nesse momento que ao nos referirmos às academias de lutas, estamos nos referindo às academias de MMA que visitamos durante a construção dessa tese, e não às academias de diferentes forma de lutas, artes marciais e esportes de combate, como já justificado na nota número 18.



treino compatíveis com o nível das atletas profissionais, se lembrarmos da temporalidade recente que o WMMA assume no contexto esportivo<sup>90</sup>.

Ainda sobre a restrita presença de mulheres em treinos profissionais de MMA, a lutadora Cláudia Gadelha comenta: “[...] realmente tem mais homem do que mulher, mas eles são todos meus amigos, fazem parte da minha família” (GADELHA, 2016). Esse trecho – retirado da fala da lutadora de MMA foi proferido em uma edição do programa MMA em Família, desenvolvido pelo Canal Combate – acrescido da nossa vivência acompanhando treinos de lutadoras de MMA, nos dão subsídio para pensar a relação travada entre homens e mulheres no espaço da academia como uma relação parental sem que haja laços consanguíneos, mas laços que são construídos em detrimento ao tempo que passam juntos durante os treinos e competições.

O tempo destinado aos treinos na rotina de atletas profissionais faz com que os companheiros de jornada passem a exercer um papel maior do que unicamente ser um oponente com quem treinar golpes e técnicas. Passam a ser psicólogos, amigos, ou dentro do que estamos propondo para a discussão teórica nesse estudo “família”<sup>91</sup>. As relações familiares que estamos compreendendo para esse estudo são de irmandade (irmãos de treino), relações parentais, ao considerar o treinador como um pai, ou ainda, relações matrimoniais tanto de casamento entre colegas de treino e treinadores e atletas, como no sentido de confiabilidade entre atleta e treinador, como reporta Ronda Rousey (2015, p. 171) “encontrar um treinador é como encontrar um namorado”, ela reforça a ideia de que o encontro das potencialidades a serem treinadas e a confiança entre treinador e atleta deve ser mútua, pois esse relacionamento é construído ao longo do tempo, tal quais outras relações sociais de confiabilidade.

<sup>90</sup> Argumentos que aparecem em relato proferido por Cris Cyborg que está disponível em: <http://espnw.espn.uol.com.br/mma-e-o-preconceito-com-a-mulher-acham-que-voce-vai-na-academia-para-arrumar-namorado>. Acesso em: 11/09/2016.

<sup>91</sup> A noção de família como será abordada nesse capítulo diz respeito à peculiaridade de “família esportiva”, a qual aparece com destaque nesse trabalho, pois além de ter sido proferida pelas e pelos entrevistados durante as entrevistas, é uma noção de companheirismo que habita as academias de MMA visitadas. Nesse sentido, são as relações travadas entre os e as agentes e suas hierarquias no interior das academias que simbolizam para esses agentes a percepção de família. Dessa forma, exaltamos aqui que não estamos concebendo família, enquanto estrutura analítica ou categoria sociológica e nem universalizando a noção de *habitus* inculcada nesse espaço para outros espaços que também realizam treinamentos de lutas, artes marciais e/ou esportes de combate. Nesse sentido, quando trataremos da noção de família esportiva gerenciada pelos agentes – em detrimento ao conceito de família – a mesma aparecerá grafada entre aspas.

Complementando nosso entendimento sobre a “família esportiva” que se funda a partir das relações no interior das academias de lutas, Mariante Neto (2016 p. 111) menciona que o MMA tem características de um esporte que transita entre esporte individual e coletivo, por esse motivo, um lutador precisa do outro para realizar seus treinamentos. Nesse contexto é que o autor compreende o termo “família”, o qual fundamenta-se a partir dos laços de confiabilidade que se formam entre os “irmãos de treino” que são membros de uma mesma equipe. “Assim, quando se diz que a equipe é uma família, refere-se ao aspecto emocional de ligação entre seus atores”.

É partindo da noção de família como instituição dotada de hierarquia e regras de convivência que propomos entender como se estabelecem as relações dentro das academias de lutas, na qual os lutadores e lutadoras que lá frequentam tem carreira profissional. Pressupomos que o profissionalismo na modalidade se reflete também na seriedade e foco com que conduzem os treinos e consequentemente na construção dos corpos e das relações.

Dessa maneira, temos como principal enfoque para esse subcapítulo, a descrição das relações entre os membros da academia de lutas a partir da noção de “família”, identificando os principais capitais articulados e as estratégias de manutenção e ressignificação de posicionamentos por meio do poder simbólico incorporado pelas agentes nesse espaço. Por conseguinte, propomos a formação de um *habitus* da academia de lutas inculcado a partir da posição ocupada por mulheres lutadoras e como elas fazem valer sua posição nesse cenário.

Ao compreendemos família como uma instituição dotada da possibilidade de produzir e reproduzir determinados padrões de conduta, ou seja, que apresenta características de uma estrutura que é ao mesmo tempo, estruturada e estruturante, alicerçamos nossa análise na teoria proposta por Pierre Bourdieu que, como ressalta Lôic Wacquant (2005), tem como tema central a recuperação da dimensão simbólica da dominação, trazendo à tona como se estabelecem as relações de poder em determinado campo, ou no presente caso, no subcampo do MMA enfatizando a estrutura de funcionamento das ações no contexto das academias de lutas.

Sem adentrarmos na tentativa de definir a pluralidade que o termo família remonta, o estamos concebendo a partir de ações comuns (como a hierarquia e a incorporação de regras e formas de agir) às diferentes concepções e experimentações práticas do “ser família”. É partindo desse pressuposto que

entendemos a família como uma instituição, e dessa forma, dotada de um funcionamento próprio e incorporado pelos seus membros, que por sua vez, reproduzem e produzem seus ensinamentos de acordo com a posição no espaço social e os capitais ali determinados.

Segundo consta no dicionário de sociologia organizado por Boudon (1990), família é entendida pela residência comum e pela cooperação mútua entre adultos de ambos os sexos e filhos. Incluiríamos nessa tentativa de delimitação, os rituais e as tradições compartilhadas que, em termos bourdieusianos, podem ser traduzidos em *habitus* herdado pela família em que nasceu, os quais se alicerçam principalmente nos capitais econômico, cultural e simbólico.

Seguindo nessa linha de análise, Silveira (2006, p. 181) apresenta algumas estratégias adotadas por diferentes modelos de família, considerando as relações que se estabelecem para além do parentesco, domicílio ou co-habitação. Para a autora, família é “um grupo real, uma forma de vida, na qual seus agentes são educados por laços de sentimentos, obrigações, trocas, gostos parecidos, por sua vez, produtos de condições sociais semelhantes”.

A noção de família, se apreciada a partir de Bourdieu (2010), pode ser compreendida como sistema simbólico que abarca tanto a compreensão de estrutura estruturada, como de estrutura estruturante, pois promove uma espécie de intercâmbio entre instrumentos de construção e comunicação do/para o mundo. Esse argumento concerne família a noção de *habitus*, tendo em vista que cada grupo familiar, devido à posição que ocupa no cenário social, aos capitais que possui e como os articula, inculca e imprime nos corpos formas de ser e agir, forjando a estruturação de um *habitus* familiar ou *habitus* primário.

Embora não partilhemos da compartimentalização da noção de *habitus* proposta pelo sociólogo brasileiro Jessé Souza, utilizamo-nos da sua descrição da noção “genérica” desse conceito, no qual o autor define como sendo a expressão, por meio da linguagem corporal, de disposições culturais e institucionais inscritas nos corpos que transformam as “[...] escolhas valorativas culturais e institucionais formadas no contexto familiar e escolar, em signos de carne e osso”. (SOUZA, 2005, p. 51). Essa corporificação das disposições é um processo incessante, tendo em vista que os agentes tendem a se adaptar ao meio em que se inserem, e mais do que isso, a incrementar seu arsenal de “modos de agir” conforme as experiências que a posse de determinados capitais lhes confere ao longo da vida.

Considerando as experiências vivenciadas no seio da academia de lutas como parte de um processo formador do que Wacquant (2002) chamou de *habitus* pugilístico, evidenciamos o fato ilustrado pelas lutadoras entrevistadas, quando alegam que passam maior parte do seu dia em uma academia de lutas, seja treinando ou ministrando aulas, chegando estarem 14 horas por dia nesses espaços. Mencionaram ainda, casos de outras lutadoras e lutadores que moram no próprio espaço da academia por terem se deslocado de outras cidades até Curitiba/PR para poder treinar em uma academia e com parceiros e parceiras de treino que lhe oportunizassem ascensão profissional.

Vale ressaltar que essa prática é recorrente quando se tratam de agentes oriundos de cidades do interior que buscam centros maiores para os treinamentos, tal como relata a atual campeã do peso galo do UFC<sup>92</sup> Amanda Nunes. A lutadora saiu de sua cidade natal no interior da Bahia para morar e treinar na capital, e relembra:

Eu dormia no tatame, acordava umas 4h30 da manhã para poder limpar a academia toda com o mestre. Tinha alguns outros atletas que moravam na academia também, mas só tinha eu de mulher. A gente acordava muito cedo para deixar a academia limpa para a primeira aula de jiu-jítsu, que começava às 6h da manhã. Eu morava lá, por que não ajudar o mestre? E isso faz parte da vida do lutador. Todo mundo já limpou tatame e tudo isso é bom, é prazeroso. Hoje eu olho e penso que valeu muito a pena passar por tudo isso. (RODRIGUES, BARONE, RUSSIO, 2016, s/p).

Outra prática comum a esse universo é que em detrimento ao convívio diário com companheiros de treino, as pessoas com quem elas estabelecem laços familiares e afetivos são desse universo. No caso das seis entrevistadas, quatro tem relacionamentos com outros lutadores, os quais se conheceram durante os treinos. Esse mesmo caso acontece com diversas outras lutadoras. Dessa maneira, podemos afirmar que tal prática faz parte da formação de um *habitus* da academia de lutas, pois como menciona a entrevistada 3 “tenho que sentir admiração por um homem para então me relacionar com ele”, essa admiração a qual a entrevistada se refere diz respeito às “virtudes” que são construídas na academia de lutas e incorporadas pelos agentes que lá frequentam.

---

<sup>92</sup> Amanda Nunes conquistou o cinturão da categoria peso galo (até 61 kg) no dia 09 de julho de 2016, no UFC 200 realizado em Las Vegas e fez a sua primeira defesa no dia 30 de dezembro do mesmo ano, enfrentando Ronda Rousey no UFC 207 também realizado em Las Vegas.

Tendo em vista que as práticas, quando recorrentes, assumem lógicas próprias, que por sua vez alicerçam-se nas estruturas estruturadas e estruturantes e se manifestam por meio do *habitus* de acordo com o espaço no qual foi construído, trazendo impregnado nos corpos (tanto no corpo social quanto no corpo biológico) uma história que lhe foi herdada. Bourdieu (2010) propõe a existência de dois estados para a história, o estado objetificado, que como o próprio nome sugere, diz respeito à história acumulada nas coisas (máquinas, edifícios, monumentos, livros, costumes, etc.) ao longo do tempo. E, a história incorporada, que se tornou parte do agente na forma de *habitus*. Como forma de exemplificar tal noção de maneira prática, o autor rememora o ato de retirar o chapéu como forma de cumprimento, para ele:

[...] Aquele que tira o chapéu para cumprimentar *reactiva* sem saber, um sinal convencional herdado da Idade Média [...]. Esta actualização da história é consequência do *habitus*, produto de uma aquisição histórica que permite a apropriação do adquirido histórico, [...] história feita corpo e que não só actua como traz de volta aquilo que a leva (BOURDIEU, 2010, p. 82-83).

Um resquício da história incorporada pode ser vislumbrado nos eventos de MMA profissional, nos quais existe um processo ritualístico de entrada dos lutadores e seus treinadores até o ambiente da luta, seja ele o ringue ou o octógono, no caso do UFC<sup>93</sup>. Como em uma espécie de fusão entre história objetificada e incorporada, a tradição familiar é perpassada de maneira geracional, no entanto, não são somente os laços consanguíneos que garantem a legitimidade do herdeiro. Bourdieu (2007; 2010) afirma que a nossa relação ordinária com o mundo é uma relação dóxica de posse. Nesse sentido, somente “quando a herança se apropriou do herdeiro, [...] o herdeiro pode se apropriar da herança” (BOURDIEU, 2010, p. 84), essa condição de “apropriação mútua” se alicerça na ação pedagógica – que em nada se aproxima de uma ação mecânica – que acontece por parte dos proprietários apropriados e também do condicionamento dos inscritos na condição de herdeiros.

Frente a tal explanação, somente o ato de praticar uma modalidade de luta, esporte de combate ou arte marcial não confere ao agente a posição de herdeiro, pois, como bem alerta Bourdieu (2013), é preciso que haja uma fusão entre a

<sup>93</sup> Mais informações sobre os rituais e crenças envolvidos entre os espaços de bastidores e da chegada ao octógono serão tecidas no capítulo 4.3.

herança e a manifestação dela por meio do corpo e das práticas dos herdeiros. Fato que não ocorre de maneira impositiva, mas sim, pela incorporação da prática e de todas as suas significações e significados. Ao abordar as desigualdades no sistema educacional francês, Bourdieu e Passeron (2014) alertam que os herdeiros dos capitais econômicos e culturais “saem na frente”, e que oportunizar agentes com diferentes níveis desse capital ao mesmo conhecimento, torna-se praticamente inviável. Por esse motivo, relata que os herdeiros de famílias com posse desses capitais, aprendem e vivenciam tal aprendizado de maneira diferenciada. Ainda sobre o sistema educacional e suas desigualdades, Bourdieu e Passeron (2014) entendem que a escola funciona como instrumento de reprodução das desigualdades sociais, exatamente pela não diferenciação dos capitais herdados entre os alunos.

Frente a tais argumentos e considerando que o capital físico é essencial no campo esportivo, apresentamos o seguinte questionamento: podemos pensar em herdeiros nesse campo?

Mezzaroba e Conceição (2014) apresentam uma discussão acerca do campo esportivo e da possibilidade da existência de herdeiros, os quais são chamados de “herdeiros do esporte”. Ao direcionarem seu foco de análise para o esporte na educação física escolar, acionam a posição periférica que esse componente curricular assume frente aos outros. No entanto, ao especificar as relações travadas no interior da educação física escolar, constataram que as estratégias de dominação social que a própria educação física sofre frente às outras áreas são reproduzidas nesse espaço, tendo nesse caso, o capital físico como principal moeda.

Prosseguimos nessa discussão propondo que quando se trata do campo esportivo, os herdeiros são aqueles que além do capital físico e da *performance* esportiva, carregam em seus corpos o capital social e simbólico da escola/academia que representam, ou então, no sobrenome que remonta tradição, como é o caso da família Gracie a qual muitas vezes tem sua história confundida com a história do MMA e como legado desenvolveram um modo particular de praticar o Jiu-jitsu, o *Brazilian Jiu-jitsu* (BJJ). A disseminação midiática reforça o atrelamento entre o sobrenome Gracie e o desenvolvimento das artes marciais no Brasil, fato que resulta no reforço do capital social e simbólico de membros dessa família em detrimento ao capital físico. Como prova, basta consultar as literaturas sobre o surgimento do

MMA, nas quais grande parte vincula a prática à família (AWI, 2012; ALMEIDA, 2016).

A tradição familiar pode ser aplicada também às academias de luta, que quando novas no cenário buscam vincular sua formação aos mestres renomados, ou ainda, outra academia que lhes formou como forma de legitimar e conferir visibilidade ao seu trabalho. No caso curitibano é comum os professores e lutadores exporem o vínculo com a academia Chute Boxe, apresentando-se como herdeiros daquela forma de lutar, “do DNA Chute Boxe”. De acordo com Rudimar Fedrigo, o que caracteriza o “jeito Chute Boxe” de lutar é “o sentimento do espírito da vitória, buscar a vitória até o final. Isso foi passado e está enraizado nessas pessoas” (CRUZ, 2016, s/p).

Um professor e proprietário de uma academia de lutas em Curitiba/PR que iniciou sua experiência nas lutas na academia Chute Boxe fala que existia no início dos anos 2000 a “mentalidade Chute Boxe”, com o lema: “Chute Boxe até a morte” que consistia em “ir pro pau sempre, andar pra frente, se tiver sangue melhor, [...] só sai dali carregado ou nocauteando. O intuito da Chute Boxe era entrar pra nocaute, pra dar *show* e pra impressionar com muita violência”. Em seu discurso fica evidente que uma das principais características dessa academia era a agressividade nos combates, ele menciona que mesmo “os profissionais que não nasceram aí [na academia] acabaram pegando [a mentalidade Chute Boxe]”.

O excerto dessa fala nos remete ao entendimento de que um campo forja a formação de um *habitus*, nesse sentido Bourdieu (2013, p. 87) afirma que:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcança-los, objetivamente “reguladas” e “reguladores” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.

Tal orquestração coletiva manifestada nas práticas em forma de *habitus* naturaliza as ações, faz com que os conhecimentos herdados sejam repassados sem exigir a necessidade da presença do mestre, ou como exemplificou Bourdieu (2013), de um “maestro”. Sobre repassar os conhecimentos herdados, o professor



entrevistado nos contou um episódio em que alunas de suas alunas fizeram comentários sobre a semelhança na forma de “puxar” o treino, “as alunas delas dizem: dá aula igualzinho a você, até o jeito de falar. Eu sou moldado do jeito que meu mestre me ensinou, então se elas dão aula igual a mim, elas são netas deles e isso é gratificante”. Podemos identificar nesse fragmento de sua fala, a importância conferida pelo professor em estar disseminando uma tradição, ensinamentos herdados que passam para uma nova geração de lutadoras e também professoras, reforçando os laços de familiaridade que existem por detrás desses ensinamentos.

Esse trecho também possibilita que visualizemos a reprodução na maneira de “puxar o treino”, ou de se portar em espaços como a academia, respeitando a hierarquia ali estabelecida. Dessa forma, além das noções de tradição e de herança, já rememoradas, ressaltamos também a noção de reprodução. Essa noção está imbricada nas ações dos agentes de maneira que também é passada pelas gerações, nesse sentido, ao reproduzir um comportamento de agente melhor posicionado na hierarquia, maior a chance de estar “fazendo a coisa certa” ou então de angariar legitimidade por meio da aceitação e eficácia dessas práticas já legitimadas.

Além das noções de herança, tradição e reprodução, acima citadas, novamente evocamos a noção de *habitus* e das condições em que ele é produzido, nesse caso, em um ambiente que transita entre a academia de lutas e a “família” que ali se forja. Nesse sentido, as “próprias condições de produção do *habitus*, necessidade feita virtude, fazem com que as antecipações que ele engendra tendam a ignorar a restrição à qual está subordinada [...] (BOURDIEU, 2013, p. 89) a saber, que as condições da experiência não tenham sido modificadas. Dessa maneira, a reprodução na forma de ensinar e de incorporar a prática está vinculada às experiências, que por sua vez, promovem a antecipação do *habitus*.

Além da herança que foi sendo incorporada, outras evidências aproximam as relações interpessoais da academia de lutas com a noção de “família” são percebidas na fala do professor quando profere: “a gente tem uma sintonia muito forte [...] são minhas filhas [...]”, a entrevistada 3 também faz menções à noção de família ao se reportar ao seu primeiro mestre, “meu primeiro mestre pra mim, é meu pai. [...] é o exemplo de pai que eu queria ter tido” e também ao falar de sua equipe e de como compartilham as emoções dentro e fora dos tatames, relata: “a gente comemora tudo junto, aniversário, comemora vitórias, chora na derrota”.

As emoções exacerbadas no espaço da academia tendem a reforçar a ideia de lutar até o fim, como forma de honrar sua “família”. Cris Cyborg – que tem tatuado na panturrilha o símbolo da Chute Boxe – proferiu por diversas vezes que luta com o coração, inclusive essa é a principal chamada de um vídeo de divulgação pra luta que aconteceu no dia 24 de setembro de 2016, na qual realizou a luta da noite do evento. Ela inicia dizendo: “meu estilo de luta é agressivo e eu luto com o coração”. O professor entrevistado explica o que é “lutar com o coração”, “[...] o atleta quando ele mostra o coração, é aquele atleta que sofre e consegue reverter uma situação que ele tá passando a pior. Você vê o atleta mesmo, o coração, no revés”.

FIGURA 24 – TATUAGEM DE CRIS CYBORG EM HOMENAGEM À ACADEMIA CHUTE BOXE



FONTE: Cenapop (2016)

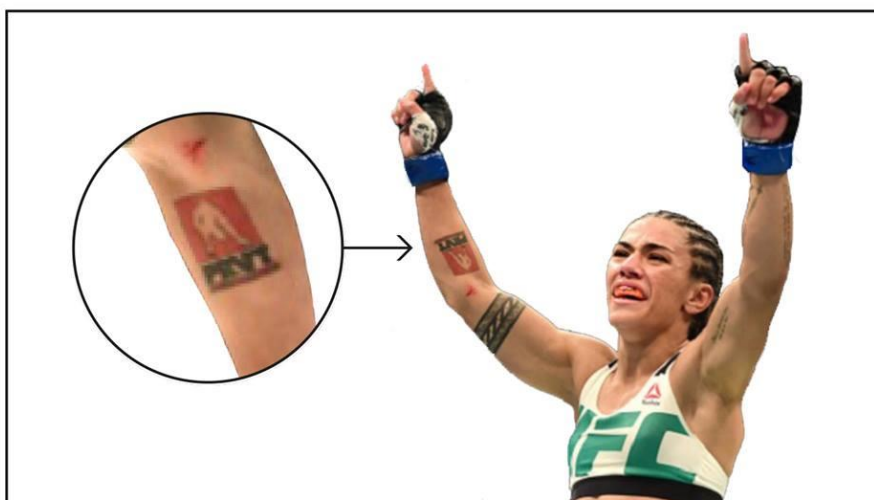
O envolvimento emocional inculcado na noção de “família” também fica registrado por meio de signos de representação, ou ainda, de símbolos de identificação com um grupo ou uma modalidade. Outro caso em que a tatuagem evidencia um símbolo de pertencimento a determinado grupo, acontece com lutadores da equipe Paraná Vale-tudo (PRVT), ou como os membros dessa academia costumam postar em redes sociais, “família PRVT”, ou ainda, “família para quem sabe ser”. Em entrevista concedida a Danilo Gentili, Jéssica “Bate Estaca” Andrade, que no ano de 2016 competiu na categoria peso palha do UFC, fala sobre a tatuagem com o símbolo da equipe que representa:

[...] na verdade os mais graduados, os mais antigos, os que mais respeitam a camisa, são os que tem [a tatuagem], então geralmente os mais graduados que você conhecer da nossa equipe, eles tem a nossa tatuagem,

mas assim, é por escolha própria do atleta [...] eu escolhi porque é minha família e eu vou levar isso pro resto da minha vida (ANDRADE, 2014).

Tal trecho remonta a noção de que os mais graduados, são aqueles que estão há mais tempo no campo, logo, são aqueles que possivelmente incorporaram o “jeito de ser” o *habitus* da academia a qual pertencem, e mais do que isso, tem a academia impregnada em si e exaltada em forma de tatuagem. Podemos entender que para o funcionamento de uma estrutura – nesse caso da academia – acontecer de maneira a minimizar as disputas entre os agentes, todos aceitam um acordo tácito para a produção de um “mundo de senso comum” (BOURDIEU, 2013, p. 95). Esse mundo consiste em um consenso de senso prático entre os agentes, ou o que o autor chama de “homogeneização objetiva dos *habitus* de grupo”.

FIGURA 25 – TATUAGEM DE JÉSSICA EM HOMENAGEM À PRVT



FONTE: Super Lutas (2016)

A partir da fala ilustrada acima, também podemos inferir que nem todas as pessoas que estão treinando na mesma academia são consideradas da “família”. Para que isso ocorra, um conjunto de ações de reconhecimento mútuo são necessárias, a começar por ser “irmão de treino”. Mariante Neto (2016, p. 112) constatou que “sentir-se inserido em uma família denota respeito pelos pares, apoio e ‘pegar firme’ nos treinos quando necessário”, além do cuidado mútuo entre os lutadores durante os momentos de treino.

Outra constatação possível é o entendimento de Bourdieu (2007b) sobre o universo dos esportes, que ao contrário dos mundos escolásticos, requer um

envolvimento prático do corpo, e dessa maneira, uma mobilização da inteligência corporal, capaz de determinar uma transformação, e até uma inversão das hierarquias. Tal envolvimento prático impregna no corpo dos lutadores e lutadoras de MMA um envolvimento visceral de pertencimento e de posse a uma história, a ponto de externar essa pertença por meio de tatuagens das academias as quais defendem ou das modalidades que praticam.

É interessante pensarmos que além da tatuagem impressa na pele, as atletas carregam em si um conjunto de predisposições para ação inculcadas em seus corpos, de modo que a tinta da tatuagem somente evidencia algo que na prática já está tão incorporado que independe da coloração da pele para ser. No entanto, vale ressaltar que embora a tatuagem seja desnecessária, pois o *habitus* da academia já está impresso nos corpos em sua maneira mais ampla, na forma *dóxica* de “saber jogar o jogo”, ela – juntamente com as graduações conquistadas nas diferentes modalidades – tem a função de reforçar a posição hierárquica que existe em cada uma dessas “famílias”.

Quando referimo-nos ao “jeito/estilo/DNA Chute Boxe” de lutar ou à ideia de “família” – construída como um princípio da PRVT – estamos compreendendo-os como aprendizado pelo corpo, os quais Bourdieu (2013, p. 120) explica como “o que é aprendido pelo corpo não é algo que se tem, como um saber que se pode assegurar diante de si, mas algo que se é”. Tal processo de incorporação desses saberes acontece da mesma maneira em cada uma das academias de luta – pelo corpo –, no entanto, eles diferem entre si nas peculiaridades que cada uma dessas instituições carrega e reproduz na forma de herança e também de identidade.

Essa herança das artes marciais que chega na academia, vem por meio de tradições que passam por um processo de reinvenção ao chegarem e se difundirem no Brasil (FERREIRA, 2013; ALMEIDA, 2016;), no entanto, alguns modos de agir pautados na disciplina e no respeito à hierarquia são evidentes ao observarmos os treinos ministrados pela entrevistada 3, ela menciona que

eu explico pra eles, arte marcial, o que isso te inspira? Respeito, regra, é uma questão de como eu venho do Kung-Fu [...] a hierarquia prevalece, aqui você nunca vai ver um aluno chegar e desrespeitar o mais graduado. [o aluno novo] vai vendo que o mais graduado é marcialmente educado, é uma coisa que um vai copiando do outro. “Nossa aquele cara é graduado, aquele cara baixa todo mundo, e ele não faz nada de errado no tatame, eu que não vou fazer”.

Como ilustra esse exemplo, a graduação e o desempenho no tatame conferem legitimidade aos agentes, que em momentos específicos atuam como agentes dominantes no contexto da academia, impondo “corporalmente” por meio de suas ações práticas as regras de funcionamento que devem ser seguidas, ou em termos bourdieusianos, reproduzidas. Tendo em vista o processo de incorporação das regras da academia, podemos afirmar que o mesmo ocorre por meio da fusão entre o capital físico, social e simbólico, o qual foi denominado por Wacquant (2002) como capital pugilístico<sup>94</sup>. Embora essa classificação tenha emergido de suas investigações em academias de boxe nos Estados Unidos na década de 1990, apresenta-se como pertinente também para classificarmos e compreendermos o emaranhado de significados e disposições para a ação articulados pelos agentes no subcampo do MMA, especialmente no que tange as relações travas no interior das academias.

Nesse sentido, temos que o capital pugilístico tal qual proposto por Wacquant (2002) é forjado na e pela construção de um *habitus* oriundo das academias de lutas e das relações familiares que se estabelecem nesse subcampo que devido ao tempo de convívio e a necessidade de reprodução de hábitos alimentares e demais cuidados com o corpo, passam a fazer tanto sentido quanto o *habitus* primário, herança da família consanguínea ou de criação. A entrevistada 3 nos conta que foi “trabalhando, apanhando e aprendendo” que incorporou a disciplina e entendeu a hierarquia que orienta o funcionamento da academia de lutas.

Na academia de lutas, diferentemente das instituições educacionais, os capitais econômico e cultural não são determinantes para o sucesso em uma modalidade<sup>95</sup>, pois, como veremos no subcapítulo a seguir, as estratégias de manutenção e reposicionamento dentro da academia de lutas, perpassa pela noção de aprendizado pelo corpo, especialmente porque nesse subcampo, o corpo é tanto ferramenta de trabalho quanto o meio para se almejar o reposicionamento nessa estrutura.

---

<sup>94</sup> No subcapítulo 5.1 exploraremos a noção de um tipo de capital “exclusivo” das mulheres lutadoras e MMA, os quais, quando visceralmente incorporados, tomam forma de *habitus*.

<sup>95</sup> Embora os capitais econômico e cultural sejam determinantes para a escolha das práticas corporais e esportivas (BOURDIEU, 2011), dentre as quais o MMA e o ato de se profissionalizar nesse esporte, ao direcionarmos nosso olhar ao subcampo do MMA e as possibilidades de reposicionamento nessa estrutura, entendemos que o capital físico, social e simbólico assumem caráter essencial.

Mesmo que os capitais econômico e cultural não sejam essenciais para o reposicionamento na estrutura interna da academia e do subcampo do MMA, quando se trata de escolher um local para instalar a academia de lutas, sempre que possível, são escolhidos pontos ou bairros mais nobres, no sentido de inculcar legitimidade à marca e, conseqüentemente, à prática das artes marciais ou do MMA, angariando maior número de possíveis consumidores. Pois, vale rememorarmos que a utilização “[...] das qualidades físicas ‘naturais’ (força rapidez, etc.) – está em afinidade com as disposições mais tipicamente populares: culto da virilidade [...], dureza no ‘contato’ e resistência à fadiga e à dor, senso da solidadriedade (os companheiros) [...]” afastando o MMA e as demais formas de lutas, artes marciais e esportes de combate<sup>96</sup> de serem práticas distintivas (BOURDIEU, 2009a, p. 201).

A opção por bairros mais nobres, de acordo com o professor entrevistado, acaba por limitar a chegada de determinados agentes ao espaço da academia, para ele, “Quando a gente bota uma academia de um bairro nobre, a gente acaba não peneirando os diamantes, porque é lá do gueto que vem os caras”. Essa afirmação reforça a ideia de Bourdieu (2009a) sobre as práticas esportivas e a relação instrumental que diferentes classes – tendo como base o nível de capital econômico e cultural – tem para com seus corpos. Ainda nesse sentido, Bourdieu (2007b) afirma que quanto menor a quantidade de capital dos agentes fora do campo, maior a probabilidade de se entregarem por inteiro à instituição, no nosso caso, a entrega diz respeito à modalidade e às regras da academia e do subcampo do MMA.

Concatenando a noção de entrega por parte dos agentes, está a noção de aprendizado pelo corpo, pois se existe algo que pode ser pensado à respeito do modo como os ensinamentos são reproduzidos no espaço dos esportes, e nesse caso em particular, nas academias de luta, perpassa pelo que Bourdieu (2004a, p. 218) chama de conhecimento pelo corpo. Nesse sentido, o autor questiona se,

é preciso passar pelas palavras para ensinar determinadas coisas ao corpo se, quando se fala ao corpo com palavras, são as palavras precisas teoricamente, cientificamente, aquelas que fazem o corpo compreender melhor ou se, às vezes, palavras que não têm nada a ver com a descrição adequada do que se quer transmitir não são mais bem compreendidas pelo corpo.

---

<sup>96</sup> Enfatizamos que quando uma modalidade esportiva se utiliza de um instrumento evitando o contato “corpo a corpo” entre os oponentes, lhe é conferido maior grau de distinção, dessa forma, não estamos levando em conta modalidades como a esgrima para essa afirmação.

O aprendizado pelo corpo nas academias de luta transcendem os movimentos técnicos arduamente repetidos e repercutem no respeito às regras e à hierarquia frente aos mestres, professores e colegas mais graduados. Essa postura sob os tatames é adquirida já nos primeiros treinamentos, ainda quando amadores. Como forma de ilustrar essas afirmações, recorremos a um trecho de diário de campo realizado durante uma aula de Muay Thai:

[...] era o final da aula e, como de costume, o professor pediu para nos posicionarmos enfileirados para a realização da saudação final (que consiste em estar em posição ereta unindo as palmas das mãos, ele profere o nome da escola e flexiona a coluna em direção aos alunos, que o saúdam da mesma maneira). Como até então – por sorte – eu sempre havia me posicionado como última da fileira do lado direito, e ele nunca havia falado nada, pensei que pudesse ocupar qualquer lugar e dessa vez posicionei-me como a “última” do lado esquerdo, ou seja, a primeira da fila. Ao perceber isso, antes da saudação, o professor perguntou em voz alta qual era a minha graduação. Entendi que estava no lugar que não me era legítimo, imediatamente me desculpei e fui ao real final da fila. Nesse dia comecei a compreender que os ensinamentos de hierarquia nesse universo são vivenciados e aprendidos pelo corpo conforme forem acontecendo na prática e não por antecipação (DIÁRIO DE CAMPO, 25/09/2014).

Considerando o subcampo do MMA como um subcampo de luta pela definição e redefinição de poder e legitimidade, visualizamos que as academias criam em seu interior mecanismos próprios de incorporação de um *habitus* e de práticas que as reposicionam no cenário do MMA nacional e internacional. Um importante fator que confere visibilidade à determinada academia é ter seus alunos e alunas participando de eventos internacionais televisionados, no caso das mulheres o Invicta FC e de ambos, o UFC. Destacamos aqui que todo o enredo e dispêndio financeiro criado para um evento do UFC ser realizado, o formato de *show* para entreter os espectadores e os telespectadores, o *status* conferido aos lutadores, fez com que a prática do MMA se difundisse junto aos indivíduos de maior poder aquisitivo, que passaram a consumir tanto os eventos quanto as aulas, mas sempre com o intuito de uma prática de lazer e tempo livre, e então, na concepção de Bourdieu, uma prática distinta.

O processo de adaptação às regras e difusão no mercado esportivo fez com que as academias de lutas tivessem uma nova roupagem, em detrimento aos novos frequentadores – nova demanda de consumidores – como também, da possibilidade de se ter um atleta ou uma atleta profissional com um bom cartel treinando em sua academia. Visitamos seis academias na cidade de Curitiba, todas elas ofereciam



aulas para alunos iniciantes, praticantes amadores e para atletas profissionais. Em todas elas pudemos observar que o espaço era limpo e organizado, tinham o tatame fixo e em uma delas, além do tatame existia um *cage*. Materiais para a prática estavam sempre disponíveis, no entanto, os materiais de uso pessoal (bandagens, luvas, caneleiras) eram próprios de cada lutador, sendo o compartilhamento somente das manoplas, sacos de areia e demais apetrechos de posse da academia. Em algumas paredes que revestem o espaço da prática podem ser visualizados espelhos para a correção dos golpes e também algumas grades, simulando as grades do *cage*, em que são treinados movimentos como evitar ficar “prensado na grade” ou ainda, para evitar “ser quedado”<sup>97</sup> quando nessa posição em momentos de luta (DIÁRIO DE CAMPO, 2014).

Se a estratégia de ocupação geográfica e social fica a encargo dos donos das academias – que preferem ocupar bairros mais nobres da cidade –, as estratégias articuladas em seu interior assumem um formato um pouco diferenciado, mas que acontece principalmente em decorrência da posição que determinado lutador ou lutadora assume no subcampo do MMA. Voltando nosso olhar especificamente ao caso das lutadoras, além de todo o estigma de gênero que lhes acompanha ao chegarem à academia, buscar a legitimidade e reforçar sua posição na hierarquia frente aos colegas de treino e aos alunos perpassa pelo seu cartel de vitórias e por suas graduações, ou nos termos bourdieusianos pelo poder simbólico (BOURDIEU, 2010) a elas delegado por meio desses signos de *status*.

Das seis lutadoras entrevistadas, cinco assumem aulas de Jiu-jitsu, Muay Thai e de MMA para alunos iniciantes e intermediários, além dos treinos. Como o aprendizado das posições que cada agente ocupa na estrutura da academia não são dadas e nem postas ao desconhecido do funcionamento, àquele que não nasceu no campo e menos ainda tem o jogo incorporado, são necessárias algumas estratégias no sentido de evidenciar o poder simbólico e a hierarquia presente nesse espaço, ou ainda, ensinar de maneira prática “como se joga o jogo”.

O ato de ensinar de maneira prática pode ser entendido nos termos da luta como “sair na mão”, pois como lembrou a entrevistada 3, “teve uma vez que eu tive que calçar as luvas e sair na mão com um aluno que tava se achando” como

---

<sup>97</sup> Quedado é relativo ao ato de cair, queda. Nesse sentido, evitar “ser quedado”, quer dizer “evitar ser derrubado” pelo oponente.

uma maneira de mostrar seu conhecimento e reforçar a hierarquia existente na academia. Ela diz que “infelizmente no começo eu tive que provar [que era lutadora]”, mas após anos de trabalho não é mais necessário esse tipo de ação para evidenciar seu poder simbólico, o espaço que ocupa na estrutura da academia e, sobretudo, sua legitimidade enquanto mulher e lutadora, que encontra resistência especialmente de agentes recém chegados na academia que tendem a reproduzir elementos da “força social” e da dominação masculina (BOURDIEU, 2007a; 2010) – empregados de modo naturalizado em outros espaços da sociedade – pautada na legitimação dos homens e da masculinidade hegemônica em espaços de lutas corporais (ALMEIDA, 2016).

Nesse sentido, e de acordo com Bourdieu (2010), é possível entender que a manutenção ou reconstrução da legitimidade em um campo perpassa pela possibilidade de pôr-em-causa, no sentido de que haja uma ruptura quase que visceral (*doxa*), pois, a ordem corrente é tida e incorporada como evidente. O autor ainda reforça que a força simbólica das partes envolvidas em determinada luta independe de sua posição no jogo, pois o poder simbólico da nomeação é relativamente autônomo frente às outras formas de força social.

As graduações e vitórias na carreira também tem efeito simbólico significativo no sentido de reposicionar mulheres na estrutura da academia, a entrevistada 1 comenta que “quando você é mais graduada os menos graduados super se espelham [nas suas ações], tem uns que só cumprimentam dando a mão, nem dão beijinho”. Ao questionar a entrevistada 2 se seu cartel vitorioso e a assinatura de um contrato com evento internacional mudou a forma como os homens colegas de treino a tratavam como lutadora, ela respondeu que:

o que mudou foi a forma como me veem como mulher e lutadora. No começo ninguém acha que você vai conseguir, ‘essa menininha? Capaz!’. Conforme eu fui teimando nos treinos, mostrando que eu queria mesmo, hoje em dia eles olham: “ela é mulher, mas não dá pra mexer com ela”.

Já com os companheiros ou “irmãos de treino”, o respeito é conquistado quando durante os treinos as lutadoras apresentam características de serem “casca-grossa”, por treinarem com os homens quase que de “igual para igual”, reproduzindo formas de agir que são “típicas” desse cenário e pautadas na exaltação de um tipo hegemônico de masculinidade viril, conforme descreve Almeida (2016).

A entrevistada 2 afirma que o respeito foi sendo construído ao longo da convivência:

eu conquistei esse respeito, no começo acham que por ser mulher você não vai conseguir, não vai aguentar. [...] eles não me olham como as outras meninas, olham com um diferencial, isso veio com toda a história, os treinos. A luta, todo mundo vê a parte boa, quando você ganha. Mas só quem convive, o pessoal da academia, que acompanha o dia-a-dia dos treinos duros, eles sabem como é a gente enfrentar a batalha do dia-a-dia, é isso que valoriza mais [a mulher lutadora], o dia-a-dia na academia.

A entrevistada 5 explica que treina em uma academia com mais trinta lutadores e lutadoras profissionais e que as duplas são formadas por lutadores das mesmas categorias, então ela treina tanto com mulheres quanto com os homens de peso mais leve. “Com os meninos leves a gente treina bem forte, bem pesado, então lógico que os meninos cuidam um pouco, não jogam 100% como se fosse com homem, mas eles treinam pesado, batem pesado, tem que ser assim, melhor que seja assim”. Ela ressalta “se você está acostumada a apanhar de homem durante o treino, não vai sofrer pra apanhar de mulher durante a luta”.

A forma de conquistar as vitórias durante as lutas também aparece como um símbolo importante de legitimação, pois como relembra a entrevistada 4 “o pessoal já respeitava pela qualidade da minha luta, mas depois que você começa a ganhar e dar nocaute você fica mais conhecida e valorizada”. O nocaute nesse contexto pode ser entendido como um golpe bem encaixado, uma superioridade técnica que se exalta na hora do combate, conferindo a quem o desferiu um olhar de respeito por parte do público e principalmente dos adversários. Em contrapartida, uma luta que finda logo nos primeiros instantes não se apresenta como rentável aos promotores de eventos, tais como o UFC (ALMEIDA, 2016).

Cris Cyborg é conhecida por terminar a maioria de suas lutas nos primeiros *rounds* e por nocaute. Ao lembrar o início de sua carreira, Rudimar Fedrigo comenta: “Ela treinava mais com os homens, e eles a tratavam como se fosse um homem também, com soco na cara. Eu já a vi nocautear um homem. Os caras não aliviavam para ela também, não” (ALBUQUERQUE; RUSSIO; MARINHO, 2016, s/p).

A lutadora relembra de quando iniciou nos treinamentos,

não era fácil. Quando eu comecei a treinar, tinha sempre duas equipes separadas, o time A e o time B. A galera top de elite começava o treino, tinha o aquecimento e já separava. Eu ficava p\*\*\*, porque eu queria ficar no

time A. Tinha os sparrings<sup>98</sup> e eu dava tudo de mim para poder ficar em cima, e fui buscando o meu espaço assim. [...] Fui fazendo sparring com os caras, e os caras me davam knockdown. Os caras saíam na mão mesmo comigo. Eu saía também [...] (ALBUQUERQUE; RUSSIO; MARINHO, 2016, s/p).

A chegada das mulheres no ambiente da academia de lutas, nem sempre é amigável, afinal, ainda são vistas como agentes alheias a esse subcampo, que necessitam provar suas capacidades de maneira que os homens – que não passam por esse tipo de provação – agentes legítimos da academia de lutas, as respeitem como lutadoras. Em entrevista, a lutadora 6 menciona que alguns homens acham que mulher vai pra academia “pra ficar de graça com os homens”. E relembra que quando iniciou os treinos de Jiu-jitsu ouvia comentários do tipo: “não vai se criar”, mas que com o passar do tempo foi conquistando o seu espaço pois, “conforme eu fui treinando, e ganhando, e ganhando e ganhando, tem gente que treinava há anos e não tinha os títulos que eu tinha, então você vai construindo sua história e seu respeito lá dentro.

Em depoimento ao espnW<sup>99</sup> (2016a), Cris Cyborg também comenta que às vezes as pessoas pensam que as mulheres vão e estão na academia de lutas para arranjar um namorado e que se legitimar nesse espaço requer muita disciplina e a necessidade de “se impor”. Ela complementa dizendo, “[...] eu, por exemplo, me visto como homem para treinar. Porque, queira ou não, você se sente mais à vontade. É um lugar masculino, eu me sinto melhor assim”. Ressaltamos o trecho em que a lutadora, mesmo sendo considerada a melhor do mundo, reforça a ideia – de dominação masculina proposta por Bourdieu, 2007a – que a academia de lutas é um lugar masculino, e como estratégia para se sentir melhor utiliza de vestimentas que não deixam seu corpo à mostra ou ainda, que podem por em dúvida qual a real intenção dela em estar treinando.

Embora se tratem de mulheres que de certa maneira romperam as barreiras entre os gêneros ao se estabelecerem no espaço de um esporte que existe transformação em sua arquitetura muscular e contato físico intenso com a

<sup>98</sup> *Sparring* significa simular uma situação de luta durante os treinos.

<sup>99</sup> O espnW é um website que veicula informações a respeito de esportes tendo como orientação editorial que prioriza as informações de/para mulheres nesse universo. O espnW é uma vertente da rede de informações ESPN, a qual auto intitula-se como sendo “a principal provedora de conteúdo esportivo multiplataforma na mídia brasileira” (ESPN, s/p, 2016b. Chamamos a atenção para a grafia do nome dos canais, no qual, aquele que é voltado para a publicação relacionada às mulheres apresenta o “W” (*women*/mulher) em letra maiúscula, enquanto a sigla da multiplataforma tem todas as letras maiúsculas. Tal discussão será retomada no subcapítulo 5.2.

adversária, como o caso do MMA, elementos de dominação masculina são reproduzidos em seus discursos. Tal fato ilustra quão incorporado é a violência simbólica, a ponto de ser naturalizada tanto na prática quanto nos discursos.

Assim como na família a qual herdamos o *habitus* primário, a “família esportiva” também se apresenta como um *locus* de manutenção e reprodução da ordem social. Para Bourdieu (2007a), a família (juntamente com a igreja e com a escola) é “o sujeito” principal no qual estão abarcadas as estratégias de reprodução da dominação, pois sua ação se centra sobre as estruturas inconscientes. O autor menciona que “é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem” (BOURDIEU, 2007a, p. 103).

Quando rememoramos essas afirmações que vinculam determinadas formas de ser e estar no espaço social por meio do aprendizado vivenciado e “incorporado pelo corpo”, estamos trazendo à tona a noção de crença. De acordo com Bourdieu (2004a), em grande parte, obediência é crença. E quando se trata de obediência, o autor menciona que não é de modo desinteressado que as disciplinas corporais são utilizadas por instituições, como a igreja, os partidos políticos, as indústrias e o exército, pois, nas palavras do autor “crença é o que o corpo admite mesmo quando espírito diz não” (BOURDIEU, 2007b p. 220). Por meio dessas informações, podemos compreender o porquê do esporte ser uma prática comum em diversas instituições<sup>100</sup>, tendo em vista que “a disciplina corporal é o instrumento por excelência de toda a espécie de domesticação”.

Toda instituição tem características de “fechamento”, de acordo com Goffman (1974) o que caracteriza uma instituição como sendo total, é que o “fechamento” é praticamente total, tirando o indivíduo do convívio social. O autor sugere que a instituição familiar não pode ser considerada uma instituição total, no entanto nosso argumento de compreender a “família esportiva” como uma instituição recai no sentido de que nesse espaço são partilhados valores e normas, ou ainda, um

---

<sup>100</sup> Ao iniciar os escritos que deram origem ao livro “Manicômios, prisões e conventos” Erving Goffman descreve que instituições são locais, “tais como salas, conjuntos de salas, edifícios ou fábricas em que ocorre atividade de determinado tipo. Na sociologia, não temos uma forma bem adequada pra sua classificação” (GOFFMAN, 1974, p. 15). Ainda tentando delimitar minimamente o que diz a sociologia sobre o termo instituição, já que estamos concebendo família como uma instituição, utilizamos do dicionário de sociologia, no qual Boudon (1990) descreve que uma instituição consiste num conjunto complexo de valores, de normas e de usos partilhados por certo número de indivíduos.

conjunto de disposições para ação que foram gerados nesse contexto e possibilitam a existência de um “*habitus*” próprio do MMA.

Ao se dedicar em compreender as manifestações institucionais e cotidianas do *habitus* no ambiente familiar, Cicourel (2007) evidencia a noção de poder simbólico como elemento determinante para as relações entre pais e filhos. Esse mesmo poder determinante foi identificado nas relações travadas no interior das academias de lutas em Curitiba/PR. Como Bourdieu (2010) menciona, o poder simbólico é uma junção de capitais aos quais por uma força “mágica” exercem esse poder. No espaço da academia de lutas, o capital físico e social tomam dimensões simbólicas essenciais para entrada e manutenção tanto na estrutura da academia, quanto no subcampo do MMA. Quando se tratam de mulheres lutadoras, são recrutadas algumas estratégias diferentes das utilizadas pelos homens. Inicialmente por entender que são agentes que ocupam esse espaço a menos tempo – heterodoxas – buscando a legitimidade para ocupar e permanecer no lugar em que hoje estão.

Entendendo os esportes que envolvam maior contato corporal com os oponentes como predominantemente ocupados por homens (ALMEIDA, 2016), para que elas pudessem ser respeitadas na academia de lutas, além do desempenho e da disciplina com a modalidade, ainda precisam lançar mão de vestimentas que lhes aproximem das utilizadas pelos homens, pelo menos durante os treinos. O respeito é adquirido com o passar do tempo por meio de elementos simbólicos de confirmação da capacidade delas, tais como as graduações (principalmente de Muay Thai e de Jiu-jitsu, no caso das academias de Curitiba), as vitórias, o contrato assinado com eventos importantes e, sobretudo, ser “casca-grossa”, “dar o sangue” durante os treinos.

O capital físico é lapidado ao longo dos anos dentro da academia, é uma destreza que possibilita aquele corpo antecipar o golpe, golpear e ao ser golpeado ter o ímpeto de querer continuar. São as modificações duráveis impressas no corpo, o sentido do jogo, o senso prático, que é o que permite a ação adequada sem a necessidade de interpor uma regra de conduta. “A ação do senso prático é uma espécie de coincidência necessária [...] entre um *habitus* e um campo (ou uma posição num campo): aquele que incorporou as estruturas do mundo” (BOURDIEU, 2007a, p. 170).

Esse capital é o que difere lutadores amadores de lutadores profissionais, materializa-se no corpo e encontra na questão normativa dos gêneros seu primeiro desafio, pois está alicerçado na arquitetura muscular, é um corpo bélico, para o combate, como bem advertiu Wacquant (2002), esse é o corpo de homens e mulheres no espaço da academia, um corpo de bastidores construído para chegar aos holofotes.

Como ocorre em diversos espaços sociais, muitos lutadores e lutadoras além do seu capital físico precisam de capital social para que lhes seja oportunizada uma luta. No universo do MMA em Curitiba/PR o capital social dos professores ao fazer contato com os *matchmakers*<sup>101</sup> é essencial para que os atletas tenham visibilidade ao lutarem em eventos grandes com lutas televisionadas. Nesse sentido, considerando o tempo que está vivenciando a modalidade o professor entrevistado exalta possuir um bom capital social, o que confere a ele certa credibilidade por parte de seus alunos: “tenho vários contatos, conheci muita gente, tanto no Brasil quanto fora”.

Da mesma maneira, o capital social atrelado ao capital físico e corporal das lutadoras é fundamental para angariar patrocínios. Os quais querem sua marca associada a uma lutadora “feminina”, no sentido que rememoramos no subcapítulo 1.3 ao direcionarmos nossas análises ao capital físico e corporal das mulheres no esporte e como comenta o professor entrevistado: “[...] uma empresa quer estar ligada a uma imagem clara, bonita, uma menina sorridente e tal. Isso faz diferença, com certeza”. Reforçando os estereótipos de que as mulheres são “naturalmente detentoras” dessas características e que devem “transferi-las” para os esportes, principalmente aqueles que podem “ameaçar” essa construção.

Tais capitais correlacionados promovem a oportunidade da lutadora se manter no espaço da academia e no subcampo do MMA, sobretudo, se ela incorporar ao seu *habitus* primário o *habitus* da “família esportiva” a qual pertence. Esse conjunto de disposições incorporado pelo grupo (ou pelo que estamos chamando de “família esportiva”) pode ser considerado um *habitus* orquestrado, pois funciona em sintonia entre os agentes e a estrutura que habitam, age de maneira que os corpos funcionem como um “autômato coletivo” (BOURDIEU, 2007a, p. 177).

---

<sup>101</sup> Matchmaker é o profissional responsável por montar o *card* dos eventos (PRIMEIRO ROUND, 2016).



Por esse motivo, ao se desvincular de uma equipe/academia, é como se rompessem os laços fraternais, e então, novas disposições deverão ser incorporadas em processo de socialização, na qual sua individualidade novamente é forjada nas e pelas relações sociais instituídas na nova academia. Ao se adequar à “nova família” os agentes sujeitam-se, muitas vezes e somente inicialmente, a uma posição inferior àquela ocupada na academia de formação, passando a construir a sua “nova” história de maneira relativamente autônoma.

Nesse sentido, ao tomarmos como base a noção de “família esportiva” como um grupo de indivíduos com *habitus* particulares que a partir de um momento datado entram na academia e passam a compartilhar de um mesmo conjunto de disposições que os prepara tanto para o combate quanto os mune de preceitos que farão diferença na forma de levar os ensinamentos para a vida, os reproduzindo, rememoramos Bourdieu a partir de constatações elaboradas por Wacquant (2005). As quais mencionam que o verdadeiro princípio de ação consiste no encontro ora harmonioso, ora discordante, da história objetificada e da história encarnada em corpos, resultado da relação entre agente e instituições, que por sua vez, embasa a criação de categorias de percepção e apreciação utilizadas em suas condutas e representações. Nesse sentido, Wacquant (2005, p. 62) prossegue alegando que os indivíduos não são movidos por forças externas, e sim, “eles selecionam e constroem cursos de ação significativos e assim contribuem ativamente para determinar os fatores sociais que os movem”.

Nessa conjuntura, entendemos que a família pugilística e todo o processo de treinamentos pelo qual passam as lutadoras antes de ter uma luta marcada ou ainda, antes de entrar no *cage*, são fundamentais na construção tanto do seu capital físico que visa lhe garantir boa *performance*, quanto nas representações que são necessárias para o momento em que caminham dos bastidores até o palco. Pois, esse é o momento no qual poderão por à prova o treinamento além de ter a oportunidade de se reposicionar no subcampo do MMA.

A fim de melhor compreender as ações dos momentos que antecedem uma luta, no subcapítulo a seguir, desenvolveremos uma análise que envolve desde os momentos dos bastidores, a caminhada rumo ao *cage* até o momento efetivo da luta.

## 4.2 *IT'S TIME*<sup>102</sup>: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO PERCURSO DE LUTADORAS DE MMA DOS BASTIDORES AO *CAGE*<sup>103</sup>

Uma luta não consiste somente na troca de golpes, muito menos é somente aquilo que se vê quando um lutador ou lutadora pisa no tatame de formatos diversos, mas que ficou popularizado mundo afora pelos seus oito lados. Uma luta é mais do que acontece durante a preparação do que propriamente aqueles minutos de combate incessante. Uma luta é a oportunidade de dar visibilidade a uma série de treinamentos, de se lançar profissionalmente, de galgar um degrau mais alto na estrutura do MMA, ou ainda, é capaz de finalizar uma carreira.

Ao analisarmos uma luta de MMA no tocante que transcende ao combate físico, podemos considerar que realizar a “luta da noite” em um evento televisionado confere visibilidade e legitimidade para as lutadoras. Ou ainda, quando uma lutadora menos conhecida é oportunizada lutar com outra de grande renome tendo como prêmio a conquista de um cinturão<sup>104</sup>, fica nítida a possibilidade de ascensão tanto na carreira, quanto no *ranking* da modalidade e conseqüentemente, no subcampo do MMA.

Considerando todo emaranhado de situações e emoções que envolvem uma lutadora desde os momentos de preparação no vestiário, a caminhada até o *cage* e o início da luta, propomos uma reflexão desse percurso tendo como base a organização do subcampo do MMA, seus agentes e disputas, já apresentados nessa tese, acrescido de algumas discussões sobre o estudo das interações proposto por Erving Goffman. A intenção de trazer à discussão um novo autor não é a de esquecer o que foi até o momento apresentado, pelo contrário, ao buscarmos as teorizações de Goffman intentamos enxergar certos detalhes que a observação bourdieusiana pode não estar tão atenta. Para tanto, estamos considerando as representações travadas, tanto nos bastidores quanto no momento de apresentação ao público, de preparação para o combate até a efetivação do mesmo.

Muito embora Goffman tenha tornado público seus escritos fundados na interação face a face na Universidade de Chicago em período em que o

<sup>102</sup> *It's time*, é um bordão utilizado pelo narrador do UFC, o estadunidense Bruce Buffer, o qual é proferido para anunciar os combates mais importantes da noite.

<sup>103</sup> Utilizamos o termo *cage*, pois, o formato do local em que as lutas são realizadas variam de acordo com os eventos. Dessa forma, para não limitarmos as análises aos espaços denominados ringue ou octógono, utilizaremos *cage*.

<sup>104</sup> A fim de exemplificar essa situação, rememoramos a luta entre a brasileira Bethe Correia e a estadunidense Ronda Rousey valendo o cinturão do peso galo no dia 1º de agosto de 2015.

interacionismo simbólico estava sendo criado e sob influências de teóricos como Simmel e Mead, também foi influenciado pela tradição macrossociológica de Émile Durkheim. Mesmo que o mais próximo aos estudos das grandes instituições sociais que Goffman chegou foi ao analisar os hospitais psiquiátricos, o autor assume o entendimento de que “por detrás de todos os comportamentos face a face [...] havia grandes, sólidas e duráveis estruturas institucionais que distribuíam os recursos da interação (poder, prestígio, habilidades sociais, por exemplo) de forma desigual” (BERGER, 1985, p. 20).

Tendo em vista que os esforços de análise desse autor foram para assuntos entendidos sociologicamente como “secundários”, compreende que são as estruturas institucionais que determinam os enquadramentos e as possíveis jogadas a serem feitas. Mesmo tendo abordado tais temáticas de maneira tangencial, “podia ver o impacto desse poder na polidez ritual que os participantes da interação mantinham, num esforço para não deixar a situação escapar totalmente do controle” (BERGER, 1985, p. 20).

Ao focar nas experiências dos indivíduos como seres sociais, Goffman (2012a) isenta-se de abordar a estrutura da vida social, embora afirme que a sociedade vem em primeiro lugar e que quaisquer envolvimento dos indivíduos são secundários. Nesse sentido, justificamos a aproximação teórica entre os autores já mencionados, tendo em vista a possibilidade complementar das duas propostas para reflexão e análise. Como nossos esforços até o presente momento foram no sentido de entender as influências do campo esportivo e do subcampo do MMA na formação dos *habitus* de lutadores e lutadoras e outros agentes envolvidos, a partir de agora, enfocaremos na análise das representações travadas durante a interação face a face e também nos momentos de preparação típicos dos bastidores.

Para compreendermos os estudos sobre a interação propostos por Goffman (2004; 2012a; 2012b), é importante partirmos da ideia de que os indivíduos lançam mão de uma série de formas de agir, ou seja, de representações frente a outros indivíduos. Essa interação não diz respeito somente à comunicação falada, mas também, ao que o autor chama de idioma do corpo, que por sua vez compreende a aparência corporal, a postura, os movimentos e posições, volume de som, gestos físicos e expressão das emoções (GOFFMAN, 2010; 2013).

A linguagem do corpo, na visão de Goffman (2010), apresenta a internalização de discursos considerados normativos pelo indivíduo que a produz.

Para tanto, existe uma espécie de obrigação nessa normatividade, a obrigação de transmitir a outrem determinadas impressões e informações e ao mesmo tempo, ocultar outras. Tanto o sucesso no ato de evidenciar, quanto de ocultar determinadas informações, recebe a mesma importância no decorrer da interação. Ao processo que tem como intenção controlar a imagem que as outras pessoas possam vir a ter de si mesmo, Goffman (2013) chama de representação.

Para que haja representação é imperativo que ocorra a interação, nesse sentido, o autor a define como

[...] a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. [...] o termo “encontro” também seria apropriado. Um “desempenho” pode ser definido como toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva pra influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes. [...] podemos chamar aqueles que contribuem com os outros desempenhos de plateia observadores ou coparticipantes (GOFFMAN, 2013, p. 27-28).

Quando um indivíduo chega a presença de outros, imediatamente os mesmos procuram obter informações a seu respeito por meio dos “veículos de indícios”, os quais possibilitam oferecer aos observadores e observados o que podem esperar um do outro frente a um possível contato. Goffman (2013) ressalta que independentemente do objetivo que o indivíduo tenha em mente, a razão principal será seu interesse em regular a conduta dos outros e a maneira como venham a lhe tratar. Nesse sentido, “quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir” (GOFFMAN, 2013, p. 16).

Observemos que Bourdieu trata o indivíduo como agente capaz de modificar sua posição na estrutura por meio de ações objetivadas e sob o ancoramento de diferentes formas de capitais. Goffman concebe esse mesmo indivíduo como ator, o qual assume diferentes papéis, tantos quantos grupos de convivência lhes são ofertados. Ao tratar o indivíduo como ator, o autor se remete a formas de comunicação não verbal aproximando-as de um desempenho teatral, no qual o sucesso depende de uma interação bem sucedida com os interlocutores ou observadores.

Seguindo nessa proposta de reflexão, ao referir-se à teoria das representações de maneira a ressaltar a posição do ator/agente no mundo social, Bourdieu (2004c, p. 158) compreende que “[...] as representações dos agentes

variam segundo sua posição (e os interesses que são associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação”, os quais são adquiridos por meio das experiências tornadas possíveis em detrimento a sua posição no mundo social. De maneira complementar, ao analisar o aparato que rege e orienta as representações por meio do *habitus* dos agentes, o autor expõe que:

[...] o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas, mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social (BOURDIEU, 2004c, p. 158).

Nessa esteira, a expressividade de um indivíduo é compreendida por Goffman (2013) de duas formas: a expressão que transmite e a expressão que emite. A primeira diz respeito à veiculação das informações por meio de símbolos, que tanto o ator quanto seus observadores decodificam lhe posicionando socialmente. A segunda envolve uma gama de ações que não permitem aos outros identificarem se o ator, de fato, está sendo real em sua representação, algo que aproxima da noção dissimulação.

Ainda nesse sentido, a plateia pode dividir o que assiste do ator em duas partes, a primeira que está relacionada às ações verbais e pode ser manipulada, e a outra que o ator parece ter pouco domínio, ou interesse em dominá-las, que são as expressões que emite. Nesse conluio, tão somente uma representação passa a ser verdadeiramente “real” quando se tratam de exacerbar as crenças e emoções que não puderam ser controladas, que “só podem ser verificadas indiretamente, através de confissões ou do que parece ser um comportamento expressivo involuntário” (GOFFMAN, 2013, p. 14), como é o caso da dor que os lutadores de MMA sentem ao ser atingido por um golpe.

Mesmo frente a essas situações podem ser acionadas formas de reverter o quadro e retomar a representação (GOFFMAN, 2012a), como ilustra a fala da entrevistada 3 à sua aluna durante um treino de Muay Thai que antecedia um campeonato, “não faz essa cara, ninguém precisa saber que doe, só você sabe”. Ou ainda, quando o professor entrevistado orienta a entrevistada 1 a não sentar e não demonstrar cansaço entre os intervalos dos *sparrings* efetuados nos treinos que antecederam uma luta importante. Esse controle “quase incontrolável” é treinado no espaço da academia, para que durante os combates, as lutadoras passem para as

adversárias a informação de que estão bem e “inteiras”, como forma de intimidá-las e também de se manterem focadas no objetivo, que é realizar uma boa luta, ou mesmo, obter a vitória.

Para que seja possível compreender a organização das ações em diferentes regiões, utilizamo-nos da noção de comportamentos regionais proposta por Goffman (2013), o qual define as regiões a partir de limitações impostas por barreiras à percepção. O autor ressalta que as regiões variam de acordo com o tipo de comunicação limitadas pelas barreiras e menciona que existem tanto barreiras que permitem o contato visual e o isolam auditivamente, como também, apresenta a possibilidade de termos uma região isolada visualmente, mas não auditivamente.

O autor determina que existam basicamente duas regiões, a região de fachada e a região de fundos, ou bastidores. Quando se refere à região de fachada, a compreende como o lugar em que a representação é executada, na qual está localizado o cenário. É nessa região que ocorre maior parte do investimento do indivíduo na credibilidade de sua representação por parte dos interlocutores e expectadores, a incorporação e manutenção de certos padrões são ativadas na região de fachada.

É interessante advertir que embora ao adentrar uma região de fachada o indivíduo possa não interagir com outras pessoas, mesmo assim não conseguirá evitar a emissão de expressões ou mesmo de julgamentos, muitas vezes infundados, mas sempre pautados em experiências anteriores dos observadores, que imediatamente tentam identificar alguma informação tendo em vista classificar ou categorizar socialmente o ator a partir de sua fachada.

“O termo fachada pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato” (GOFFMAN, 2012b, p. 13). Essa imagem do eu é construída a partir de atributos socialmente reconhecidos como aprovados. Vale ressaltar com base em Bourdieu (1983) que cada campo ou subcampo tem seus “atributos sociais reconhecidos como aprovados” de acordo com os capitais que regem e organizam as disputas internas desses espaços.

Ressaltamos que no campo esportivo cada subcampo assume um funcionamento próprio no qual os capitais e as formas de exaltá-los se diferem entre si, como por exemplo, quando em um evento de lutas de MMA são esperados, ou em termos goffminianos “expectativados”, comportamentos que expressem a ideia de

um combate iminente, com olhares de intimidação entre os oponentes, em outros esportes a intimidação ao adversário acontece de outra maneira. Com esse argumento não queremos negar a existência de *fair play* em lutas de MMA – embora aconteçam alguns casos – mas sim, exaltar os atributos necessários para se manter a fachada de lutador ou lutadora num momento pré-luta.

É possível afirmar que uma pessoa “mantém a fachada” quando apresenta ao público uma linha de ação que corresponde a sua consciência acrescida de evidências comunicadas aos outros participantes, que por sua vez comprovam a veracidade da representação. Nesse sentido, Goffman (2012b) compreende que temos um conjunto de fachadas a serem escolhidas de acordo com a situação e o grupo social no qual estamos.

Da mesma forma, se espera que os círculos sociais saibam como preservar as fachadas. A preservação de fachadas é entendida pelo autor como tato, diplomacia ou ainda, habilidade social. Bourdieu (2013) compreenderia tal feito a partir da incorporação de diferentes disposições para a ação ao seu *habitus*. Quando não incorporada determinada sequência ou conjunto de disposições, o indivíduo apresenta-se deslocado frente a determinada situação, pois não tem as regras incorporadas, não sabe como se portar, antecipar a ação, não possui a “crença em forma de corpo” – *illusio*. Ou então, tem sua representação desacreditada, perdendo a fachada.

Quando se trata de interação, a manutenção da fachada de cada ator é compreendida como uma condição, e não o seu objetivo. “Quando ela [a pessoa] assume uma imagem do eu expressa através da fachada, os outros terão a expectativa de que ela atuará de acordo com essa fachada” (GOFFMAN, 2012b, p. 17), por esse motivo o ator trabalha para que a ordem expressiva de suas ações seja harmoniosamente mantida.

A manutenção da fachada está intimamente ligada com a exacerbação de uma identidade virtual (a que se acredita ser) em detrimento à identidade real (o que de fato é), para tanto, possíveis estigmas são suprimidos ou ainda manipulados a ponto de não serem perceptíveis durante os momentos de fachada (GOFFMAN, 2004). Em se tratando de estigma na concepção do autor, e contrariando uma suposição inicial nossa, as questões relativas a apresentação das mulheres e seus corpos sob os preceitos ou atributos normativos de gênero, não tem o “peso” que



outrora lhes foi conferido no campo esportivo ou mesmo na temporalidade recente do MMA.

Tal desconstrução de estigmas relativos aos corpos e à sexualidade das mulheres esportistas pode estar vinculada com a “saída do armário”<sup>105</sup> de agentes importantes no campo esportivo. No MMA ilustramos o indício de um processo de diminuição ou invisibilização do estigma da homossexualidade a partir da vitória de Amanda Nunes, atual detentora do cinturão após vitória sobre Ronda Rousey, a qual comemorou sua vitória beijando sua companheira, a também lutadora contratada pelo UFC, Nina Ansaroff.

FIGURA 26 - AMANDA NUNES E NINA ANSAROFF



FONTE: Gettyimages, 2017.

Outro exemplo foi a primeira luta entre mulheres realizada no UFC 157, na qual Ronda Rousey enfrentou Liz Carmouche, que em seus vídeo de divulgação para a luta expôs sua orientação sexual, e de acordo com Mierzwinski, Velija, e Malcolm (2014), foi a primeira lutadora abertamente gay a ser contratada pelo UFC. Nesse contexto, Galvão (2013) menciona que a luta entre Jéssica Andrade e Liz Carmouche marcou o primeiro combate pela organização no qual as duas lutadoras são assumidamente homossexuais.

Quando a sexualidade feminina e as formas de apresentação de seus corpos não estão mais em foco, tem-se como estigma não mais a preocupação em apresentar-se de maneira “feminina” aos preceitos normativos, mas sim, em apresentar-se esportivamente (tecnicamente e fisicamente) bem. Tal constatação vem ao encontro com a percepção de Bourdieu (2007a) ao tratar de corpos de mulheres atletas e não atletas, sendo que as primeiras apresentam dedicação na

<sup>105</sup> Maiores reflexões sobre o ato de “sair do armário” podem ser consultados em Sedgwick (2007).

manutenção e construção de corpos que atendam às necessidades e à *performance* esportiva, despindo-se de preocupações de manter ou ter um corpo para apreciação e olhares do público.

Ao se tratar de estigma na vida das lutadoras, estamos entendendo como a perda de uma representação de guerreira, de foco, de força e de técnica, sendo a questão de gênero nesse sentido, não entendida como estigma e relegada a segundo plano quando se trata de manter a representação. Pois, inicialmente o foco está em manter a fachada de ser uma lutadora treinada e com condições de vencer o embate, atributos que remetam a determinadas formas de apresentar elementos da feminilidade normativa aparecem em algumas roupas e nas unhas pintadas. O cabelo das lutadoras, por via de regra, está preso por meio de diversas configurações de tranças, que além de endossar uma imagem arrumada, lhes confere segurança (de que o cabelo não vai atrapalhar) durante o combate.

A apresentação de um corpo inadequado ao esporte com excesso de gordura, por exemplo, soa como fator negativo para a impressão das atletas, podendo ser compreendido como um estigma, algo que elas buscam ocultar – quando possível não lutando de top – por ser um signo que remete falta de cuidado com o corpo ou de possível fraqueza, por não estar na sua melhor forma para a luta. Como o corpo é o instrumento principal das ações no campo esportivo, é nele e por ele que são impregnadas ações que podem destruir a fachada e desacreditar a *performance* dos atores.<sup>106</sup>

A fim de ilustrar o descrédito por parte de um ator ou ainda a perda de fachada por lutadoras de MMA citamos o caso do doping de Cris Cyborg, que mesmo tendo demonstrado profissionalismo superando essa questão, foi por muito tempo lembrada por seu então “desafeto”, Ronda Rousey, por esse feito (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016). Ou ainda, quando a fachada de atletas – que consiste no respeito ao adversário a partir de comportamentos que remetam ao *fair play* – não são mantidos, tal como relembra a entrevistada 2:

“[...] eu lutei contra uma alemã lá [em Dubai], foi uma luta que o mundo inteiro repercutiu, eu fui pra cumprimentar ela e ela veio pra cumprimentar, quando dá o sinal pra começar a luta. Não é obrigatório aquele cumprimento, mas é um respeito que a gente tem, ela veio pra me

<sup>106</sup> O mesmo nem sempre acontece com os corpos dos homens lutadores. Como exemplo, citamos o lutador Roy Nelson, o qual exibe construção corporal dotada de barriga saliente e a exalta passando a mão para chamar a atenção do público e das câmeras nos momentos antes e pós luta, caso seja vitorioso.

cumprimentar e quando estava chegando ela tirou a mão e bateu com a outra. Aí eu já fiquei no automático [...] e fui nocauteada.

Outro fato que acontece nessa região e antecede a luta propriamente dita tem como cenário a pesagem, a encarada oficial e as fotos realizadas pelos veículos de comunicação e especialmente difundidas na internet pelas redes sociais e por websites especializados. Muitas vezes os investimentos realizados por meio de provocações e “trocas de farpas” (a fim de desconstruir a imagem do adversário) faz com que esse momento seja uma teatralização prévia do combate e muitas vezes foge ao controle tanto dos lutadores quanto dos organizadores.

A expectativa que se tem de uma fachada (fundamentada nos preceitos de respeito e fair play) pode ser quebrada por meio de incidentes como um adversário atingindo outro de maneira jocosa ou agressiva no momento da encarada, tal como podemos observar nas imagens a seguir entre Ronda Rousey e Holly Holm<sup>107</sup>, durante a pesagem que antecedeu a vitória de Holm no UFC 193 e a primeira derrota de Ronda na carreira.

FIGURA 27 – ENCARADA ENTRE ROUSEY E HOLM



FONTE: SporTV (2016)

Nesse sentido, quando se trata de MMA e da teatralização da pesagem tanto a manutenção da fachada quando a quebra da mesma faz parte das estratégias de jogo, pois, surpreender o adversário já nesse momento é uma forma de se munir de

<sup>107</sup> Mais informações sobre o momento da pesagem e da quebra de fachada por meio de um “incidente” pode ser visualizado em: <http://www.tatame.com.br/tatame/noticias/confira-o-passo-a-passo-da-confusao-entre-ronda-rousey-e-holly-holm-em-tres-imagens>. Acesso em 30/09/2016.

atributos necessários para o combate, como a imprevisibilidade. Por esse motivo, vale a ressalva de que essas ações jocosas, agressivas ou então, estratégicas, somente são efetuadas e válidas por terem sido concebidas também em regiões de fachada, sob os olhares da plateia (sejam eles reais ou virtuais, por meio de informações propagadas pela internet).

De maneira resumida, até o presente momento reforçamos a ideia apresentada por Goffman (2010; 2012a; 2012b; 2013), que quando uma determinada atividade acontece frente às outras pessoas alguns aspectos são exaltados, enquanto outros, que pudessem, tanto por em risco quanto tornar desacreditada a atuação, são suprimidos. Esse agenciamento das ações é característico da região de fachada, no entanto, são nos bastidores que esses fatos – muitas vezes – suprimidos aparecem.

Diferentemente da região de fachada, na região de bastidores, ou de fundos, a impressão incentivada pela encenação é compreendida como algo natural. É na região de fundos que são “fabricadas laboriosamente” as ilusões e encenações, ou seja, as potencialidades que podem conferir o sucesso em uma representação. “[...] Aqui os trajes e outras partes da fachada pessoal podem ser regulados e revisitados, a fim de se descobrir as imperfeições” (GOFFMAN, 2013, p. 127), ou ainda as fraquezas, que em momentos de interação na região de fachada muitas vezes são suprimidos, especialmente quando se trata do subcampo do MMA e no momento que precede o combate.

O autor segue afirmando que é nessa região que o ator recebe uma espécie de “autorização” para abandonar a sua fachada, saindo do personagem, no entanto em termos *bourdieusianos*, não abandona o *habitus*. Como nossa proposta de análise está centrada nos momentos que antecedem a apresentação das lutadoras ao público, tomamos como região de fundos o vestiário e toda a orquestração de encenações preparadas antecipadamente para o momento da saída do vestiário e a chegada à região de fachada, que por sua vez, consiste em atravessar a “passarela” que promove o encontro do vestiário até o ringue.

É muito comum que a região de bastidores seja separada da região de fachada por meio de divisões ou passagens protegidas das vistas do público, por esse motivo, caracteriza-se como um lugar de confiança ao ator, pois não se espera a entrada de pessoas que não sejam de sua intimidade. Goffman (2013) justifica que manter as passagens entre as duas regiões separadas, faz com que seja possível o

controle no manuseio da impressão, fator imprescindível quando se trata de manter a fachada. Sobre necessidade da manutenção da fachada mesmo na região de fundos em um espaço esportivo, Salvini, Souza e Marchi Júnior (2015) elucidam um exemplo a partir de vivências em uma equipe de futebol. No qual, elementos da identidade real sobre a sexualidade de uma jogadora que pudessem de alguma maneira por em risco sua fachada, foram suprimidos quando uma pessoa que não lhes era íntima adentrou o espaço em que ocorria a interação.

Embora tenha a tendência de uma região ser somente de fachada ou de fundos, em alguns momentos pode ocorrer a inversão dessas posições, por exemplo, quando as câmeras de um evento de MMA mostram no telão os lutadores no vestiário é uma forma de levar à fachada ações típicas dos momentos de preparação que somente quem está nos bastidores vivencia. Podemos entender esse feito como uma estratégia de aproximação entre plateia ou público consumidor do ator/lutador, que por meio desse ato de aproximação e intimidade vivencia, mesmo que por alguns poucos minutos, essa experiência. Uma intenção de aproximação entre consumidor esportivo das lutas de MMA e os bastidores foi a proposta – de certa forma bem sucedida – do TUF, pois, dessa maneira o estigma de que os lutadores e lutadoras sejam somente um conjunto de técnicas e de volume muscular “sem escrúpulos” passa a ser desconstruído, aproximando-os de “pessoas reais”, como aquelas que estão consumindo o esporte.

Nos bastidores espera-se que o intercâmbio social seja orientado pelo tom de intimidade ou familiaridade, ao passo que a formalidade dá o tom predominante à região de fachada. Goffman (2013, p. 143) exemplifica algumas linguagens comuns nos bastidores:

A linguagem dos bastidores consiste no emprego recíproco do primeiro nome, nas decisões tomadas em comum, na irreverência, francas observações de ordem sexual, queixas minuciosas, fumar, trajes comuns grosseiros, postura ‘desleixada’ no sentar e estar de pé, gritos, agressividade, e ‘caçoadas’ jocosas, desconsideração pelos outros em atos de pouca importância, mas potencialmente simbólicos, atitudes físicas menos importantes como zumbidos, assobios, mascar goma, dentadas, arrotos e flatulência. A linguagem na região de fachada pode ser considerada ausência [...] disso.

Tendo em vista a expectativa por parte do público para a representação a ser realizada na região de fachada, os atores – na presente proposta de análise, as lutadoras – empregam alguns símbolos que auxiliarão tanto na preparação quanto

como reforço da manipulação da impressão a ser transmitida ao público e aos adversários. Dentre os artifícios estão o pôster com uma foto (na qual a lutadora aparece maquiada e com roupas de luta) e com as logomarcas dos patrocinadores, que é levado até o ringue pela equipe que auxilia os lutadores (*corner*), as vestimentas, que para as mulheres variam entre top e shorts ou shortsaia na maioria das vezes, e a música, que é o sinal sonoro determinante para a transição do vestiário até o ringue.

Acrescidos desses símbolos vinculados aos rituais de interação existem outros rituais, os quais podemos compreender como vinculados à introspecção no sentido de centrar-se em tudo que foi treinado e direcionar o pensamento ao momento presente. Dentre as entrevistadas elementos de religiosidade e de concentração são mencionados, além de escolherem colegas de treino e os professores para estarem com elas no período pré-luta, tendo em vista que foram as pessoas que acompanharam toda a preparação para esse momento e lhes conferem segurança.

Como forma de minimizar os efeitos negativos da emoção, o autor menciona a existência das superstições rituais, que são muito presentes nos vestiários/bastidores precedem as lutas de MMA. Devido à imprevisibilidade do combate, os lutadores e lutadoras utilizam algumas superstições sejam de cunho religioso ou não para manter o controle e o foco antes da luta. Tal comportamento independe de etnia ou mesmo de serem lutadores profissionais ou amadores.

É chegada a hora tão esperada, os dias e dias de treinos e os investimentos na fachada serão nesse momento postos à prova, é o sinal sonoro da música escolhida, aquela que tem como objetivo de mostrar à todos “para que veio”. Em muitos casos, é escolhida como forma de retratar a sua história – como explicado pela lutadora em programa televisivo –, algo relacionado ao seu *habitus* primário, como ilustramos com um trecho da música escolhida por Amanda Nunes ao entrar no UFC 200 para a disputa de cinturão: “[...] Erga essa cabeça mete o pé e vai na fé/ manda essa tristeza embora/ basta acreditar que um novo dia vai raiar/ sua hora vai chegar [...]”<sup>108</sup>.

Já a música escolhida por Bethe Correia tendo em vista o contexto de troca de ofensas entre as duas lutadoras e como forma de manipular sua impressão de

<sup>108</sup> A música intitulada “Tá escrito” foi composta por Xande de Pilares; Gilson Bernini; Carlinhos Madureira e é executada pelo grupo Revelação.

“não estar se importando” com a superioridade técnica de Ronda Rousey, escolheu como música de entrada para o combate o funk “beijinho no ombro”<sup>109</sup>. Ronda Rousey tem como hábito escolher sempre a mesma música, intitulada “*Bad Reputation*”, a qual – em tradução livre – quer dizer: Eu não dou a mínima pra minha reputação/ Você está vivendo no passado, é uma nova geração/ Uma garota pode fazer o que ela quiser e isso é o que eu vou fazer/ E eu não dou a mínima para a minha má reputação<sup>110</sup>. Ela comenta que “os acordes ferozes de guitarra [...] enviam uma descarga elétrica através de mim, [...] eu me lanço pelo corredor, olhando para a frente [...] eu não consigo ver nada além do que está bem a minha frente, o caminho para a gaiola” (ROUSEY, 2015, p. 7).

Em se tratando da escolha da mesma música para todas as entradas no ringue, podemos analisar de acordo com Goffman (2013) que quando um ator desempenha o mesmo conjunto de ações existe a possibilidade de surgir entre ele e a plateia um relacionamento social. Algo muito próximo a um relacionamento social pode ser mencionado à relação de carisma construída entre Ronda e o público, além de diversos fatores vinculados à sua história na modalidade e a imagem construída de seu personagem, o fato de escolher sempre a mesma música de entrada além de reforçar a associação dela com a letra, faz com que o público consumidor saiba qual será o desfecho dessa interação. Dessa maneira, um vínculo de proximidade vem a ser criado, tendo em vista que a expectativa na interação e na apresentação de sua fachada entre ela e o público seja cumprida.

Além do vínculo que se estabelece entre a lutadora e o público consumidor a partir da utilização da música, a entrevistada 2 ressalta que escolhe sempre a mesma música pela sensação que a mesma lhe causa, “eu escolho sempre a mesma, é uma música que eu já deixo marcada, aí quando eu escuto ela já dá aquela [ligada]”. Já a entrevistada 1 relata que varia as músicas de acordo com o que está sentindo no período que antecede a luta, “já entrei com várias músicas, são várias que falam mais de Deus, de determinação”.

A curitibana Cris Cyborg também tem predileção por músicas evangélicas para sua entrada no *cage*. Um trecho da música escolhida para sua estreia no UFC

<sup>109</sup> A música intitulada “Beijinho no ombro” foi composta por Wallace Miranda e é executada pela cantora Valeska Popozuda.

<sup>110</sup> A música intitulada “*Bad Reputation*” é executada por Joan Jett & *The Blackhearts*. O trecho original da música é: *I don't give a damn 'bout my reputation/ You're living in the past it's a new generation/ A girl can do what she wants to do and that's/ What I'm gonna do/ An' I don't give a damn 'bout my bad reputation*.



198 em Curitiba foi: “Santo espírito és bem vindo aqui/Vem inundar encher este lugar/É o desejo do meu coração/Ser inundado por tua glória senhor<sup>111</sup>”. A lutadora que tem como religião evangélica, presta testemunho de sua trajetória nas lutas e de devoção às suas crenças religiosas em algumas igrejas, como também utiliza como símbolo de sua devoção, um colar com pingente de crucifixo para o momento que sai do vestiário e vai para a preparação antes da entrada no ringue.

Para Goffman (2013, p. 136), “uma das ocasiões mais interessantes para observar o controle da impressão é o momento em que um ator deixa a região dos fundos e entra no local em que o público se encontra”, a mesma importância é conferida quando o ator retorna aos bastidores, pois “nesses momentos pode-se apreender perfeitamente o vestir e o despir do personagem”. Esse processo cíclico nem sempre é mantido na íntegra, tendo em vista a emoção envolvida e exacerbada nesses momentos.

Ao sinal sonoro, lutadores e *corners* caminham em direção ao ringue, todos em sintonia, em uma harmoniosa representação de manutenção das suas fachadas. À cooperação de um grupo para a efetivação de uma encenação bem sucedida Goffman (2013) utiliza-se do termo “equipe de representação”, nesse sentido, seguimos argumentando de acordo com o autor que:

Em presença de outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros. Pois, se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, *durante a interação*, o que ele precisa transmitir (GOFFMAN, 2013, p. 42).

Para tanto, além de expressar a informação que deseja, o ator deve apresentar-se de maneira a passar segurança do que está prestes a fazer, ou seja, a lutadora que está prestes a entrar no ringue para um combate exprime concentração e determinação, próprias de uma vencedora, fazendo um trabalho mental de reforço de sua fachada, como comenta a entrevistada 3:

Eu penso, ela tá f\* porque eu vou arrebentar ela. Da uma disparada no coração eu fico: calma, calma... A expressão tá firme, mas o coração tá tranquilo. [...] A mente entra naquilo, você entra naquele transe, naquela

<sup>111</sup> A música intitulada “Santo Espírito” é executada pela cantora Laura Souguellis.

loucura e você explode. Eu não ouço nada, só ouço a minha mente. [...] [penso] vou bater, vou dar o melhor de mim, eu estou aqui e eu amo fazer isso e é isso que eu vou fazer.

É no “trecho” que envolve os bastidores e o primeiro contato com a fachada que ocorre uma mescla de sentimentos nas lutadoras, os quais oscilam entre a vontade de não estarem onde estão, pois caminham rumo ao risco do inesperado, atrelada à vontade de realizar a luta. A entrevistada 1 narra que nesse momento “você sente confiança, você enxerga o público, o lugar que você vai entrar, a jaula, a tua adversária. Da um frio na barriga, da uma ansiedade, da uma vontade de acabar logo, da vontade de ir rápido, mil vontades ao mesmo tempo, não dá nem pra falar”.

Relato semelhante é proferido pela entrevistada 3:

É uma sensação inexplicável, só quem passa ali sabe, entende. Ao mesmo tempo em que você quer [...] é uma adrenalina incrível que você se pergunta: o que eu estou fazendo aqui? Parece que você está indo pra força. São os dois sentimentos ao mesmo tempo: você quer, mas você não quer. Então você tem que manter o foco, a concentração. Você tem que se auto incentivar: vamos lá! Vamos ganhar essa luta!

Cris Cyborg comenta o que sentiu ao iniciar a caminhada rumo ao ringue em sua luta de estreia no UFC 198 em sua cidade natal,

Na verdade eu comecei a entrar séria como eu sempre entro em toda as minhas lutas, mas a hora que eu vi todo mundo me vendo eu fiquei emocionada. Eu fui correndo, acho que foi ali um sonho realizado, acho que todas as pessoas que me seguiram a carreira toda, não só ter lutado o UFC, pelo jeito que ter sido, ter lutado em Curitiba, fazia 10 anos que eu não lutava em Curitiba, minha cidade natal. [...] Eu me emocionei antes da luta, dei uma corrida, troquei o chip entrei no octagon e pronto, não pode se emocionar ali né? (CYBORG, 2016, s/p.).

Outros lutadores e lutadoras também mencionam que o momento de saída do vestiário em direção ao ringue é revestido de emoção. Paige Vanzant<sup>112</sup>, lutadora dos peso palha do UFC relata que “[...] a caminhada é quase como outra vitória. Eu penso que farei na luta, mas também gosto de sentir o momento. Fico feliz, pois tudo pelo que eu trabalhei será compensado”. Miesha Tate também compartilha desse sentimento, ela conta que “[...] começo a andar e ouço o público vibrando. Aquele momento é algo que tento internalizar. Sei que sempre vou me lembrar daquilo. É um momento especial para mim”.

<sup>112</sup> Estadunidense contratada do UFC na categoria peso palha.

Os relatos sobre o momento da caminhada em hipótese alguma são fatos que habitam unicamente as relações travadas por mulheres. Da mesma forma, são compartilhados por lutadores homens, como apresentamos alguns excertos a seguir retirados de uma chamada veiculada pelo canal combate (COMBATE, 2016c, s/p). Rafael dos Anjos diz: “A caminhada representa o que você faz no treinamento e o que você faz para chegar ali. É uma sensação ótima”. O discurso de Daniel Cormier evidencia a ansiedade em iniciar o combate:

Quando você ouve a música é tipo: ‘vamos nessa! Está na hora Finalmente!’. Eu ando um pouco, e quando ouço o público começo a correr, pois quero chegar ao octógono e partir para a luta. Não quero andar, não quero absorver nem tocar ninguém. Eu corro, chego ao octógono e entro. Se meu adversário quiser tempo, se estiver esperando que eu abrace 15 pessoas, esteja pronto.

Chirs Weidman descreve que quando caminha

“[...] a música está tocando, dá um pouco de nervosismo. Você está pensando naquilo há muito tempo, é um sentimento real. Quando caminho, as pessoas tentam tocar minhas mãos. Umas incentivam, outros vão, mas estou só pensando na luta. Eu mantenho a mente muito resoluta e centrada”.

“Quando um indivíduo projeta uma definição da situação [...] exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valoriza-lo e trata-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar” (GOFFMAN, 2013, p. 25), tal passagem pode ser ilustrada ao nos atentarmos à descrição de Ronda Rousey sobre como reforça sua história e mantém sua fachada ao mesmo tempo em que foca em desconstruir – ou pelo menos pôr em risco – a manutenção da fachada adversária.

[...] eu vejo a outra garota. Eu travo nela. Sempre tento fazer contato visual. Às vezes ela olha para o outro lado. Eu quero que ela olhe para mim. Eu quero que ela me olhe nos olhos. Quero que ela veja que eu não tenho medo. Quero que ela saiba que ela não tem chance. Quero que ela fique com medo. Quero que ela saiba que vai perder (ROUSEY, 2015, p. 9).

Em determinadas situações, como é o caso de um jogo ou do combate que está prestes a se iniciar, podemos entender que a ação acontece no sentido de atender o valor “expectativado”. Frente à noção de jogo Goffman (2012b, p. 145) alerta que “enquanto um jogo é um modo de adquirir um prêmio, ele é uma *oportunidade*; enquanto ele é uma ameaça à aposta, ele é um risco”. Considerando

tal afirmação, ao caminhar no sentido do ringue, cada lutadora – ou lutador – oscila tanto entre a oportunidade de vitória, e consequentemente, a melhoria em sua posição da estrutura do MMA, como também pode sofrer um revés. Até que o resultado seja anunciado ou rapidamente identificado por todos os presentes, como no caso de um nocaute, ambos os lutadores/lutadoras e os seus torcedores estão envolvidos em uma situação problemática. “O termo ‘problemático’ é tomado aqui no sentido objetivo de se referir a algo que ainda não foi determinado, mas está prestes a ser” (GOFFMAN, 2012b, p. 146).

Ao definir ocupações e atividades que tenham consequência problemática e prática, assumida voluntariamente pelo indivíduo e requerendo decisividade<sup>113</sup>, o autor menciona os atletas profissionais, os quais colocam em risco ao mesmo tempo: dinheiro, reputação e segurança física. Ainda ao tratar do local no qual a ação acontece, podemos afirmar que atividades decisivas geram ansiedade e excitação, tal como observamos nos discursos das lutadoras enquanto caminhavam rumo ao *cage*. Frente a esse cenário, “qualquer prática que administre a resposta emocional associada com a decisividade – emoções como ansiedade, remorso e desapontamento – pode ser chamada de uma *defesa*” (GOFFMAN, 2012b, p. 169).

Após a reflexão aqui lançada, que compreende os comportamentos nas regiões de bastidores e de fachada, chegamos ao momento da luta, “*It’s time*”! E então, lançamos um questionamento: a representação finda quando o combate inicia?

Rememorando os preceitos que regem o funcionamento do subcampo do MMA acrescido das noções de incorporação das regras do jogo e do senso prático, entendemos que no momento da luta, existe um misto entre estar consciente e reproduzir os movimentos de antecipação automatizados pela prática, pois, são *dóxicos*, são crenças.

Ao propor uma análise dos gerenciamentos decisivos Goffman (2012b) menciona o caráter do indivíduo, podendo ser classificado como forte e fraco. Alguém de caráter forte tem a capacidade de manter o controle frente às tentações morais ou à realização das tarefas, enquanto alguém de caráter fraco apresenta incapacidade de se portar de maneira efetiva frente à pressão da decisividade. O

---

<sup>113</sup> Goffman (2012b, p. 154) descreve que o termo decisividade não é utilizado como “significado de algo que precisa ser decidido, mas algo de caráter decisivo para a vida de um indivíduo, algo que influenciará seu destino.

autor organiza a explicação sobre o caráter frente a esse tipo decisivo de evento, para ele existem várias formas de coragem, no entanto, todas elas são congruentes em levar adiante o curso da ação mesmo que esse apresente perigo.

O termo combatividade<sup>114</sup> também é trazido para a discussão, utilizando como exemplo um tipo específico de coragem perseverante, o “coração de lutador”, que significa “nunca admitir a derrota [...] a habilidade, se necessário, de cair lutando”, essa característica confia ao lutador respeitabilidade frente à torcida, e sobretudo, “ele precisa se agarrar à esperança de que pode vencer com mas alguns golpes” (GOFFMAN, 2012b, p. 209).

O “coração de lutador” é presente nos discursos proferidos por Cris Cyborg, embora em sua atual condição de preparo físico e técnico não tenha encontrado adversária que pudesse por a prova sua fachada. Outra característica apresentada por Goffman (2012b, p.209) pode ser utilizada para a análise do momento de luta quando um atleta ou lutador tem desempenho muito superior ao outro, a manutenção da integridade, ou seja, parar de desferir golpes quando seu adversário já está nocauteado, ou nos termos do autor: “resistir à tentação em situações em que haveria muito lucro e alguma impunidade ao se esquecer de padrões morais momentaneamente”.

Seguindo nessa esteira, Goffman (2012a) relata a modificação das regras de determinadas práticas esportivas – como o boxe – pautadas nas restrições ao grau e modo de agressão. Para o autor,

[...] às competições em forma de combate estão muito bem assinaladas, com consideráveis mudanças ao longo do tempo, e sobretudo, razoavelmente bem documentados. Tipicamente, essas mudanças têm sido vistas como sinais de diminuição da tolerância para com a crueldade e o risco dos participantes [...] GOFFMAN (2012a, p. 86).

Quando se trata de competições esportivas e de atuações teatrais, o autor define que podem ser distinguidas de acordo com sua pureza, nesse sentido, as competições esportivas – quando realizadas para serem assistidas – embora haja algum tipo de arrecadação de bilheteria e outros valores envolvidos, depende dos competidores atuarem de maneira convincente, como se estivesse em jogo algo que

---

<sup>114</sup> O termo é caracterizado como: “a capacidade de se manter numa linha de atividade e continuar a despejar todos os esforços nela independentemente de precauções, dor ou fadiga, e isto não é devido a uma insensibilidade bruta, mas devido à força de vontade e determinação internas” (GOFFMAN, 2012b, 208).

vai além da diversão dos observadores. Partindo do pressuposto que no nosso caso de pesquisa a encenação não acontece em um palco, mas sim em um *cage*, empregamos o argumento de Goffman (2012a, p. 167) quando assegura que “como se poderia esperar, parece que não existe nenhum tipo de esporte ou jogo que não apresente um *continuum* total”. Esse *continuum* presente no universo esportivo, especialmente no momento do combate alicerça-se no que Bourdieu denomina de senso prático.

Dessa forma, somando as noções até aqui apresentadas e as condensando entre os rituais de interação – fachadas e representações – com o senso prático incorporado ao longo do tempo de vivências e experiências construídas no âmago da academia de lutas, podemos inferir que no momento em que o combate se inicia, prevalecem as disposições incorporadas visceralmente, o que chamamos de *habitus*, ou ainda, do “coração de lutador”. O qual tem como objetivo a manutenção da fachada, e de certa forma, a “sobrevivência” nesse esporte.

Para completar as análises da “tríade” da academia – propostas para esse capítulo –, que perpassa a descrição das relações travadas no interior da mesma, as representações em momentos de bastidores e de fachada, especialmente durante os eventos. No subcapítulo a seguir, nos dedicamos a discorrer sobre os fatos que motivaram as nossas entrevistadas a dedicarem-se aos treinamentos de MMA, e também, sobre as estratégias que elas lançam mão para permanecerem nesse subcampo.

#### 4.3 “JÁ PENSOU EM SAIR NA MÃO PRA GANHAR DINHEIRO?": NOTAS SOBRE A ENTRADA E PERMANÊNCIA DE MULHERES NO SUBCAMPO DO MMA

A “febre” do MMA que acometeu diversos países ao redor do mundo abriu espaço para que as mulheres também participassem de eventos e que tivessem um evento que contemplasse somente lutas entre mulheres, o *Invicta* FC. Como já mencionamos anteriormente, tanto as artes marciais, quanto esportes de combate e as lutas, são espaços nos quais a masculinidade é evidenciada, reforçada e ensinada, como bem descreveu Almeida (2016). Para o autor, por meio das falas verbais, gestuais e corporais, a performatividade da masculinidade hegemônica pautada na virilidade e fisicalidade, orientam a movimentação nos espaços de luta,

seja na academia ou nos eventos. Ele menciona ainda que ocorre uma adesão de determinados estilos de masculinidade por parte dos agentes que compartilham esses espaços.

Considerando o campo esportivo um espaço potencial para investigarmos relações reproduzidas de outros cenários sociais, a interação e as relações entre homens e mulheres em um *locus* iminentemente masculino nos chamou a atenção. Tendo em vista as relações de poder que se estabelecem no interior do campo esportivo, destacamos de acordo com Bourdieu (1983), as disputas travadas entre o esporte amador e o esporte profissional e, conseqüentemente, a legitimidade dos corpos que atuam nessas posições. Vale ressaltar que embora o capital físico seja a principal “trunfo” para os agentes do campo esportivo, quando se trata da difusão da modalidade a partir dos meios de comunicação ou da fusão entre o campo esportivo e o campo midiático, o capital físico recebe “valor de mercado” diferenciado em detrimento ao capital corporal cujos agentes demonstram possuir.

Nesse sentido, alegamos que quanto mais próximo às características normativas de gênero for o capital corporal dos agentes, atrelado ao capital físico que lhe confere bom desempenho no campo esportivo, maior será a potencialidade de conversão desses capitais para outros campos, especialmente no que tange os usos mercadológicos dos e das atletas que transitam em diferentes campos emprestando sua imagem para diferentes produtos. Como evidenciamos anteriormente a partir do exemplo de Ronda Rousey.

Tendo em vista as disputas apresentadas no interior do campo esportivo atreladas ao esporte como forma de distinção, propomos para esse momento vislumbrar as mulheres e o MMA no campo esportivo. A procura das mulheres por academias de lutas, artes marciais e esportes de combate quando feita com o propósito de lazer ou de prática de exercício físico é mais bem aceita nesses espaços do que quando o propósito é tornar-se uma lutadora profissional. O processo de profissionalização<sup>115</sup> de uma lutadora de MMA envolve a inclusão de

---

<sup>115</sup> Chamamos a atenção para o entendimento de profissionalização que estamos concebendo no desenvolvimento da tese. Entendemos com base na pesquisa de campo, que um lutador ou uma lutadora pode ser denominado como profissional, a partir do momento que realiza lutas nessa categoria e não que necessariamente sobreviva de patrocínios e dos valores recebidos por luta. Ainda em termos de profissionalização do MMA, em muitos casos os patrocínios são concedidos em forma de suplementos alimentares, academias para treino de musculação, roupas e equipamentos para treino e menos em forma de dinheiro.



outras modalidades aos seus treinos, e assim, outros gestos técnicos e todo o aparato de antecipações também é ampliado.

É a partir da experiência das lutadoras entrevistadas que vamos propor uma análise sobre a entrada e a permanência de mulheres no MMA. Para tanto, organizamos esse subcapítulo de forma a inicialmente apresentarmos os elementos que fizeram com que as mulheres passassem a treinar para esse tipo de competição, como elas veem a presença das mulheres nesses espaços e na sequência, direcionamos nosso foco em identificar quais ações são necessárias para a manutenção/permanência em um subcampo que está em ascensão para as mulheres, mas que ao mesmo tempo limita as participações em uma ou duas lutas durante os eventos mistos e ainda apresenta resquícios de preconceito.

Tanto a prática quanto o consumo esportivo perpassam pelo que Bourdieu (1983) denomina de oferta e demanda. Que por sua vez, inferem diretamente na forma como os agentes concebem uma nova prática esportiva ou ainda, reproduzem outras já estabelecidas no campo esportivo. É sobre as novas ofertas de práticas esportivas que propomos tratar aqui, especialmente no que tange o público de mulheres lutadoras profissionais de MMA. Nesse contexto é necessário rememorar o que o autor delimita sobre as transformações na oferta e as transformações na demanda.

As transformações da oferta estão vinculadas à possibilidade de imposição de uma nova prática e a conquista de clientela consumidora, já as transformações da demanda são alicerçadas nos gostos e estilos de vida muito relacionados à noção de distinção (BOURDIEU, 1983; 2009). Nesse sentido, o “corpo no esporte” e o “corpo para o esporte” têm sofrido alterações também vinculadas à noção de distinção, pois a configuração corporal com exaltação de músculos e pouca gordura, acrescida do controle alimentar – comuns aos lutadores e lutadoras – vêm sendo adotados por agentes alheias a esse campo, mas muito presentes no campo midiático, televisivo e também das redes sociais. Como é o caso de artistas que utilizam aulas de MMA e Muay Thai como meio de manter a boa forma e a saúde<sup>116</sup>.

---

<sup>116</sup> Trazemos como exemplo a apresentadora Sabrina Sato, atualmente com 8,8 milhões de seguidores no Instagram, como forma de ilustrar a prática do Muay Thai por agentes alheios ao subcampo do MMA, mas que por seu capital social, físico e simbólico popularizam essas práticas junto ao público leigo, a associando à manutenção de sua forma física. Que por sua vez, reverte-se em capital econômico. Mais informações e imagens podem ser visualizadas em: <http://entretenimento.r7.com/programa-da-sabrina/fotos/muay-thai-saiba-mais-sobre-a-luta-que-modela-o-corpo-de-sabrina-sato-30102015#!/foto/6>. Acesso em: 29/09/2016.

A mesma prática também acontece no universo dos homens artistas, talvez com ainda mais intensidade, mas como uma prática recorrente e há mais tempo “autorizada”. Sobre esse percurso de angariamento de praticantes (demanda) que o MMA vem percorrendo pode ser explicado de acordo com Bourdieu (2004c) quando afirma que o capital social atua favorecendo o aparecimento de praticantes modais.

Nesse sentido, podemos inferir que as práticas corporais recreativas vinculadas ao controle alimentar e à “disciplina marcial” assumem atualmente, com o crescimento do consumo de eventos esportivos de combate como o UFC, um revestimento de distinção, diferente do significado que as mesmas práticas admitem para lutadoras e lutadores profissionais. Tais informações nos levam a entender que houve aumento na demanda de consumidoras desse tipo de prática esportiva, tendo sempre presente a intenção de melhorar o desempenho físico e não tornar-se profissional, conferindo à prática significados e pesos diferentes, como ilustra o depoimento da entrevistada 1 ao afirmar que treina por ter “objetivo [competir], não só pra ter um corpinho bonito”.

Quando direcionamos nosso foco de análise para o universo de mulheres que toma essa prática como profissional, também precisamos levar em conta que além das adaptações que o próprio MMA veio sofrendo, os treinos também passaram por remodelações e, conseqüentemente, o capital físico aos poucos foi sendo moldado a fim de atender às novas exigências dessa modalidade que, em termos de multiplicidade de movimentos e golpes, assume um processo complexo de incorporação.

Destacamos que das nossas seis entrevistadas quatro são oriundas do Muay Thai, uma do Kung Fu e outra do Jiu-jitsu. Todas elas passaram a incluir – no início – pelo menos mais uma modalidade para então competirem no MMA. No caso das lutadoras de Muay Thai e de Kung Fu, que é uma luta “em pé”, foram buscar elementos da “luta de chão” por meio dos treinos de Jiu-jitsu e Wrestling. E a lutadora oriunda do Jiu-jitsu, além de praticar Luta Olímpica, buscou treinamentos específicos de Muay Thai para começar a competir no MMA.

A fala da entrevistada 2<sup>117</sup> ilustra que nos últimos anos, a migração do Muay Thai para o MMA, foi uma escolha em detrimento ao retorno financeiro. Ela nos conta que:

---

<sup>117</sup> A entrevistada 2 estreou profissionalmente no ano de 2009.

eu tava lutando bastante Muay Thai e tava ganhando tudo, só que chegou um ponto que a gente viu que o que tava crescendo e o que tava valorizando era o MMA, então a gente teve que usar a inteligência. Muay thai eu amo, adoro, gosto de lutar, só que o que vai ser melhor para o futuro?

Ao apresentar o questionamento “o que vai ser melhor para o futuro?” a lutadora nos oferece indícios de que os eventos de MMA estavam tomando proporções maiores do que aqueles eventos de uma única modalidade, no caso particular os eventos de Muay Thai. Podemos inferir também que uma nova oferta de campeonatos estaria surgindo e que os agentes que antes praticavam uma única forma de luta, arte marcial ou esporte de combate, deveriam passar por um processo de readaptação.

Tal processo pode ser ilustrado no discurso da entrevistada 1<sup>118</sup>, ao mencionar seu sonho de lutar internacionalmente, e por esse motivo modificou seus treinamentos, não mais unicamente no Muay Thai – modalidade a qual desejava esse combate – mas, no MMA. Ela relata que:

[...] eu sempre fui do Muay Thai [...] quando eu era nova e tinha duas ou três lutas, ele [o professor] fez uma promessa: quando vocês tiverem 22, 23 anos eu vou levar vocês pra lutar fora. Só que com o tempo o que está no ápice é o MMA, começou a crescer muito de uns anos pra cá, então ele falou: **vamos migrar**. Eu sempre treinei Jiu-jitsu, um pouquinho, porque se um dia eu for faixa preta, quero ser faixa preta em pelo menos duas modalidades. Eu treinava Jiu-jitsu por *hobby* e então depois disso passei a treinar mais sério e a incrementar meus treinos.

Ao migrarem de suas modalidades de origem para o MMA as lutadoras passaram por um período de adaptação não somente dos treinos, mas sim, por parte dos seus *habitus* de lutadoras. Pois, uma nova construção corporal tanto em termos de capital físico quanto de capital corporal também estava sendo forjada nas e pelas novas técnicas a serem incorporadas. Como também, pela visibilidade e o consumo que o MMA alcança frente às modalidades as quais elas praticavam e disputavam campeonatos. Além dos argumentos mencionados, a entrevistada 3 ressaltou o estranhamento inicial à possibilidade de receber por luta, tendo em vista que sua modalidade de origem é o Kung Fu ela comenta:

Depois de três meses treinando fiz minha primeira luta de Kung Fu. No final de 1998 comecei e como não tinha muita mulher no mundo da luta, no

<sup>118</sup> A entrevistada 1 estreou profissionalmente no ano de 2013.

Karate e no Kung Fu tinha mais mulheres do que nas outras. Fui até me formar faixa preta, vim embora pra Curitiba pra dar aula de Kung Fu e depois de um tempo que eu dava aula, o dono da academia me falou: “você já pensou em sair na mão pra ganhar dinheiro?” O Kung Fu tem muito essa coisa de fidelidade, você luta pela bandeira da tua academia, mas por dinheiro jamais. Dai estreei no Muay Tai amador. E depois de seis meses eu estreei no MMA profissional em um grande evento.

Sobre os períodos de transição nos treinamentos, a entrevistada 2 menciona que “eu tinha muito medo, como eu tava acostumada a só lutar em pé, o Muay-Thai, o MMA era uma coisa nova pra mim, eu tava insegura”. Esse estranhamento inicial pode ser compreendido a partir dos primeiros combates intermodalidades ou mesmo as competições de Vale-tudo com regras que pouco resguardava a segurança dos lutadores, como também, pela diversidade de golpes que podem ser utilizados pelas adversárias em uma luta de MMA em detrimento a uma luta de Boxe ou Muay Thai, modalidades que ela já havia disputado.

Modificações na oferta de produtos culminam na modificação da demanda de consumidores. Nesse caso, ao apresentar para o público consumidor eventos organizados, com regras que de alguma maneira asseguravam sua integridade física, acrescido da divulgação midiática, os eventos de MMA começaram a “tomar corpo” principalmente na primeira década dos anos 2000. Para Bourdieu (2005) tanto o mercado quanto a oferta e a demanda são construções sociais, as quais dependem de disposições homólogas entre quem oferece determinado produto e quem está disposto a consumi-lo. De certa forma, tal afirmação oferece subsídios para compreensão do advento do MMA, sobretudo, do advento do MMA por meio da proliferação de eventos de grande porte como foi o *Pride* (direcionado para consumidores com limiar de agressividade maior, tendo em vista o número reduzido de regras) e o UFC (direcionado ao grande público de consumidores e revestido de elementos de distinção pelo formato que assumiu após ser comprado pelos irmãos Fertitta).

Sobre os dois eventos mencionados, destacamos que cada um de acordo com a posição que ocupava no cenário mundial do MMA ou do Vale-tudo, assumia e reproduzia alguns elementos de distinção. A título de ilustração, nos eventos realizados pelo *Pride* as pessoas que trabalhavam vestiam terno, no sentido de conferir àquela prática determinado nível de distinção. O professor entrevistado

relembra que durante a realização do X Meca World em Curitiba, o terno preto e gravata também foi a vestimenta utilizada pelos organizadores.

Nesse sentido, compreendemos de acordo com Bourdieu (2004c), que os espaços das práticas corporais e esportivas estabelecem homologia com os espaços das posições sociais. Em que, as mudanças das práticas esportivas somente podem ser compreendidas a partir da lógica que visa à manutenção da distância entre as posições sociais. O distanciamento entre as posições sociais podem ser analisadas de diferentes formas, no entanto, vamos seguir nossa análise por duas possibilidades: a partir dos e das agentes enquanto lutadores e também dos e das agentes que são consumidores esportivos.

Rememorando que o distanciamento mencionado pelo autor pode ser identificado no campo esportivo a partir da profissionalização e do amadorismo, ao avançarmos nosso olhar para o subcampo do MMA, não é somente a distância entre os atletas amadores e os profissionais que está em jogo, mas sim, dos atletas profissionais que conseguem manter-se financeiramente a partir de sua profissão e dos atletas profissionais que assumem outros empregos para tal subsídio, mas ainda assim são categorizados como profissionais. A partir dessa realidade, entendemos que a distância entre um agente que está no início da carreira (e ainda luta como amador) e de um agente que embora seja profissional, mas que não sobrevive desse esporte é menor do que a distância entre esse lutador (profissional que precisa de outro emprego para seu sustento) e um agente que luta como profissional e tem patrocínios significativos e/ou recebe remuneração considerável por luta.

É interessante ressaltar que a qualidade de lutador ou lutadora profissional de MMA advém da incorporação dos gestos técnicos das lutas e não da ideia de retirar seu sustento somente das lutas realizadas. As lutadoras entrevistadas, por terem realizado muitas lutas de suas modalidades de origem como profissionais e em campeonatos de nível nacional realizaram poucas ou nenhuma luta de MMA amador, iniciando suas carreiras já como profissionais, como foi o caso das entrevistadas, 2, 4 e 5. A entrevistada 5 relembra que:

Nessa época de 2010, 2011 começou a popularizar bastante o MMA, não da forma como está agora, mas tinha bastante evento. E da mesma forma que o Muay Thai, eu queria lutar amador e depois profissional, mas luta feminina

amadora era muito difícil e como eu já tinha lutas profissionais de Muay Thai então eu acabei estreando direto no profissional.

A entrevistada 6 comenta que via no MMA um desafio pessoal de estar sempre aprendendo uma modalidade diferente, ela relata que em 2015,

[...] eu vi o pessoal treinando Muay Thai na academia que eu faço Jiu-jitsu, e resolvi experimentar. [...] Eu já tava no Jiu-jitsu, já tava no Wrestling, fazendo Submission, falei: deixa eu ver o Muay Thai como é. [...] Fui, fiz umas aulas e gostei. Dai me passou pela cabeça: porque não [lutar MMA]? Falei pro meu colega, arranja uma luta de MMA pra mim, que eu quero fazer e dependendo como for eu quero lutar MMA, quero sentir como é. Treinei um mês de Muay Thai, mal sabia dar um soco apareceu uma luta pra eu fazer e eu fui. Um evento amador em Curitiba, só mulheres lutando. [...] A hora que eu saí do ringue, [pensei] é isso que eu quero fazer.

Já no que tange os consumidores esportivos, também assumem características peculiares e certo distanciamento na estrutura social que ocupam. Pois, temos consumidores de MMA em eventos locais que consistem em agentes que treinam alguma modalidade de luta ou conhecem alguém que realizará alguma luta nesse evento, seus amigos, familiares e colegas de academia. Em eventos maiores, nos quais o valor do ingresso é mais alto, além do público já mencionado, também costumam frequentar os “admiradores” do esporte, que não necessariamente tenham vínculo com academias de lutas, lutadores ou se quer praticam alguma modalidade. São os consumidores esportivos.

Embasado pela teoria bourdieusiana, Souza e Marchi Júnior (2010) elucidam algumas diferenças entre a demanda da prática esportiva e o consumo esportivo. Para os autores,

[...] pode-se entender por demanda da prática de esportes o ato dos agentes estarem jogando voleibol, lutando boxe ou disputando uma partida de tênis, dentre outras possibilidades. Já o consumo esportivo passivo se evidencia quando os agentes estão acompanhando uma partida de futebol pela TV ou compram uma camiseta do time que torcem, ou ainda, quando crianças e adolescentes passam a se comportar de acordo com os estereótipos e padrões disseminados através da transmissão de espetáculos esportivos na mídia e que incitam modos de vestir, de falar, de se alimentar e, de uma forma mais específica, escolher redes de sociabilidade e convivência (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010, p. 306).

Seguindo nessa proposta de análise, Bourdieu (2004c; 2009) adverte que seria ingenuidade pressupor que todos os praticantes de um mesmo esporte lhe conferem o mesmo sentido ou que de fato praticam a mesma prática. Especialmente se vislumbrarmos que diferentes classes também têm expectativas diferentes em relação às práticas esportivas. Cabe-nos ressaltar que tal reflexão abarca principalmente as práticas esportivas que envolvam a manipulação corporal, mas não excluimos dela o consumo esportivo.

Perpassando pelas noções de gosto de classe e estilo de vida propostas por Bourdieu (2009a) temos a noção de que as posições que ocupam na estrutura social moldam seus estilos de vida – e também o *habitus* – que se materializam nas preferências dos consumidores. Nesse sentido, podemos compreender a predileção de determinados agentes aos eventos maiores com nuances de espetáculo e distinção, tal qual o UFC. Ressaltamos que o UFC assumiu tal revestimento a partir da compra da organização pelos irmãos Fertitta e o investimento realizado para aproximar as lutas de MMA realizadas em seus eventos aos *shows* ou espetáculos emoldurados por luzes e telões além de serem realizados em espaços físicos que comportassem os espectadores de maneira confortável e segura.

Um evento do UFC recebe nas primeiras filas além de lutadores que vão assistir as lutas em questão, outros esportistas de renome além de artistas de cinema e televisão. Os agentes com capital social e simbólico que ocupam essas cadeiras comumente aparecem no telão nos intervalos das lutas e em algumas vezes são ovacionados pelo público. Um exemplo recente aconteceu no UFC 205 realizado no México em 6 de novembro de 2016, quando o ex-jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima, que ocupava a primeira fila do evento apareceu no telão e recebeu aplausos do público presente.

Tal fato nos incorre que os consumidores de MMA podem ser considerados também consumidores esportivos no sentido mais amplo do termo, pelo fato de reconhecerem em outros atletas de diferentes modalidades figuras representativas ao campo esportivo. Muito embora não tenhamos evidências de que o contrário também possa ser afirmação verdadeira, rememoramos as possíveis aproximações entre o MMA e o futebol no cenário brasileiro. Especialmente quando clubes de futebol patrocinavam lutadores<sup>119</sup>, como o caso de Anderson Silva com o Sport

---

<sup>119</sup> Franlin (2015)relata que desde julho de 2015 o UFC assinou um contrato de exclusividade no valor de 70 milhões de dólares com a marca de artigos esportivos Rebook, o qual está previsto para durar



Clube Corinthians, ou ainda, da proximidade entre Fabrício Werdum e a torcida organizada do Grêmio Futebol Clube.

Embora não seja nosso objetivo principal discorrer sobre o subcampo do futebol e o subcampo do MMA, se faz importante demarcar aqui que a difusão de informações sobre o MMA aconteceu no Brasil muito em conta da coadunação entre o desempenho de Anderson Silva no UFC e a mídia brasileira por meio de canais abertos de televisão, que de maneira indireta estavam vinculados aos agentes de clubes de futebol. Stefani (2012) menciona que isso só foi possível por intermédio de uma agência de *marketing* esportivo, a *9ine*, presidida na época por Ronaldo Nazário de Lima. Após assinar contrato com a agência no início de 2011, Anderson Silva, que estava em boa fase na carreira esportiva, após vitória sob Victor Belfort no UFC 126<sup>120</sup>,

[...] passou a ser apoiado pela *Nike* (cessão de materiais desportivos), pelo Corinthians (criação de uma academia em São Paulo no complexo do clube), pela Ambev (que utilizou sua imagem para a entrada da *Budweiser* no mercado brasileiro), pelo *Burguer King* (campanha “Tão assustador que você afina”), pela *Ford* e pela *Honda* (junto com o também lutador Minotauro). Suas aparições na televisão ficaram cada vez mais frequentes e em programas voltados aos mais diversos públicos: Fantástico, Mais Você, Altas Horas, Caldeirão do *Hulk*, Domingão do Faustão e Programa do Jô, da Rede Globo; Programa da Eliana e De Frente com Gabi, do SBT; CQC e Agora é Tarde, da *Band*; além da participação na novela Fina Estampa também da Rede Globo (STEFANI, 2012, p. 4).

A aproximação entre os campos esportivo e midiático passaram a oferecer ao público até então desconhecido, a figura do lutador de MMA de maneira “repaginada” tal quais os intentos lançados pelo TUF no Estados Unidos. De maneira especial no Brasil essa aproximação se manifestou por meio de programas de televisão com alto índice de assistência e em diferentes canais e horários para

---

até 2021. A partir desse feito, os lutadores e lutadoras e suas comissões técnicas recebem kits de uniformes da marca, sendo obrigados a utilizá-los durante os eventos oficiais do UFC (coletiva de imprensa, treino aberto, pesagem oficial e no dia da luta). Além dos kits, os lutadores e lutadoras receberão um patrocínio específico em decorrência de seu histórico na modalidade. Tal decisão modifica a forma de como as academias e equipes se mostram para o universo das lutas, pois, ao contrário dos uniformes anteriores, repletos de patrocinadores, agora somente terão a marca Rebook. “O novo contrato também permitiu ao UFC ter uma transmissão de tv mais ‘clean’ sem que os atletas estivessem utilizando os tradicionais uniformes como ‘macacão de formula-1’, com dezenas de marcas poluindo sua transmissão” (FRANKLIN, 2015, s/p).

<sup>120</sup> A luta protagonizada por Silva e Belfort completou 5 anos em 2016, a qual, ficou conhecida como “luta do século pelo o enredo no qual a mesma aconteceu e, principalmente, pelo chute frontal proferido por Silva, que ficou conhecido como um dos melhores nocautes do MMA. (RODRIGUES, 2016, s/p). Um breve compilado de informações que envolveram a realização da luta pode ser visualizado em vídeo em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/02/luta-do-seculo-completa-cinco-anos-relembre-duelo-entre-spider-e-belfort.html>. Acesso em: 29 set. 2016.

ampliar o alcance da audiência, como também, de marcas que visassem atingir outra parcela do público consumidor, como as de cerveja e carros. Por meio dessas informações podemos inferir que se galgava a criação de uma nova demanda de consumidores, para uma também nova – e mais midiática – proposta de esporte, alicerçada tanto no desempenho esportivo e no capital físico do Anderson Silva lutador, quanto no poder simbólico dos aparelhos de comunicação, como a televisão e a internet.

Bourdieu (2004c, p. 166) denomina poder simbólico como “poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais da autoridade social adquirida nas lutas anteriores”. Esse poder é conferido a quem profere determinada informação como “porta voz autorizado”, por compreender que “o poder simbólico é o poder de fazer coisas com palavras”. No presente caso, entendemos que os meios de comunicação assumem esse perfil, em detrimento ao público alvo de consumidores esportivos que visa atingir.

No entanto, somente haverá eficácia no discurso proferido pelos meios de comunicação se as disposições para a ação dos agentes consumidores estiverem adequadas à essa nova proposta de produto. Bourdieu (2009a) chama a atenção para a homologia quase perfeita que se estabelece entre os campos de produção especializados em que se elaboram os produtos e os campos (das classes sociais ou das classes dominantes) em que se determinam os gostos. Tal relação faz com que os produtos – os as novas ofertas – encontrem demanda, a qual

[...] se elabora nas relações, objetiva ou subjetivamente, antagonistas que as diferentes classes e frações de classe mantêm a propósito dos bens de consumo materiais ou culturais, ou, mais exatamente, nas lutas de concorrência que os opõem a propósito desses bens e que estão na origem da mudança dos gostos (BOURDIEU, 2009a, p. 215-216).

É possível identificar o processo de mudança dos gostos apresentado por Bourdieu (2009a) concomitantemente ao processo de reformulação dos eventos do UFC e o revestimento de distinção que os mesmos foram aos poucos incorporando – seja pelo formato espetacularizado, por meio dos espaços físicos nos quais são realizadas as lutas ou pelo valor financeiro para assistir a uma luta em lugar privilegiado – tendo em vista angariar maior número de consumidores, e mais do que isso, que o público consumidor fosse dotado de capital econômico e social.

Tendo em vista que as classes dominadas tendem a reproduzir – de maneira a adequar a sua realidade – os gostos da classe dominante, ao direcionar os eventos do UFC para um público dotado de capital econômico, social e simbólico, outros públicos consumidores de alguma forma também serão afetados ou “respingados”. De acordo com Bourdieu (2009a, p. 216), quando ocorre a orquestração entre oferta e demanda

[...] é que os mais diferentes gostos encontram as condições de sua realização no *universo dos possíveis* que lhes oferece cada um dos campos de produção, enquanto estes encontram as condições de sua constituição e de seu funcionamento nos gostos diferentes que garantem um mercado – prazo mais ou menos longo – a seus diferentes produtos.

Tal orquestração no universo dos esportes pode ser identificada quando uma mesma modalidade esportiva é consumida – logicamente de diferentes maneiras – por agentes que ocupam posições sociais dissemelhantes. Bourdieu (2004c) menciona que as posições sociais orientam a relação “corporal” com o mundo, que por sua vez, se retraduz na lógica dos esportes. Nesse sentido, o autor descreve a necessidade de estarmos atentos a diversificação social dos praticantes, que aumenta concomitantemente ao número de praticantes e de consumidores esportivos.

Tendo em vista esse cenário de angariamento de demanda de consumidores, Stefani (2012) elucida a perspicácia com que a organização UFC soube se aproveitar do interesse dos brasileiros sobre a modalidade e o evento, realizando no dia 27 de agosto de 2011, o UFC 134 no Rio de Janeiro, tendo como luta da noite, Anderson Silva e Yushin Okami. A autora menciona que os ingressos se esgotaram rapidamente e que pela primeira vez as lutas do UFC foram transmitidas por um canal aberto de televisão, a Rede TV!<sup>121</sup>. Além dos picos de audiência televisiva, as redes sociais como o *twitter* também demonstraram o alcance de tal evento, especialmente na figura de Anderson Silva. Nesse sentido, foram registradas “mais de 108 mil mensagens [...] Anderson foi o mais aguardado da noite, sendo comparado pelos internautas a: **Pelé**, Bruce Lee, Chuck Norris, Van Damme, **Ronaldo Fenômeno** e Capitão Nascimento” (STEFANI, 2012, p. 5, grifos nossos).

<sup>121</sup> Após esse evento, a Rede Globo de Comunicações comprou os direitos de transmissão e passou a veicular as lutas do UFC, em horários posteriores àqueles veiculados pelos canais por assinatura (STEFANI, 2012).

Tais associações entre personagens e “heróis esportivos” à figura de Anderson Silva, aproxima o consumidor de MMA ao consumidor do futebol e fornece uma possível explicação ao fenômeno esportivo que a modalidade assumiu em território brasileiro e, novamente aproxima a figura de Ronaldo Nazário de Lima ao subcampo do MMA, como sendo um agente que em detrimento ao seu capital econômico, social e simbólico transita com certa legitimidade entre os subcampos esportivos em questão.

Outra aproximação que podemos tecer entre os subcampos supramencionados é entre Fabrício Werdum e a torcida organizada “geral do grêmio”. O qual, em sua aparição em Porto Alegre após a conquista do cinturão interino da categoria peso pesado no UFC 180, estava com a bandeira do clube e em posse do cinturão. O lutador foi recepcionado por parte da torcida no aeroporto e no caminhão do Corpo de Bombeiros foi dirigido até a prefeitura da cidade, na qual recebeu do prefeito uma medalha “para quem realmente leva o nome da cidade [para o mundo]” (UFC, 2014).

Outra aproximação entre Werdum e o futebol pode ser identificada em momentos que antecederam o UFC 198 que foi realizado em um campo de futebol. Na ocasião, o lutador havia comprado 150 ingressos a serem distribuídos aos torcedores do grêmio, mas argumenta que “a geral do grêmio não vem porque ficou meio complicada a situação, é uma rivalidade muito grande entre o atlético e o grêmio e eu achei melhor não trazer o pessoal” (WERDUM, 2016). Algumas ações já legítimas e reconhecidas no subcampo do futebol, de alguma maneira são reproduzidas também no subcampo do MMA, tal como algumas rivalidades ou ainda no modo de torcer durante uma luta, que recebeu alguns cânticos e entoações típicas das torcidas de futebol no Brasil, como “Uh! Vai morrer”.

Considerando essa proposta de aproximação entre o futebol e o MMA no Brasil e as similitudes nos consumidores de ambos esportes, lembramos uma passagem de Bourdieu (2004c, p. 213) na qual o autor elucida que o modo como a oferta se apresenta num dado momento, tendo em vista um conjunto de práticas e consumos possíveis, “é produto de uma longa série de relações entre modelos de práticas e disposições para a prática”, que no presente caso reverbera no *habitus* esportivo.

Tal aproximação entre os dois subcampos que ocorreu por meio de agentes que ali transitam, de alguma maneira possibilitaram a difusão tanto do MMA quanto

do próprio UFC, tendo em vista que houve aumento na oferta de eventos no âmbito local e nacional. Com a ampliação desses eventos, aumentaram também as possibilidades das mulheres construírem sua história nessa modalidade, pois, exceto pelas entrevistadas 2 e 3, que estrearam profissionalmente no MMA entre os anos de 2006 e 2009, as demais entrevistadas foram “contempladas” indiretamente pela tríade “Anderson Silva + Rede Globo de Televisão + UFC”.

Tal qual Stefani (2012) mencionou que a organização UFC soube aproveitar a simpatia dos consumidores brasileiros pela modalidade e pelo evento, os organizadores de eventos de MMA no Brasil também souberam identificar uma “lacuna” no mercado do MMA, a limitada presença de mulheres lutadoras nos eventos. Embora tenha aumentado a quantidade de mulheres se profissionalizando, de eventos e também de lutas por eventos, os eventos mistos dificilmente contam com mais do que duas lutas de mulheres por *card*.

A opinião das lutadoras entrevistadas sobre ser mulher e além de adentrar o subcampo do MMA permanecer nele, foi unânime. Elas arguíram como vantagem a pouca concorrência e por isso a possibilidade de ascensão mais rápida na carreira quando comparada à carreira dos homens. A entrevistada 2 descreve que

[...] por serem poucas mulheres que tem a coragem de encarar, foi bom pra mim, pude me destacar mais. Homem tem bastante, mulher foram poucas ali eu consegui ir aparecendo com isso [...]. No começo todo mundo acha que não é esporte pra mulher, mas depois que a gente começa a conseguir conquistar várias coisas e todo mundo vê que não é bem assim.

A opinião da entrevistada 5 vai de encontro ao excerto ilustrado acima, quando ela nos diz:

Quase todas as minhas lutas foram em eventos que foi a única luta feminina. [...] Eu acho muito bom quando a minha luta é a única feminina, porque todo mundo lembra. Todo mundo diz: “a menina que lutou”. Tem um monte de luta masculina e só uma feminina, todo mundo vai lembrar da única luta feminina. Pra mim é bom, melhor que seja assim. [...] Eu acho uma vantagem [ser mulher], porque a concorrência é menor. Para o homem chegar lá no primeiro do *ranking* do país ou do mundo tem muito mais concorrência. Mulheres são menos, a concorrência é menor e por ser algo que muita gente, mesmo hoje em dia, ainda acha estranho [uma mulher lutando], acaba sendo algo marcante, as pessoas lembram mais.

Ao entender que o caminho a ser trilhado pelas mulheres até eventos maiores que conferem visibilidade é mais curto do que o dos homens, a entrevistada 4 relata:

Depois que eu comecei a lutar profissionalmente, a gente começa a perceber que é muito mais rápido pra mulher, o caminho é mais curto, por não ter tanta mulher se comparado ao homem. Pra homem tem que ter muito mais luta pra chegar a evento grande. Pra mulher, se ela começa a se destacar um pouco já começa a chamar mais atenção.

Ela segue explicando que o processo de manutenção de um cinturão ou mesmo das mulheres em eventos grandes também acontece de maneira diferenciada do que com os homens,

Pra se manter no esporte, a mulher não tem tanta experiência. O homem chega lá e já tá mais maduro, mais consistente. [Para as mulheres] é muito rápido, você tem que aprender as coisas muito mais rápido do que o homem.

Adentrar o subcampo do MMA por parte das entrevistadas aconteceu como uma estratégia para se manterem em atividade no mundo das lutas e também como propósito financeiro. A liberação para a realização de lutas de MMA foi – exceto pela entrevistada 6 – por parte dos professores treinadores, que entenderam que em determinado momento suas alunas/lutadoras estariam aptas a estrearem no MMA. Se posicionar nesse subcampo ocorreu em detrimento tanto ao capital físico de cada uma das lutadoras, quanto ao capital social, seja das lutadoras ou de seus treinadores para terem acesso a possibilidade de inclusão de suas lutas nos eventos. No entanto, o ato de permanecer nesse subcampo perpassa entre a possibilidade serem lutadoras, mas também professoras das modalidades, como relata a entrevistada 2:

Eu não consigo viver só da luta, pra mim a luta é um hobby, eu não penso que tenho que ganhar pra me manter. O meu sustento é as aulas, tá dando aula direto. O que eu ganho na luta é um extra. Agora começou aparecer uns patrocínios melhores, eles me ajudam na preparação que a gente tem gasto com suplemento, as vezes tem que pagar um treino extra, um treino específico, material de treino, a alimentação pra luta tem que tá sempre mantendo. [...] Antes a gente só tinha patrocínio pra cada luta, agora a gente fechou semestral. [...] O patrocínio vem em dinheiro, pra gente é bem melhor assim.

Ao permanecerem com o propósito de serem professoras e lutadoras, tem seus recursos financeiros advindos dessas duas frentes. Enquanto professoras, são pagas por seus alunos e pelos donos das academias. Cujo a entrevistada 2 comenta, aumentaram significativamente nos últimos anos. Para o público de mulheres isso aconteceu a partir da presença de Ronda Rousey nos eventos realizados pelo UFC. A entrada de Ronda Rousey em um evento do porte do UFC promoveu modificações também no que tange o aumento de visibilidade para as mulheres lutadoras de MMA, além de ter ampliado a possibilidade de mulheres utilizarem das técnicas de luta, esportes de combate e artes marciais como uma maneira de manutenção de aspectos relacionados à estética corporal e à saúde:

A entrevistada 2 relata que:

Eu acredito que depois que apareceu a Ronda melhorou bastante. Embora eu não simpatize muito com ela, ela é uma boa lutadora. E o que o mundo vê, eles não querem que só porque a mulher é lutadora ela tem que uma ogra, feia e não se cuide. Ela pode ter uma boa aparência, ela pode se cuidar, ser meiga, tudo e fazer um papel bonito dentro octógono. Então acho que depois que a Ronda apareceu explodiu bastante isso. **Não que não tivesse isso antes, já tinha, sempre teve, as porque o UFC é o maior evento é ele que divulga mais, entrando ela abriu um espaço bem grande pra nós.** Então acho que ela ajudou a dar esse empurrão, porque antes o Dana White nem queria luta feminina.

Vale ressaltar no discurso acima ilustrado, que não quer dizer que Ronda tenha sido uma pioneira ao atrelar aspectos de feminilidade normativa à *performance* do MMA. Mas sim, que o evento no qual ela pode exacerbar tal conjunto de características fez com que os mesmos reverberassem de maneira significativa, impactando também no aumento – mesmo que limitado – das possibilidades de apoio e patrocínios conferidos às lutadoras entrevistadas. Além desse advento, a boa fase da lutadora é importante ao angariar patrocínios ou apoios. Sobre os apoios recebidos, a entrevistada 4 nos conta que recebe em forma de produtos, como a academia que treina musculação, escola de inglês, suplemento alimentar e que não tem prazo para continuar recebendo esses apoios. Além dos produtos já mencionados, as lutadoras também recebem apoio em forma de refeições em restaurantes, de marcas de roupas esportivas, de protetores bucais, dentistas dentre outros profissionais da área da saúde.

Por serem agentes recém-chegadas ao subcampo do MMA as mulheres assumem nesse contexto uma posição que lhes é particular. Embora, muito se assemelhe e até em partes assuma a postura de reproduzir algumas ações “às



sombras” dos homens, por serem considerados agentes nascidos nesse subcampo, à elas são ofertadas diferentes oportunidades, como também, diferentes enfrentamentos que aos agentes legítimos são atenuadas ou inexistentes. Todas essas relações de poder existentes entre agentes recém chegados e agentes já estabelecidos nos campos são acrescidos de elementos como as relações de gênero e o reposicionamento do MMA no cenário esportivo e midiático.

Nessa conjuntura, o significado que a palavra MMA designa atualmente, não é o mesmo que designava no início dos anos 2000. Bourdieu (2004c) menciona que as modificações nas práticas esportivas não recaem somente sobre a modificação das regras, mas sim, pelas representações e apropriações dos agentes. No caso do MMA, as modificações nas disposições dos agentes aconteceram em diferentes instâncias e estruturas desse subcampo. Desde as organizações esportivas que consolidaram categorias para mulheres, a visibilidade que os agentes midiáticos as conferem, como também, os treinadores e as habilidades físicas que tiveram que ser aprimorada luta após luta, principalmente depois do aumento do consumo de eventos televisionados. Tais fatos inferiram no início de um processo de espetacularização das lutas de MMA e inculcaram nas mulheres lutadoras de MMA a concepção de um conjunto de disposições para a ação, muito específicas desse subcampo, as quais serão apresentadas no capítulo a seguir.

## 5. NO CONTEXTO DA AGENTE

No presente capítulo o enfoque está voltado à lutadora enquanto agente dotada de um *habitus*, o qual foi forjado pela inter-relação das estruturas apresentadas nos capítulos anteriores, ou seja, a partir das vivências históricas da modalidade, dos eventos, do reposicionamento das mulheres no subcampo do MMA, especialmente a partir da criação de categorias femininas no UFC, passando pelas relações travadas no interior das academias de lutas sob o espectro de família, dos momentos pré-luta e das estratégias de mercado e de manutenção nesse meio.

Dessa maneira, seguimos propondo discussões e reflexões a partir de três subcapítulos que versam sobre a formação de um *habitus* específico das mulheres lutadoras de MMA, as relações dessas agentes com a dor, a violência física e violência simbólica, e por fim, abordaremos questões relativas à dominação masculina nas especificidades do campo esportivo e no subcampo do MMA.

### 5.1 DISPOSIÇÕES INICIAIS PARA A AÇÃO NAS ACADEMIAS DE LUTAS: A FORMAÇÃO DE UM *HABITUS* DO MMA

Partindo do entendimento de que na teoria elaborada por Pierre Bourdieu as noções de campo, *habitus* e capitais são elementos indissociáveis – e como até o presente momento apresentamos o subcampo do MMA, identificando alguns agentes, estruturas e estratégias de reconversão dentro desse cenário, acrescido de capitais ali envolvidos –, a partir desse capítulo direcionaremos nosso foco de análise para as disposições iniciais que forjaram a prática do MMA em mulheres lutadoras. Nesse sentido, entendemos que o conjunto de ações que gerenciam e organizam o funcionamento desse subcampo sofre influências de outros campos, mas especialmente do campo midiático, o qual está diretamente vinculado à difusão da modalidade no Brasil nessa última década, seja por meio da televisão ou pela internet.

Embora nosso foco de análise esteja localizado no campo esportivo e no subcampo do MMA, muitas das disposições que ali são forjadas e das disputas travadas são evidenciadas e reforçadas pelo campo midiático. É tendo em vista essa

influência entre os campos que seguimos com a proposta de identificar disposições iniciais para a ação no interior do subcampo do MMA como constituidoras do *habitus* esportivo das lutadoras de MMA. Vale ressaltar que a construção do *habitus* ocorre de maneira relacional, por esse motivo, organizamos as informações de maneira em que inicialmente descreveremos a noção de *habitus* proposta por Pierre Bourdieu, para em seguida identificar momentos da história da modalidade e inferir as possíveis alterações nas formas de ser e vivenciar o MMA.

Seguindo nessa esteira de reflexão, rememoramos a noção de *illusio* juntamente à noção de *habitus*, as quais são complementares. Pois, para que exista sentido no ato de “jogar o jogo” e de “viver o jogo”, se faz necessário um conjunto de ações ou de disposições para a ação adequadas ao jogo. Ter o jogo na pele e no corpo nada mais é do que ter seu *habitus* alicerçado em prerrogativas que o fazem fluir, sem esforço, dentro do contexto ou do campo no qual foi inculcado. Tal conceito assume posição dinâmica no que tange respeitar às regras sem que isso seja o produto dessa orientação, pois para Bourdieu (2009a, p. 87) o *habitus* pode ser entendido como:

Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.

Considerando o *habitus* como produto de determinada história e da troca recíproca com o campo, Bourdieu (2011) menciona que conhecimento prático do mundo que ocorre por meio da ação é socialmente construído, dessa maneira, o próprio *habitus* é estruturado pelo mundo que ele estrutura. Esse intercâmbio entre os conceitos mencionados ocorre a partir dos esquemas de construção aplicados pelo agente no mundo, os quais, foram eles mesmos construídos pelo mundo. Conforme a mesma lógica e de maneira dinâmica, o *habitus* contribui para determinar o que o transforma.

Por não se enquadrar em um único conceito de maneira estanque, mas sim relacional, podemos pensar que a noção de *habitus* está atrelada à noção de liberdade, que por sua vez, se alicerça nas condições de existência social que balizam tal processo de incorporação. A compreensão de *habitus* como propõe o

autor, traça um caminho de “idas e vindas” nas possibilidades infinitas de geração de ação. Para Bourdieu (2009b, p. 91), “o *habitus* só é difícil de ser pensado enquanto se permanece confinado às alternativas ordinárias”. O argumento para tal afirmação justifica-se porque:

[...] o *habitus* é uma capacidade infinita de engendrar em toda liberdade (controlada) produtos – pensamentos, percepções, expressões, ações – que sempre têm como limites as condições historicamente e socialmente situadas de sua produção, a liberdade condicionada e condicional que ele garante está tão distante de uma criação de imprevisível novidade quanto de uma simples reprodução mecânica dos condicionamentos iniciais (BOURDIEU, 2009b, p. 91).

Seguindo nesse viés, é possível afirmar que o *habitus* produz práticas em número infinito e relativamente imprevisíveis, no entanto, elas são limitadas em sua diversidade. Tal limitação advém da reprodução das “regularidades imanentes às condições nas quais foi produzido seu princípio gerador” que por sua vez, produzem os *habitus* (BOURDIEU, 2009b, p. 92). Nesse sentido, Bourdieu e Wacquant (2005) compreendem o campo como sendo um conjunto de relações e histórias alicerçadas nas diferentes formas de poder, ou seja, nos capitais. Já o *habitus* é o conjunto de relações históricas que estão arraigadas nos corpos dos agentes, as quais se manifestam por meio dos esquemas mentais e corporais de percepção, apreciação e ação.

Atrelando a compreensão de história incorporada ao *habitus*, Bourdieu (2009b; 2010) alega que tal conceito é a presença operante de todo o passado do qual é produto, é a história feita corpo que, não só atua como traz de volta aquilo que a leva. É nesse processo incessante de ressignificações que a ação do senso prático – que atua como uma espécie de coincidência – e a compreensão do sentido do jogo se inculcam e se cristalizam. Pois, isenta-se da “necessidade de raciocinar para se orientar e se situar de maneira racional num espaço” (BOURDIEU, 2010, p. 62). A harmonia entre *habitus* e campo ocorre imediatamente quando o agente que incorporou as estruturas do mundo a partir de sua posição em um campo, com ele se reencontra. E assim, ao encontrar condições idênticas ou análogas àquelas em que foi produzido, é que o *habitus* se torna eficiente (BOURDIEU, 2010; 2011).

Tal encontro entre um *habitus* com predisposições para a ação e o campo esportivo pode ser visualizado no depoimento da entrevistada 6, ao lembrar seu sentimento após a sua primeira aula de Jiu-jitsu:

Tinha uma academia do lado do meu trabalho e tinha Jiu-jitsu na hora do almoço, eu tinha muita curiosidade de ir lá. Aí no horário do almoço eu passei lá, eles ofereceram um quimono emprestado pra eu fazer aula no dia seguinte. [...] Quando terminou a aula sai de lá com a sensação de: **“é isso que eu quero fazer”, eu me achei na vida**. Assim, foi um sentimento bem diferente que eu nunca tinha sentido, eu comecei e não parei mais. Foi um vício o Jiu-jitsu.

Experiência similar foi vivenciada pela entrevistada 3 quando nos diz: “Comecei a treinar e não teve mais jeito” ou a entrevistada 5 ao lembrar que:

Eu tinha 14 anos e estava em Curitiba passando férias e uma amiga convidou pra fazer aula de Muay Thai. Eu passei um mês de férias e o professor deixou treinando lá, nem cobrou [...] e **eu adorei, me apaixonei**. Quando eu voltei pra casa eu estava louca pra achar uma academia pra treinar Muay Thai. Na época minha mãe falou que só iria deixar se tivesse aula feminina, então procurei uma academia com aulas femininas.

Tais excertos remontam a existência de “pré-disposições” à incorporação do *habitus* esportivo presente nas academias de lutas, mas não que o mesmo já estivesse adequado ou em harmonia com esse subcampo. Uma vez que a harmonia imediata advém de quando *habitus* e campo se encontram e desse encontro – quase que perfeito – resulta o senso prático. Bourdieu (2011; 2013) compreende o senso prático como o ato de saber o que se deve fazer em cada situação de maneira livre e fluida, ter o jogo incorporado na pele – nas ações, nas posturas, na linguagem –, é a arte de antecipar o futuro tendo como base o estado atual do jogo. “Por intermédio das estruturas cognitivas e motivacionais postas em jogo, o *habitus* contribui para determinar as coisas a fazer ou a não fazer, as urgências que desencadeiam a ação” (BOURDIEU, 2011, p. 181).

Destarte, quando o *habitus* e o campo estiverem harmonizados, o *habitus* “cai bem” e, sem que seja necessário qualquer tipo de medição ou análise mais aguçada da situação, suas antecipações para a ação prenunciam as lógicas do mundo objetivo (BOURDIEU, 2004c). Nesse sentido, ressaltamos que as lutadoras entrevistadas passaram por um período de adequação de seus *habitus* à incorporação de novas formas de percepção e ação nesse – também novo –

contexto. É interessante perceber que os *habitus*, por serem princípios geradores de práticas, vão sendo moldados em decorrência de disputas travadas no interior dos campos, e da mesma forma, são os agentes – dotados de *habitus* – que promovem tais alterações na estrutura de um campo.

Princípios geradores das práticas e das respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, o *habitus* é produto de uma história individual alicerçada nas experiências da primeira infância, da história e da posição que a família ocupa na sociedade a partir de sua classe. Nesse sentido, os *habitus* individuais são parcialmente independentes, pois, assumem a partir desse traço aparentemente individual, toda uma história de nuances coletivas (BOURDIEU, 2004c; 2007b), ou como caracterizaram Bourdieu e Wacquant (2005, p. 186) “o *habitus* é uma subjetividade socializada”.

Mesmo podendo ser entendido como individual ou como um corpo biológico socializado, o *habitus* é coletivo, e dessa forma, constrói o seu entendimento e suas ações no mundo a partir da maneira que se orienta e se posiciona nele. Bourdieu (2007b, p. 191) evidencia que se pode “construir classes de *habitus*, estatisticamente caracterizáveis. É nessa qualidade que o *habitus* está em condições de intervir eficazmente num mundo social ou num campo ao qual esteja genericamente ajustado”. O autor menciona que as classes de *habitus* ou agentes dotados de *habitus* semelhantes, fazem com que se comportem de determinada maneira frente às circunstâncias. Por isso que o encontro de pessoas dotadas de um mesmo *habitus* ocorre de maneira espontaneamente orquestrada, quando e o inverso predispõe em estranhamentos e possíveis afastamentos.

Nessa esteira de análise, Bourdieu (2007b, p. 190) explica que somente existe a ação, a história e a conservação porque:

[...] existem agentes irredutíveis ao que o senso comum e o “individualismo metodológico” introduzem na noção de indivíduo e que, enquanto corpos socializados, são dotados de um conjunto de disposições contendo ao mesmo tempo a propensão e a aptidão para entrar no jogo e a jogá-lo com maior ou menor êxito.

Tais aptidões e propensões de determinados agentes sociais a jogarem o jogo de cada campo estão alicerçadas em duas disposições geradas e gerenciadas a partir de suas experiências práticas, advindas de sua história de vida e familiar. Como é produto de uma história, o *habitus* é um sistema de disposições que está

aberto, ou seja, que está constantemente sujeito a ser afetado por experiências que podem modificar suas estruturas. Embora hajam inscrições pautadas no destino social de cada agente, o *habitus* é durável, mas não eterno, no sentido de que passa por modificações ao longo de suas vivências e reposicionamentos (BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

Algumas das modificações nos *habitus* esportivo das lutadoras de MMA serão identificadas nesse subcapítulo tendo como base os discursos das próprias lutadoras, sobre os momentos em que iniciaram nas práticas esportivas e nas academias de lutas. Entendemos que esse foi um momento inicial de encontro das suas disposições com o campo esportivo em cada uma das modalidades que escolheram praticar. Na sequência, seus *habitus* passaram por novas incorporações, pois, ao adentrarem o universo dos treinos e das competições de MMA, adequações físicas, técnicas e também de estratégias para entrada e manutenção nesse subcampo tiveram que ser articuladas.

Considerando que as agentes sociais aqui exaltadas são o produto de suas histórias, construídas a partir de experiências acumuladas e pelo trajeto que percorreram no interior do subcampo, rememoramos nossa hipótese inicial, de que as atuais lutadoras de MMA já possuíam um *habitus* esportivo antes de iniciarem nas modalidades de lutas, esportes de combate ou artes marciais. No entanto, nem todas as entrevistadas confirmaram tal suposição, dentre as quais a entrevistada 1 mencionou que treinava voleibol antes de conhecer o Muay Thai, a entrevistada 5 nos conta que fazia aula de dança de rua e por algum tempo mesmo treinando Muay Thai continuou participando de campeonatos das duas modalidades. A entrevistada 6 relatou que treinava musculação antes de iniciar no Jiu-jitsu. As entrevistadas 2, 3 e 4, alegaram gostar de esportes, mas suas práticas esportivas iniciais consistiram nos treinos de Muay Thai e de Kung Fu, respectivamente.

Outro fator interessante é que nenhuma das entrevistadas tem em suas famílias lutadores ou lutadoras de qualquer modalidade. Por esse motivo, a procura por aulas de Muay Thai, Jiu-jitsu e Kung-Fu, modalidades com as quais adentraram no universo dos combates, ocorreu por interesse próprio, por convite de amigas e em um caso específico por incentivo da família tendo em vista aprender a técnicas de defesa pessoal. Bourdieu (2009a) descreve que a escolha pelas práticas esportivas tem relação direta com o próprio corpo. Nesse sentido, aquelas com grande investimento de esforços ou até de sofrimento, tendem a ser evitadas por



agentes com maior capital econômico. O autor explana que uma prática corporal ou esportiva tem maior possibilidade de ser adotada por determinadas classes sociais na medida em que não contradizem com a relação que estabelecem com o próprio corpo no que o mesmo apresenta de mais profundamente inconsciente, “ou seja, o esquema corporal enquanto depositário de uma verdadeira visão do mundo social, de uma verdadeira filosofia da pessoa e do próprio corpo” (BOURDIEU, 2009a, p. 205).

Do mesmo modo em que cada modalidade assume um lugar na estrutura do campo esportivo, a construção corporal e o capital físico exigido por cada uma delas também assumem posições e significados diferenciados. Embora o acervo motor seja desenvolvido por meio das mais variadas práticas corporais e esportivas, cada uma das modalidades referidas assume características peculiares, principalmente no que tange a relação com o corpo e, por conseguinte, a incorporação de novas disposições para a ação em um também novo espaço de interação. A entrevistada 1 começou a treinar Muay Thai com 15 anos, ela relembra as suas primeiras aulas, nos dizendo que:

Era engraçado, eu achava muito engraçado fazer os movimentos, eu nunca me imaginei. Mas no começo foi bem dolorido, com dificuldade de coordenação, aprendizado motor. Eu treinava à tarde e à noite, e na noite tinha turma feminina. Eu achava interessante, então comecei a treinar e o meu professor sempre me elogiava, dizendo: você leva jeito. E com oito meses ele me falou: vamos lutar. Dai isso me fez continuar e pensei: agora eu quero.

Tal fala retrata um *habitus* que não nasceu nesse campo, pois ainda não estava harmonizado com o funcionamento de suas estruturas e práticas, as quais lhe causavam estranhamento e “graça”. No entanto, evidenciamos que mesmo em processo inicial de adaptação e de inculcação de novas disposições para ação ao seu *habitus* primário, ela demonstrou estar disposta a entrar no jogo e, conseqüentemente, a aceitar tacitamente suas regras. Bem como, o fato de estar pré-disposta a competir aproxima seu *habitus* primário ao *habitus* esportivo ou ao *habitus* do campo esportivo que, dentre outros elementos, tem imbricado em sua essência de funcionamento a competição e o capital físico.

O “gostar de competir” e o “gostar de esportes” possibilitaram a entrada da entrevistada 2 ao universo do MMA, também por meio de aulas de Muay Thai. Ela relatou que com 15 anos matriculou-se em uma academia para fazer musculação

juntamente com outras amigas, dentre as quais uma já havia feito aula de Muay Thai. Ela relembra:

[...] eu não fazia ideia do que era Muay Thai. Não sabia nada, nem boxe eu sabia. Só que eu sempre gostei de esporte. Ai ela [a amiga] falou: vai ter Muay Thai, vamos fazer? Eu falei: vamos, toda empolgada, mas não fazia ideia do que era. Então começaram as aulas, assisti à primeira aula e na segunda aula eu já fui fazer.

Tendo em vista que elementos de seu *habitus* esportivo, alicerçado no capital físico e também na existência da competição, já faziam parte do conjunto de disposições para a ação, ela passou “a levar a sério” os treinos e relembra que por ser à noite, em algumas vezes não conseguia participar das aulas descrevendo que: “Quando eu conseguia escapar eu ia, ficava furiosa quando elas [amigas] iam e eu não podia ir”.

Elas foram se afastando, pararam e eu continuei. Elas seguiram a vida delas, eu acabei mudando de academia, que tinha horário à tarde e à noite. Quando eu podia treinava os dois turnos. E me embalei, gostei bastante e fui me dedicando. Ai começou a ter campeonato de lutas amadoras pra quem estava começando. O meu professor só falou que teria o campeonato, quem quiser e tiver vontade de participar, estariam participando. Ai me surgiu uma vontade de ir, e eu quis mostrar pra ele que eu estava bem pra participar, porque ele nem tinha me indicado, ele só falou. Eu comecei a dar um gás nos treinos e ele ia me colocar também. Eu fiquei super feliz, **eu sempre tive esse espírito de competir eu sempre gostei de esporte**. Ai eu fiz a primeira luta, e sempre tinha mais gente treinando junto então a gente tinha no treino aquela competitividade, [...] a gente entrou em uma galera nos campeonatos dai eu fiz minha primeira luta, ganhei e foi indo, eu comecei a crescer. A cada luta ia lutando e ganhando e foi aumentando aquela vontade de continuar.

A “vontade de continuar” mencionada pela entrevistada 2 são as disposições para a ação – o *habitus* – que encontrou no campo esportivo um espaço análogo ao da sua criação. E nesse sentido, o *habitus* e o campo apresentam-se harmonizados, por esse motivo é que ela quis continuar, iniciando o processo de incorporação das estratégias e regras que orientam o funcionamento do campo esportivo e do subcampo do MMA. Esse processo é um constructo baseado no reconhecimento do jogo e de como jogá-lo, sendo mulher e adentrando um cenário que lhe é desconhecido. Ou seja, assumindo papel de recém-chegada, ou nos termos presentes na teoria *bourdieusiana*, de agente dominada.

A entrevistada 4 relatou que durante três anos foi aluna de Muay Thai em uma academia pequena e ao lembrar como foi sua chegada nos conta que ela “era mais agitação do que talento [...] Não tinha nada de técnica, mas tinha vontade”. A “vontade” a qual ela se refere fez com que ela entendesse o funcionamento da academia e após três anos fizesse a escolha de tornar-se lutadora profissional de MMA.

No começo quando fiz as lutas amadoras só queria continuar a treinar. Não queria levar isso como profissão, daí essa minha amiga me chamou pra treinar com ela, eu entrei lá e decidi que eu queria lutar profissionalmente, viver disso. Saí do meu trabalho e comecei a treinar. Treinava todos os dias, de manhã de tarde e de noite. [...] Não pensei, mas surgiu a oportunidade de estrear no MMA. Já estreei no profissional.

Reforçando a ideia de que a relação com o próprio corpo exprime a relação dos agentes com o mundo social e que os estilos de vida orientam a formação o *habitus* de maneira recíproca, ao adentrar em um novo espaço, o agente recém-chegado se depara com:

[...] um conjunto de escolhas previamente determinadas e de possibilidades objetivamente instituídas – tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos – que recebem sua significação social do sistema constituído por elas e que ficam devendo, em cada momento, uma parcela de suas propriedades à história (BOURDIEU, 2009a, p. 197).

Por esse motivo o processo de apropriação de agentes ao subcampo, ao jogo ou às disputas dentro do campo esportivo está conectado a um conjunto de disposições que, por sua vez, perpassam pela compreensão corporal tanto da modalidade em si, quanto da sua posição no espaço social. Nesse sentido, Bourdieu (2004c) assinala que há uma infinidade de coisas que compreendemos somente com nosso corpo, aquém da consciência, sem ter palavras para exprimi-lo. Tal qual ocorre no cerne do campo esportivo e, nesse caso em especial, no subcampo do MMA.

Considerando que o *habitus* é o processo constante de interiorização e exteriorização, Bourdieu (2009a, p. 90) descreve que a “[...] interiorização da exterioridade, permite que as forças exteriores sejam exercidas, mas segundo a lógica específica dos organismos nos quais estão incorporadas, ou seja, de maneira durável, sistemática e não mecânica”. Nesse sentido, a relação do agente e seu corpo com o mundo social não é a relação de causalidade mecânica que frequentemente se estabelece entre o meio e a consciência, mas sim, de

cumplicidade ontológica entre uma história vivida e uma história incorporada, que nesse exercício de interiorização e exteriorização, se comunica com ela própria (BOURDIEU, 2010).

O modo de tratar, cuidar e apresentar o corpo é revelador das disposições mais profundas do *habitus*. Bourdieu (2009a) compreende que os cuidados com o corpo são evidenciados a partir do consumo alimentar que pode se perpetuar para além das condições sociais em que foi produzido, tal qual o sotaque, o modo de andar, como também, dos usos do corpo no trabalho e nos momentos de lazer. A relação com o corpo orienta as pré-disposições para a ação no interior do subcampo do MMA. Por essa razão, mesmo que os *habitus* primários das lutadoras entrevistadas tenham sido constituídos a partir de histórias e posições específicas individuais na estrutura social, em algum momento de sua constituição eles apresentam similitudes. As quais, ao se encontrarem no campo esportivo e no subcampo do MMA iniciam um processo de reconversão a partir dos capitais já incorporados e, sobretudo, estando dispostas a se adequarem e incorporarem as regras imanentes do jogo ao qual passaram a fazer parte, como agentes dotadas de potencial modificador.

O potencial modificador dos agentes frente à estrutura de um campo está intimamente atrelado à posse de capitais, os quais vão mudando conforme as disputas internas de cada campo. Ao investigar academias de boxe, Wacquant (2002) constatou que os capitais necessários para o reposicionamento naquele subcampo consistiam no capital físico, social e simbólico. Para as nossas entrevistadas, que adentravam o campo esportivo em suas modalidades específicas, em um primeiro momento, o capital físico foi determinante para permanecerem na modalidade. Em seguida, o capital social relativo ao relacionamento entre agentes de uma mesma academia e com os organizadores de eventos, para que iniciassem nas competições, também assumiu importância. E, a partir do reconhecimento de sua legitimidade junto aos agentes que circulam por esses espaços e também no interior das academias em que treinavam, foi sendo concebido o capital simbólico. Nesse sentido, entendemos que os capitais que orientam o funcionamento do subcampo do boxe, identificados por Wacquant (2002), também atuam no subcampo do MMA.

A luta pelo reposicionamento no interior do campo esportivo alicerça-se para além do capital físico, pois sofre influências para aquém desse cenário,

especialmente a partir de seus usos políticos e midiáticos. Tal remodelação nas estruturas acontece, de acordo com Souza e Marchi Júnior (2010, p. 303) à medida que novos agentes e instituições entram no jogo, e dessa forma, “novos interesses substituem os antigos e outros objetos de disputa passam a orientar a rede de relações e atrair a atenção dos jogadores”. De maneira preliminar, podemos identificar as mulheres como novas agentes subcampo do MMA e as organizações e agentes que promovem os eventos de lutas e as academias, como instituições que estão constantemente se reposicionando nessa estrutura.

Nessa lógica de entendimento, corpo no sentido de *habitus*, une o presente o passado e antecipa o futuro (BOURDIEU; WACQUANT, 2005), tendo em vista que um encontro orquestrado de disposições resulta em um *habitus* de classe, ou no caso do campo esportivo, em um *habitus* esportivo que assume as peculiaridades de cada subcampo. Ressaltando que embora as disposições para a ação das lutadoras entrevistadas não tenham sido concebidas no mesmo local e com a mesma finalidade, se adaptam ao campo esportivo, como ilustram os relatos da história de vida de cada uma delas.

Das seis entrevistadas, quatro apresentaram em comum que o primeiro contato com as modalidades de lutas, artes marciais e/ou esportes de combate ocorreu ao procurarem nessas atividades um reforço relativo aos cuidados com a saúde e com o corpo. Nesse sentido, as disposições iniciais para a ação se convergem quando tem como foco inicial a estética corporal – capital corporal. Do mesmo modo, com o passar do tempo, as disposições e estratégias que mobilizam a permanência e o reposicionamento no interior do subcampo do MMA, também são comuns entre elas. Originando dessa forma uma classe de *habitus* a partir de disposições semelhantes que visam à harmonização sempre dinâmica com o campo.

Aliado ao aparato de experiências históricas está o conhecimento e o aprendizado pelo corpo, os quais orientam e adequam a construção do *habitus* do subcampo do MMA. Tal qual a modalidade perpassou por fases históricas distintas, e conseqüentemente, por estratégias de organização, de posicionamentos e reposicionamentos no interior de sua estrutura, os *habitus* desse subcampo também foram se modificando, principalmente a partir do incremento das divulgações midiáticas do MMA e da inclusão de treinos que abarcam diferentes modalidades, além daqueles que visam o aprendizado específico de uma única forma de combate.

Recuperando os principais elementos históricos do MMA a partir do viés da participação das mulheres brasileiras identificamos que a modalidade pode ser vislumbrada basicamente sob dois espectros. O primeiro que consiste no início da inserção de lutas de mulheres em eventos e um restrito acesso às informações sobre esse universo para pessoas que não praticavam alguma modalidade de luta, artes marciais, esportes de combate ou frequentavam academias. E o segundo que adveio com a ascensão da modalidade a partir da difusão midiática “quase que imposta” pela organização UFC, fato que popularizou a modalidade tanto para o público consumidor, quanto para os praticantes eventuais e para os atletas, que passaram a ter mais oportunidades de lutarem em detrimento ao aumento de eventos ofertados em todo o cenário brasileiro, especialmente no universo investigado.

Por serem lutadoras que adentraram e permaneceram nesse cenário quando o mesmo assumiu algumas características de esporte “espetáculo” seus *habitus* foram sendo moldados para além da adaptação e do aprendizado de diferentes técnicas materializadas em capital físico. Como também, aos poucos recebeu investimento relativo ao cuidado com a aparência física de um corpo que além de lutar deve se apresentar de maneira atrativa aos holofotes midiáticos. Nessa esteira, compreendemos que as alterações nos *habitus* esportivos das lutadoras que consistia nos capitais físico, social e simbólico, tiveram o acréscimo da necessidade de desenvolver também estratégias que as mantivessem aparecendo nos meios de comunicação, especialmente na televisão e na internet.

No nosso caso em especial, existiam disposições que fizeram com que as entrevistadas se adaptassem ao subcampo do MMA, muito embora, as mesmas foram o resultado de um processo de ressignificação de capitais e da incorporação de novas formas de ação, adequadas ao campo e ao universo do qual estavam fazendo parte. Nessa esteira de análise nos cabe salientar que o processo de exteriorização da interiorização das disposições para a ação nas mulheres está permeado por questões de gênero que ainda lhes são muito caras. Principalmente por ser uma modalidade esportiva que em suas raízes histórias está alicerçada como uma prática de homens, reforçando o estereótipo de masculinidade, pautado em elementos que ressaltem a força, a virilidade e a combatividade (GUIMARÃES, 2014; ALMEIDA, 2016).

Compreendendo que as ações no interior do subcampo do MMA passaram a receber novas instituições e, conseqüentemente, novos objetos de disputa foram inseridos a esse contexto, propomos a existência de um *habitus* específico das lutadoras de MMA. Esse conjunto de ações próprio de mulheres que lutam MMA parte do entendimento que elas são recém-chegadas em uma modalidade em que há prevalência de homens e que – em detrimento à sua temporalidade recente – assume características de dependência midiática para sua continuidade. Guimarães (2014) propõe a existência de um *habitus* da luta, próprio do MMA, o qual está pautado em elementos de reforço e produção de masculinidades por meio do consumo esportivo.

Considerando o consumo esportivo atual do MMA que ocorre em maior escala via meios de comunicação como televisão e internet, atrelado às questões de gênero tanto no que diz respeito ao reforço de masculinidades quanto à entrada de mulheres nesse subcampo, as mulheres trilham um caminho que oportuniza a exaltação de formas de apresentação de seus corpos a partir de maior volume muscular. Mas, em outros momentos, trabalham a partir de um reforço de imagem que as distancie das dúvidas sobre sua sexualidade. Sobre esses argumentos, Silveira e Vaz (2014, p. 214) afirmam que:

Num mundo no qual as normas corporais são massivamente midiáticas, as aparências e atividades das mulheres são possíveis e desejáveis na medida em que mantêm a definição dominante de feminilidade. Mesmo assim, algumas atletas “criam” a desordem na categorização do sexo porque quebram com essas regras sociais assumindo suas musculaturas e força, impondo novas formas de possibilidades de feminilidades. Por isso o esporte pode ser visto hoje tanto como um espaço de manutenção da ordem de gênero, particularmente legível nos corpos, como também, um território de resistência e/ou subversão desta mesma ordem.

No que tange o reforço das masculinidades, a proposta de Guimarães (2014) em muito se aproxima do que Wacquant (2010) denominou *habitus* pugilístico. No entanto, compreendemos que essas propostas não atendem às particularidades das disposições para a ação de mulheres lutadoras de MMA. Por esse motivo, a partir desse momento propomos a existência de um conjunto de disposições específicas articuladas por mulheres no subcampo do MMA. A esse conjunto de disposições incorporadas e articuladas pelas lutadoras de MMA, estamos denominando de *habitus* do MMA



Tendo em vista o processo de espetacularização do MMA, os corpos das lutadoras passam a ser evidenciados em questões que vão além de seu capital físico. De maneira geral, os esportes e as atletas mulheres tem menor visibilidade midiática do que atletas homens (SOUZA; KNIJNIK, 2007), no entanto, a visibilidade das mulheres atletas ocorre em maior escala quando seus corpos se apresentam em consonância com as prerrogativas normativas de gênero (MÜHLEN; GOELLNER, 2012), sendo que os próprios fotógrafos esportivos alegam que buscam imagens que reforcem os atributos de sensualidade nas mulheres esportistas por ser um tipo de imagem que “vende mais” (PEREIRA; PONTES; RIBEIRO, 2015).

Frente a esse contexto, a entrevistada 3, menciona que além da preparação para a luta existe uma preocupação sobre como seu corpo vai aparecer na luta, ela descreve que

[...] eu gosto de lutar com uma bermuda e com um top, eu não gosto de lutar com short curto, até por vaidade de repente você luta e aparece um pouco da tua bunda. Ou você dá um chute e bem naquela hora aparece celulite, então tudo isso eu penso muito. Mais alto na cintura, porque as vezes você está cansada, na corda e aparece aquela barriga feia. Então tudo tem que pensar antes pra não chegar na hora da luta e você está ali. [...] Quando você tá com um cabelo legal, morre de apanhar e seu cabelo tá legal. Mulher gosta disso.

Nesse cenário, Silveira e Vaz (2014) elucidam a existência de uma espécie de *performance* de feminilidades por parte das atletas. A qual consiste em exaltar atributos normativos de feminilidade, para que sua sexualidade não seja posta em cheque. Dentre essas estratégias estão o reforço de atributos de feminilidade a partir das vestimentas em momentos em que estão em evidência, como a divulgação de uma luta, como ilustra a imagem a seguir:

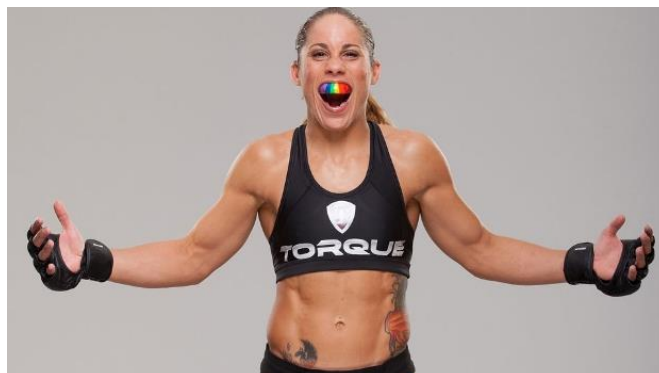
FIGURA 28 – RONDA ROUSEY E BETHE CORREIA DURANTE A DIVULGAÇÃO DO UFC 168



FONTE: SporTV (2016)

Da mesma forma, existe outro grupo de lutadoras de MMA e também de atletas de diversas modalidades, que aproveitam os momentos de evidência no esporte para desconstruir o estigma sobre a sua sexualidade, como o caso das lutadoras contratadas do UFC: Amanda Nunes, Jéssica Bate Estaca e Liz Carmouche, a qual ilustra a imagem a seguir exibindo o protetor bucal nas cores do arco-íris, símbolo da diversidade sexual. Embora as lutadoras enfatizem em suas entrevistas aos diversos canais de comunicação que a orientação sexual não interfere em seus estilos de luta, os websites ainda chamam atenção para esse fato lhe direcionando a mesma importância do que o desempenho na luta, como ilustram os títulos de matérias veiculados em websites brasileiros: “Ex-militar e homossexual: conheça Liz Carmouche, a mulher que quer desbancar Ronda” (RESENDE, 2013); “Conheça a brasileira que estará na primeira luta gay do UFC” (BRITO, 2013); Da roça ao UFC, brasileira levanta bandeira gay contra rival também homossexual (DEHÒ, 2013); “Um cinturão contra o preconceito: Amanda divide treinos e vida com namorada lutadora” (ESPNW, 2016b); “Primeira campeã gay do UFC, Amanda diz: ‘Incrível, sou feliz comigo mesma’” (RODRIGUES; BARONE; RUSSIO, 2016).

FIGURA 29 – LIZ CARMOUCHE EXIBE PROTETOR BUCAL



FONTE: ESPN (2016)

Entendendo o campo midiático como propulsor de modalidades no campo esportivo, Sanfelice (2010, p. 151) alega que existe dependência do campo esportivo em relação ao campo midiático. Para o autor, tal dependência “fica expressa pela legitimidade simbólica do discurso midiático”. A relação interdependente desses campos também foi evidenciada por Marchi Júnior (2001) em sua tese de doutoramento ao identificar os processos históricos pelos quais o voleibol brasileiro passou entre as décadas de 1970 e 2000. Fases essas que consistem desde o amadorismo, a profissionalização e a espetacularização da modalidade, ressaltando que a espetacularização se deu no sentido de angariar maior número de público consumidor da modalidade e não necessariamente de praticantes.

A partir de uma concepção de esporte como mercado Marchi Júnior (2001, p. 15) ressalta a criação de uma demanda de consumidores esportivos no sentido de serem espectadores “apaixonados, fanáticos, em suma, consumidores em potencial dos símbolos e signos sociais que determinadas modalidades são capazes de oferecer”. O processo de mercantilização e espetacularização do esporte encontra na fusão entre campo econômico e campo midiático elementos facilitadores na propagação – ou mesmo na criação – de novas modalidades, como o caso do vôlei de praia, analisado por Afonso (2011).

Considerando as posições que os diferentes esportes ocupam na estrutura do campo esportivo e suas estratégias de funcionamento, podemos inferir que semelhante ao processo de resignificação pelo qual o voleibol passou a partir do advento da veiculação televisiva de suas partidas – e, por conseguinte, todo o arsenal de modificações em termos mercadológicos de patrocínios e interesses,

como também das estratégias de funcionamento que a modalidade foi acometida – também ocorreu com o MMA. O processo de espetacularização pelo qual o voleibol de praia passou, em parte também está ocorrendo atualmente com o MMA, especialmente no que tange a veiculação das lutas de grandes eventos tanto pela televisão quanto via internet.

Diferentemente do voleibol e do voleibol de praia, o MMA não é um esporte Olímpico, tampouco é um esporte que ocupa *status* dominante no campo esportivo, mesmo articulando montante financeiro significativo, o MMA ainda tem peculiaridades que lhe posicionam às margens do campo esportivo. Não articularemos comparações entre as três modalidades esportivas supracitadas, pois cada uma tem em sua estrutura disputas próprias, exprimem diferenças na forma de apresentação dos corpos e das disposições para a ação, cristalizadas através de diferentes *habitus*. No entanto, rememoramos tais exemplos no sentido de evidenciar a interferência do campo midiático, seja por meio da televisão ou da internet como fator que exerceu mudanças na forma de veicular as modalidades e também de consumi-las, as aproximando – sempre que possível – de práticas distintivas de acordo com a interiorização de práticas coerentes com os *habitus* dos agentes consumidores.

Sendo o corpo a materialização e uma espécie de vitrine do *habitus*, ele também é produto das estratégias que lhe conferem certa legitimidade para a ação no interior do campo. O conjunto de atributos, história e disposições das lutadoras no interior do subcampo do MMA está alicerçado no desempenho técnico durante os treinos e lutas, nas estratégias de manutenção e reposicionamento ancoradas no capital simbólico, nas relações parentais que se estabelecem nesses cenários, nas disposições de adaptação e incorporação tanto de aprendizados das modalidades de luta quanto dos aprendizados tácitos das regras do jogo, que sofrem alterações com o passar do tempo e da interferência de outros campos ao campo esportivo. Tudo isso tendo o corpo como instrumento de trabalho e como propulsor das práticas.

Por esse motivo, o *habitus* do MMA assume características típicas, pois os e as agentes melhor posicionados e que estão contratados e contratadas pelo UFC ocupam lugar de destaque no subcampo do MMA, podendo ser considerados como dominantes frente aos outros lutadores e lutadoras que ainda almejam essa contratação. Seguindo nesse argumento compreendemos que existe uma tendência

de agentes dominados e dominadas a reproduzirem padrões de comportamentos ou ações típicas dos e das lutadoras do UFC, perpetuando um modo de agir que de certa forma confere distinção dentro dos limites do subcampo do MMA.

Mesmo no cenário dos lutadores e lutadoras contratados pelo UFC existe um posicionamento hierárquico – em detrimento ao – capital físico, social, simbólico – de dominantes e dominados. Os capitais sociais e simbólicos que nos referimos ao abordar o subcampo do MMA, estão associados à potencialidade de um agente na divulgação e na propagação de informações referentes à realização de uma luta. Os quais se convertem em capital econômico – em maior escala para a organização a qual estão vinculados e em menor escala para os lutadores – a partir das vendas de ingressos e, principalmente, de *pay-per-view*. A reconversão desses capitais atrelados ao capital físico, em capital econômico, ocorre para os agentes em detrimento ao desempenho na luta aumentando conforme o seu desempenho.

Quando rememoramos o *habitus* do MMA em mulheres, acrescentamos aos capitais das agentes, além dos quais já mencionados, o capital corporal atrelado à normatividade de gênero e a beleza física, que pode ser convertido em capital econômico a partir da possibilidade de atuar em cenários para além do campo esportivo, tal qual exemplificado no caso de Ronda Rousey. A diferença nos capitais articulados no interior do subcampo do MMA por homens e mulheres se evidenciam quando o capital corporal é uma forma de reposicionamento na estrutura juntamente ao desempenho físico, ou seja, ao capital físico. Vale ressaltar que o *habitus* do MMA está alicerçado principalmente sob o capital físico e na sequência, pelo conjunto de ações relativas aos capitais social e simbólico.

Ainda em termos de especificidades do subcampo do MMA, e consequentemente do *habitus* do MMA, evocamos o fato dos e das agentes estarem constantemente expostos às situações de dor física e em alguns casos, também simbólica. Com base nos relatos das lutadoras entrevistadas, elaboramos o subcapítulo a seguir, o qual visa tecer reflexões acerca das questões relacionadas à dor física e violência simbólica do ponto de vista das mulheres e sua posição no interior do subcampo do MMA.

## 5.2 ENTRE A DOR FÍSICA E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: REFLEXÕES SOBRE O SUBCAMPO DO MMA

Tendo em vista que é somente através da relação com certas estruturas que o *habitus* produz determinados discursos ou práticas (BOURDIEU; WACQUANT, 2005), evidenciamos nessa ocasião um elemento constituinte do *habitus* esportivo: a dor. A partir do momento em que existe o treinamento com vistas à profissionalização ou o treinamento de alto rendimento, o corpo é trabalhado e exigido em seu limite na maioria das modalidades esportivas (NUNES, 2004; SILVA; RABELO; RUBIO, 2010; GONÇALVES; TURELLI; VAZ, 2012). Como descreveu a nossa entrevistada 1: “a dor é o uniforme do atleta”, ou seja, ela advém tanto das dores musculares quanto das lesões causadas durante os treinamentos e os acompanha também durante as lutas.

A “dor” nos esportes foi e é temática de diversos estudos, a partir dos mais diferentes enfoques, dentre os quais, destacamos o estudo realizado por Silva, Rabelo e Rúbio (2010) com atletas de basquetebol e voleibol, no qual aproximaram o sentimento da dor aos aspectos culturais e subjetivos, identificando – nesse caso específico – que os e as atletas utilizam-se de diferentes estratégias para o enfrentamento da dor. E o estudo realizado por Gonçalves, Turelli e Vaz (2012), que teve como objeto de análise três práticas corporais, o balé, o karatê e o atletismo. Os autores puderam identificar que, embora se tratem de práticas distintas, existe entre essas práticas o que os autores denominam de “pedagogia da dor e do sofrimento”. A qual se alicerça no entendimento da dor como algo “normal, corriqueiro, necessário, edificante e, também, prazeroso” (GONÇALVES; TURELLI; VAZ, 2012, p. 154).

Para a construção das reflexões tecidas nesse subcapítulo, compreendemos a dor como uma forma de violência física a qual as agentes aprendem a conviver por ser parte das disposições que formam o *habitus* do MMA. Além da violência física, materializada no sentimento e no convívio com a dor, nossas reflexões também evidenciarão a violência simbólica estabelecida no interior do subcampo do MMA. Ambas as temáticas serão desenvolvidas e analisadas, principalmente a partir de incursões teóricas de David Le Breton e Pierre Bourdieu, tendo como base o entendimento de que tanto a violência física – a dor – quanto a violência simbólica são partes do processo de incorporação de práticas advindas da posição de cada

agente ocupou e ocupa no interior dos campos nos quais seus *habitus* foram forjados.

Diferentemente das outras modalidades, a exposição à dor física é praticamente inevitável nos treinos e lutas de MMA em detrimento ao contato intenso travado com os companheiros e companheiras de treino durante o aprendizado dos golpes – e da dor. O ato de saber lidar com ela é parte do aprendizado e da incorporação desse *habitus*. Le Breton (2013) compreende que os momentos de treinamento são para o atleta também uma espécie de exercício que aumenta o limiar de dor a ser suportada a partir de doses homeopáticas. Essa imposição repetida de sofrimentos e de dor durante as sessões de treinamento é “[...] simbolicamente, o preço da resistência por ocasião do grande dia. ‘É preciso saber sofrer’, dizem os adeptos, para conhecer enfim o sucesso”. (LE BRETON, 2013, p. 208).

Dentre as mais variadas formas de manifestação da dor, Le Breton (2013) compreende a dor na cultura esportiva como sendo uma dor consentida. Nesse sentido, o campo esportivo abarca além do capital físico que consiste, dentre outras habilidades, em resistir ao esforço e ao cansaço, mas também, apresenta-se dotado de disposições que estabelecem uma luta íntima com o sofrimento. “A dor é o sacrifício que o atleta consente numa troca simbólica que visa a fazê-lo conquistar uma boa classificação na prova ou estabelecimento de um recorde” (LE BRETON, 2013, p. 207).

Para que de fato essas conquistas ocorram, o atleta compete consigo mesmo e com seu limiar de dor em uma espécie de “competição fantasma” que ocorre paralelamente à competição aparente – aquela que todos conseguem acompanhar. Algumas modalidades esportivas exigem de seus praticantes que haja um maior envolvimento nessa relação, tal qual o MMA e também o boxe, sob essa perspectiva Le Breton (2013, p. 209) descreve que:

Se todo o homem foge dos golpes, ou fica aflito ao recebê-los, o boxeador, por sua vez, aprende a aguentá-los sem os contar para se alçar a um nível aceitável de competição. Ele próprio se expõe regularmente às pancadas durante o treinamento ou lutas. O boxe representa uma figura exemplar do uso social da dor, reúne, sob auspícios ambíguos, dois homens que nenhum ódio separa, mas cuja profissão é receber e prodigalizar a dor, sem medir a violência dos golpes, para a alegria de um público apaixonado. Ele apresenta o sofrimento como espetáculo através dos golpes distribuídos de um lado e do outro, exibindo a nudez voluntária dos corpos e dos rostos, o



suor, o sangue, os gritos dos espectadores e os jogos de luz que transfiguram o drama.

Tal excerto rememora a ideia de um conjunto de representações teatralizadas do combate, nas quais, a dor, não pode ser forjada, mas as expressões de dor podem ser manipuladas de acordo com cada ator ou agente, conforme também argumenta Goffman (2012a; 2012b; 2013) ao tratar da manipulação da imagem por meio de representações. Wacquant (2002) relata que o lutador deve exercer tanto o controle interior, relativo aos seus sentimentos, quanto o “controle expressivo”, que é a sinalização exterior a qual oferece informações para o adversário. Ainda sobre o gerenciamento das emoções um lutador domina suas emoções à medida que é capaz de escondê-las e controla-las. O aprimoramento dessa técnica individual é adquirido coletivamente e produzida pela submissão do corpo à disciplina e aos treinamentos, em especial às rotinas de *sparring*.

Thomazini, Moraes e Almeida (2008) ao realizarem um trabalho etnográfico em academias de MMA identificaram que o reconhecimento da dor como elemento intrínseco à construção do corpo é pré-requisito aos lutadores e lutadoras. Nesse contexto, o *sparring* atua como sendo o principal momento dessa aprendizagem, pois, suas vivências nesses treinos podem ser tão – ou mais – penosas que a luta. “Essa aprendizagem radical da dor que acontece no *sparring* serve ainda para fomentar, entre os (as) lutadores (as), um domínio das emoções desencadeadas pelas trocas de socos e pontapés [...]” THOMAZINI; MORAES. ALMEIDA (2008, p. 286), tal trabalho de controle emocional da dor é parte da construção identitária dos e das lutadoras.

Le Breton (2012) menciona que existem várias condutas que são orientadas a partir de dados fisiológicos, os quais são diretamente orientados e também influenciados por dados sociais, culturais e também psicológicos. Dentre esses dados, a dor aparece como um exemplo significativo. O autor descreve que a atitude do agente frente à dor e ao limite de quanto pode suportar tem relação com o universo no qual ele está inserido “com a visão do mundo, as crenças religiosas que lhe são próprias, isto é, a maneira como se situa diante da comunidade e de pertencimento” (LE BRETON, 2012, p. 53). Bourdieu (2009a, p. 183) descreve essa mesma situação utilizando a noção de “corpos de classe”, os quais tendem a reproduzir sua própria lógica de compreensão do mundo às estruturas do mundo social.

Para Le Breton (2012), tanto a fome e a sede quanto a dor, são dados biológicos e, por esse motivo, cada pessoa as sente de maneira própria. Para melhor explicação ele traça uma analogia entre o ato de comer e as diferentes sensações que as comidas proporcionam às diferentes pessoas, alegando que o mesmo ocorre com o sentimento da dor – a qual também lhes possibilita significado próprio. Por esse motivo “os homens não sofrem da mesma maneira e nem a partir da mesma intensidade a agressão. Eles atribuem valor e significados diferentes à dor conforme sua história e pertencimento social” (LE BRETON, 2012, p. 53).

A compreensão social da dor apresentada por Le Breton apresenta algumas aproximações com a teoria de Pierre Bourdieu no tocante da relação instrumental que as classes com menor capital econômico e cultural apresentam com seu corpo. Como também, do maior grau de sofrimento corporal envolvido em suas práticas, o qual reverbera também em seus gostos e práticas esportivas. Nesse sentido, as práticas esportivas escolhidas são a materialização da afinidade entre o corpo – enquanto elemento social – e sua utilização. Ressaltando que quanto maior a distância entre os adversários e menor exposição à dor e ao sofrimento, maior a presença de distinção (BOURDIEU, 2009a).

No cenário das lutas, o controle das emoções está atrelado a técnica apurada e a boa forma física. É interessante compreender que o controle das emoções que ocorre especialmente pelo aumento do nível de tolerância da dor, é tão importante quanto o aprimoramento dos gestos técnicos e do condicionamento físico. Nunes (2004) evidenciou a partir de seu trabalho etnográfico com MMA que além de “corpo de lutador” é preciso ter o controle das emoções e estar preparado psicologicamente para os treinos e as lutas, tendo a “cabeça de lutador”.

A partir desse diagnóstico compreendemos que existe uma espécie de “tríade”, formado pelos aspectos técnicos e físicos da luta, o controle da representação das emoções e a “intolerância” à dor, os quais, são elementos básicos do ser lutador, como também, compõe o *habitus* dos e das lutadoras. Tal qual Wacquant (2002) identificou nos lutadores de boxe, também observamos na presente investigação com as lutadoras de MMA. Ou seja, ambos se submetem a dor diariamente, seja por treinar lesionados ou por treinar no limite de suas condições cardiorrespiratórias e musculares.

Sobre os treinos e as dores e lesões, a entrevistada 5 menciona que:

Eu treino em alta intensidade há muitos anos, então a gente acaba se acostumando sempre vai estar com alguma dor em algum lugar, alguma lesão que seja grande ou pequena, tem que meio que se acostumar. O atleta lutador que falar que não tá com dor em nada ou alguma lesão, é mentira ou não tá treinando direito. Lógico tem que dosar, pensar na saúde daqui uns anos. Mas a partir do momento que a gente escolhe ser atleta tem que saber que algumas coisas não vão ser saudáveis pro seu corpo, mas a gente busca o resultado tem que saber equilibrar não desgastar muito seu organismo, mas também não pensar só na saúde e esquecer o seu rendimento.

Gonçalves, Turelli e Vaz (2012, p. 151) comentam que há no universo esportivo uma espécie de “normalização da dor e do despedaçamento corporal”, quando os atletas submetem-se a competir e a treinar com lesões entendendo que não são graves o suficiente para lhes afastar do treino ou de uma competição. Os autores compreendem que os atletas tendem a passar uma imagem que representa a coragem e a indiferença a dor. Compartilhando dessa conduta, em sua biografia, Ronda Rousey (2015) narra que se acostumou a treinar com lesões, as quais lhe deixaram mais resistente para as dores durante os combates. Ela relata que:

A dor foi algo com que eu me acostumei como parte da vida. Se você é atleta e quer vencer, alguma coisa sempre dói. Você está sempre lidando com contusões e lesões. Você está testando até onde você consegue levar o corpo humano, e quem conseguir levar mais longe vence. (ROUSEY, 2015, p. 44).

Tal qual as lutadoras aprendem e incorporam os gestos técnicos e as estratégias do jogo no interior do subcampo do MMA, também aprendem a ser indiferentes à sua dor física. Sobre as estratégias de “domesticação da dor” que ela utiliza está o controle mental, como retrata a passagem a seguir:

[...] eu tenho uma capacidade de ignorar toda a informação que vem do meu corpo, até mesmo a dor de forma geral. Eu me dissocio da dor, porque eu não sou a dor que estou sentido. Ela não é eu. Ela não é quem eu sou. Eu me recuso a permitir que a dor dite minhas decisões. A dor é apenas uma parte da informação que estou recebendo. Meus nervos estão comunicando a meu cérebro que há alguma coisa acontecendo fisicamente sobre a qual eu deveria estar ciente. Eu posso escolher reconhecer essa informação ou posso escolher ignorá-la (ROUSEY, 2015, p. 41).

Wacquant (1998) alega que os lutadores precisam aprender a controlar e a conviver com o desconforto físico, com a dor e com ferimentos. Contrariamente de pessoas que se apresentam vítimas de dor crônica, os lutadores têm diversos fatores que lhes permite enfrentar e controlar a dor. No cenário do boxe existem

principalmente dois tipos de dor, “a dor pequena, rotineira que aparece no treinamento diário [...] e a dor aguda, localizada, da própria luta” (WACQUANT, 1998, p. 82).

Para um lutador profissional a dor é inevitável, mas com o passar do tempo e da submissão aos treinamentos ela passa a ser adestrada ou domesticada. A domesticação daquela que produz a falha na coordenação dos movimentos, podendo custar a vitória em uma luta é também compreendida como indiferença à dor (WACQUANT, 1998; 2002). Tendo em vista as nossas entrevistadas, foi possível constatar que a partir do processo de incorporação do *habitus* do MMA e consequentemente da modificação da relação com o corpo, adestraram-se à dor e se acostumaram a proferir e a receber golpes.

A entrevistada 6 ao comentar sua transição de luta de chão para luta em pé, relembra que uma das principais dificuldades foi “aprender” a assimilar os golpes no rosto, ela nos diz, que “[...] eu vim da luta agarrada, do chão. Você se machuca mas é do contato. No Muay Thai você tem que aprender a levar pancada, porrada. Eu apanhava muito, muito, muito mesmo, chegava em casa me arrastando”. O processo de incorporação das “novas” regras de funcionamento as quais nossa entrevistada estava vivenciando, vem de encontro com o entendimento de Le Breton (2012) sobre os golpes proferidos no rosto. Para o autor, cada sociedade atribui representações e valores diferenciados aos corpos e suas partes, no entanto, dentre todas as partes do corpo, o rosto recebe valor mais elevado. Tal detecção advém de que é no rosto que estão ilustrados e cristalizados os sentimentos de identidade de cada pessoa. Nesse sentido, uma lesão ou machucado no rosto pode ser um sinal de privação ou de estigma, conforme destacou Goffman (2004). Já um machucado, mesmo que grave, no braço, perna ou na barriga, “não enfeia; não modifica o sentimento de identidade. O rosto é, ao mesmo título que o sexo, o lugar mais valorizado, o mais solidário do Eu” (LE BRETON, 2012, p. 71).

Tendo em vista a significação do rosto para si e para a relação com o outro no mundo social, o ato de golpear o rosto institui dentro do *cage* a supremacia de um adversário frente ao outro. O simbolismo de disferir um golpe no rosto é tão eficaz quanto o trauma físico que o mesmo provoca, ou seja, os nocautes, comumente ocorrem a partir de golpes proferidos e bem encaixados na região do rosto. A imagem a seguir ilustra que além de socos, joelhadas e chutes no rosto também são

permitidos no MMA, fato que o posiciona como uma das modalidades com maior propensão de golpes traumáticos nessa região do corpo.

FIGURA 30 – AMANDA NUNES E MIESHA TATE DURANTE COMBATE NO UFC 200



FONTE: Esporte UOL (2016) e The guardian (2016)

No entanto, em termos de lesões mais graves, Rainey (2009) constatou que as taxas de nocaute com golpes na cabeça são maiores no boxe do que no MMA, fato que para o autor indica risco menor de traumatismo crânio-encefálico (TCE) em competições de MMA em comparação com outros eventos envolvendo golpe. Ao identificar a prevalência e avaliar a gravidade, a localização e o tipo de lesões mais comuns em atletas de MMA de ambos os sexos, amadores e profissionais que treinavam nos Estados Unidos, ele concluiu que lutadores profissionais tiveram significativamente mais lesões do que os lutadores amadores, resultando em três vezes maior taxa de lesões. A região corpórea mais acometida foi a cabeça/pescoço/face, seguida pelas extremidades inferiores e extremidades superiores. As lesões mais comuns são: no nariz, no ombro e dedo do pé.

Lystad, Gregory e Wilson (2014) além de identificarem que existe maior prevalência de lesões na cabeça, constataram que os perdedores incorreram em 3 vezes mais lesões do que os vencedores. Os combatentes que tiveram suas lutas encerradas por meio de nocaute ou nocaute técnico apresentaram duas vezes mais lesões do que aqueles que tiveram-nas finalizadas por submissão. Como forma de reduzir os riscos de lesão, os e as atletas utilizam alguns equipamentos de proteção durante a luta, como os protetores bucais, protetores genitais para os homens e protetores de seios para mulheres. Durante o treinamento além das proteções mencionadas, utilizam capacetes, caneleiras e luvas maiores e mais acolchoadas, a

fim de minimizar o impacto e a dor. De acordo com as regras do UFC, as mulheres estão proibidas de utilizar protetor genital e as luvas para todos os competidores devem pesar pelo menos quatro onças (113 gramas) e não exceder seis onças (170 gramas) (UFC, 2016). Wacquant (1998, p. 82) relata que os lutadores que “não protegem lealmente seus bens corporais invariavelmente veem suas carreiras prejudicadas ou prematuramente encerradas”.

Nem todos os combates resultam em traumas no rosto, no entanto, quando uma lutadora apresenta sua face “desfigurada” após uma luta, provoca maior espanto e estranheza do que o mesmo fato em homens. Como podemos observar no relato de Dana White ao visitar três lutadoras no hospital após as lutas do UFC 193:

Eu fui para o hospital após o evento, a Joanna Jedrzejczyk estava lá, a Ronda Rousey também e a Valerie Letourneau. Eu estava andando de um quarto para o outro pensando: Jesus Cristo! Esse ramo de negócios é insano! É tão maluco, olhe para essas garotas. O olho da Valerie Letourneau foi a coisa mais insana que eu já vi na vida. Estava muito feio. Eu perguntei a ela como estava sua perna e ela me mostrou como estava. Estou te dizendo, ela realmente está destruída nesse momento (EXTRA, 2015, s/p).

Podemos atribuir tal espanto e estranhamento em decorrência da construção cultural sobre as condutas de risco que meninos e meninas assumem ao longo de suas vidas, que de acordo com Le Breton (2009) apresentam características diferentes. Outra possibilidade de compreensão está na reprodução da ideia de fragilidade das mulheres, a qual está vinculada à imagem de mulher que deve ser preservada de acometimentos como os mencionados, reforçando a supremacia masculina. Ou de modo mais “ilustrativo” como proferiu Bebéo Duarte, um dos fundadores da academia de lutas *Brazilian Top Team*, em entrevista à Kyra Gracie, a crença de que “[...] mulher não foi feita para tomar soco na cara” (SPORTV, 2015, s/p).

FIGURA 31- VALERIE LETOURNEAU APÓS LUTA DO UFC 193



FONTE: Extraonline (2016)

Tal posicionamento vai ao encontro dos achados de Almeida (2016, p. 293) no interior de uma academia de MMA, em que o autor identificou que os lutadores tem a leitura de que as mulheres são indefesas e as identificam como “[...] sem autonomia, sem agência e, por esta razão, devam ser protegidas por um homem (heterossexual) – uma postura inequivocamente machista”. Embora não seja unanime tal entendimento sobre as mulheres, tal como descreveram as lutadoras entrevistadas e também Thomazin, Moraes e Almeida (2008), esse tipo de juízo evidencia, formas de classificação pautadas nos esquemas inconscientes de percepção e apreciação do mundo a partir de uma ordem masculina. Os limites advindos do trabalho de socialização que atua no distanciamento dos atributos para os gêneros estão impregnados nas disposições corporais (BOURDIEU, 2007a) e são reproduzidos em forma de crenças na existência de papéis sociais delimitados e dicotomizados.

Em contrapartida, a prática esportiva intensiva favorece que as mulheres tenham outra forma de percepção de seus corpos, a qual “se converte de corpo-para-o-outro em corpo-para-si-mesma, de corpo passivo e agido, em corpo ativo e agente” (BOURDIEU, 2007a, p. 83-84). Esse tipo de ação, quando durável, modifica as disposições formadoras dos *habitus* dessas mulheres e reverbera nos modos de agir também em outras estruturas sociais. Nesse sentido, o esporte pode ser compreendido como um *locus* que oportuniza as mulheres a se empoderarem de seus corpos e de suas práticas (ADELMAN, 2004; 2006). O esporte espaço e ferramenta para o empoderamento já foi investigado a partir de diferentes temáticas, como o futebol (PISANI, 2014; KESSLER, 2015), o hóquei de grama (VOTRE et al. 2011); o MMA (VELIJA; MIERZWINSKI; FORTUNE, 2012; PAUL, 2015), no esporte escolar (ALTMANN; FERNANDES, 2014) e também na dança (OSORIO, 2015).



Embora tenha ficado evidenciado a possibilidade do espaço esportivo agir como elemento empoderador, Bourdieu (2007a) adverte que o acesso das mulheres ao poder ou aos espaços que são “redutos masculinos” como o campo político ou esportivo, acionam situação de *double bind*. Pois, se as mulheres “atuam como homens” desvinculam-se de atributos compreendidos culturalmente como “obrigatórios da feminilidade”. No entanto, se “agem como mulheres”, no sentido normativo do termo, parecem incapazes e inadaptadas à situação.

Embora muito tenha sido modificado no universo esportivo – mais precisamente no caso do desse estudo – no que tange a inserção e permanência de mulheres no MMA, mesmo que perpassasse por questões mercadológicas de interesse financeiro, existem mulheres que vivem a luta visceralmente e se preparam para ocupar as posições que ocupam de maneira legítima. Mesmo elas tendo que aprender a jogar o jogo que além do capital físico, da técnica para executar os golpes e da domesticação da dor, ainda “é de bom tom” por em evidência atributos de feminilidade normativa, os quais podem reconverter em maior visibilidade midiática e, conseqüentemente, no aumento do retorno financeiro por parte de patrocinadores.

A difusão midiática da violência, a exacerbação da violência durante os combates ou os atributos de masculinidade reforçados nesse cenário são temas que tem permeado diversos estudos nacionais (VASQUES, 2013; ADABO; GONÇALVES, 2014; PASSOS, et al., 2014; ALMEIDA, 2016) e internacionais (HIROSE; PIH, 2009; GARCIA; MALCON, 2010; SPENCER, 2014; GREEN, 2016) que tem como foco principal o MMA. No entanto, para esse escrito não desenvolveremos a discussão que abarca a espetacularização da violência que é produto consumido e reproduzido nos *cages*. Mas propomos a sua compreensão como sendo parte do *habitus* do MMA, que por sua vez é constituído e constitui o subcampo do MMA, o qual é difundido para além do campo esportivo por meio do campo midiático, que veicula manifestações de violência inculcados no *habitus* tanto dos praticantes quanto dos consumidores.

Ressaltamos que a violência dos *cages* de MMA consiste em um tipo de violência controlada a partir de movimentos técnicos que são executados em conformidade às regras. Tal violência que se transforma em dor a título de espetacularização do esporte, é compreendida por Le Breton (2013, p. 209) como: “o que é violência para a sociedade é dor para o lutador”. E então, todo o processo

de incorporação de um limiar de dor maior a cada treino é parte formadora do *habitus* do MMA. E como o *habitus* do MMA está vinculado ao espetáculo e a comercialização das lutas, conseqüentemente, a dor e a violência passam a ser parte do produto, sem que os agentes tomem consciência disso, igualmente, desencadeiam um conjunto de ações reproduzidas.

No tangente à relação com a dor, os boxeadores estudados por Wacquant (2002) e também as lutadoras de MMA entrevistada para esse estudo, apresentam processo de incorporação e de aumentos progressivos no seu limiar de tolerância à dor muito semelhantes. Acreditamos que fato análogo ocorre com o limiar de tolerância à violência dos combates por parte dos espectadores – consumidores. Pois, da mesma maneira que os atletas são submetidos aos treinamentos e experiências que lhes possibilitem tal feito, os consumidores, com o aumento no tempo de assistência às lutas e o entendimento técnico dos gestos, acabam também sendo afetados nesse mesmo sentido. Frente a esses fatos, ressaltamos no que diz respeito aos aprendizados sobre a dor no interior desses subcampos que, a questão de gênero não se apresenta como determinante, pois no caso do MMA, tanto homens quanto mulheres são expostos a treinamentos que lhes conferem essa faculdade.

Se em termos de exposição a dor e, conseqüentemente, a algum tipo de violência física, a relação entre os gêneros tem pouca ou nenhuma diferença, quando se tratam de elementos reguladores e difusores do MMA é evidente a presença de elementos constituidores da violência simbólica (BOURDIEU, 1983; 1997; 2007a). A violência simbólica é o tipo de “violência que se exerce sobre um agente social com sua cumplicidade” (BOURDIEU; WACQUANT, 2005, p. 240). Os efeitos da dominação exercida por meio de violência simbólica se inscrevem duradouramente no mais íntimo dos corpos sobre a forma de predisposições, a ponto de que os próprios agentes dominados passam a aplicar categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação instauradas nas estruturas sociais (BOURDIEU, 2007a). Ou seja, os dominados passam a compreender e a vivenciar o mundo a partir de categorias de ação e percepção dos dominantes, mesmo que de alguma forma, sejam prejudicados por esse modelo.

A inculcação de formas de agir dicotomizadas por meio dos gêneros tem nos corpos – e práticas corporais – a materialização da divisão sexual do trabalho e

consequentemente, a organização das estruturas sociais. Pois, “do ponto de vista que liga sexualidade a poder, a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher” (BOURDIEU, 2007a, p. 32). O poder, mencionado pelo autor, pode ser identificado no campo esportivo principalmente nas modalidades que tem em sua história o reforço de atributos normativos de masculinidade. Nas quais, comportamentos que revelem fraqueza ou falta de coragem e virilidade, são associados a comportamentos de mulheres.

Bourdieu (2007a) compreende que a lógica paradoxal da dominação provoca efeitos duradouros nas disposições. Por esse motivo, uma das principais críticas dos estudos de gênero sobre a teoria de Bourdieu recai no entendimento de que os elementos de dominação masculina são partes de um sistema autorreprodutor (CONNELLI; MESSERSCHMIDT, 2013). No entanto, considerando a dinamicidade dos campos e dos *habitus*, existem maneiras de subversão dessa ordem. As quais são complexas e exigem esforço para que, de fato, haja a reconversão de capitais e a desconstrução de alguns aparatos históricos que reforçam a dicotomia entre a identidade binária dos gêneros em detrimento à sua pluralidade a partir dos modos de representação dos corpos. Tal processo tem iniciado nos esportes em decorrência da disseminação desses ideais a partir do campo acadêmico, o qual está pautado em discursos sobre a existência e a legitimidade de corpos que se apresentam de modo plural com relação aos gêneros. Ou seja, tanto homens quanto mulheres podem adotar as mesmas práticas, sem que essas coloquem em cheque sua sexualidade (GOELLNER, 2010).

A respeito da possibilidade de rupturas do ciclo de “autorreprodução” Bourdieu (2007a, p. 51-52) discorre que:

[...] só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes. A violência simbólica não se processa senão através de um ato este que se efetiva aquém da consciência e da vontade e que confere seu “poder hipnótico” a toda as suas manifestações, injunções, sugestões, sedução, ameaças, censuras, ordens ou chamadas à ordem.

Seguindo nessa mesma proposta de entendimento das relações hierárquicas na estrutura social a partir da dicotomia de gênero, Bourdieu (2007a) descreve que uma mesma tarefa recebe valores diferenciados se executada por homens ou por mulheres. O autor exemplifica a partir de profissões como cozinheiro e cozinheira ou

costureiro e costureira. Chamamos a atenção para a profissão de lutador e lutadora. A segunda opção causa mais estranhamento do que a primeira, nossas entrevistadas relatam que em um primeiro momento as pessoas – de fora da academia – quando tomam conhecimento de suas profissões não acreditam, como relata a entrevistada 4

[...] a reação das pessoas quando descobrem que você luta MMA te olham de outro jeito. Quem é do meio trata com normalidade, mas que é de fora acha um pouco estranho. Ainda mais se a menina se cuida e é bonita ou ficam impressionados ou desacreditam.

Já a entrevistada 5, menciona que as pessoas lhe “enchem de perguntas” a fim de conhecer melhor a sua rotina:

A maioria das pessoas acha muito legal, lutadora profissional, lógico que sempre tem aquelas brincadeiras “não vai me bater”. As pessoas que não são do meio do esporte, querem saber, querem sempre te perguntar. Se tá passando luta na TV eles querem saber a tua opinião.

Em detrimento à história da modalidade já descrita, identificamos as mulheres como recém-chegadas ao subcampo do MMA, e por isso, em muitos casos – mas não em todos – assumem posição dominada. Dentre os casos de dominância desse subcampo por parte dos homens, está a quantidade de categorias em comparação àquelas ofertadas para as mulheres. Vamos tomar como base as ofertas do UFC por se tratar do maior evento da modalidade, no entanto, entendemos que eventos de menor porte, apresentam maior variação de categorias para as mulheres do que o próprio UFC. O qual oferta duas categorias para mulheres<sup>122</sup> e sete para os homens.

Partindo do entendimento de que as lutas realizadas pelo UFC conferem aos lutadores grande visibilidade, a existência de somente duas categorias de peso para mulheres é uma forma “explícita” de limitação da atuação delas e também de violência simbólica. O corpo das mulheres é alvo de constantes nuances de violência simbólica, como já evidenciamos em outro momento, o campo esportivo requer das mulheres a apresentação de um corpo que atenda tanto o desempenho físico quanto atributos de beleza e feminilidade normativa (SALVINI; SOUZA;

---

<sup>122</sup> Embora a categoria peso pena tenha sido anunciada pela organização, até a finalização da escrita dessa tese nenhuma luta foi realizada. Com a inclusão dessa categoria, as mulheres passam a ser contempladas por três categorias: peso palha, peso galo e peso pena.

MARCHI JÚNIOR, 2012). No caso do MMA, tal fato ocorre de maneira velada, sem que sejam exaltados alguns “padrões” corporais, mas pelo fato de haver negativa por parte da organização em ampliar o número de categorias é uma maneira de reduzir a participação das mulheres à somente àquelas que se enquadrem nas categorias até 52 ou 61 quilos e indiretamente gerenciar o tamanho dos corpos que julgam ser mais lucrativos e que atendam aos interesses financeiros da organização.

Waving (2013), ao analisar a participação das mulheres no UFC no primeiro ano em que a mesma se efetivou, relata que embora tal feito tenha desafiado de alguma maneira os estereótipos tradicionais de passividade física das mulheres, o formato como o evento está organizado enfatiza – mesmo que de maneira velada – nuances de feminilidade normativa e submissão. Três anos após esse estudo, as categorias de peso para mulheres continuam as mesmas. Nessa esteira, rememoramos o fato de Cris Cyborg ser contratada do UFC, mas inexistir sua categoria de peso.

A maior organização de MMA do mundo contratou aquela que está entre as melhores lutadoras desse cenário, mas não ofereceu a ela condições para realizar as lutas em sua categoria de peso. Analisando do ponto de vista da violência simbólica, o UFC é uma instituição que assume posição dominante na estrutura do subcampo do MMA, logo, seus contratados tem certo nível de significância no contexto do MMA e alguns deles assumem posição dominante frente aos outros lutadores. No entanto, não podemos alegar que todos os contratados do UFC são os melhores lutadores, mas podemos afirmar que ser contratado pelo UFC é sinal de êxito profissional (ALMEIDA, 2016; CAMILO, 2016; MARIANTE NETO, 2016), nesse sentido, a organização lhes confere legitimidade e distinção e passa a fazer parte do imaginário dos e das lutadoras, como evidencia nossa entrevistada 5: “O objetivo de 99% dos lutadores é chegar no UFC, eu quero não só chegar lá, mas me manter lá”.

A dinamicidade de posições que um mesmo agente assume frente às diferentes instituições fica evidente no exemplo de Cris Cyborg, ao ser dominante no cenário mundial do MMA pelo seu histórico de vitórias e assumir posição dominada, de recém-chegada no UFC. Pois, mesmo com posse de seu capital físico e de suas vitórias agressivas e históricas frente as mais diversas adversárias, é submetida ao

corte drástico de peso e compete em lutas de peso combinado em 63,5Kg<sup>123</sup>. Uma mescla entre a dor física e violência simbólica é vivenciada por lutadores e lutadoras que precisam perder peso de maneira drástica antes das competições, especialmente às lutadoras, que em detrimento a formação biológica dos corpos apresentam mais dificuldades na perda de peso.

Um dos casos mais emblemáticos da perda de peso para as mulheres ocorreu antes do UFC realizado em Brasília no dia 24 de setembro de 2016, em que Cris Cyborg deveria perder 11Kg em cinco dias (VIANA, 2016). Em seu discurso pós-pesagem a lutadora evidenciou quão penoso foi o processo e também mencionou o período menstrual como fator negativo para a perda de peso. Ela pesou 64Kg e acredita que para o dia seguinte – na luta – estaria pesando entre 72,5Kg e 75Kg. A seguir o relato da lutadora sobre o dia da pesagem:

Acordei cedo, faltava um pouco e finalizamos de manhã. É aquela guerra. Amanhã será a hora da festa, de lutar, de fazer o que treinamos. O peso é a primeira luta, a segunda é no sábado. [...] Foi difícil, estou em período menstrual, 25 libras (11,3kg) acima do meu peso de luta. Bati 141 libras (64kg) e falei: "Nossa, graças a Deus, era para ser!" Estou feliz com tudo que aconteceu (BARONE; MARINHO, 2016, s/p).

Desde 2016 o UFC tem adotado a pesagem para a manhã do dia que antecede a luta, deixando somente as fotos oficiais das encaradas para o período da noite. Tal alteração tem como justificativa proporcionar aos atletas um tempo maior de recuperação, tendo em vista que alguns lutadores chegam a baixar 20Kg de seu peso habitual para as lutas. No período que compreende a pesagem até a efetivação do combate, os e as lutadoras reestabeleceram seu peso corporal para um valor muito próximo àquele de quando iniciaram o processo de emagrecimento.

<sup>123</sup> Documentário que exhibe o processo de perda de peso de Cris Cyborg para sua estreia no UFC 198 foi filmado em formato de documentário e está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wcj64LDGrhc>>. Acesso em: 10 de novembro de 2016.

FIGURA 32 – CYBORG EM “FORNO” PARA PERDA DE PESO, PESAGEM E DURANTE A LUTA



FONTE: SporTV (2016), Veja (2016) e Esporte Interativo (2016)

O processo de diminuição de peso é uma prática recorrente e legítima no subcampo do MMA, pois, de acordo com as “regras do jogo” as lutadoras e lutadores treinam em seus pesos habituais e nas semanas que antecedem uma luta iniciam as medidas para a diminuição do peso corporal. Santos Junior (2016) relata que tal prática é comum entre lutadores e lutadoras que competem em categorias mais leves, sob a égide de obter vantagens sob adversários e adversárias que competem na mesma categoria, mas não passam por essa diminuição de peso. Os quais, em teoria, seriam adversários mais leves, menores e mais fracos.

Todas as nossas entrevistadas alegaram diminuir o peso para competir. Elas relataram que esse processo inicia aproximadamente um mês antes da luta e consiste no aumento gradativo de estratégias para tal feito. As primeiras medidas são a diminuição de ingestão de carboidratos, a utilização de roupas de plástico e de treinos em locais mais quentes para provocar sudorese e nos dias próximos à pesagem que antecede a luta, inicia-se a desidratação de maneira mais intensa. Quando o peso a ser diminuído é grande, as lutadoras passam por um processo que na maioria das vezes é revestido por sofrimento e após a pesagem é comum a administração de soro diretamente na corrente sanguínea, além da ingestão de alimentos e bebidas que possam lhes restituir o bem-estar.

Sobre o processo de modificação corporal, menstruação e elementos de dor que envolvem a perda de peso para as lutas, a entrevistada 4 nos conta que

O meu corpo já mudou bastante desde que eu comecei a treinar, quanto mais forte você fica mais difícil pra você baixar peso, mais sofre. Já aconteceu de eu ficar menstruada na semana que antecede a luta, aí você fica inchada, retém líquido. Tem que lidar com isso, não tem muito que fazer, na verdade. Tem que tentar não subir muito o peso, sempre manter uma alimentação saudável, sem exagerar demais. Até porque as vezes aparece luta em um mês, se está muito descuidada da alimentação sofre muito pra baixar o peso. [...] Eu baixo sete quilos, não é tranquilo, mas é menos pior



do que pra homem que baixa dez. A gente começa a baixar peso duas semanas antes, mas desidrata mesmo uma semana.

Souza Junior (2016) realizou investigação sobre o comportamento da perda de peso em lutadores e lutadoras de MMA do Brasil, constatou que dos 188 participantes do estudo, todos baixavam o peso para competições. Dentre os métodos mais utilizados estão a modificação gradual na dieta (perder peso em 2 semanas ou mais), a diminuição na ingestão de líquidos, exercitar-se mais do que o habitual e exercitar-se vestindo agasalhos, saco plástico ou roupa de borracha. O autor identificou que as pessoas que exercem maior influência sob os e as atletas de MMA durante o processo de perda de peso são: treinador, colegas de treino, preparador físico, lutadores mais velhos, nutricionista, médico, pais e, por último, informações advindas da internet.

Essas constatações reforçam a existência das relações de confiança e de familiaridade que se estabelecem entre os colegas de treino no interior da academia de lutas. De modo que, no caso das lutadoras entrevistadas, além do treinador, quem as acompanha até o *cage* no momento da luta, são alguns colegas de treino selecionados previamente em detrimento ao conhecimento das técnicas e do envolvimento emocional de ter participado de todo o processo de preparação da atleta. Green (2011) ao estudar lutadores de MMA nos Estados Unidos identificou que o sentimento compartilhado de dor entre os lutadores de uma mesma academia é um elemento de aproximação entre eles.

Considerando o processo de perda de peso como parte de um aprendizado de controle das emoções a partir da exposição à dor, a entrevistada 4 relata que

Eu choro quando estou baixando peso, é uma coisa que não dá pra explicar é muito horrível, mas tem que fazer. Depois que você pesa, toma teu *Gatorade*, tá tudo certo, tem mais outros sofrimentos envolvidos, a parte de treinamento e outros no dia a dia.

Foi durante um processo de perda de peso que uma de nossas entrevistadas descobriu sua gravidez, pois, como ela mencionou, em decorrência dos treinamentos sua menstruação não era regulada, e foi somente três semanas antes de uma luta importante que ela foi ao médico o qual a diagnosticou:

[...] estava me preparando para lutar [...], mas há muito tempo sentia várias coisas. Tinha uma luta marcada e eu tava sentindo muita dificuldade pra

baixar de peso, pra atingir o peso da categoria. Faltando três, quatro semanas pra luta eu comecei a sentir minha barriga muito dura e inchada e quando a gente tá fazendo dieta pra perder peso pra luta é uma coisa muito comum entre os atletas ficar com prisão de ventre. Então a gente acaba procurando médico pra ver se está tudo certo, se tem alguma coisa errada no intestino que esteja prejudicando a perda de peso, a dieta pra luta e o rendimento nos treino. A gente foi no pronto socorro, falando que eu estava com alguma coisa no intestino e como eu tinha me sentindo mal estava com medo de estar doente, aí o médico falou que tinha que fazer uma radiografia da barriga, mas que não poderia fazer se fosse gravidez, mas isso nem passou pela cabeça. Então ele pediu exame de sangue e veio a notícia [da gravidez].

Tal excerto ilustra a relação da mulher atleta com seu corpo, a qual assume características diferentes das não atletas em detrimento a alteração nos fatores biológicos reguladores da menstruação. Pardini (2001) explica que a ausência de menstruação em atletas é caracterizada como amenorréia secundária e comumente ocorre associada à perda de peso e ao treinamento físico intenso. Outro aspecto que permeia a vida das mulheres atletas são os papéis sociais de esposa e mãe que elas assumem para além do esporte, por esse motivo, a carreira esportiva das mulheres tende a ser mais curta do que a dos homens. Silva, Rabelo e Rubio (2010) atribuem a impossibilidade de manutenção da carreira esportiva por parte das atletas mães em decorrência das viagens e cargas horárias cada vez maiores que exige o esporte de alto rendimento concorrem diretamente com a jornada de mãe e dona de casa, fato que remonta a dominação masculina manifestada por meio desses papéis, que não são fixos, mas na maioria dos casos são reproduzidos.

A possibilidade de reverter essa ordem foi identificada em duas de nossas entrevistadas, quando relatam que mesmo sendo mães, não pararam de treinar e de lutar, até os últimos meses de gestação e retornando aos tatames poucos meses após o nascimento de seus filhos. No entanto, a partir do relato da entrevistada 3, fica evidente que existe violência simbólica por parte de pessoas do meio das lutas, os quais acreditam que em decorrência da mulher lutadora ser também mãe, seu desempenho pode ser afetado negativamente:

Em uma luta o árbitro falou ao meu preparador: você tem que entender que ela agora é mãe. Ela tá com o instinto materno ela não vai conseguir sair na mão. Falei pra ele: instinto materno é o c\*, instinto materno eu tenho pela minha filha, [...] não tenho por mais ninguém. Entrou no ringue comigo eu vou sentar a porrada até as últimas consequências.

Ainda sobre ser mãe e lutadora, ela relembra que fez a sua primeira luta após a gestação quando sua filha tinha um ano e meio, e relembra como foi o processo de adaptação ao treinamento: “muita gente não vê, eu levar minha filha no treino, ter que amamentar. Ao amamentar, 40-60% da sua energia se vai. Amamentava pra poder treinar. Foi muito f\* no começo e nenhum momento eu falei que não iria dar”.

Seguindo na análise de episódios velados de violência simbólica e, tendo em vista que a linguagem é um instrumento de poder simbólico (BOURDIEU; WACQUANT, 2005), evidenciamos outra manifestação de violência simbólica com as mulheres no campo esportivo – sem que nos fixemos no espectro do capital corporal que exacerba elementos de beleza e sensualidade – recai na inclusão do termo “feminino” após o nome das modalidades, ou no caso do MMA, a inclusão do “W” (*women*) na sigla: WMMA. Nesse sentido, o esporte assume que é prática legítima de homens, e quando for praticado por mulheres, recebe a caracterização. Salvo aqueles esportes que reforçam os atributos de feminilidade – como por exemplo a ginástica artística – que apresentam-se sem sufixo de gênero.

Nessa proposta de análise, trazemos à tona aqueles esportes que são iminentemente praticados por mulheres, as quais assumem a dominância no interior desses subcampos – mesmo sendo práticas que reforcem atributos de feminilidade normativa – e os homens que desejam adentrar esses espaços também são acometidos por formas de violência simbólica, não necessariamente da mesma maneira que as mulheres, mas em um momento inicial, tendo sua sexualidade questionada. Em casos em que homens e mulheres adentram estruturas que tem raízes históricas no “gênero oposto”, além do capital físico para a modalidade, outros elementos são exacerbados no sentido de lhes conferir legitimidade, provando que são aptos a ocuparem os espaços que ocupam ou que almejam ocupar. Ou seja, mesmo que de maneira velada as lutas no interior do campo esportivo se alicerçam na desconstrução de elementos determinantes e limitadores das práticas e corpos alicerçados na dominação masculina.

Bourdieu (2007a, p. 18) explica que “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção”, impondo-se como neutra e por isso, dispensa de ser anunciada nos discursos que visam lhe conferir legitimidade. A divisão social do trabalho tende a reproduzir esse entendimento, no entanto, no interior de cada campo e subcampo os agentes dominados – e no presente caso, as mulheres lutadoras de MMA – articulam estratégias que possam reposicioná-los na

estrutura social. No subcapítulo a seguir, daremos prosseguimento a essa reflexão propondo uma localização do subcampo do MMA no contexto do campo esportivo e a partir de então, identificar a posição das mulheres nesses espaços.

### 5.3 MULHERES LUTADORAS DE MMA: DUPLAMENTE DOMINADAS?

As orientações de Pierre Bourdieu para que façamos sociologia do esporte de acordo com sua proposta teórico-metodológica estão centradas em três elementos ou, como denominaram Bourdieu e Wacquant (2005, p. 159) em três passos: o primeiro é “analisar a posição do campo frente ao campo do poder”; o segundo é “mapear a estrutura objetiva das relações entre as posições ocupadas pelos agentes ou instituições que competem pela forma legítima de autoridade específica do campo”; e por fim, o terceiro passo é: “analisar o *habitus* dos agentes, os diferentes sistemas de disposições que adquiriram”.

Realocando tais orientações para a realidade em que foi organizada e elaborada essa tese, propomos especificamente nos capítulos 3 e 4 a construção do subcampo do MMA, o qual nos possibilitou identificar agentes e estruturas que gerenciam seu funcionamento. Em seguida e com informações coletadas, no capítulo 5 identificamos algumas disposições adquiridas e ressignificadas que se materializaram no que chamamos de *habitus* do MMA e que, tal qual em outras modalidades, assume características que são comuns e também díspares entre os gêneros. E para esse momento, propomos uma reflexão sobre a suposta posição duplamente dominada que as mulheres ocupam no campo esportivo e no subcampo do MMA.

No entanto, para que seja possível tal reflexão, é imperioso que façamos dois exercícios, primeiro o de posicionar o campo esportivo frente ao campo do poder e, em seguida posicionar o subcampo do MMA na estrutura do campo esportivo, pois somente assim conseguiremos, mesmo que minimamente, compreender a posição das mulheres nesses dois cenários. Justificamos que embora a proposta elaborada por Bourdieu consista em inicialmente realizar tais posicionamentos, os estamos realizando somente nesse momento da tese por compreender que *a priori* se fez necessário constituir o subcampo, identificar os agentes e estruturas para então conseguir identificar a posição das mulheres lutadoras de MMA nesse cenário.

Para Bourdieu o campo do poder diz respeito às lutas pelo poder que são travadas no interior dos diversos campos. Nessa esteira, para que as disputas ocorram é preciso objetos e agentes dispostos a disputar o jogo no interior dos campos. Tal como o autor já identificou, as lutas travadas no interior do campo esportivo perpassam sobre as concepções de esporte amador e esporte profissional, como também, recaem sobre a legitimidade dos corpos que atuam nesse contexto. Além dos capitais – econômico, cultural e social – que orientam o funcionamento dos campos de maneira geral, o capital específico encontrado e valorizado no campo esportivo, é o capital físico (BOURDIEU, 1983).

Antes de darmos prosseguimento ao exercício de localizar o subcampo do MMA no campo esportivo no Brasil, faremos uma reflexão sobre o termo esporte de acordo com as categorias de análises do modelo analítico do esporte na contemporaneidade elaborado por Marchi Júnior (2016). Tendo em vista a relação mimética entre esporte e sociedade e o entendimento de que o esporte assume manifestações polissêmicas – e relacionais – o autor assinala que existe na contemporaneidade, novos cenários para e das manifestações esportivas que se expandem para além daquelas já identificadas a partir da base legislativa brasileira (esporte educacional, de participação, de formação e de alto rendimento).

Os novos cenários esportivos vão se consolidando a partir de diferentes vieses e interesses tanto de oferta quanto de demanda. Nesse sentido, o apelo mercadológico articula ações com vistas a incutir o senso de pertencimento entre espectadores/praticantes e os esportes. A partir dessa proposta de análise, o autor compreende esporte como:

[...] um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinâmica e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização (MARCHI JÚNIOR, 2016, p. 59).

Ao enxergar no esporte a potencialidade de reproduzir mimeticamente as relações sociais, Marchi Júnior (2016) propõe o “Modelo Analítico dos 5 E’s”, o qual consiste em construir reflexões sobre esporte a partir de cinco dimensões: a emoção, a estética, a ética, o espetáculo e o educacional. É com base nesses cinco elementos que compreendemos o MMA como esporte. Pois, se analisado a partir da

dimensão emoção, fica evidente que seu consumo e prática proporcionam uma espécie de “controle descontrolado” das emoções e também de elementos relativos à violência que não seriam tolerados em outros espaços sociais como são nas academias de lutas. Em se tratando da dimensão estética, Marchi Júnior (2016) relembra que o esporte de alto rendimento em pouco se aproxima com a noção de saúde e bem-estar. Entretanto, também relaciona essa dimensão à apresentação dos corpos em consonância aos atributos de beleza. E a título de aproximação com o MMA com essa dimensão, mencionamos os praticantes recreacionais ou aqueles que buscam nessa prática a lapidação muscular a partir da remodelação de seus corpos.

No tangente à dimensão ética, o autor menciona a existência de um conjunto de regras, valores e condutas existentes no esporte. O *fair play* ou o “jogar limpo”, o qual também é presente no MMA, especialmente no período em que houve grande apelo midiático para sua difusão, a exaltação das regras foi elemento que posicionou o MMA no campo esportivo, o dissociando do Vale-tudo. Seguindo na esteira da difusão midiática, a quarta dimensão proposta por Marchi Júnior (2016, p. 62-63) é o espetáculo, ressaltando que nem todo o esporte espetáculo é considerado esporte de rendimento, no entanto, para ter um espetáculo esportivo é preciso:

[...] a capacidade de movimentar o contexto econômico e mercadológico; a geração e constituição de ofertas e demandas; seu apelo motivacional e emocional; plasticidade e viabilidade midiática (incorporando os aspectos performáticos do esporte e a “estetização do movimento”); capacidade de comunicação e interferência global; e mobilização populacional, entre outros.

Tal descrição da dimensão espetacularização do esporte também pode ser aplicada ao “fenômeno” do MMA. Especialmente no que diz respeito à construção do MMA como um produto que deve sua divulgação mais massiva à organização UFC e seu sistema de gestão do esporte, extremamente vinculada com os meios de comunicação de massa. A dimensão econômica, para o autor, é uma variável da dimensão do espetáculo, o qual potencializa as relações e interdependências sociais. E no caso do MMA, possibilitou que houvesse a ampliação de sua prática e consumo, pois, com a possibilidade de retorno financeiro as lutadoras passaram a se dedicar aos treinos de MMA, como também, ocorreu aumento no consumo esportivo, movimentando montantes financeiros significativos às organizações como

o UFC, por exemplo, e a possibilidade de inclusão no universo do MMA para eventos menores, que de alguma maneira também reverbera em retorno financeiro, mas em menor escala.

A última dimensão proposta por Marchi Júnior (2016) é a educacional, a qual, a partir de uma intencionalidade formativa se interconecta com os demais “E’s”. O autor adverte que para que essa dimensão resulte num processo positivo, é preciso rigorosidade ao ser trabalhada em correlação às demais dimensões. Somente dessa maneira evitaríamos uma leitura unidimensional da realidade. Frente a tal dimensão, reforçamos sua existência no MMA especialmente nas etapas formativas dos e das lutadoras quando incorporam as disposições para a ação do subcampo.

Ao realizarmos esse ensaio preliminar que visou aproximar o MMA às cinco dimensões, ressaltamos que de forma alguma esgotou a proposta analítica, mas sim, esboçou um primeiro olhar com vistas a reforçar o entendimento do MMA como um esporte, o qual assume posição específica no campo esportivo em detrimento à sua origem histórica, suas disputas internas, suas estratégias de manutenção e subversão no campo esportivo. Por esse motivo e a fim de posicionar inicialmente o MMA no campo esportivo brasileiro e como forma de um exercício reflexivo e não determinante, o analisamos em comparação com o subcampo do futebol. Tal escolha se justifica por entendermos que o subcampo do futebol no Brasil ocupa posição de destaque em detrimento aos seus aspectos históricos e até identitários. Nesse sentido, o subcampo do futebol articula significativo montante financeiro, é dotado de capital econômico, social e simbólico, além do alto número de praticantes – profissionais e amadores – e também consumidores esportivos. Nesse cenário e em comparação com o subcampo mencionado, o subcampo do MMA ocupa lugar menos privilegiado, de recém-chegado e de esporte dominado.

As práticas esportivas ao se popularizarem perdem aos poucos elementos de distinção que estão atreladas à exclusividade. No entanto, ao se popularizarem, tem seu consumo aumentado, revertendo em mais capital econômico que por sua vez, juntamente ao capital cultural é fundamental às práticas distintas. Entendemos que os combates de somente uma modalidade, especialmente das artes marciais orientais tradicionais, são mais revestidos de distinção e ritualísticas do que o MMA, que tenta suprir a sua “falta” de raízes e tradições proporcionando episódios de luta que são espetacularizados por meio de luzes, transmissão via internet e televisivas, espaços organizados para a recepção dos espectadores.



Ao concentrar em uma única prática esportiva outras tantas modalidades, perde-se a essência de cada uma delas e cria-se um esporte voltado – quase que unicamente – ao consumo esportivo, em que se busca o revestimento da distinção no sentido de validar essa prática. Talvez por esse motivo, o MMA ainda não seja considerado um esporte legítimo. No entanto, se atentarmos para o viés do consumo esportivo ou de pessoas interessadas em consumir a modalidade, a realidade que se apresenta é um pouco diferenciada. Intentamos ilustrar a partir de números de pessoas que “seguem” algumas páginas oficiais de instituições e agentes representativos vinculados ao MMA e ao futebol no Brasil em uma rede social. As organizamos em formato de quadro que está posto a seguir:

QUADRO 2 – NÚMERO DE SEGUIDORES DE PÁGINAS SOBRE FUTEBOL E MMA EM UMA REDE SOCIAL

Página	Seguidores	Pessoas falando sobre*
<b>UFC – Brasil</b>	20.568.866	42.742
<b>Anderson “the spider” Silva</b>	5.933.834	36.665
<b>Ronda Rousey</b>	11.164.157	393.534
<b>Cris Cyborg</b>	34.707	891.755
<b>Campeonato Brasileiro de Futebol</b>	978.652	2.715
<b>Sport Clube Corinthians Paulista</b>	11.119.090	454.888
<b>Neymar Júnior</b>	59.118.717	496.467
<b>Marta Vieira da Silva</b>	325.300	791

FONTE: elaborado pela autora (2006) a partir dos dados disponíveis no Facebook em 11/12/2016

\*Esse número modifica-se de maneira dinâmica diariamente em detrimento aos acontecimentos que envolvem tais agentes e instituições.

Ressaltamos que não estavam disponibilizadas informações sobre a região ou o país em que cada pessoa que segue determinada página reside. Pela fragilidade dos dados e por ser insustentável estabelecer uma comparação superficial entre dois subcampos distintos como o do futebol e do MMA, os estamos apresentando tão somente no sentido de ilustrar a existência de uma espécie de interesse esportivo, o qual apresenta nesse recorte, números expressivos que, de alguma forma reverberam em consumo.

Como o subcampo do futebol e o subcampo do MMA assumem funcionamentos, estruturas, capitais e lutas distintas, nesse momento efetuamos um “pinçamento” de algumas estruturas e agentes como: o campeonato brasileiro de

futebol, o time de futebol com uma das maiores torcidas, um dos jogadores e uma das jogadoras mais populares em nosso país, a fim de identificarmos parte do consumo esportivo dessa modalidade. Além desses dados, evidenciamos também o número de seguidores e de pessoas que estão falando sobre, UFC, Anderson Silva, Ronda Rousey e Cris Cyborg, lutadoras que assumem posição de destaque no cenário do MMA, especialmente no caso de Ronda Rousey, que ocupa também posição interessante no cenário publicitário norte americano.

Ainda sobre o quadro, chamamos a atenção para a questão do gênero entre o MMA e o Futebol. Mesmo sendo uma modalidade na qual os adversários se enfrentam de maneira mais incisiva e violenta, o MMA praticado por mulheres aparenta ser mais consumido do que o futebol de mulheres. Ambas sofrem limitações no interior dos subcampos em detrimento a serem espaços historicamente e culturalmente compreendidos como de reforço e produção de atributos normativos de masculinidade. Mas, o futebol feminino aparenta menor interesse por parte dos consumidores esportivos, possivelmente, muito se deva aos aspectos históricos e a representatividade vinculada ao futebol praticado por homens em nosso país (SALVINI, 2012).

Embora o MMA se classifique como esporte, ainda assume características de esporte dominado, apesar do montante financeiro que os grandes eventos articulam. Compreendemos que essa posição pode ser modificada no interior da estrutura do campo esportivo, principalmente por dois fatores, o primeiro é pela movimentação financeira decorrente dos eventos e das vendas de produtos e de *pay-per-view* e, simultaneamente, pelo número de consumidores esportivos.

Tendo em vista o atrelamento entre o UFC – estrutura dominante no subcampo do MMA – e os veículos de comunicação, a popularização da modalidade e seu angariamento financeiro, poderá no futuro promover uma reorganização no campo esportivo brasileiro. No qual, atualmente o MMA assume ora posição de plena dominância, ora apresenta estratégias que ensaiam a subversão dessa ordem. Essa possibilidade de reposicionamento poderá acontecer, pois como salienta Bourdieu (2004b) nem tudo no campo é igual ou imutável, pois são as relações de forças e lutas que mobilizam e transformam os campos.

O monopólio da conservação das posições por subcampos ortodoxos no campo esportivo podem estar relacionados à legitimidade e a representatividade que ser considerado esporte Olímpico lhes confere, pois, a participação em

megaeventos esportivos como Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos os reveste de elementos distintivos, por serem esportes de alguma maneira estabelecidos na estrutura do campo esportivo. Mesmo movimentando número menor de consumidores esportivos e capital econômico, esportes há mais tempo estabelecidos no campo esportivo não tem suas regras e integridade questionadas como o MMA.

Situação semelhante ocorre com as mulheres que praticam esportes de “dominação masculina” mais incisivas, as quais, em alguns momentos têm sua capacidade técnica e sexualidade questionadas. Dessa forma, assim como o MMA ainda não é legítimo no campo esportivo, as mulheres no subcampo do MMA também não são. Não por falta de capital físico, mas por estarem galgando a entrada e a manutenção em um subcampo que por si só também é recém-chegado. Nesse sentido, entendemos que as estratégias tanto do MMA (frente ao campo esportivo) quanto das mulheres (frente ao subcampo do MMA) para angariar legitimidade, alicerçam-se na visibilidade midiática, na apresentação de combates técnicos, plásticos, emocionantes e que consigam “envolver” o público consumidor.

As lutas travadas no interior dos campos ocorrem tendo em vista tanto a conservação de uma posição na estrutura social, por parte dos agentes dominantes, quando a possibilidade de alteração nessas posições, por parte dos dominados. No entanto, para que qualquer tipo de “revolução” possa ser efetivada no interior do campo, é preciso que os agentes e instituições concordem tacitamente com o que é exigido por esse campo. É nessa engrenagem de funcionamento que os agentes estabelecem acordos sobre a importância de se lutar pelo que está em jogo (BOURDIEU, 2011).

A união de agente e instituições aparentemente em posições diferentes a partir de um interesse comum é definida por Bourdieu (1983) como cumplicidade de antagonistas. A cumplicidade de antagonistas pode ser visualizada no interior do subcampo do MMA entre eventos de maior porte e as lutadoras, que, embora tenham “fichas” e interesses de jogo diferentes e ocupem lugares diferentes na estrutura do MMA, unem-se em prol da realização das lutas.

Ou seja, as mulheres, mesmo em posição dominada em detrimento a um número menor de participantes por eventos aceitam essa condição como forma de se projetarem no cenário nacional e internacional. Compreendendo que mesmo com menos lutas por evento, elas têm a possibilidade de ascensão na carreira quando

oportunizadas a essas disputas. Outra evidencia de “cumplicidade de antagonistas” ocorre quando os produtores dos eventos incluem lutas de mulheres para atrair maior demanda de consumidores, mas em número reduzido para que o MMA ou o seu evento não perca as características mantenedoras da modalidade como um espaço de dominação masculina. Dessa forma, tanto os eventos ganham financeiramente com a inclusão dessas lutas, quanto as lutadoras e suas academias.

Considerando a cumplicidade entre agentes e estruturas – lutadoras, academias e eventos de MMA – identificadas nesse estudo e relembrando a dinamicidade das posições ocupadas no interior dos campos, identificamos que tal qual a posição de recém-chegado do MMA no campo esportivo, embora apresente número representativo de consumidores esportivos ainda tem sua legitimidade questionada, também é assumida pelas mulheres lutadoras no interior do subcampo do MMA. Pois, mesmo como recém-chegadas em um *locus* dominante masculino que é o esporte e, principalmente o MMA, pelo culto e a exacerbação de atributos como a virilidade, elas ocupam posições que oscilam entre iminentemente dominadas e momentos de destaque, como quando são escaladas para realizarem a luta da noite.

Por esses argumentos, entendemos que as lutadoras de MMA podem até posicionar-se como dominadas na maior parte do tempo na estrutura do subcampo – seja por interesse financeiro dos organizadores dos eventos e pela característica da modalidade que teve durante boa parte de sua existência somente a participação de homens. Em contrapartida, exatamente pelos mesmos motivos, elas consideram que estar em menor proporção nas academias e nos eventos, as possibilita maior visibilidade e não compreendem esse distanciamento como algo negativo, utilizando-o como estratégia de reposicionamento, pelo menos do que diz respeito no aumento de capital econômico.

Desvinculando-nos do determinismo apresentado no título desse subcapítulo, entendemos que as mulheres são dominadas nesse subcampo, especialmente em detrimento ao menor número de participantes – fato que pode ser explicado a partir do viés da construção dos corpos generificados e também pela violência que orienta a prática e requer que os agentes tenham inculcados em seus *habitus* tais disposições. Mas, articulam – juntamente com suas academias e eventos esportivos

– estratégias para se mantenham em evidência. Fato que em partes as reposiciona nessa estrutura.

Se de alguma forma tivermos que responder ao questionamento orientador inicial que intitula esse subcapítulo, teremos que admitir que tanto o subcampo do MMA é dominado frente ao campo esportivo, quanto as mulheres são dominadas no interior do subcampo do MMA, o que resulta em uma dupla dominação às lutadoras de MMA. Mas, tecemos a ressalva de que ambos são agentes novos, recém-chegados e com a potencialidade de com o passar do tempo, subverter a ordem ortodoxa que questiona a legitimidade do MMA como esporte, e que também, questiona a legitimidade das mulheres como lutadoras de MMA.

## 6. CONCLUSÃO

Como a nossa proposta de escrita e análise está alicerçada em um entendimento relacional dos fatos e ações, para que as informações levantadas ao longo do desenvolvimento dessa tese pudessem ser organizadas, as subdividimos em cinco capítulos. Os quais, não são excludentes, mas sim, complementares. Cada conjunto de informações apresentados nesses cinco títulos tem em vista estabelecer uma “conversa” com as discussões anteriores e com as que se seguem. Foi nesse exercício de “idas e vindas” entre teoria e dados empíricos que construímos e alicerçamos nossa tese.

Compreendemos que é fundamental lembrar que, a essência de cada um dos capítulos foi originária das experiências de campo vivenciadas a partir do acompanhamento dos treinos, lutas e das entrevistas com as lutadoras. Por esse motivo é que nos propomos a delimitar o subcampo do MMA em Curitiba, e a partir das relações travadas nesse espaço, ampliarmos o nosso olhar para um contexto maior, mais abrangente. E, quando as vivências “curitibanas” nos possibilitaram essa conexão com realidades que aconteciam em outros países, com outras lutadoras, assim as fizemos. As fizemos por compreender que elementos constituidores dos subcampos do MMA e de *habitus* ali alicerçados, se aproximam e se assemelham em alguns pontos. Essas aproximações e semelhanças foram buscadas e evidenciadas ao longo do escrito, lembrando sempre, que só foram possíveis porque nos dispusemos a inicialmente enxergar a nossa realidade local.

Com o esclarecimento de como concebemos e tecemos as informações, a partir da apreciação teórica de Pierre Bourdieu, temos como missão ao finalizar esse escrito – sem nunca esgotar as possibilidades de análise – dar luz as relações travadas entre agentes e estruturas no interior do subcampo do MMA, evidenciando as estratégias de funcionamento desse espaço social e esportivo, conferindo às mulheres lutadoras de MMA um olhar mais atento. Nessa conjuntura, inicialmente propomos a apresentação da Teoria dos Campos, a fim de subsidiar o entendimento de como e porque organizamos a presente tese dessa maneira. Assim a fizemos, por compreender que as noções de campo, *habitus* e capitais são inexistentes se apresentadas separadamente e descontextualizadas.

Da mesma forma, era imperioso que descrevêssemos a compreensão desse autor sobre como os agentes passam a fazer sentido nos espaços nos quais atuam,

e como esses espaços também orientam os modos de ação dos agentes. É o senso prático que nos permite jogar “o jogo da vida”, a antecipar ações e ter a tranquilidade e a destreza de saber as suas regras. Conhecer a noção de *illusio* era fundamental para que minimamente compreendêssemos os motivos que fazem as pessoas acreditarem em um esporte e se doarem, visceralmente, por e para ele.

Como a tese foi organizada com base nos preceitos da Teoria dos Campos, apresentar o campo esportivo e suas principais disputas e em seguida delinear o subcampo a ser analisado foi necessário. Ao buscarmos nos registros históricos informações sobre o MMA, em parte encontramos que foi a “evolução civilizatória” dos combates intermodalidades e do Vale-tudo. A confusão entre as nomenclaturas MMA e Vale-tudo perdurou por vários anos, somente sendo desagregadas com o novo formato que o MMA passou a assumir. Esse formato foi proposto por uma nova gestão da organização UFC, iniciado especialmente a partir dos anos 2000.

O esporte MMA tal qual consumimos hoje, é o resultado de um conjunto de ações estratégicas de inclusão no cenário esportivo por meio da oferta que criou uma demanda de consumidores. Mesmo com os investimentos em termos de aproximação do MMA com agentes até então leigos e desconhecedores dessa possibilidade de consumo, o consumo só pode se efetivar, pois os agentes estavam dispostos a consumir. Tinham inculcado em suas disposições elementos que favoreceram tal consumo. No entanto, para que chegássemos ao formato atual do esporte MMA como uma prática que cresceu a partir da espetacularização e da aliança com canais de televisão e disseminação por meio de ferramentas online, outros eventos, agentes e estrutura foram delineadas.

Com vistas a atrelar a história do Vale-tudo e do MMA internacional com os fatos, agentes e estruturas que organizaram o formaram o subcampo do MMA em Curitiba, propomos para esse momento e, em forma de condensar as informações já descritas ao longo desse trabalho, elucidar três períodos históricos, tendo como base três grandes eventos, e identificar a presença das mulheres lutadoras nessas três fases da modalidade, aos quais chamamos de gerações de lutadoras de MMA, inicialmente no Brasil e posteriormente direcionando o foco unicamente para Curitiba.

Aos três momentos que referidos, chamaremos de era *Pride*, era *Strickeforce* e era UFC. Muito embora essas “três eras” coabitaram o espaço internacional do MMA de maneira simultânea e pelo longo período de existência também



perpassaram por modificações em suas formas de gerenciamento e atuação, optamos por selecionar somente alguns momentos e características. As quais, entendemos como representativas dos eventos, das fases que a modalidade passava no Brasil – em Curitiba – e a inserção das mulheres como lutadoras. Iniciaremos tal explanação pela era *Pride*, em decorrência de ser um dos eventos pioneiros em que eram exacerbados combates entre lutadores com composições corporais muito diferenciadas. Uma das características principais dessa modalidade era o espetáculo forjado a partir de golpes impactantes e agressivos visualmente, em que os lutadores “davam o sangue” em seu sentido literal. Combates históricos foram realizados no evento Japonês, em lutas que consagravam seus vencedores, especialmente aqueles que desempenhassem papel de guerreiro, gladiador.

A era *Pride* foi responsável pela difusão do Vale-tudo/MMA no cenário Curitibano, principalmente foi palco de diversos combates envolvendo lutadores da academia Chute Boxe. A qual protagonizou enredo de rivalidade com a academia *Brazilian Top Team* do Rio de Janeiro. Esse invólucro de rivalidade é uma estratégia muito utilizada por agentes e também pelos eventos como forma de inculcar nos espectadores maior expectativa e, também, maior empatia por parte do público por um ou outro lutador. Em termos locais, eventos nos moldes do *Pride* eram realizados, dentre os quais destacamos o Meca X, realizado em Curitiba, em 2003 no Círculo Militar, sob a organização de alunos, lutadores e professores da academia Chute Boxe.

Se rememorarmos a história dos combates intermodalidades na cidade de Curitiba que ocorriam nas ruas e academias entre as décadas de 1990 e 2000, a oportunidade de sediar um evento maior em um espaço representativo como o Círculo Militar, conferia visibilidade e certa legitimidade à prática do MMA. Além desse marco, o Meca X está presente na história das mulheres lutadoras, como o primeiro evento que se tem registro com luta entre mulheres. Foi esse o ano que utilizamos como recorte temporal para identificarmos a existência da primeira geração de mulheres lutadoras de MMA, a qual denominamos: pioneiras.

A principal característica das lutadoras dessa geração foi que ainda existia a dominância de uma modalidade de luta, arte marcial ou esporte de combate, e também, a curta duração de suas carreiras. Dentre um dos motivos para esse desígnio era a inexistência de competições no Brasil, sendo necessário competir em outros países, como Estados Unidos e Japão. Embora esses dois países

apresentem-se como dominantes no cenário mundial em termos de projeção de eventos e de consumo do MMA, assumem características distintas. Enquanto os eventos realizados no Japão ofertam ao público consumidor batalhas “épicas” aos moldes de “Davi e Golias” ou ainda com a utilização de golpes aparentemente mais agressivos, como o tiro de meta, nos Estados Unidos o formato de prática e consumo assumia características também agressivas, mas com menor evidência de sangue e com golpes – também incisivos – mas não tão teatralizados como no Japão. A característica da prática do MMA e ou do Vale-tudo nos Estados Unidos foi a que prioritariamente se disseminou no Brasil com o passar dos anos.

Em nosso entendimento, outro momento marcante e representativo da modalidade no Brasil foi vivenciado partir do início da década de 2000 foi durante o que estamos chamando de era *Strikeforce*. O evento realizado nos Estados Unidos incluiu categorias femininas ao seu *card* e possibilitou às lutadoras maior visibilidade midiática. Lutadoras brasileiras tiveram a possibilidade de vislumbrar viver da profissão de lutadora de MMA ao terem sido contratadas por esse evento. Dentre as quais estão Amanda Nunes e Cris Cyborg. Concomitantemente, no Brasil já aconteciam diversos eventos de MMA que continham lutas femininas, chamamos a atenção para o evento que visibilizou as lutadoras acima mencionadas, o Storm Samurai, que de suas quinze edições teve doze realizadas em Curitiba.

Eventos com lutas unicamente femininas também foram um elemento representativo dessa segunda fase pela qual a modalidade perpassou. Em termos característicos das mulheres lutadoras de MMA da segunda geração, podemos concluir que houve um aumento significativo na quantidade de mulheres que realizaram lutas amadoras e profissionais, possivelmente em decorrência da ampliação do número de eventos que possibilitassem tal feito. Mercadologicamente, as lutas entre mulheres pareciam ser uma promessa para atrair o público, mas ainda sem uma estratégia bem delineada e condições que fizessem com que as lutadoras prosseguissem nessa profissão, como também houvesse demanda para consumir essa nova oferta.

Pelo aumento na quantidade de eventos e lutas, muitas mulheres com pouca experiência aventuraram-se no universo do MMA. Protagonizando lutas pouco técnicas e plásticas para quem assistia, associando negativamente a prática do MMA por mulheres como uma luta “feia” e pouco atrativa. Na contramão das lutadoras eventuais, estão aquelas que iniciaram nesse momento como profissionais

e que permanecem atuando e ocupando posições de destaque no cenário nacional e mundial. Dentre as lutadoras da segunda geração evidenciamos a curitibana Cris Cyborg, a qual foi e é um ícone para as mulheres lutadoras de MMA, sendo inspiração para as lutadoras mais jovens e que iniciaram no MMA quando Cyborg já galgava caminhos maiores, nos Estados Unidos.

Um terceiro momento do MMA pode ser compreendido considerando a remodelação que o UFC conferiu a esse esporte especialmente a partir do final da primeira década dos anos 2000. Ao popularizar o MMA lhe conferindo elementos de distinção e espetáculo, ao mesmo tem que aproximava diferentes “perfis” de consumidores, oferecendo a cada grupo de consumidores, o acesso que o capital econômico lhes possibilitava. Ou seja, se não é possível assistir presencialmente às lutas, é possível comprá-las e realizar assistência em casa. Foi com uma atuação incisiva baseada em um conjunto de estratégias mercadológicas que o UFC “repaginou” o MMA, o tornando um esporte passível de ser consumido por indivíduos que até poucos anos desconheciam a existência dessa manifestação esportiva.

Nesse cenário é que identificamos a existência de uma terceira geração de mulheres lutadoras de MMA. As quais foram contempladas pela difusão midiática que a modalidade já alçava, e com isso, maior o número de academias ofertando as modalidades de lutas, artes marciais, esportes de combates, eventos específicos e de MMA, empresas que conheciam tal esporte e estavam dispostas a associar seu nome a algum lutador ou lutadora em formato de apoio ou patrocínio. Quando mapeamos as lutadoras de Curitiba que atuavam profissionalmente desde os anos 2010 a partir dos registros de suas lutas no website *Sherdog* foi possível constatar que houve um movimento no sentido de ampliação na oferta de academias para que as mulheres pudessem treinar como profissionais. Com o desempenho das lutadoras, essas academias foram realocadas no subcampo do MMA, pois, nas duas primeiras “eras” academia Chute Boxe posicionava-se com dominância. Ao passo que, no momento atual, outras academias também passaram a figurar nesse cenário.

É possível constatar que o bom desempenho das mulheres oportuniza a elas ascensão mais rápida na carreira se comparado aos homens. Pois, a quantidade de lutadoras é menor que a de lutadores, por isso o caminho lhes parece – inicialmente – mais curto. As academias de lutas que investem em suas lutadoras tem se firmado

atualmente como um “negócio rentável” pela possibilidade de reposicionamento no subcampo do MMA e pela visibilidade que as atletas lhes conferem. Outra presença representativa no cenário do MMA foi Ronda Rousey, que ao atrelar desempenho esportivo ímpar com beleza física em consonância com atributos normativos de feminilidade, difundiu a modalidade e angariou novos consumidores. Rousey contribuiu de certa forma para a desconstrução de estigmas que pairavam sobre as mulheres lutadoras como também, para o início de um processo de legitimidade das mulheres no interior do subcampo do MMA.

Após identificarmos nesses três momentos – os quais, chamamos de eras –, algumas agentes, estruturas e instituições que foram representativas, seguimos com a nossa proposta de análise do subcampo do MMA tendo em vista elucidar as relações que são travadas no cerne da academia de lutas, das representações que revestem o universo dos e das lutadoras nos momentos que antecedem uma luta e os motivos que as levaram a adentrarem esse subcampo e ali permanecerem.

As informações coletadas nos permitiram constatar que a academia de lutas, apesar de sua organização e hierarquias próprias, é compreendida e vivenciada pelos agentes que ali frequentam como uma família. As relações familiares são alçadas no interior da academia de lutas com o passar do tempo e de convivência especialmente com os lutadores e lutadoras profissionais, pelo tempo que dependem nesse local, e também, pelos momentos de dor, emoções e vitórias compartilhadas com os colegas de treino. Esses, passam a ser considerados irmãos, pois, ao emprestarem seus corpos para que sejam golpeados estabelecem tacitamente um laço que os une em suas crenças, que os une em forma de *habitus*.

Os professores e treinadores, assim como os lutadores e lutadoras mais experientes, muitas vezes fazem o “papel” de pais. Ao repassarem os conhecimentos técnicos e hierárquicos a serem seguidos na academia e nas vidas. A reprodução desse formato de comportamento também ocorre nos momentos que antecedem a entrada no *cage*. Os bastidores são confiados aos mestres ou professores e a um ou dois irmãos de treino. Aqueles que treinaram juntos e sofreram juntos conferem segurança aos lutadores nesse momento tão crucial. Se nos bastidores a representação de força e coragem é desnecessária, ao sair do vestiário, o corpo deve se apresentar em prontidão para o combate. Mais do que isso, nesse momento os lutadores e lutadoras ativam cada qual a sua forma uma imagem, uma identidade virtual, uma representação. Passam ao público e aos

adversários e adversárias, a impressão que julgam importante passar. Nesse sentido, entendemos que a utilização da música e do modo de entrar compreende uma espécie de teatralização, que finda ao iniciar o combate. Por isso, propomos que o caminho entre os bastidores e o *cage* possa ser compreendido teoricamente como um caminho entre os rituais de interação – propostos por Goffman – e a incorporação da crença – proposta por Bourdieu.

A entrada e permanência das lutadoras entrevistadas no subcampo do MMA aconteceu muito em decorrência da ascensão da modalidade no cenário mundial, que reverberou também no aumento dos eventos locais e nacionais. Foi nesse cenário que as lutadoras passaram a visualizar a possibilidade de ampliar as modalidades que treinavam para competirem no MMA. Entre os argumentos para essa “migração”, estão: questões financeiras, o “desafio” de aprender novas modalidades e então competir MMA, a oferta de eventos de lutas de MMA era muito maior do que de somente uma modalidade. A entrada nesse subcampo está vinculada ao desempenho esportivo, ao capital físico que as lutadoras apresentavam com a potencialidade de ser ampliado, incorporando novos movimentos e golpes ao seu arsenal de habilidades técnicas.

Se para a entrada no MMA o capital físico foi fundamental, para a manutenção e ensejo de reposicionamento no interior dessa estrutura, outros formatos de capitais também tiveram que ser acionados. Como o capital social, para que fossem possíveis as articulações com organizadores de eventos para a inclusão de suas lutas. Como também, a inserção como professoras tanto nas academias em que treinam como em outras academias, garantindo-lhes ganhos financeiros para a manutenção nesse subcampo em que fontes advindas de patrocínios e apoios ainda são instáveis e limitadas ao bom desempenho esportivo e, conseqüentemente, o potencial de capital e poder simbólico que cada atleta e academia possuem.

O conjunto de capitais acionados e reconvertidos ao longo da estada das mulheres lutadoras de MMA entrevistadas nesse subcampo, nos possibilitou identificar a presença de um conjunto de ações próprias de mulheres nesse subcampo, o *habitus* do MMA. O qual, inicia a partir de pré-disposições que nem sempre foram concebidas no campo esportivo, mas que mesmo tendo sido formadas em um campo diferente, ao adentrar o subcampo do MMA e o universo das lutas, artes marciais e esportes de combate, tiveram identificação “quase que instantânea”.

Como o *habitus* consiste em um conjunto de disposições incorporadas pelos agentes em detrimento aos campos e posições nas quais estão inseridos, ao propormos a existência de um *habitus* do MMA estamos considerando a posição periférica que as mulheres ocupam nos esportes que tem em suas raízes elementos de reforço da masculinidade hegemônica. Nesse cenário, identificar disposições iniciais para a prática do MMA é constatar que as lutadoras mesmo não sendo nascidas nesse subcampo, têm em seus corpos disposições para a prática análogas às do campo esportivo, ou ainda, do subcampo do MMA. Pois, ao alegarem que “se encontraram” ao buscar essa modalidade, foi porque imediatamente as pré-disposições já incorporadas encontraram um espaço possível para sua ação.

Além das disposições iniciais para a ação que estão vinculadas ao capital físico, ao desempenho e a característica de ser “casca-grossa” o *habitus* das mulheres no MMA também perpassa por elementos normativos de gênero, pois quando a lutadora além do capital físico apresenta atributos de feminilidade normativa, as possibilidades de aumentar a difusão de sua imagem são aumentadas. A partir das nossas entrevistadas, também foi possível reforçar tal constatação, mas principalmente no que diz respeito ao angariamento de patrocínios.

Mesmo de maneira velada, existem elementos de reforço de dominação masculina também nas disposições constituintes do *habitus* das lutadoras, como por exemplo, nos casos em que ocorre a exaltação de alguns atributos compreendidos como “naturalmente femininos”, como unhas pintadas, cabelos longos, beleza normativa dos corpos por meio de roupas que evidenciem tais aspectos. Ainda sobre a constituição do *habitus* do MMA, a questão da violência física e da violência simbólica também atuam de maneira incisiva.

A violência física que reverbera a partir dos golpes proferidos em treinos e lutas foi compreendida por nós durante o desenvolvimento da tese como dor física. A dor física é presente na vida de atletas de tal modo que o processo de incorporação das habilidades técnicas ocorre mediante ao controle da dor. O limiar de dor das lutadoras entrevistadas é alargado a cada treino quando se acostumam a treinar lesionadas e a serem acometidas por golpes no corpo todo, sendo os mais incisivos na região da cabeça. Como também, ocorre a adaptação tanto no ato de proferir golpes que machucam os colegas de treino e adversários, quanto no ato de recebê-los e continuar no combate.

Já a violência simbólica identificada nesse subcampo é manifestada pelo número limitado de categorias de peso para as mulheres no UFC – evento que confere maior visibilidade aos lutadores – como também, a inclusão de “prefixos e sufixos de gênero”, ao mencionar as lutas femininas ou ainda o WMMA. Pois, quando se mencionam somente lutas ou MMA, automaticamente referem-se às práticas dos homens, que no campo esportivo e no subcampo do MMA são agentes dominantes, e por isso não é necessária a inclusão do “masculino”, sendo compreendido como neutro.

Todos os elementos rapidamente recuperados aqui foram imprescindíveis para finalmente localizarmos o subcampo do MMA no campo esportivo e as mulheres na estrutura do subcampo do MMA. Ao finalizar a construção do subcampo do MMA com vistas a identificar a constituição de um *habitus* próprio desse subcampo, o qual mesmo apresentando características comuns entre os gêneros, ainda apresenta o reforço do capital corporal normatizado e esteticamente considerado belo e feminino como forma de garantir às mulheres maior visibilidade midiática, transcendendo os limites do subcampo do MMA. Nessa dimensão, tanto o subcampo investigado quanto as mulheres nessa estrutura assumem posição às margens, de recém-chegados e, de acordo com termos *bourdieusianos*: dominados.

Como a ação que movimenta o interior dos campos e subcampos são as disputas acordadas entre dominantes e dominados, entendemos que assim como o MMA – em relação ao campo esportivo – quanto as lutadoras – quanto ao subcampo do MMA – articulam estratégias que visam a subversão dessa ordem a partir do angariamento de capitais que possibilitem o reposicionamento de ambos cada qual frente à estrutura mencionada.

A título de fechamento, podemos entender que as estratégias de funcionamento do subcampo do MMA a partir das vivências e experiências de mulheres lutadoras são, em uma visão mais ampla, pautadas no angariamento de capital simbólico, alicerçado em capital econômico, social e físico, os quais são articulados a fim de promover o reposicionamento da modalidade a partir da exaltação de elementos que vinculem o MMA à distinção. Quando direcionamos nosso olhar para a academia de lutas, como instituição e parte da estrutura deste subcampo, entendemos que as relações travadas nesse contexto exercem papel relevante no sentido de manutenção da prática e da representação da figura dos e das lutadoras, que correlaciona elementos de respeito mútuo, hierarquia, técnica e a



“essência” do combate, que perdura até que alguém seja derrotado ou “soe o gongo”.

O *habitus* e o subcampo do MMA se constroem e reconstroem mutuamente na dinamicidade com que as estruturas disputam a manutenção ou o reposicionamento. No entanto, ficou evidente que o MMA tal qual consumido na contemporaneidade foi moldado para atender ao mercado que, por sua vez, também foi adequado para receber o MMA. Ou seja, houve de ambas as partes investimento a fim de ajustar oferta e demanda sob um mesmo produto. Em doses homeopáticas, tal qual as nossas entrevistadas alegaram aprender a conviver com a dor, os espectadores esportivos passaram a tolerar e a consumir o MMA, o qual, ainda galga seu caminho rumo a uma possível reorganização no interior do campo esportivo.

E as mulheres? Elas estão em posição análoga à do MMA. Galgando um espaço em um universo de agentes, instituições e estruturas legítimas e dominantes. Mas, elas parecem cientes dessa posição, em que mesmo sendo duplamente dominadas têm incorporado as regras do jogo e estão jogando de acordo com os trunfos que possuem. O fato mais interessante foi que em nenhum momento de todas as nossas entrevistas e vídeos assistidos alguma lutadora se auto intitulou como “guerreira”. Entendemos, confirmando a nossa hipótese, que elas têm a essência guerreira imbricada no que lhes é mais caro: no corpo, no *habitus*. Sendo desnecessária, para tanto, a utilização da linguagem em tal reforço. Ou mesmo, sendo desnecessária a tomada de consciência, pois elas já agem nesse subcampo como jogadoras que entenderam as regras imanentes e tácitas, articulando mesmo sem se dar conta, todo o arsenal de ações e atribuições de uma “guerreira”.

O casamento bem sucedido entre subcampo e *habitus* lhes possibilita antecipar os golpes, mesmo que venham pelas costas, a evitar quedas, a suportar com firmeza a trocação, e também, a “engolir a seco” uma derrota. Tudo isso só é possível porque o ringue, o *cage* ou o octógono, são um retrato em tamanho reduzido em tempo e espaço das relações travadas no cerne do subcampo do MMA e do campo esportivo. Quando a porta for fechada, não dará mais tempo para pensar, somente para impor o seu jogo, a sua estratégia, fazer aquilo que treinou. É “mostrar para quê veio”. É “fechar a cara” e tocar as luvas, porque a luta não finda quando o combate termina.

Para as mulheres no MMA sempre é tempo de resiliência, de aguentar mais uma pancada, de levantar, colocar gelo e respirar fundo. Sempre tem mais um *round*, uma nova oportunidade pra jogar diferente. Sempre é tempo de recomeçar... It's time!

\*\*\*

Pela emergência do tema e a quantidade de possibilidades de análise, esse estudo somente apresentou um olhar sobre as mulheres no MMA que, em hipótese alguma se posiciona como determinante e finalizado. Foi um exercício inicial e relacional de conceber o MMA como esporte e as mulheres como atletas formadas e forjadas por esse *locus*. Além de novos e próximos estudos que se originarão a partir do que foi desenvolvido até esse momento, recomendamos que as informações aqui evidenciadas possam ser aplicadas em cenários distintos, mas principalmente no que tange à área da Educação Física e seus espaços de atuação, para que operem no sentido de desconstruir estigmas alicerçados tanto sobre o subcampo do MMA quanto das mulheres lutadoras.

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento. In.: Fórum de debate sobre mulher & esporte: mitos e verdades, 3. 2004, São Paulo. **Anais do III Fórum de Debate Sobre Mulher e Esporte**. São Paulo: USP, 2004. p. 31-38.

\_\_\_\_\_. **A Voz e a Escuta: Encontros e Desencontros entre a Teoria Feminista e a Sociologia Contemporânea**. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2004.

\_\_\_\_\_. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-65, jul./dez. 2003.

ADABO, G.; GONÇALVES, M.F. Esporte e violência: o jogo entre regras e concepções sociais. **ComCiência**, Campinas, n. 157, abr. 2014 .

AFONSO, G. F. **A reinvenção do Voleibol de praia**: agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada (1983-2008). 2011. 214f. Tese (Doutorado em Sociologia). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal do Paraná – Departamento de Sociologia, Curitiba, 2011.

ALBUQUERQUE, A.; MARINHO R. Robson Conceição celebra apoio da torcida, mas reprova "Uh, vai morrer". **Globo Esporte**. Rio de Janeiro, 9 ago. 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/08/robson-conceicao-celebra-apoio-da-torcida-mas-reprova-uh-vai-morrer.html>. Acesso em: 10 ago. 2016.

ALBUQUERQUE, A.; RUSSIO, M. Melhor técnico do mundo, Rafael Cordeiro quer academia no Brasil. **Combate**, Fortaleza, 6 jun. 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/06/melhor-tecnico-do-mundo-rafael-cordeiro-quer-academia-no-brasil.html>. Acesso em: 15 ago. 2015.

ALMEIDA, P. Confiante em absolvição, Rebeca Gusmão quer conciliar natação e futebol. **UOL Esporte**, São Paulo, 27 out. 2008. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/natacao/ultimas/2008/10/27/ult77u2127.jhtm>. Acesso: em: 15 set. 2015.

ALMEIDA, S. C. F. **Mixed Martial Arts (MMA) no Brasil**: masculinidades em disputa. 2016. 442f. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ALTMANN, H.; FERNANDES, S. C. Mulher e esporte: palavras iniciais sobre os desafios ao ensino na escola. **Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 8, n. 13, p. 126-140, 2014.

ANDRADE, J. Entrevista com Jessica Andrade. [abr. 2014]. Entrevistador: Danilo Gentili. 1 arquivo .mp4 (21 min e 10 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pBjhJQEYndk&t=1194s>>. Acesso em: 20 set. 2016.

ARCHETTI, E. P. **Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina**. Editorial Antropofagia, 2003.

AWI, F. **Filho teu não foge à luta**: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BARBOSA, F. **Presidente do UFC no Brasil prevê eventos "memoráveis" no País em 2016**. O dia: MMA. 2015. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/esporte/MMA/2015-09-04/presidente-do-ufc-no-brasil-preve-eventos-memoraveis-no-pais-em-2016.html>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

BARONE, M. Veterinária e árbitra de MMA, Camila Albuquerque diz: “tenho 135 lutas”. **Combate**, Rio de Janeiro, 25 fev. 2015 Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2015/02/veterinaria-e-arbitra-de-mma-camila-albuquerque-diz-tenho-135-lutas.html>. Acesso em: 15 jun. 2015.

BARONE, M.; MARINHO, R. Muito debilitada, Cyborg bate o peso e confirma presença no UFC Brasília. **Combate**. Brasília, 23 set. 2016. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/09/muito-debilitada-cyborg-bate-o-peso-e-confirma-presenca-no-ufc-brasilia.html>. Acesso em: 23 set. 2016.

BARROS, A.; LEHFELD, N. **Fundamentos de Metodologia: um guia para a iniciação científica**. McGraw-Hill, São Paulo, 1986.

BARROS, L. Carmem Casca-Grossa, pioneira do MMA feminino no Brasil, está ansiosa para ver Ronda Rousey vs Bethe Correia. **Extra Esportes/Luta**, 1 ago. 2015. Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/lutas/carmem-casca-grossa-pioneira-do-mma-feminino-no-brasil-esta-ansiosa-para-ver-ronda-rousey-vs-bethe-correia-17050133.html#ixzz3oa0onIPp>. Acesso em: 15 set. 2015.

BENETTI, F. J. **A bicha louca está fervendo**: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013). 2013. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas e da Educação – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

BERGUER, B. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 15-22.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2009a.

\_\_\_\_\_. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004c.

\_\_\_\_\_. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

\_\_\_\_\_. O camponês e seu corpo. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Senso Prático**. Petrópolis: Vozes, 2009b.

\_\_\_\_\_. **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 2004b. p. 73-79

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais das Ciências: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas**. Campinas: Papirus, 2011.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.

BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J; PASSERON, J. **O Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **Os Herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

BOURDIEU, P; WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199**, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo país. Presidência da República, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1941. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm)>. Acesso em: 25 out. 2013.

BRITO, A. Conheça a brasileira que estará na primeira luta gay do UFC. **MMA**. 26 jul. 2013. Disponível em: <https://esportes.terra.com.br/lutas/mma/conheca-a-brasileira-que-estara-na-primeira-luta-gay-do-ufc,8afadd37fa810410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 15 out. 2016.

BRUM, A. **“Mulheres que lutam”**: as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade. 2016. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

\_\_\_\_\_. Curitiba é rota de acesso ao lucrativo octógono do UFC. **Gazeta do Povo Esportes**, Curitiba, 15 nov. 2010. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/curitiba-e-rota-de-acesso-ao-lucrativo-octogono-do-ufc-0pj8qy0ht0iecs1215o8rv1am>. Acesso em: 5 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Keiko, Sarah e Rena: três ícones do judô mundial**. Anais do XIII Congresso de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Londrina: agosto de 2014. p. 6-13.

BUTLER, J. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex,"** New York: Routledge. 1993.

\_\_\_\_\_. **Corpos que pesam:** sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p. 151-172.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade.** Civilização Brasileira, 2003.

CAMILO, J. A. O. **Trabalhador, ídolo, sobrevivente, "casca-grossa":** um estudo sobre versão de atleta de *Mixed Martial Arts*. 2016. 178f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Pós-graduação em Psicologia Social, São Paulo, 2016.

CANAL COMBATE. **Baú do MMA: rivalidade: BTT x Chute Boxe. 26 nov. 2014.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Z8dyju0MM\\_U](https://www.youtube.com/watch?v=Z8dyju0MM_U). Acesso em: 5 ago. 2015.

CARDOSO, B. L. C. et al. Dimensões socioculturais do boxe: percepção e trajetória de mulheres atletas. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 139-154, fev. 2015.

CARDOSO, B. L. C. et al. Mulheres no boxe: Percepções sociais de uma luta sem luvas e fora dos ringues. **Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 259-268. 2012.

CARREIRÃO GONÇALVES, M.; TURELLI, F. C.; VAZ, A.F. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 141-158, 2012.

CICOUREL, A. V. As manifestações institucionais e cotidianas do habitus. **Tempo social**, São Paulo, v.19, n.1, p.169-188, 2007.

COMBATE. Arianny Celeste dispara contra Ronda. **Notícia**, Las Vegas, 25 fev. 2015b. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2015/02/arianny-celeste-dispara-contraronda-ela-nao-passa-de-uma-valentona.html>>. Acesso em: 26 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Claudia Gadelha inaugura peso palha no UFC. **Notícia**, Las Vegas, 11 jun. 2014a. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2014/06/claudia-gadelha-inaugura-peso-palha-no-ufc-em-julho-contralahdemaki.html>>. Acesso em: 20 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Diaz x McGregor 2 quebra recorde de pay-per-view. **Notícia**, Rio de Janeiro, 8 set. 2016b. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/09/curtinhas-diaz-x-mcgregor-2-quebra-recorde-de-pay-view-diz-site.html>. Acesso em: 15 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Primeira campeã peso palha do UFC. **Notícia**, Las Vegas, 13 dez. 2014b. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2014/12/primeira-campea-peso-palha-do-ufc-esparza-fatura-bonus-de-performance.html>. Acesso em: 6 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Relembre os melhores momentos de Wanderlei Silva pelo Pride no Japão. **Notícia**, Rio de Janeiro, 2 mar. 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/03/relembre-os-melhores-momentos-de-wanderlei-silva-pelo-pride-no-japao.html>. Acesso em: 16 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Sei que não tenho os maiores seios, mas quero ser uma lenda. **Notícia**, Nova York, 2 nov. 2016a. Disponível em: [http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/11/sei-que-nao-tenho-os-maiores-seios-mas-quero-ser-uma-lenda-diz-joanna.html?utm\\_source=Facebook&utm\\_medium=Social&utm\\_content=Esporte&utm\\_campaign=globoesportecom](http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/11/sei-que-nao-tenho-os-maiores-seios-mas-quero-ser-uma-lenda-diz-joanna.html?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_content=Esporte&utm_campaign=globoesportecom). Acesso em: 2 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Teaser de lutadores e lutadoras.** 2016c

\_\_\_\_\_. UFC teve receita recorde de US\$ 600 milhões em 2015, diz Lorenzo Fertitta. **Notícia**. Las Vegas, 29 dez. 2015a. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2015/12/ufc-teve-receita-recorde-de-us-600-milhoes-em-2015-diz-lorenzo-fertitta.html>. Acesso em: 12 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Vale-tudo, TUF, MMA feminino... Os 20 anos do Ultimate em capítulos. **Notícia**. Rio de Janeiro, 13 nov. 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/11/Vale-tudo-tuf-mma-feminino-os-20-anos-do-ultimate-em-capitulos.html>. Acesso em: 10 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Confira todos os resultados e próximas edições do UFC em 2015.** **Notícia**, Rio de Janeiro, 4 jan. 2015d. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2015/01/confira-todos-os-resultados-e-proximas-edicoes-do-ufc-em-2015.html>. Acesso em: 10 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. TUF Brasil 4: Anderson recebe notícia de doping, se emociona e sai do reality. **TUF Brasil**. Las Vegas, 20 abr. 2015c. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/lutas/tuf-brasil/noticia/2015/04/tuf-brasil-4-anderson-recebe-noticia-de-doping-se-emociona-e-sai-do-reality.html>. Acesso em: 10 set. 2015.

CONNELL, R. W; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CORDEIRO, R. **PVT entrevista Rafael Cordeiro**. [jul. 2012]. Entrevistador: Portal do Vale Tudo. 1 arquivo .mp4 (8 min e 31seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IsdiKt1XT50>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

CORRÊA, J. Sem medo de dar vexame Bellator pressiona UFC ao pensar fora da caixinha. **Blog: Na Grade do MMA**. 23 jun. 2015. Disponível em: <http://nagradedomma.blogosfera.uol.com.br/2015/06/23/sem-medo-de-dar-vexame-bellator-pressiona-ufc-ao-pensar-fora-da-caixinha/>. Acesso em: 20 jul. 2015.

CORREIA, D. Jungle Fight o caminho mais curto para chegar ao UFC. **Veja Esporte**. 27 ago. 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/jungle-fight-o-caminho-mais-curto-para-chegar-ao-ufc-ismail-dana-white/>. Acesso em: 20 jul. 2015.



CORREIA, W. R; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**. Rio Claro, v.16 n.1 p.01-09, 2010.

CRUZ, E. Exclusivo: Rudimar Fedrigo comenta lutas do UFC 198 e injustiça com Cris Cyborg. **O Globo**. 13 mai. 2016. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/mma/post/exclusivo-rudimar-fedrigo-comenta-lutas-do-ufc-198-e-injustica-com-cris-cyborg.html>. Acesso em 22 mai. 2016.

CRUZ, G. Pink Fight define primeiro cinturão na praia. **Tatame**. 8 fev. 2012. Disponível em: <http://www.tatame.com.br/tatame/pink-fight-define-primeiro-cinturao-na-praia>. Acesso em: 7 ago. 2015.

CRUZ, L. **Esporte e mobilidade social: estudo a partir do centro de excelência do Basquetebol/Paraná Basquete**. 109p. Dissertação. (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

CYBORG, C. **Entrevista com Cris Cyborg**. [abr. 2015]. Entrevistador: Floresto Scarpelli. 1 arquivo .mp3. (14 min e 47 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AZAnVDYG6VU>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Programa a Bela e a Fera**. [dez. 2012]. Entrevistador: José Pelé Landy. 1 arquivo .mp4. (13 min e 31 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ASwDIXZQv7U>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Cris Cyborg comenta participação no UFC de Curitiba**. [abr. 2016]. Entrevistador Portal do Vale Tudo. 1 arquivo .mp4. (3 min e 19 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RJlp40-2g9c>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

DAMO, A. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DEHÒ, M. Da roça ao UFC, brasileira levanta bandeira gay contra rival também homossexual. **Blog na grade do MMA**. 23 jul. 2013. Disponível em: <http://nagradedomma.blogosfera.uol.com.br/2013/07/23/da-roca-ao-ufc-brasileira-levanta-bandeira-gay-contra-rival-tambem-homossexual/>. Acesso em 23 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Primeira árbitra do UFC diz que pais abusivos a levaram a lutar e vê MMA machista. **Notícias**. São Paulo, 12 mar. 2012. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/lutas/vale-tudo/ultimas-noticias/2012/03/12/primeira-arbitra-do-ufc-diz-que-pais-abusivos-a-levaram-a-lutar-e-ve-mma-machista.htm>. Acesso em: 20 abr. 2015.

DERÓS, C. C.; GOELLNER, S. V. As Mulheres na Gestão do Esporte Brasileiro: um estudo pioneiro. **Movimento**. Porto Alegre. Vol. 15, n. 2 (abr./jun. 2009), p. 235-242, 2009.

DEVIDE, F. P. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.1, p.93-103. Jan./mar. 2011

DISCOVER UFC. Regras e regulamentos. **O Esporte**. Disponível em: <<http://br.ufc.com/discover/sport/rules-and-regulations>>. Acesso em: 10 ago.2014.

DUARTE, S. **Dama de aço**. 2003. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe-temp/1785/1785gente.htm>> Acesso em: 28 ago. 2015.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. **Em busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

ENTREVISTADA 1, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (26 min e 21 seg).

ENTREVISTADA 2, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min e 3 seg).

ENTREVISTADA 3, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (120 min e 3 seg).

ENTREVISTADA 4, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (23min e 11 seg).

ENTREVISTADA 5, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (17 min e 31 seg).

ENTREVISTADA 6, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (34 min e 16 seg).

ESPN. **Quem somos**. 2016b. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/quemsomos>. Acesso em: 25 ago. 2016.

ESPNW. MMA e o preconceito com a mulher: 'Açam que você vai na academia para arrumar namorado'. **Notícias**. 2016a. Disponível em: <http://espnw.espn.uol.com.br/mma-e-o-preconceito-com-a-mulher-acham-que-voce-vai-na-academia-para-arrumar-namorado/>. Acesso em 28 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Um cinturão contra o preconceito: Amanda divide treinos e vida com namorada lutadora. **Notícias**. 10 jul. 2016b. Disponível em: <http://espnw.espn.uol.com.br/um-cinturao-contra-o-preconceito-amanda-divide-treinos-e-vida-com-namorada-lutadora/>. Acesso em 10 jul. 2016.

ESPORTE INTERATIVO, Dana White afirma que UFC vale mais de 8 bilhões de reais. 2014. **Notícias**. Disponível em: <<https://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/dana-white-afirma-que-ufc-Vale-mais-de-8-bilh%C3%B5es-de-reais-230545718.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

FEDRIGO, R. **Entrevista com o grão mestre Rudimar Fedrigo**. [jul. 2015]. Entrevistador: Floresto Scarpelli. 1 arquivo .mp3 (55 min e 4 seg). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Yzj1UEVQr1E>>. Acesso em: 10 de setembro de 2015.

FERNANDES, F. M. B. **Considerações Metodológicas sobre a Técnica da Observação Participante**. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. Caminhos para análise das políticas de saúde, 2011.

FERREIRA, A. UFC faz movimento em academia de artes marciais crescer 80%. **Economia**. 16 jan. 2013. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/16/donos-de-academias-lucram-com-oferta-de-aulas-de-lutas-para-fans-do-ufc.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2014.

FERREIRA, F. D. C. **A inserção do kung fu no Brasil na perspectiva dos mestres pioneiros**. 2013. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Pós-graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

FERRETTI, M. A. C. **A formação da lutadora: estudo sobre mulheres que praticam modalidades de luta**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos do Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FERRETTI, M. A. C.; KNIJNIK, J.D. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 57-80, 2007

FILHO, P. P. A. O. **Ringues de gênero: representações sobre a feminilidade entre praticantes de boxe**. 273p. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

FONTES, O; BORELLI, F. C; CASOTTI, L. M. Como ser homem e ser belo? Um estudo exploratório sobre a relação entre masculinidade e o consumo de beleza. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 400-432, 2012.

FRANKLIN, A. Reebok, UFC e a nova era do MMA. **MKT Esportivo**. 24 jul. 2015. Disponível em: <http://www.mktesportivo.com/2015/07/reebok-ufc-e-a-nova-era-do-mma/>. Acesso em: 30 nov. 2016.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GADELHA, C. **MMA Em família**. [fev. 2016]. Entrevistadora: Maria Isabel Barroso Salgado. Arquivo .mp4. (25 min e 9 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i8idmQQiiDI&t=910s>>. Acesso em: 10 out. 2016.

GALVÃO, G. V. Primeira brasileira a lutar no UFC quer dar show e quebrar barreiras no MMA. **Tatame**. 4 jun. 2013. Disponível em: <http://www.tatame.com.br/tatame/primeira-brasileira-a-lutar-no-ufc-quer-vencer-e-quebrar-barreiras-no-mma>. Acesso em: 22 jul. 2016.

GARCÍA, R. S.; MALCOM, D. Decivilizing, civilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts. **International Review for the Sociology of Sport**. v. 45, n. 1, p. 39-58, 2010.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais**. In.: M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Orgs.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GLOBO ESPORTES. MMA fitness agita as academias. **Globo Esporte**. 21 fev. 2012. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/globo-esporte/v/globo-esporte-df-mma-fitness-agita-as-academias/1823026>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

GLOBOTV. Mário Yamasaki explica regras do MMA. **The Ultimate Fighter Brasil**. 20 mar. 2012b. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/the-ultimate-fighter-brasil/t/ultimos/v/mario-yamasaki-explica-as-regras-do-mma/1866245/>>. Acesso em: 4 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Técnicos explicam como trabalham os lutadores do TUF Brasil. **The Ultimate Fighter Brasil**. 3 mai. 2012a. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/the-ultimate-fighter-brasil/t/ultimos/v/tecnicos-explicam-como-trabalham-os-lutadores-do-tuf-brasil/1931476/>>. Acesso em: 4 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Time Nogueira arma emboscada para equipe adversária e brincadeira acaba em discussão. **The Ultimate Fighter Brasil**. 13 mai. 2013b. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/the-ultimate-fighter-brasil/t/ultimos/v/time-nogueira-arma-emboscada-para-equipe-adversaria-e-brincadeira-acaba-em-discussao/2569687/>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Time Nogueira revida brincadeira da equipe Werdum, mas se engana e se dá mal. **The Ultimate Fighter Brasil**. 31 mar. 2013a. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/the-ultimate-fighter-brasil/t/ultimos/v/time-nogueira-revida-brincadeira-da-equipe-werdum-mas-se-engana-e-se-da-mal/2490917/>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Treinador do Time Nogueira é sequestrado e tem cabeça raspada dentro de uma van. **The Ultimate Fighter Brasil**. 27 mai. 2013c. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/the-ultimate-fighter-brasil/t/ultimos/v/treinador-do-time-nogueira-e-sequestrado-e-tem-cabeca-raspada-dentro-de-uma-van/2597217/>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Treinadores do TUF Brasil explicam suas técnicas de aquecimento antes das lutas. **The Ultimate Fighter Brasil**. 16 mai. 2012c. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/the-ultimate-fighter-brasil/t/ultimos/v/treinadores-do-tuf-brasil-explicam-suas-tecnicas-de-aquecimento-antes-das-lutas/1950377/>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, 2010.

\_\_\_\_\_. A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. **Motrivivência**, n. 16, 2008.

\_\_\_\_\_. As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 47-57, 1998.

\_\_\_\_\_. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí, 2003.

\_\_\_\_\_. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, v. 17, n. 34, p. 45-52, 2013.

\_\_\_\_\_. Imperativos do ser mulher. **Motriz**, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 40-42, 1999.

\_\_\_\_\_. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.

\_\_\_\_\_. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, 2005.

GOFFMAN E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. **Os momentos e seus homens**. Relógio D'Água: Lisboa, 1999.

\_\_\_\_\_. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2012b.

GOLDENBERG, M (org.), **Nu e Vestido**: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em movimento**, v. 2, p.115-123, 2006.

GONÇALVES, A. V. L; SILVA, M. R. S. Artes Marciais e Lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da Educação Física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências de Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, 2013.

GRACIE, K. **Kyra Gracie fala sobre dieta e feminilidade**. [set. 2015]. Entrevistadora: Gabriela Pugliesi. 1 arquivo .mp4. (11 min e 35 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ws8vfjPP6Uk>>. Acesso em: 18 set. 2016.

GRACIEMAG, **A volta do Pride FC ao mundo do MMA?** 28 jul. 2015. Disponível em: <http://www.graciemag.com/pt/2015/07/a-volta-do-pride-fc-ao-mundo-do-mma>. Acesso em: 5 ago. 2015.

GRANT, T.P. MMA Origins: The Gracie Era in the UFC. **Bloody Elbow**. 8 abri. 2012. Disponível em: <http://www.bloodyelbow.com/2012/4/8/2926660/mma-origins-Royce-Gracie-UFC-MMA-History-Dan-Severn-Ken-Shamrock-ninjutsu>. Acesso em: 20 jul. 2015.

GREEN, K. It hurts so it is real: sensing the seduction of mixed martial arts. **Social & Cultural Geography**. v. 12, n. 4, p. 377-39, 2011.

\_\_\_\_\_. Tales from the mat: narrating men and meaning making in the Mixed Martial Arts gym. **Journal of Contemporary Ethnography**. V. 45, n. 4, p. 419–450, 2016.

GRESPLAN, C. L. **Mulheres no octógono**: performatividades de corpos e sexualidades. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GRESPLAN, C. L; GOELLNER, S. V. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. **Movimento** (ESEF/UFRGS), Porto Alegre, p. 1265-1282, 2014.

\_\_\_\_\_. **As mulheres no octógono: esportes e atravessamentos de fronteiras**. VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. Matinhos/PR. 2014. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/view/5940>. Acesso em 30 jun. 2015.

GUIMARÃES, F. C. **Práticas sociais do consumo pelo êxtase**: artes marciais mistas, masculinidade e o novo esporte-entretenimento. 2014. 98f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Pós-graduação em Sociologia – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.

HIROSE, A.; PIH, K. K. Men Who Strike and Men Who Submit: Hegemonic and Marginalized Masculinities in Mixed Martial Arts. **Men and Masculinities**. v. 13, n. 2, p. 190-209, 2009.

HISSA, A. Conheça as pioneiras que abriram as portas do MMA para mulheres. **Combate**. Rio de Janeiro, 23 fev. 2013 Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/02/conheca-pioneiras-que-abriram-portas-do-mma-para-mulheres.html>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

INVICTA FC. Invicta Fight Championship. 2016. Disponível em: <http://www.invictafc.com/>. Acesso em: 30 jan. 2016.

ISMAIL, W. **Wallid Ismail compara Pink Fight 2 com TUF 1**. [mar. 2012]. Entrevistador: Portal do MMA. 1 arquivo .mp4. (5 min e 26 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cn6ZPxQes7w>>. Acesso em: 15 out. 2015.



JAEGER, A. A. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. 2009. 237f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. O músculo estraga a mulher? a produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, v.19, n.3, p. 955-976, 2011.

JOLY, X. Cris Cyborg: A máquina do Mixed Martial Arts. **Combat Sports**. Edição 44, Setembro/Outubro, 2008.

KESSLER, C.S. **Mais do que Barbies e Ogras: uma etnografia do Futebol de Mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. 375f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KICKHOFEL, E. H. P. A lição de anatomia de Andreas Vesalius e a ciência moderna. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 389-404, 2003.

KNAPP, S. Invicta Fight Championship. **About**. 2014. Disponível em: <http://www.invictafc.com/about-us/>. Acesso em: 27 abr. 2014.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Adeus ao Corpo**. Papirus: Campinas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Antropologia da dor**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

\_\_\_\_\_. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Condutas de Risco**. Autores Associados: Campinas, 2009.

LEITE, V. H. C. Paixão vs Negócios: Relembrando os bons tempos do Pride FC. **Primeiro Round**. Curitiba, 26 out. 2013. Disponível em: <http://www.primeiroround.com.br/mmaup/item/502-paix%C3%A3o-vs-neg%C3%B3cios-relembrando-os-bons-tempos-do-pride-fc.html#>. Acesso em: 15 jul. 2015.

LESSA, P.; VOTRE, S. J. Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuais nos testes de feminilidade na olímpiada de 1968. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 263-279, 2013.

LISE, S. R. **Entre diretos, cinturas avant, chaves de braço e rabos de arraia: os primórdios dos combates intermodalidades na cidade do Rio de Janeiro (1909-1929)**. 149 f. Dissertação (mestrado em Educação Física). Departamento de Educação Física - Universidade Federal do Paraná, 2014.

LOURO, G. L.. Teoria queer: uma política pós-identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.



LOVISOLO, H; SOARES, A. J; BARTHOLO, T. L. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 165-191, 2006.

LYSTAD, R.P.; GREGORY K.; WILSON J. The Epidemiology of Injuries in Mixed Martial Arts: A Systematic Review and Meta-analysis. **Orthopaedic Journal of Sports Medicine**. n.1, v.2, 2014.

MARCELLO, C. **Cristiano Marcello relembra lutas no Ginásio do Círculo Militar**. [mai. 2013]. Portal do Vale Tudo. 1 arquivo .mp4 (3 min e 47seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LhowywDp-Yo>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

MARCHI JÚNIOR, W. “Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000). 2001. 267 f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, 2001.

\_\_\_\_\_. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**. v. 5, n. 1, p. 46-67, 2016.

MARIANTE NETO, F. P. **Jabs, diretos, low kicks e duple lags no processo civilizador**: Uma leitura elisiana das *Artes Marciais Mistas*. 2016. 190f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARQUES, J. C. A falação esportiva (o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol). In: **Intercom** – XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador.

MARTA, F. E. F. **A memória das lutas**: as artes marciais e sua presença na cultura corporal de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2010

MATHIAS, M. B; RUBIO, K. As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 24, n. 2, 2010.

MATOS A. UFC vs PRIDE: Diferença nas regras. **MMA Brasil**. 22 jul. 2009b. Disponível em: <<http://www.mmabrasil.com.br/ufc-vs-pride-diferenca-nas-regras>> Acesso em: 10 set. 2015.

MEDEIROS, C. C. C. Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v.17, n.1, p. 281-300, janeiro. 2011.

MEZZAROBBA, C; CONCEIÇÃO, D. M da. “Os herdeiros”: questões sobre o campo esportivo. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 317-340, 2014.

MIERZWINSKI, M.; VELIJA, P.; MALCOLM, D. Women's Experiences in the Mixed Martial Arts: A Quest for Excitement? **Sociology of Sport Journal** v. 31, n. 1, p 66-84, 2014.

MISKOLCI, R. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria queer. **Revista Florestan**, ano 1, n. 02, p. 08-25, novembro, 2014.

\_\_\_\_\_. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182

MMARISING. **The Unified Women's Mixed Martial Arts Rankings**. Disponível em: <http://www.mmarising.com/rankings/unified-womens-mixed-martial-arts-rankings/>. Acesso em: 30 dez. 2016.

MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 515-526, Junho. 2006.

MOREIRA, T.S. **O voleibol feminino no Brasil: do amadorismo à profissionalização**. Curitiba, 2009. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Departamento de Educação Física - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MOURÃO, L. **A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização**. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro: 1998.

\_\_\_\_\_. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, n 13, p. 5-18, 2000.

MOURÃO, L; SOUZA, G. C. Narrativas sobre o sul americano de judô de 1979: a legalização do judô feminino no Brasil. In: **Garimpando memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança**. Goellner, S. V; Jaegger, A. (Org). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

NASCIMENTO, P. H. **Mulheres no pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras**. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

NISHI, F. Conheça "The Four Horsewomen" o grupo de Ronda Rousey. **Dama de Ferro**. 6 mar. 2014. Disponível em: <http://damadeferromma.com/conheca-the-four-horsewomen-o-grupo-de-ronda-rousey/>. Acesso em: 27 out. 2016.

NOBLAT, G. Bahia é palco do Pink Fight no domingo. **O Globo**. 24 jan. 2012. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/mma/post/bahia-palco-do-pink-fight-no-domingo-427992.html>. Acesso em: 9 jul. 2015.

NUNES, C. R. F. **Corpos na arena: um olhar etnográfico sobre a prática das artes marciais combinadas**. 251 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

O ESTADO DO PARANÁ. Meca World Vale Tudo agita Curitiba. **Esportes**. Curitiba, 16 dez. 2003. Disponível em: < <http://www.tribunapr.com.br/esportes/meca-world-vale-tudo-tudo-agita-curitiba/> >. Acesso em 10 abr. 2014.

O GLOBO. Rebeca Gusmão é banida da natação. **Esportes**. 6 set. 2008. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rebeca-gusmao-banida-da-natacao-3833566>. Acesso em: 11 jan. 2015.

OSÓRIO, G.P.A. **Possibilidades e limites da dança para o empoderamento das mulheres**: um olhar da saúde coletiva. 2015. 145f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo – Faculdade de Medicina, São Paulo, 2015.

PARANÁ ONLINE. Elas são atração do Meca World. **News**. Curitiba, 20 dez. 2003. Disponível em: <http://www.parana-online.com.br/editoria/cidades/news/68907>. Acesso em: 20 ago. 2015.

PARDINI, Dolores P.. Alterações hormonais da mulher atleta. **Arquivos Brasileiros Endocrinologia e Metabolismo**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 343-351, 2001.

PASSOS, A. D. et al. As origens do “Vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1153-1173, jul./set. 2014.

PEREIRA, E. G. B.; PONTES, V. S.; RIBEIRO, C. H. V. Revelações dos fotógrafos esportivos brasileiros sobre relações de gênero. **Motricidade**. Ribeira de Pena, v. 11, n. 1, p. 126-134, 2015.

PFISTER, G.; RADTKE, S. Mulheres Tomando a Liderança ou mulheres tomando a liderança nas organizações esportivas alemãs. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 91-129, abr. 2008.

PINHO, A. C. **Em OFF com Ana Carolina Pinho**. [out. 2013]. Entrevistadora: Bianca Alves. 1 arquivo .mp4 (21 min e 7 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jR2LnBCa-dc>. Acesso em: 15 out. 2015.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

PIRES, A. Keiko Fukuda primeira mulher 10º dan. **Judo**. Cascais, 18 ago. 2011. Disponível em: <http://judoabve.blogspot.com.br/2011/08/keiko-fukuda-primeira-mulher-10-dan.html>. Acesso em: 1 set. 2014.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe**. São Paulo, n.14, 2014.

PISCITELLI, A. “**Recriando a (categoria) mulher?**” In: ALGRANTI, Leila (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. (Textos Didáticos, n. 48).

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200 – 212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3 – 13, 1989.

PRIMEIRO ROUND. **Eventos.** Disponível em: <http://www.primeiroround.com.br/eventos.html>. Acesso em: 10 out. 2015a.

\_\_\_\_\_. **Pink Fight 3 agrada o público.** Curitiba, 19 jan. 2014. Disponível em: <http://www.primeiroround.com.br/noticias/item/4571-pink-fight-3-agrada-o-p%C3%BAblico-com-excelentes-lutas-veja-como-foi-o-evento-feminino.html>. Acesso em: 7 nov. 2014.

PRIMEIRO ROUND. Charyana Correia, a nova árbitra de MMA da associação paranaense de lutas. **Notícias.** Curitiba, 11 ago. 2015b. Disponível em: <http://www.primeiroround.com.br/noticias/item/6858-conhe%C3%A7a-charyana-correia-a-nova-%C3%A1rbitra-de-mma-da-associa%C3%A7%C3%A3o-paranaense-de-lutas.html#.Vxzv2vkrLIU>. Acesso em: 29 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Medicina da Luta.** Revista Primeiro Round. Edição 16. 2011.p. 66-67. Disponível em: <http://www.primeiroround.com.br/revista/revista16/>. Acesso em: 23 set. 2016.

PRODUTOR. **Entrevista.** [nov. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (15 min e 16 seg).

RAINEY C.E. Determining the Prevalence and Assessing the Severity of Injuries in Mixed Martial Arts Athletes. **North American Journal of Sports Physical Therapy : NAJSPT.** v. 4, n. 4. p 190-199. 2009.

RAUPP, I. Folclórica Carmen Casca-Grossa graduou o marido e 'finalizou' ladrão. **Combate.** Belém, 27 nov. 2012. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2012/11/folclorica-carmen-casca-grossa-deu-faixa-preta-ao-marido-e-finalizou-ladrao.html>. Acesso em: 12 set. de 2015.

RESENDE, I. Ex-militar e homossexual: conheça Liz Carmouche, a mulher que quer desbancar Ronda. **ESPN.** 22 fev. 2013. Disponível em: [http://espn.uol.com.br/noticia/311575\\_ex-militar-e-homossexual-conheca-liz-carmouche-a-mulher-que-quer-desbancar-ronda](http://espn.uol.com.br/noticia/311575_ex-militar-e-homossexual-conheca-liz-carmouche-a-mulher-que-quer-desbancar-ronda). Acesso em: 13 set. 2016.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, Dezembro, 2008.

RIGO, L. C. et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3, 2008.

RIO 2016. **Esportes Olímpicos.** Disponível em: <http://www.rio2016.com/os-jogos/esportes/olimpicos>. Acesso em: 10 ago. 2014.

RODRIGUES, C. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. Sexualidad, Salud y Sociedad. **Revista Latinoamericana**, Norteamérica, mar. 2012.

RODRIGUES, E. "Luta do século" completa cinco anos. **Combate.** 5 fev. 2016, Las Vegas. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/02/luta-do->

seculo-completa-cinco-anos-relembre-duelo-entre-spider-e-belfort.html. Acesso em: 29 set. 2016.

RODRIGUES, E. Ronda detona ring girl: não teria trabalho se não fossem os lutadores. **Combate**. Torrance, 26 fev. 2015. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2015/02/ronda-detona-ring-girl-nao-teria-trabalho-se-nao-fossem-os-lutadores.html>. Acesso em: 25 out. 2016.

RODRIGUES, E.; BARONE, M.; RUSSIO M. A caça da Leoa: Conheça a trajetória de Amanda Nunes ao cinturão do UFC. **Combate**. Las Vegas, 7 jul. 2016. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/07/caca-da-leoa-conheca-trajetoria-de-amanda-nunes-ao-cinturao-do-ufc.html>. Acesso em: 8 jul. 2016.

RODRIGUES, E.; BARONE, M.; RUSSIO M. Primeira campeã gay do UFC, Amanda diz: “Incrível, sou feliz comigo mesma”. **Combate**. Las Vegas, 10 jul. 2016. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2016/07/primeira-campea-gay-do-ufc-amanda-diz-incrivel-sou-feliz-comigo-mesma.html>. Acesso em: 23 ago. 2016.

RODRIGUES, E.; RAUPP, I.; RUSSIO, M. Wand diz que UFC supera Pride como maior evento de MMA da história. **Combate**. Las Vegas, 13 nov. 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/11/wand-diz-que-ufc-supera-pride-como-maior-evento-de-mma-do-mundo.html>. Acesso em: 20 ago. 2015.

ROMERO, E. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. **Mulher & Esporte**, 2004.

ROUSEY, R. **Minha luta**: sua luta. São Paulo: Abajour Books, 2015.

RUDINICK F. Inspirado em UFC torneios menores mostram o lado B do octógono. **Gazeta do Povo Esportes**. Curitiba, 22 abr. 2016a. Disponível em: [http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/lutas/inspirado-em-ufc-torneios-menores-mostram-lado-b-do-octogono-253urdj30jtu8cy97yv8um3h3?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=midia-social&utm\\_campaign=midia-social](http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/lutas/inspirado-em-ufc-torneios-menores-mostram-lado-b-do-octogono-253urdj30jtu8cy97yv8um3h3?utm_source=facebook&utm_medium=midia-social&utm_campaign=midia-social). Acesso em: 30 mai. 2016.

RUDINICK, F. Modelo faz sucesso no MMA paranaense e sonha em ser ring girl do UFC. **Gazeta do Povo Esportes**. Curitiba, 22 abr. 2016b. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/lutas/modelo-faz-sucesso-no-mma-paranaense-e-sonha-em-ser-ring-girl-do-ufc-47rngg7mxmqkr2ewrlfhcx253>. Acesso em: 30 mai. 2016.

SALVINI, L. MARCHI JÚNIOR, W. Mais do que uma “questão de peso”: análise do conteúdo dos discursos de rivalidade entre as lutadoras de MMA. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 795-808, 2016.

SALVINI, L. **Novo Mundo Futebol Clube e o “velho mundo” do futebol: considerações sociológicas sobre o *habitus* esportivo de jogadoras de futebol**. 180p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Departamento de Educação Física - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

SALVINI, L; SOUZA, J; MARCHI JUNIOR, W. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 3, p. 401-10, 2012.

\_\_\_\_\_. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 559-569, 2015.

SANFELICE, G.R. Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 137-153, 2010.

SANTOS JUNIOR, R.B. **Perda de peso em atletas brasileiros de artes marciais mistas - MMA**: prevalência, magnitude, métodos e sintomas vivenciados. 2016. 69f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná – Departamento de Educação Física, Curitiba, 2016.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. v.20 n.2, 1995.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.

SHERDOG. **Ana Michele Tavares**. 2016a. Disponível em: <http://www.sherdog.com/fighter/Ana-Michelle-Tavares-10142>. Acesso em 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Bellator**. 2016n. Disponível em: <http://www.sherdog.com/organizations/Bellator-MMA-1960>. Acesso em 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Chris Schroeder**. 2016f. Disponível em: <http://www.sherdog.com/fighter/Chris-Schroeder-15031>. Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Cristiane Justino**. 2016c. Disponível em: <http://www.sherdog.com/fighter/Cristiane-Justino-14477>. Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Elaine Santiago de Lima**. 2016h. Disponível em: <http://www.sherdog.com/fighter/Elaine-Santiago-de-Lima-12846>. Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Fatal Femmes Fighting. **Call of de wild**. 2016j. Disponível em: <http://www.sherdog.com/events/FFF-4-Call-of-the-Wild-6899>. Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Fatal Femmes Fighting. **War of the roses**. 2016i. Disponível em: <http://www.sherdog.com/events/FFF-3-War-of-the-Roses-5820>. Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Gina Carano**. 2016l. Disponível em: <http://www.sherdog.com/fighter/Gina-Carano-16535>. Acesso em: 20 dez. 2016.



\_\_\_\_\_. **Juliana Werner.** 2016e. Disponível em: <http://www.sherdog.com/fighter/Juliana-Werner-13337>. Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Marise Vitoria.** 2016g. Disponível em: <http://www.sherdog.com/fighter/Marise-Vitoria-20066>. Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Pink Fight.** 2016o. Disponível em: <http://www.sherdog.com/organizations/Pink-Fight-4381>. Acesso em 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Ranking. WMMA pound for pound.** 2016k. Disponível em: <http://www.sherdog.com/news/rankings/Sherdogcoms-WMMA-PoundforPound-Top-10-109411>. Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Storm Samurai.** 2016b. Disponível em: <http://www.sherdog.com/organizations/Storm-Samurai-418>; Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Strikeforce.** 2016m. Disponível em: <http://www.sherdog.com/organizations/Strikeforce-716>. Acesso em: 22 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Ultimate Fighting Championship.** 2016p. Disponível em: <http://www.sherdog.com/organizations/Ultimate-Fighting-Championship-2>. Acesso em: 25 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Vanessa Porto.** 2016d. Disponível em: <http://www.sherdog.com/fighter/Vanessa-Porto-12311>. Acesso em: 22 jul. 2016.

SILVA, B.B.P.O. **Mulheres nos esportes de combate em Curitiba-PR.** 2015. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná – Departamento de Educação Física, Curitiba, 2015.

SILVA, E.M; RABELO, I.; RUBIO, K. A dor entre atletas de alto rendimento. **Revista brasileira de psicologia do esporte**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 79-97, 2010.

SILVEIRA, V. T. **Tecnologias e a mulher atleta: Novas possibilidades de corpos e sexualidades no esporte contemporâneo.** Tese (doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). 149f. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SILVEIRA, V. T.; VAZ, A. F. Corpo feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 36, 2014.

SOARES, A. J. G. et al. jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, agosto. 2011.

SOARES, C. L. Da menarca ao debate sobre gênero: a educação do corpo feminino na Revista Brasileira de Ciências do Esporte. **Gênero**, Niterói, v. 7, n. 2, p. 27-38, 1º. sem. 2007.

SOUZA, Diogo. Copa Striker's House revelou talentos do MMA em Curitiba. **Esportes**. Curitiba, 20 abr. 2015. Disponível em: <http://www.parana->



[online.com.br/editoria/esportes/news/873096/?noticia=COPA+STRIKERS+HOUSE+REVELOU+TALENTOS+DO+MMA+EM+CURITIBA](http://online.com.br/editoria/esportes/news/873096/?noticia=COPA+STRIKERS+HOUSE+REVELOU+TALENTOS+DO+MMA+EM+CURITIBA). Acesso em: 10 out. 2015.

SOUZA, J. Raça ou classe? Sobre a desigualdade brasileira. **Lua Nova**, São Paulo, n. 65, p. 43-69, 2005.

SOUZA, J. S. S; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. POor uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 45-70, 2010.

SPENCER, D. C. Sensing violence: An ethnography of mixed martial arts. **Ethnography**. v. 15, n. 2. p. 232-254. 2014.

SPORTV. "Mulher não foi feita para tomar soco", diz Bebéo Duarte sobre MMA feminino. **Sensei Combate**, Rio de Janeiro, 6 out. 2015. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/sensei-sportv/noticia/2015/10/mulher-nao-foi-feita-para-tomar-soco-diz-bebeo-duarte-sobre-mma-feminino.html>. Acesso em: 5 nov. 2016.

STEFANI, A. D. **Além do octógono**: análise da imagem de Anderson Silva na mídia brasileira. 2012. 21f. Artigo Acadêmico. (Especialista em Jornalismo Esportivo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2012.

SWAIN, T.N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas 'femininas'. **História: Questões e Debates**, Curitiba: UFPR, n. 34 (Gênero e História), p. 20- 45, jan./jun. 2001.

TEIXEIRA, A. C. E. M. **Esporte e violência no jiu-jitsu**: o caso dos "pitboys". Dissertação (mestrado em Sociologia). 2007. 160f. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

THOMAZINI, S. O; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, F. Q. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts. **Pensar a Prática**. v. 11, n. 3, p. 281-290, 2009.

TREINADOR, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (110 min e 35 seg).

TV CULTURA. A campeã Carmem Casca-Grossa está no Sem Censura. **TV Cultura**. 14 mai. 2013. Disponível em: <http://www.portalcultura.com.br/node/33598>. Acesso em: 13 set. 2015.

UFC, **Programação do Lutador**. Disponível em: [http://www.ufc.com.br/fighter/Weight\\_Class/Flyweight](http://www.ufc.com.br/fighter/Weight_Class/Flyweight). Acesso em: 25 ago. 2015.

UFC. **Em Porto Alegre, Werdum é recebido com carro de bombeiro.** 15 dez. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MG-SfuWH3RI>. Acesso em: 16 mai. 2016.

ULTIMMATO, **Cyborg inicia campanha por categoria peso pena feminino no UFC.** 18 out. 2016. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/blogs/especial-blog/ultimmato/post/cyborg-inicia-campanha-por-categoria-peso-pena-feminino-no-ufc.html>. Acesso em: 20 out. 2016.

VALLE, M. **Paraná Vale-tudo: a nova velha força do estado do Paraná.** Revista Primeiro Round. Edição 25 - Agosto, 2014. p. 32-37. Disponível em: [https://issuu.com/3rparana/docs/1round\\_ago\\_ed25\\_web](https://issuu.com/3rparana/docs/1round_ago_ed25_web). Acesso em: 23 set. 2015.

VASQUES, D. G. As artes marciais mistas (MMA) como esporte moderno: entre a busca da excitação e a tolerância à violência. **Esporte e Sociedade.** v.22, n.8. 2013.

VASQUES, D. G.; BELTRÃO, J. MMA e educação física escolar: a luta vai começar. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 289-308, 2013.

VELIJA, P.; MIERZWINSKI, M.; FORTUNE. L. 'It made me feel powerful': women's gendered embodiment and physical empowerment in the martial arts. **Leisure Studies.** v. 32, n. 5, p. 524-541, 2013.

VLASTUIN, J. **As “donas da quadra”:** leitura sociológica das unidades geracionais olímpicas do voleibol feminino no Brasil (1980-2008). 2013. 217f. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Sociologia - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

VON MÜHLEN, J. C; GOELLNER, S. V. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 165-184, jan./mar. 2012.

VOTRE, S. LESSA, P. ROMARIZ, S. B. PICOLI, C. Tienes que tener un corazón de leona: empoderamento e ação feminina no hóquei de grama da Argentina. **EF Deportes.** v. 16, n. 161, 2011.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma:** notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. O poder simbólico na dominação da “Nobreza de Estado”. In: WACQUANT, L. (Org). **O Mistério do Ministério:** Pierre Bourdieu e a política democrática. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 157-175.

\_\_\_\_\_. Os três corpos do lutador profissional. In: LINS, D. (Org.). **A dominação masculina revisitada.** Campinas: Papirus, 1998. p.73-96.

WEAVING. C. Cage Fighting like a Girl: Exploring gender constructions in the Ultimate Fighting Championship (UFC). **Journal Of The Philosophy Of Sport.** v 41, n 1, p. 129-142, 2014.

WERDUM, F. **Rivalidade entre Grêmio e Atlético faz Werdum cancelar convite à organizada.** [mai. 2016]. Entrevistador: ESPN. Curitiba, 2016. 1 arquivo .mp4 (31seg). Disponível em: [http://espn.uol.com.br/video/598539\\_rivalidade-entre-gremio-e-atletico-pr-faz-werdum-cancelar-convite-a-organizada](http://espn.uol.com.br/video/598539_rivalidade-entre-gremio-e-atletico-pr-faz-werdum-cancelar-convite-a-organizada). Acesso em: 16 mai. 2016.

ZEIGLER, C. Exclusive: Read the Olympics' new transgender guidelines that will not mandate surgery. 2016. Disponível em: <http://www.outsports.com/2016/1/21/10812404/transgender-ioc-policy-new-olympics>. Acesso em: 20 out. 2016.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - Roteiro de entrevista com as lutadoras

1. Conte-me um pouco da sua história no mundo das lutas
  - Quando e como começou
  - Qual a idade e a modalidade
  - Recebeu incentivo por parte da família
  - Porque continuou nas lutas
  - Formação acadêmica e nas artes marciais
2. Quando você começou a treinar e a competir MMA?
3. Onde eram organizados os campeonatos que você participou?
  - Como era a participação das mulheres nos campeonatos
4. Você percebeu/percebe algum tratamento diferente (preconceito) dentro por ser lutadora? (dentro e fora da academia)
5. Qual a sua visão sobre ser mulher em um esporte em que a maioria dos praticantes são homens?
6. Você identifica alguma diferença de oportunidades ou de ascensão na carreira entre homens e mulheres?
7. Como é a sua rotina de treinos hoje?
8. Você recebe algum tipo de apoio ou patrocínio? Como são buscados?
9. Seu corpo passou e passa por constantes mudanças (aumento e diminuição de peso, dor, gravidez, menstruação), como você percebe e lida com isso?
10. Você tem preocupação em passar uma imagem “feminina” antes/ depois da luta? Como faz isso?
  - Roupas
  - Maquiagem
  - Unhas
  - Cabelo
11. Existe outra informação importante que eu não tenha lhe perguntado e você gostaria de abordar?

## APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com o treinador/professor

1. Conte-me um pouco da sua história nas lutas
2. Quando e em qual modalidade você começou a treinar mulheres? Como foi?
3. Atualmente existem mais oportunidades para mulheres que queiram participar de eventos, como eram os primeiros eventos que as mulheres poderiam participar?
4. Quando você começou a treinar mulheres especificamente para o MMA?
5. Existe alguma diferença em treinar homens ou mulheres?
6. Como é a busca por patrocínios?
7. Em termos de oportunidades futuras, como você vislumbra as mulheres lutadoras de MMA?
8. Tem algo que eu não tenha perguntado e você acha importante me contar?

## APÊNDICE C - Roteiro de entrevista com produtor de revista sobre MMA

1. Como surgiu a ideia da revista?
2. Quando você começou a se interessar pelo universo das lutas?
3. Como eram os campeonatos quando você começou a trabalhar nessa área?  
E as mulheres, participavam de que forma?
4. Quando você notou que houve um aumento no número de mulheres lutando e também assistindo aos eventos?
5. Quando você fotografa os eventos ou faz matérias com os lutadores e lutadoras tem algum enfoque diferente?
6. Você gostaria de me contar mais alguma coisa que acha interessante e que eu não tenha lhe perguntado?



## APÊNDICE D - Termo de consentimento Livre e Esclarecido

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Nós, Wanderley Marchi Júnior e Leila Salvini, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você a participar de um estudo intitulado “A LUTA COMO OFÍCIO DO CORPO: O SUBCAMPO DO MMA (MIXED MARTIAL ARTS) PRATICADO POR MULHERES EM CURITIBA/PR”.

- a) O objetivo desta pesquisa é analisar como ocorre o processo de entrada e permanência das mulheres no MMA na cidade de Curitiba/PR.
- b) Caso você participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, realizaremos uma entrevista semi-estruturada por aproximadamente 40 minutos.
- c) A pesquisadora Leila Salvini, graduada e mestre em Educação Física, pode ser encontrada pelo telefone (49) 8812 8000 ou por e-mail: leila.salvini@hotmail.com e seu orientador, Professor Dr. Wanderley Marchi Júnior, pode ser contatado pelo telefone (41) 3360-4339 ou por e-mail: marchijr@ufpr.br. Os mesmos somente poderão ser solicitados em horário comercial.
- d) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- e) As informações relacionadas ao estudo somente serão veiculadas sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida.
- f) A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato, de modo que somente a pesquisadora terá acesso às gravações.
- g) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.
- h) Você não será beneficiada física, psíquica ou financeiramente ao participar desse estudo. O benefício à pesquisa se dá decorrente de sua experiência profissional, que vem a contribuir de forma decisiva a esse estudo.
- i) Para evitar possíveis constrangimentos e/ou incômodos, você poderá comunicar a pesquisadora antecipadamente ou no decorrer da entrevista temas dos quais prefere não abordar, sem que isso afete o natural andamento da entrevista

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal \_\_\_\_\_

Pesquisador Responsável \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)

Local e data

Assinatura da Pesquisadora

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal \_\_\_\_\_

Pesquisador Responsável \_\_\_\_\_

APÊNDICE E - Tabela de categorias de pesos no MMA para mulheres nos eventos  
INVICTA FC e UFC

QUADRO 3 – CATEGORIAS DE PESO PARA MULHERES

Categoria	Limite de peso (Kg)	 	
		INVICTA FC	UFC
Peso átomo	48	•	
Peso palha	52,2	•	•
Peso mosca	56,7	•	
Peso Galo	61,2	•	•
Peso Pena	65,8	•	

FONTE: elaborada pela autora (2016)